

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Celso Chipi Uzana José

**Sentidos atribuídos pelos alunos do I Ciclo de Ensino Secundário às práticas do recreio
da Escola do Cabassango II em Cabinda- Angola**

Belo Horizonte
Outubro de 2014

Celso Chipi Uzana José

Sentidos atribuídos pelos alunos do I Ciclo de Ensino Secundário às práticas do recreio da Escola do Cabassango II em Cabinda- Angola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Conhecimento e Inclusão Social – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração:
Psicologia Histórico-cultural

Linha de Pesquisa: Psicologia,
Psicanálise e Educação

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria
Inês Mafra Goulart

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG

J83s

T

José, Celso Chipi Uzana, 1980-
Sentidos atribuídos pelos alunos do I ciclo de ensino secundário às práticas do recreio da Escola do Cabassango II em Cabinda - Angola / Celso Chipi Uzana José. - Belo Horizonte, 2014.
251, enc., il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Maria Inês Mafra Goulart.

Bibliografia : f. 145-149

Anéxos : f. 150-251

1. Educação -- Teses. 2. Recreação -- Aspectos sociais -- Angola -- Teses. 3. Sociologia educacional -- Angola -- Teses. 4. Ambiente escolar -- Angola -- Teses. 5. Recreação em grupo -- Teses. 6. Juventude -- Recreação -- Teses. 7. Adolescentes -- Recreação -- Teses. 8. Estudantes do ensino primário -- Recreação -- Teses. 9. Angola -- Educação -- Teses.

I. Título. II. Goulart, Maria Inês Mafra. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 790.1

BANCA EXAMINADORA



Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação Curso
Mestrado

Dissertação intitulada **Sentidos atribuídos pelos alunos do I Ciclo de Ensino**

Secundário às práticas do recreio da Escola do Cabassango II em Cabinda- Angola

de autoria do mestrando **Celso Chipi Uzana José**, aprovada pela banca
examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dra. Maria Inês Mafra Goulart – Orientadora Faculdade de Educação
(FaE/UFMG)

Prof^ª. Lorene dos Santos Programa de pós-Graduação em Educação (PUC
Minas)

Prof^ª. Maria Isabel Antunes Rocha Programa de Pós Graduação (FaE/UFMG)

Prof^ª. Dra. Maria do Carmo Xavier – Suplente externo Programa de pós-
Graduação em Educação (PUC Minas)

Prof^ª. Raquel Martins de Assis – Suplente interno Faculdade de Educação
Programa de pós-Graduação em Educação (FaE/UFMG)

Belo Horizonte, 20 de Outubro de 2014.

DEDICATÓRIA

Adeus à hora da largada

Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas
difíceis
Mas a vida
matou em mim essa mística
esperança
Eu já não espero
sou aquele por quem se espera
Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que
alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das
sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a
bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas
nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem
branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz
elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum

batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te
chamarmos Mãe
com medo de atravessar as
ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta
escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

(Sagrada esperança)

António Agostinho Neto

AGRADECIMENTOS

Ao pai celestial, pelo ar que respiramos.

É tão difícil agradecer a todos quanto contribuíram para que esta viagem para o mundo acadêmico tivesse esse itinerário que considero ser um passo porque a caminhada ainda é longa para o desafio que me proponho.

Considero ainda que esta Dissertação se revê no espírito da vida de um formigueiro, porque contou com esforços de muitos para a sua materialização. E como tenho um limite de páginas para agradecer, não vou poder citar todos os nomes porque a lista é longa, mas meu humilde coração os reconhece e Deus os pague. Me sinto ingrato e peço desculpas às pessoas que direta ou indiretamente participaram na minha caminhada e ajudaram com seu pouco que para mim foi muito e ao mesmo tempo significativa.

Aos meus padrinhos para esta formação, o professor Dr. José Sita Gomes e sua companheira Dra. Adriana Sita Gomes, pelo apoio e incentivo para esta empreitada.

À Empresa PANALPINA Angola, e sua direção no geral, aos meus Chefes Dr. Farah Yacoba Saba, Fernando Sardinha, Emmanuela Kissama, Carlos Jaques, ao Diretor dos Recursos Humanos Sr. Borba Rodrigues e em especial ao Diretor Geral Sr. David Wells, por terem acreditado em mim e apostarem no desenvolvimento e capacitação de quadros da empresa, o meu muito obrigado pelo financiamento completo do curso.

À direção da Faculdade de Educação Minas Gerais, aos coordenadores da pós Graduação

À Direção da Universidade Onze de Novembro – UON – Cabinda, Angola, responsável pelo Convênio estabelecido com a UFMG em 2011: Magnífico Reitor Kianvu Tamo, aos seus vices: Dr. Francisco Casimiro Lubalo, Vice Reitor para a área Científica e Pós Graduação; Dr. Luzayadio André, Vice Reitor para área Acadêmica, Dr. José Manuel Sita Gomes, Pró Reitor para Cooperação e Dr. Belarmino Rafael Buco, Secretário Geral.

Ao Instituto de Ciências de Educação – ISCED-Cabinda-Angola: Dr. António de Jesus Luemba Barros Bondozo, Decano; aos vices: Alcides Romualdo Neto Simbo, Vice Decano para área científica e Pós Graduação e ao Dr. Miguel Raul Mazissa Zinga, Vice Decano para área Acadêmica. Ao professor Dr. Nlando Balenda Responsável pelo Departamento do Ensino e Investigação de Psicologia e Pedagogia, minha gratidão pela aceitação do meu perfil e o enquadramento no convênio com a UFMG/ FAE.

À equipe técnica: Debora dos Reis, Vanessa Luísa e Marluci Nogueira, por fazerem parte da equipe de pesquisa, fruto dos resultados obtidos. À Dra. Natalia Almeida Ribeiro pela revisão geral do trabalho, expresse os meus profundos agradecimentos pelos esforços.

À Bibliotecária da FAE Marli Pinto, pela orientação e direcionamento na busca de obras relacionadas com o tema pesquisado, meu grande apreço.

Aos colegas do convênio, especialmente ao Ndobebe Mayembe, Miguel Boa , Paulo Maldonado e Francisco Chocolate, pelo apoio logístico nos momentos da penúria, meu profundo agradecimento.

À minha família: Celso José, Celsa Jose, Julson Ferreira, Jenson Ferreira, Etevaldina José, Elisabeth José, Rafael Daquem, Etelvino José e especialmente à Dona Eugenia Teresa Ferreira pelo carinho e responsabilidade sobre mim e toda família durante o tempo de formação, elevo com todo carinho minha eterna gratidão.

Aos professores: Maria de Fatima Cardoso, Daisy Cunha, Luís Alberto Obrigado pelo apoio prestado.

À minha arquiteta, pelo desenho e pela orientação, sábia e genial para construção do corpo desta obra, Dra. Maria Inês Goulart corroboro o meu profundo agradecimento.

A todos e todas as forças do bem, o meu muito obrigado.

Sentidos atribuídos pelos alunos do I Ciclo de Ensino Secundário às práticas do recreio da Escola do Cabassango II em Cabinda- Angola

RESUMO

O propósito deste trabalho é o de verificar o que os alunos pensam e o que fazem no tempo destinado ao recreio/intervalo escolar e de que maneira este tempo/espço se relaciona com o conjunto das atividades desenvolvidas na escola. Dentre os objetivos delineados, procurou-se mapear e identificar as práticas realizadas no tempo livre e quais são os sentidos e significados atribuídos a elas pelos alunos. Esse estudo procurou investigar o recreio, compreendendo-o como uma prática social, dentro do contexto da Segunda Reforma Educativa em Angola que tem como lema o desenvolvimento de uma escola de qualidade para todos. A investigação teve como pressuposto teórico-metodológico a Abordagem Histórico-cultural de Vygotsky (1934/1987) articulada com a perspectiva da Aprendizagem Situada de Lave e Wenger (1991) e Lave (1990) que entende o ser humano como essencialmente social e que constrói suas aprendizagens imersos em práticas sociais concretas. Este trabalho circunscreve-se no campo das pesquisas qualitativas e na busca pela compreensão dos sentidos e significados que os sujeitos adolescentes atribuem ao tempo livre na escola. Para compreender o fenômeno pesquisado foi necessário um estudo sistematizado da história educacional de Angola, bem como uma imersão ao campo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e gravações em vídeo do cotidiano da escola. Com a análise dos dados foi possível obter evidências de que: (a) a existência ou não do recreio escolar é controversa quando se examina os documentos oficiais, os discursos dos dirigentes das escolas e a organização dos tempos; (b) a relação que os estudantes e professores estabelecem com o tempo vivido na escola é totalmente diversa àquela estabelecida nos documentos oficiais; (c) os sentidos atribuídos pelos alunos ao tempo livre vivenciado na escola faz emergir uma outra escola dentro da escola oficial; (d) a implementação da Reforma educativa no sistema educacional angolano, está em processo de consolidação, demanda infraestrutura adequada e recursos disponíveis. Ao investigarmos a prática do recreio em uma escola de Cabinda, nos deparamos com problemas historicamente constituídos que demandam soluções no âmbito das políticas educacionais que estabeleçam princípios de Higiene, Saúde e Segurança no Ambiente Escolar, para um país em vias de construção.

Palavras-chaves: sentidos, significados, práticas de recreio, adolescência

ABSTRACT

The purpose of this study is to verify what students think and what they do in time for the playground/school break and that way this time/space relates to the set of activities developed at school. Among the goals outlined, sought to map and identify the practices carried out in the free time and what are the senses and meanings assigned to them by the students. This study sought to investigate the playground, understanding it as a social practice, within the context of the second educational reform in Angola, which has as its motto the development of a quality school for all. The investigation had as theoretical-methodological assumption the historical-cultural Approach of Vygotsky (1934-1987) articulated with the perspective of situated Learning Lave and Wenger (1991) and Lave (1990) who understands human beings as essentially social and building their learnings immersed in concrete social practices. This work is limited in the field of qualitative research and the quest for understanding of the senses and meanings that the subjects teens attributed to free time at school. To understand the phenomenon researched was required a systematic study of the educational history of Angola, as well as an immersion into the field. The data were collected through interviews and video recordings of the daily life of the school. With the analysis of the data it was possible to obtain evidence that: (a) the existence or not of the school playground is controversial when it examines the official documents, the speeches of leaders of schools and the Organization of the times; (b) the relationship that students and teachers establish with time lived at school is totally different to that established in the official documents; (c) the meanings assigned by students to free time experienced at school makes emerge another school within the school; (d) the implementation of educational reform in the Angolan education system, is in the process of consolidation, demand adequate infrastructure and resources available. To investigate the practice Cabinda school playground we encounter problems historically constituted that demand solutions within the framework of educational policies that establish principles of hygiene, health, safety in the school environment, to a country in the process of construction.

Keywords: meanings, practices of recreation, adolescence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos livres para o intervalo dentro do recinto escolar.	82
Figura 2: Alunos fora do recinto escolar no mercado dos populares ao redor do quintal da escola no tempo de recreio/intervalo.	82
Figura 3: fonte: Net. Cidade de Cabinda na época moderna	85
Figura 4: Pavilhão B, o central do espaço escolar, a casota ao fundo é direção e secretaria da Escola.	86
Figura 5: Pavilhão C da escola, primeiro dia de pausa pedagógica. Vendedoras largam as bancadas junto do quintal da escola.	87
Figura 6: Parte externa da escola, movimento de populares, alunos e crianças na compra de produtos no mercado junto ao quintal da Escola.	88
Figura 7: Espaço projetado para aulas de educação física, com uma tabela de basquetebol.	89
Figura 8: Alunos da turma B3 em aulas de Língua Portuguesa.	91
Figura 9: Alunos da turma B3 no intervalo no dia de traje Africano.	92
Figura 10: Professora Maria Inês Goulart, com os alunos da turma B3 em Cabinda 9/04/2014. .	96
Figura 11: Calendário oficial das aulas (horário escolar).	109
Figura 12: Alunos se responsabilizam pela limpeza da sala de aula.	124
Figura 13: Aluna estudando durante a aula de português, em que o professor não apareceu.	126
Figura 14: Alunos estudando a bíblia na sala de aulas.	127
Figura 15: Alunos fazendo leituras em grupo e outros jogando no celular.	128
Figura 16: Alunos preparam-se para tomar o lanche depois de estudos na sala.	129
Figura 17: Alunos conversando do lado de fora da sala B3.	131
Figura 18: Alunos praticando artes marciais no tempo livre.	132
Figura 19: Alunos fazendo “Jogo da Velha” ao chão.	133
Figura 20: Fotógrafo a fazer a entrega de fotografias às alunas.	134
Figura 21: Alunos no mini-mercado.	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Políticas educativas em Angola (1975-2005).....	31
Tabela 2: Programas/projetos.	36
Tabela 3: Planos de ação governamentais voltadas à juventude.	44
Tabela 4: tabela de registro dos dados coletados para análise da pesquisa.	94
Tabela 5: Mapeamento da Rotina.	95
Tabela 6: Tabela dos tempos de aulas e outras atividades observadas no dia 07/04/14.	118
Tabela 7: Tabela resumo sobre uso dos tempos.	120
Tabela 8: Tabela dos tempos de aulas do dia 11/06/2014.	121
Tabela 9: Tabela resumo sobre uso dos tempos.	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico sobre mapeamento de um dia de aulas da turma B3.....	119
Gráfico 2: Gráfico sobre o controle dos tempos por atividades.....	120
Gráfico 3: Gráfico sobre mapeamento de um dia de aulas da turma B3.....	122
Gráfico 4: Gráfico sobre o controle dos tempos por atividades.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: Contextos históricos envolvidos no atual recreio escolar em Angola	20
1.1. O interesse pelo objeto de pesquisa e a entrada no mestrado	20
1.2. Uma breve história da Reforma Educativa no contexto Angolano	21
1.2.1. Primeira reforma no Sistema Educacional Angolano – 1990 – 2001.....	25
1.2.2. Segunda Reforma no Sistema Educacional Angolano: 2001 – em andamento.....	27
1.3. O recreio escolar e a organização de tempos e espaços na Segunda Reforma Educativa..	49
CAPÍTULO 2: Fundamentação Teórica.....	53
2.1 A adolescência e a juventude como conceitos da atualidade	53
2.2. A adolescência e a juventude no contexto escolar angolano.....	58
2.3. A escola como tempo e espaço de formação.....	61
2.3.1. Recreio ou Intervalo?.....	65
2.4. Aprendizagens: a construção de sentidos e significados.....	71
2.4.1. Linhas gerais da abordagem histórico-cultural.....	72
2.4.2. Sentidos e significados na perspectiva de Vygotsky.....	74
2.4.3. A aprendizagem situada na perspectiva de Jean Lave.....	76
CAPÍTULO 3: Metodologia da pesquisa	80
3.1. A pesquisa qualitativa.....	80
3.2. A escolha da escola.....	81
3.2.1. Cabinda: uma cidade em processo de reconstrução	83
3.2.2. A Escola do Cabassango II.....	85
3.2.3. Os sujeitos observados.....	90
3.3. A Coleta e a análise dos dados	92
3.3.1. Instrumentos de coleta e organização dos dados	93
3.4. Instrumentos de análise dos dados.....	95
3.5. Singularidades do contexto da pesquisa	96
CAPÍTULO 4: Uma escola dentro de outra escola: reflexões a partir de paradoxos, tensões e possíveis soluções.....	98
4.1. O que dizem os dirigentes, professores e estudantes acerca do Recreio Escolar.	100

4.1.1. Concepção de recreio.....	100
4.1.2. Importância do recreio.....	106
4.1.3. Contradições.....	107
4.1.4. Aprendizagens no recreio.....	111
4.1.5. Motivos para não se fazer o recreio.....	113
4.1.6. Herança cultural.....	115
4.2. Observação na escola.....	117
4.2.1. Espaços e tempos vivenciados pelos alunos.....	118
4.2.2. O que acontece enquanto os alunos esperam o professor.....	123
CAPÍTULO 5: Conclusões.....	139
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXOS.....	150
ANEXO 1 – Lista de alunos da turma B3.....	150
ANEXO 2 – Panorama das visitas a Escola.....	152
ANEXO 3 – Descrição das entrevistas por áudio visual e áudio.....	222

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada **Sentidos atribuídos pelos alunos do I Ciclo de Ensino Secundário às práticas do recreio da Escola do Cabassango II em Cabinda- Angola**, tem como finalidade verificar o que os alunos pensam e o que fazem no tempo reservado para o recreio escolar e quais os sentidos e significados atribuídos às práticas no tempo de intervalo/recreio. Por meio desse conhecimento, pretendemos entender a necessidade e a importância do recreio escolar para esse grupo de alunos e de que maneira essa prática social aciona pontos no processo de desenvolvimento desses sujeitos.

A ideia deste estudo surgiu de um questionamento presente tanto em minha vida como estudante, quanto em minha vida profissional. Já há algum tempo em que venho considerando o espaço do recreio como determinante para a saúde física e mental dos estudantes, momento em que a rotina acadêmica é rompida e novas possibilidades de relações entre os estudantes surgem. Disso decorre a minha inquietação em procurar entender os sentidos atribuídos ao recreio escolar pelos alunos da Escola do 1º Ciclo do ensino secundário de Cabassango II. Isto porque na Segunda Reforma educativa e seus decretos, a Lei 13/01 Dezembro, pelo meu entender, o recreio não vem expresso no plano curricular do aluno. Com isso, abre-se uma brecha para que o recreio seja traduzido nas atividades extraescolares. Verifica-se ainda que a maior parte das escolas construídas para atender a reforma educativa não possuem espaço e meios para realização do recreio. Nos intervalos de aula da escola pesquisada, os alunos explodem em movimentos ao longo do pátio e no entorno da escola, o que criou um interesse em querer saber de que os alunos se ocupavam neste tempo livre. Entende-se que o recreio faz parte da cultura escolar sem se questionar a forma como ele se realiza. Essa é uma preocupação que está presente em minha vida pessoal e profissional e que tenho, agora, a oportunidade de desenvolver um estudo mais aprofundado.

Iniciei minha vida profissional quando me engajei no Projeto ADPP. Trata-se de um projeto de Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP), criado pela Dinamarca, com objetivo de desenvolver as comunidades rurais na África e em particular em Angola. Por meio deste projeto, foi criada a Escola de Professores do Futuro (EPF), um modelo que sugere a formação do professor com conhecimento integral e multidisciplinar capaz de enculturar-se para o desenvolvimento de uma determinada comunidade rural. Para essa formação, são

selecionados, em cada província, os estudantes do ensino médio em educação da escola de formação de professores, do Instituto Médio Normal de Educação (IMNE). São candidatos os estudantes que já tenham concluído a 11ª Classe. Em nome da ciência e da verdade, tive o privilégio de fazer parte da 3ª promoção do projeto ADPP, do conjunto de estudantes com requisitos, segundo grupo composto de cinco estudantes eleitos pela Direção Pedagógica IMNE e com aval da secretaria de educação da cidade de Saurimo, Província da Lunda-Sul.

Ao longo de toda minha formação, desde que cursava ainda o Ensino Médio, sempre estive preocupado com a questão da saúde mental do aluno em relação a sua exposição aos tempos de aulas e, no ambiente escolar, sugerindo o lazer ou recreio como um dos mecanismos de recompensa de energias que possam influenciar positivamente na assimilação dos conteúdos didáticos.

É assim que, no final do curso de Psicopedagogia pela EPF, ainda no Ensino Médio, desenvolvemos um trabalho cujo tema era: “Influência psicológica do recreio no processo de ensino e aprendizagem”. Com as experiências obtidas nas práticas escolares e no estágio, fazendo a pesquisa, e com os estudos teóricos de vários autores, pude concluir que o recreio é um dos elementos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, em Angola, na escola dos I e II Níveis de Massabi, na província de Cabinda.

Continuando com a formação de professor, desta feita pelo Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED), em Cabinda (Angola), senti falta da abordagem do recreio escolar na cadeira de higiene, saúde e ambiente escolar. Somando-se a essa observação aconteceu um fato inusitado: um atropelamento que originou a morte de um aluno no tempo de recreio, na conhecida escola primária Hojiaenda, onde um número considerável de professores é formado pelo ISCED de Cabinda. Naquela época, as escolas não tinham segurança, dando livre acesso às crianças e adolescentes ao espaço da rua. Este fato marcou-me profundamente e me motivou a realizar outro estudo sobre o assunto que culminou na produção de um artigo, apresentado nas primeiras jornadas científicas realizadas pela Universidade Agostinho Neto em Cabinda, cujo tema era: “A importância do recreio escolar e a responsabilidade do professor neste espaço”. Com este trabalho procuramos responsabilizar o professor pela custódia da vida do aluno em todo ambiente escolar com enfoque ao recreio. Defendia a ideia de que era necessária a presença física do professor nas brincadeiras,

assumindo o papel de monitor, assistente e membro integrante em qualquer atividade ou jogo realizado no tempo de recreio escolar.

A monografia apresentada para o grau de Licenciado em Ciência de Educação, foi uma pesquisa quanti/qualitativa com o tema recreio escolar, com objetivo de verificar a influência do recreio no processo de ensino e aprendizagem na escola do Cabassango II, em Cabinda, e responsabilizar os professores a conviverem e observarem os alunos neste curto rico período de tempo. Neste trabalho, tendo em conta as hipóteses levantadas, chegamos às seguintes conclusões: (a) O recreio desenvolve a capacidade criativa do aluno; (b) Relaxa a mente e estimula a assimilação dos conhecimentos; (c) Desenvolve a auto-estima; (c) Facilita a socialização dos alunos. O nosso referencial teórico foi o D. J. Neuenfeld, na sua obra intitulada “Recreio escolar: *o que acontece longe dos olhos dos professores?*”

No entanto, o recreio continua a ser visto como uma caixa preta. Em Angola são poucas as pesquisas voltadas a essa temática, que há muito tem sido meu objeto de estudo. Com a implementação do novo sistema de educação em Angola, 2ª Reforma do Sistema de Educação, em 2001, a Assembleia Nacional da República de Angola aprovou a Lei de Base do Sistema de Educação (Lei 13/01 de 31 de Dezembro). Este processo foi implementado para a Capital de Angola Luanda como modelo, para posterior aplicabilidade em todo país. É assim que, em 2005, a reforma passa a ser implementada em todo país e em todos os níveis educacionais.

Apegamo-nos à Lei de Bases e pelo Decreto nº. 2/05, no seu artigo 3.º (Objectivos gerais) na sua alínea (a), “define desenvolver harmoniosamente as capacidades físicas, intelectuais, morais cívicas, estéticas e laborais da jovem geração, de maneira contínua e sistemática, e elevar o seu nível científico, técnico e tecnológico, a fim de contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do país”, o que demanda a racionalização do tempo para que esses objetivos sejam alcançados.

Com o pressuposto de se dar acesso a escolaridade a todos e de qualidade, foi traçado o plano curricular para todos os níveis e foi ainda estabelecida uma carga horária para as diversas disciplinas, mas em contrapartida para o 1º Ciclo do Ensino Secundário onde compreende os alunos com idade de 10 aos 18 anos aproximadamente, o tempo reservado para o recreio escolar não vem expresso no horário escolar. Pelo nosso entender, levando em consideração o que está expresso no caderno de informação (INIDE, 2009) sobre a

implementação do Novo Sistema de Educação (reforma educativa do ensino primário e secundário), na Secção VIII e na subsecção II Educação Extraescolar, no Artigo 48º, enquadra o recreio escolar como uma das modalidades do ensino. Onde pelo seu carácter de organização, as atividades extraescolares são realizadas pelos órgãos centrais e locais da administração do estado e empresas em colaboração com as organizações sociais e de utilidade pública, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura o papel reitor, isto é, o Ministério organiza a atividade e conta com o apoio e patrocínio de outras entidades. Entendemos que essas atividades, são de carácter recreativo, consubstancialmente, na prática de várias modalidades desportivas que são realizadas por um período de tempo determinado no final de cada ano letivo. Este modelo nos leva a entender que nas escolas do Iº Ciclo do Ensino Secundário existe um intervalo entre uma aula e outra, e não o recreio escolar, que foi suprimindo legalmente do horário escolar as práticas do lazer ao longo das aulas.

Consideramos o recreio escolar como um espaço, uma tradição, um património da identidade cultural na vida escolar do aluno. A sua realização depende do tempo, das condições humanas, físicas, materiais e do ambiente escolar. Um número considerável das escolas do Município de Cabinda não foi concebido pensando nestas pré-disposições para realização do recreio. Isto é, os pátios encontram-se vazios sem condições para o lazer. Refiro-me aos equipamentos e meios para realização de jogos ou brincadeiras. Algumas escolas, neste caso as privadas, dentro da urbe localizam-se nos edifícios, constituindo um risco de quedas às crianças, e com um espaço reduzido para as brincadeiras na hora do recreio ou intervalo entre as aulas.

Como nos referimos acima, a minha experiência pessoal não era única, era uma experiência que fazia parte da cultura. Era uma tradição das escolas de Angola. É por esse motivo que algumas escolas através da sua dinâmica e porque as condições físicas e psíquicas exigem um descanso, tendo em conta a carga horária, os professores fazem um reajuste no horário e criam uma paragem de 15 a 20 minutos, que consideramos como momento de recreio, fora do que está legislado no Decreto nº2. 2/05 e como figura no currículo do I Ciclo do Ensino Secundário. Este fator foi preponderante para continuar um estudo mais sistemático sobre o recreio escolar, desta feita, para o grau de Mestrado. Passo a levantar o seguinte questionamento: quais os sentidos atribuídos pelos alunos às praticas do recreio escolar tendo em conta a forma como ele ocorre? O que os alunos fazem nesse tempo de recreio? Essas são

as questões que vamos procurar responder ao longo do nosso texto. Este questionamento surge exatamente pelo fato de não existir um recreio pedagogicamente programado. No entanto, ele ocorre a despeito das condições precárias, na ausência dos professores e do fato de não figurar no currículo da Reforma Educativa.

Na escola em estudo, o tempo reservado para o recreio/intervalo é de 5 minutos que se contrapõe a aproximadamente cinco horas de trabalho intelectual nos diversos campos de conhecimento. Ao pensarmos no espaço escolar como um lugar em que várias situações podem ser analisadas, pode-se considerar o recreio como um período em que os adolescentes vão se divertir e se distrair para depois voltarem às salas de aulas. Levando em consideração o contexto da escola pesquisada, os alunos desta instituição têm idade compreendida entre os 10 e 30 anos. Para o nosso estudo focalizamos no período matutino que compreende os alunos na faixa entre os 12 e 17 anos de idade.

Toda escola tem o seu horário de recreio, mas o que seria entendido por recreio? Segundo a nossa apreciação, a palavra recreio parece surgir como algo dado, mas o próprio recreio pode ser visto como uma prática suscetível a diferentes significados a ela atribuídos (CAVALLARI, 1994).

Este é o cenário em que a nossa pesquisa se localiza. Sendo assim, trazemos novamente as questões centrais a serem investigadas: o que os alunos pensam e o que fazem no tempo reservado para o recreio escolar? De que maneira esse tempo/espço se relaciona com o conjunto de atividades desenvolvidas na escola?

Face ao acima exposto, o que a Lei de Base do Sistema de Educação do órgão oficial da República de Angola (2001) prevê, dentro da reforma educativa relativa ao recreio, nosso fenômeno de estudo para esta dissertação? Como está constituído, o plano de estudos da formação de professores do primeiro ciclo em virtude das atividades recreativas escolares? Essas são algumas perguntas secundárias que nosso tema discute ao logo do nosso texto.

Este trabalho está constituído por cinco capítulos. O primeiro capítulo trata sobre o contexto histórico envolvido no atual recreio escolar em Angola e, ainda, contempla a realidade histórica do ensino em Angola e os motivos que levam o pesquisador a encarar este desafio. Fez-se o estudo sobre a trajetória de Ensino em Angola, como eram constituídos os níveis escolares desde a primeira Reforma até a segunda. Procuramos também realçar a organização dos tempos escolares na Segunda Reforma educativa e procurar entender a

diferença ou relação existente entre o recreio e intervalo. É possível recrear-se em cinco minutos com as condições ambientais e ergonômicas precárias na escola considerando o número de alunos que constitui uma turma? Acreditamos que o homem é um ser biopsicossocial e se desenvolve através das práticas e trocas de experiências que realiza.

No segundo capítulo, apresentamos teorias de autores a partir dos quais se sustenta a nossa fundamentação teórica, que serviu de base para o estudo sobre os sentidos e significados às práticas realizadas pelos alunos da Escola de primeiro ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II. Disto, originou o terceiro capítulo, sustentado pelas teorias da pesquisa qualitativa nas visões da Psicologia Histórico-cultural de Vygotsky e da Aprendizagem Situada de Lave e Wenger (1991) e Lave (1990), a partir das quais nos servimos como suporte metodológico de tratamento e análise de dados coletados com o apoio dos instrumentos usados para a pesquisa.

De posse dos dados, buscamos compreender como era a rotina da vida escolar dos alunos e quais sentidos e significados perpassavam as experiências vividas pelos estudantes nas práticas realizadas nos tempos livres. Fruto disto, percebemos que emergia outra escola dentro da escola oficial. Essa descoberta nos levou à elaboração do quarto capítulo, onde fomos capazes de analisar os discursos triangulados com os pressupostos políticos sobre a Reforma Educativa, bem como as observações feitas com os alunos durante o tempo livre. Essa análise nos levou a perceber um paradoxo entre os princípios políticos e a realidade prática.

No último capítulo, elencamos os resultados da pesquisa, examinamos um campo alargado para novas pesquisas e investigações científicas em ciências de educação e apresentamos sugestões para subsidiar as políticas educacionais em Angola.

CAPÍTULO 1: Contextos históricos envolvidos no atual recreio escolar em Angola

Este capítulo traz uma breve abordagem sobre a história da política educacional em Angola, antes e depois da independência em 1975. Busca, especialmente, centrar na trajetória do processo político em relação à educação no período pós-independência. Colonizada durante quinhentos anos, logo após sua independência, Angola passou por uma Primeira República cujo ideal político era comunista Marxista mono-partidário, seguida por uma Segunda República cujo regime político é Democrático e Multipartidário. Nesta caminhada, Angola passou por duas reformas educativas, com o intuito de melhorar o desenvolvimento do país em todos os aspectos e esta tarefa estende-se até os dias de hoje. É esse percurso que procuraremos narrar sucintamente e, dentro desse contexto maior, entender os sentidos do “recreio escolar”, prática essa aparentemente extinta na segunda reforma educativa.

Para fazer esse percurso, iniciamos o capítulo apresentando alguns dados sobre o país e informações sobre o Sistema Educacional e as perspectivas políticas em Angola – na era colonial e período pós-independência até a segunda República, que data desde 1990. Neste ano, houve uma grande explosão populacional fruto do regresso de muitos angolanos que haviam se refugiado nos países que fazem fronteira com Angola. Em 2001, surge um novo ideal político, “Governo de Unidade Nacional”, onde nasce uma nova filosofia educacional, culminando com a Segunda Reforma Educativa que se estende até os dias atuais.

Para finalizar o capítulo, trazemos uma reflexão sobre o recreio escolar nas Primeira e Segunda Reformas Educacionais e um questionamento sobre as diferenças entre recreio e intervalo, procurando situar nosso problema de pesquisa.

1.1. O interesse pelo objeto de pesquisa e a entrada no mestrado

Já há muito venho me debatendo com essa questão do recreio, como um compromisso social e educacional, no sentido de procurar um entendimento que alinha e mantém a escola angolana na tradição escolar propriamente dita, além de procurar valorizar e resgatar alguns valores histórico-culturais do povo vividos neste ambiente. De outro ponto de vista, procuro levantar questões que talvez despertem a atenção de um olhar pedagógico do recreio pelos promotores do ensino em Angola, pensando na saúde mental do aluno e na organização dos tempos escolares com enfoque na Qualidade, na Higiene, na Saúde e no Ambiente Escolar.

Essa preocupação já se aflora desde a minha formação no ensino médio até o presente momento, como já me referi na introdução.

No quadro de formação de Professores Universitários da Universidade Onze de Novembro, o núcleo do ISCED Cabinda celebrou um convênio com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Faculdade de Educação FAE. Nesta oportunidade, me candidatei a uma vaga no Mestrado do Programa de Pós-graduação da FAE/UFMG, Conhecimento e Inclusão Social, na linha de pesquisa Psicologia, Psicanálise e Educação. A pesquisa que me propus a fazer busca dar uma contribuição para a reflexão sobre o recreio escolar, procurando conhecer o ponto de vista do estudante, dos sentidos que ele atribui a tal prática. Dessa forma, penso que poderemos conhecer melhor as necessidades do aluno e como ele se organiza no tempo escolar, proposto a partir da Segunda Reforma Educativa.

1.2. Uma breve história da Reforma Educativa no contexto Angolano

Angola é um país situado na África Austral e ocupa uma área de 1.246.700 km² de extensão. Com uma população estimada de 21 milhões de habitantes (dados baseados no senso populacional de 2011 para as eleições de 2012 em Angola), constitui-se como um país plurilinguístico sendo o português a língua oficial de comunicação entre os angolanos. Para além do português, Angola possui outras variantes das línguas nacionais. Apenas seis são oficializadas e consideradas potenciais de alfabetização. Dentre elas, a mais falada é a língua Cokwe, por abranger partes em que fazem fronteira com Repúblicas do Congo Democrático e Zâmbia (ANGOLA, 1986). Apesar de existirem outras línguas nacionais, o ensino formal é feito em língua portuguesa. No entanto, decorrem estudos no âmbito do governo e do Ministério de Educação sobre a inclusão das línguas nacionais no Plano Curricular do Ensino. Foi durante cinco séculos colônia portuguesa e essa colonização deixou marcas profundas no processo educativo do povo angolano. Segundo Canhici (2014), apoiada nos trabalhos de Brito (2005), durante a colonização portuguesa Angola viveu cinco fases distintas que caracterizam o processo educativo: a educação Jesuítica (1575 – 1759); a educação Pombalina (1759 – 1792); a educação Joanina (1792 – 1845); a educação Falcão e Rebelo da Silva (1845 – 1926); a educação Salazarista (1926 – 1961).

A primeira fase traz a marca de um país colonizador fraco, sem condições de assegurar suas possessões, que entende a catequização dos nativos como trabalho educativo.

Concorrendo com religiões rivais, tanto na catequização quanto no comércio de escravos, o resultado desse período foi o de um total fracasso. Uma vez que o Estado Português possuía um forte laço com a Igreja Católica, os africanos foram submetidos a um longo período de doutrinação católica, o que colocou em segundo plano uma real educação (formação acadêmica) do povo angolano.

A segunda fase decorre de uma grande modificação nos costumes e valores portugueses em adesão ao pensamento iluminista. A abolição da escravatura e a explosão dos jesuítas (prevalecia a educação dos jesuítas) são exemplos da profunda transformação empreendida na sociedade portuguesa. Embora houvesse interesse pelos cursos de educação básica e do ensino superior, para os colonizados, o processo educativo continuou relegado ao abandono. No entanto, o comércio de pedras preciosas e outros minerais prosperava, obrigando o Estado a inaugurar o ensino público que tinha professores portugueses em suas cátedras. As transformações ocorreram no ensino secundário sem atingir o ensino fundamental. Para aqueles que desejavam e podiam custear o ensino superior, a única saída eram os países europeus, especialmente as universidades portuguesas.

A terceira fase tem como característica principal a consolidação do processo colonizador em Angola e o comércio de escravos. Os negócios em Angola restringiam-se ao Brasil e à Portugal, sendo que Angola exportava escravos e recebia produtos para alimentação e consumo. Ainda segundo Canhici (2014), é nessa época que surge a consciência da necessidade de uma organização nacional em prol da luta pela libertação.

A quarta fase leva o nome de dois governadores angolanos: Falcão e Rebelo da Silva. Segundo Martins (1920 *apud* CANHICI, 2014, p. 21) “a educação para os negros era (a) absurda, não só perante a história, como também perante a capacidade mental dessas raças inferiores; (b) (...) ilusória, porque a marcha da história provava e demonstrava que só pela força se educam povos bárbaros”. Embora houvesse leis (Decreto de 1891) obrigando as Companhias Missionárias a criarem escolas em regiões com populações acima de 500 habitantes, historicamente, a educação em Angola era vista como uma forma de civilizar o indígena bárbaro.

Com esse entendimento sobre a educação do povo angolano, a quinta fase caracteriza-se pela criação de dois tipos de escolas: uma para os filhos dos colonos portugueses e os assimilados (aqueles angolanos que foram cooptados culturalmente) e outra para aqueles

considerados indígenas. O sistema educacional angolano, em 1930, baseado nesses princípios dividia-se em: Ensino Primário Rudimentar (três anos); Ensino Secundário, compreendendo a aprendizagem industrial, comercial e liceal; Ensino Superior. Ainda segundo Canhici (2014), em 1954, 95% da população negro-africana era analfabeta. Em 1961, com a abolição do regime de indiginato (educação destinada aos Angolanos nativos), a necessidade de mudança no sistema educacional era premente. Embora a partir de 1964 mudanças tenham sido operadas, não foram significativas o suficiente para mudar a situação educacional em Angola.

Conquistando a independência em 11 de Novembro de 1975, a constituição angolana consagra a educação como um direito para todos os cidadãos. Com isso, opera-se uma revolução na concepção de educação para o povo angolano, invertendo a lógica que imperou desde os primórdios da colonização. Dois anos após a independência, em 1977, foi aprovado um novo Sistema Nacional de Educação e Ensino, tendo a sua implantação em 1978 contemplando os seguintes princípios gerais: igualdade de oportunidade no acesso e comunicação dos estudos; gratuidade do ensino em todos os níveis educacionais; aperfeiçoamento constante do corpo docente (CARDOSO e FLORES, 2009).

Sendo assim o Sistema Nacional de Educação e Ensino era constituído por um ensino geral de base, com oito classes (das quais as primeiras quatro classes eram obrigatórias), por um ensino pré-universitário com seis semestres e um ensino médio de quatro anos (com dois ramos: técnico médio normal e ensino superior).

Em 1977, Angola dispunha de apenas cerca de 25 mil professores, pobremente formados. Segundo o atual Conselheiro do Ministro para o Ensino Superior em Angola, Dr. José Leitão, em entrevista concedida em 18/05/14:

“Angola é um país que atingiu a sua independência a 11 de Novembro de 1975. É um país que teve uma forte herança portuguesa. Muitos angolanos foram formados até o ensino primário outros tiveram o curso do liceu, formação que permitiu que muitos pudessem se tornar trabalhadores operários e funcionários do regime português. Na luta pela libertação nacional estiveram os três grandes movimentos a FNLA, a UNITA e MPLA¹. Todos deram o seu contributo para o êxodo da independência. Depois de adquirida a independência na ausência dos portugueses, Angola não tinha quadros suficientes para alavancar esforços e o suporte da máquina operária. O saudoso Dr. António Agostinho Neto governou por muito pouco tempo. Em 1976 era o ano da agricultura porque na altura cada ano tinha a sua proclamação ou objectivo do desenvolvimento de uma acção social. Angola teve dificuldades de

¹MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola. UNITA: Unidade Nacional para a Independência Total de Angola. FNLA: Frente Nacional de Libertação de Angola.

operar. Foi daí que o camarada Dr. Agostinho Neto proclama o ano de 1976 como sendo o ano da agricultura e orienta para o espírito da nação que aquele que soubesse ler podia ensinar o outro” (Entrevista concedida em 18/05/14).

Pelas palavras do Conselheiro, fica patente que, naquela época, qualquer tipo de educação se fazia necessária. Conclamava-se o povo para educar o povo em uma tentativa de sair de uma situação grave de analfabetismo. Aqueles que buscavam uma formação de professores, o faziam no Instituto Médio de Educação. Porém, como os professores tinham também uma responsabilidade política, após a independência, muitos tiveram que abandonar o país. Prosseguindo seu depoimento, Dr. José Leitão afirmou que pelo fato de alguns quadros de professores angolanos serem bem formados na era colonial, eram chamados de “assimilados” – aqueles que haviam estudado até a quarta classe ou terminado o Ensino Liceal e ao mesmo tempo trabalhavam para a Administração do governo português. Como havia, na altura, três movimentos de libertação nacional, nomeadamente o MPLA, a UNITA e a FNLA, aqueles que eram de facções que não se encontravam no poder, mesmo formados, eram perseguidos. Assim, surgiu o clima de insegurança. Muitos deles tiveram que se retirar do país, porque foram colocados num bojo político, tidos como “contra revolucionários”. A partir dessas bases históricas, acontece o massacre de 27 de maio de 1977 em que muitos quadros angolanos autóctones foram assassinados por serem considerados elementos subversivos, inimigos da pátria. Ao ser questionado sobre as causas da guerra interna depois da independência, o Conselheiro assim se manifestou:

“Angola é um país rico em minerais e outros recursos naturais. Sempre precisou de recursos humanos capazes de responder com as exigências do desenvolvimento social. Esta tem sido a tarefa do Governo em todos os tempos”. (Entrevista concedida em 18/05/14)

Com a situação de guerra e o êxodo de angolanos perseguidos pelo novo governo, o Ministério da Educação não tinha professores suficientes para formar quadros para o engrandecimento do país. E, para fazer face a esse fenômeno, foi lançado um Curso de Formação Acelerada de professores (CFA). Este curso visava formar agentes de ensino em curto prazo para lecionarem, sobretudo, nas primeiras quatro classes do ensino de base (1^a, 2^a, 3^a, 4^a) (NGABA, 2012, p. 144). O ingresso era reservado a jovens que tivessem pelo menos a 6^a classe concluída. Lançou-se um programa de maior impacto no novo Sistema de Educação,

que se traduziu na grande afluência da população às escolas, pois se em 1974 estudavam cerca de meio milhão de angolanos, em 1980 esse número cresce para 1.8 milhões.

Apesar de o país ter ganhado a sua independência, continuou com uma guerra que catapultou grandes consequências, principalmente nas zonas rurais. Em 1986, foi efetuado pelo Ministério da Educação, um diagnóstico do sistema de educação que permitiu o reconhecimento de suas debilidades e necessidades. Desta feita, Angola chega a uma conclusão da necessidade de rever o seu sistema de ensino. É assim que em 1990 envereda para um sistema político multipartidário que culminou com mudanças na política educativa.

1.2.1. Primeira reforma no Sistema Educacional Angolano – 1990 – 2001

Embora possamos caracterizar a Primeira Reforma no Sistema Educacional a partir de 1990, dados apontam que esta é o produto de um processo que se deu desde 1976, fruto de uma abrangente reestruturação política e social do país. Este período teve como marco político o descasamento com a cultura do colono português, dando auge às novas políticas educacionais que valorizam a cultura nacional. “O desenvolvimento de um sistema das ciências e das técnicas nacionais, o desenvolvimento da democracia política e da justiça social, a reforma agrária e o estabelecimento da unidade nacional Africana” (NGULUVE, 2006 *apud* CANHICI, 2014, p. 29).

A partir de 1990, o país deu um salto político considerável que foi a abolição do regime monopartidário e implantação do multipartidarismo. De certa forma, a filosofia educacional do povo angolano teve que acompanhar essas mudanças do desenvolvimento político. Partindo deste fato, deu-se um novo corpo à Primeira Reforma no Sistema Educacional em Angola. Àquela época, o sistema educacional era composto dos seguintes níveis de ensino: I nível que compreendia da iniciação até a 4ª classe, o II nível que correspondia da 4ª até a 6ª classe, III nível que eram a 7ª e a 8ª classes, Ensino Médio, Formação de Professor constituído na altura como Ensino Pré-universitário e Ensino Superior.

Depois dos acordos de paz para Angola em Portugal/Bicesse, acalmaram-se os conflitos armados em 1990. Logo surgiu uma explosão populacional, fruto do regresso dos milhares de Angolanos, vítimas da guerra, que haviam se refugiado nos países vizinhos como: Congo Brazzaville, Congo Democrático, Zâmbia, Namíbia, África do Sul e outros pontos do mundo. Este fenômeno provocou uma grande demanda escolar pelo fato do número de

crianças em idade escolar ter aumentado significativamente. O Ministério de Educação não teve estrutura suficiente para atender esta demanda e o fato verifica-se até os dias de hoje em que o acesso à escola é um problema ainda a ser resolvido.

Segundo dados do caderno sobre a Reforma Educativa em Angola (OCTÁVIO, 2011, p. 6), observamos que a busca por acesso à escola aumenta significativamente para o Ensino Geral (que compreende as classes do ensino de base até ao ensino médio). Entre 1990 e 1992, a soma de alunos em idade escolar sem acesso à educação institucional atingiu cerca de 82% no ensino primário. Ainda, a autora nos traz outros indicadores de que em 1992, a situação piora, estimando-se que o número de crianças em idade escolar ultrapassa os dois milhões, mas somente 1% dessas crianças tinha acesso ao ensino devido ao número reduzido de salas de aulas e aos conflitos armados que ressurgiram naquela altura.

Dados levantados por Cardoso e Flores (2009) apontam que nos anos de 1994/95 tinham sido matriculados cerca de 101 mil crianças, o que equivale a uma taxa bruta de matrículas na ordem de 15% de toda população em idade ativa. A população em idade escolar dentro do sistema educacional dos 6 aos 14 anos totalizava cerca de 4.290.000 e fora do sistema, cerca de 2.020 442, o que representava 41,3 % de crianças ainda fora da escola.

Ainda segundo essas pesquisadoras, em 1996, cerca de 70% das crianças entre 6 e 14 anos não tinha acesso à rede escolar, correndo o risco de cair no analfabetismo, cuja taxa girava em torno de 60%. Em 1995, foi estimada uma população analfabeta de cerca de 4 milhões de pessoas, das quais 2,5 milhões eram mulheres. Para fazer frente ao fraco poder de absorção da rede escolar, foi criado o Ensino Primário Triplo, ou três turnos de aulas em um mesmo dia. Isso quer dizer que, por falta de salas de aulas, o tempo escolar era reduzido. Ou seja, alunos estudavam das 7h às 10h da manhã, outros entravam às 10h10 e terminavam às 14h10 e a terceira turma começava às 14h20 e terminava às 17h. Com isso, constituíram-se também as **turmas pletóricas**: turmas com 60 a 80 alunos e sem espaço/tempo para o recreio escolar, criando, assim, sobrecarga aos alunos. Este fato registra-se até hoje no Sistema Educacional vigente em Angola e fez com que na segunda Reforma Educativa, no planejamento dos tempos escolares, fosse suprimido oficialmente o tempo reservado para o recreio escolar no horário normal das aulas.

Com essas situações adversas (a falta de salas de aulas, modelo de ensino antigo que surge depois da independência) ao fim da guerra civil, se iniciam os primeiros passos para a preparação da 2ª Reforma do Sistema de Educação.

1.2.2. Segunda Reforma no Sistema Educacional Angolano: 2001 – em andamento

Em 2001, a Assembleia Nacional da República de Angola aprova a Lei de Bases do Sistema de Educação (Lei 13/01 de Dezembro) que é a Segunda Reforma Educativa no país. Este documento traz o esboço do que se pretende com o novo Sistema Educacional, cuja estrutura integra os seguintes subsistemas: Subsistema de Educação Pré-escolar; Subsistema do Ensino Geral; Subsistema do Ensino Técnico-Profissional; Subsistema de Formação de Professores; Subsistema de Educação de Adultos; Subsistema de Ensino Superior (ANGOLA, 2001).

Canhici (2014, p. 32), na sua Dissertação de Mestrado, traz uma abordagem em relação à segunda reforma educativa em Angola, no aspecto dos anos de escolaridades e nos níveis educacionais. A autora afirma que nesta reforma o Ensino Geral passou a ter um ano a mais em relação ao ensino anterior, que é o período pós independência. Quanto ao Ensino Superior, que estava limitado ao bacharelado, foi criado outro grau de ensino, que é a licenciatura e a inclusão dos níveis de pós-graduação que comportam o mestrado e o doutorado. Na dissertação intitulada “Estudo sistemático de monografias dos finalistas do ISCED-Cabinda sobre dificuldades de aprendizagem (2006-2011)”, a Mestre faz referência à situação organizacional e às condições em que o nível do Ensino Superior se apresenta até os dias de hoje.

Mas, apesar de constar do cronograma, os níveis de mestrado e doutorado ainda não estão em pleno funcionamento no país, para todos os cursos. Justifica-se essa lacuna pela infraestrutura deficitária e, principalmente, pela urgência de um corpo docente dedicado à pesquisa e que tenha formação e competências necessárias para a orientação de mestrandos. (CANHICI, 2014. P.32)

Esse quadro geral nos dá uma ideia do processo empreendido pelas políticas educacionais para enfrentar o problema da educação em um país que foi colonizado por tanto tempo, que sofreu inúmeras guerras e que hoje necessita de um foco claro para a formação do cidadão angolano. O nosso estudo fundamenta-se no segundo Subsistema de Ensino Geral que achamos ser fundamental para a formação do jovem angolano. Depois de ter ultrapassado

alguns conflitos sociais, em 2001, o país procura dar um rumo ao desenvolvimento, desta feita, apostando no desenvolvimento social, no fomento da agricultura, no empreendedorismo e na reconstrução das infraestruturas sociais e do Estado.

Estando já na Segunda República, Angola aposta fortemente na educação com objetivo de formar quadros capazes de desenvolver o país, levando em consideração os avanços globais. A maior preocupação é garantir que o ensino seja integral, de qualidade e acessível para todos. Isto posto, o Governo Angolano adotou um plano de emergência que consistiu na edificação de escolas novas, reabilitação e requalificação de algumas outras escolas, além da criação de salas de aulas a todo custo, incluindo a participação de algumas igrejas, que cederam seu espaço para o uso como salas de aulas em algumas províncias, na garantia de acesso à escola para todos (NGABA, 2012, p. 167). A necessidade de acesso à escola é tão grande que obrigou a criação de turmas pléticas que, conforme explicado anteriormente, conduziu à supressão do recreio, nosso objeto de estudo.

Alguns professores foram enquadrados nas escolas com uma formação pedagógica e outros foram recebendo uma formação que se denomina agregação pedagógica – seminários de capacitação de professores para, assim, atender às necessidades vigentes na educação. Nesta última reforma do ensino, espera-se que, no ensino primário, o professor tenha a capacidade de lecionar todas as disciplinas da classe em que estiver enquadrado. Em adição, o professor acompanha os alunos da sua turma em todas as classes até terminarem o ensino primário e, nos anos seguintes, o docente inicia outra turma e faz o mesmo acompanhamento. Para tal, exige-se que o professor seja polivalente e com uma capacidade multidisciplinar. A demanda por essa forma de escolarização, na qual o professor acompanha o aluno durante seis anos, se justifica pela necessidade da escola participar na formação geral das crianças e adolescentes, que vivenciaram uma guerra que teve consequências catastróficas ao desenvolvimento desses sujeitos. Essa realidade provocou disfunções no comportamento das crianças, adolescentes, jovens e na sociedade, de maneira geral, tendo como resultado a perda de valores morais. A escola, então, assumiu o papel da formação humana para o resgate dos valores que sejam importantes para a sociedade no momento atual. Uma forma de minimizar essa perda de valores ocasionada pelas guerras foi a inclusão, na Segunda Reforma, de disciplinas de educação moral e cívica, com a consequente supressão das disciplinas marxistas.

A nossa atenção vai estar, deste modo, focalizada no Subsistema do Ensino Geral ou Regular que compreende: a) o Ensino Primário que vai da 1ª à 6ª classe; b) Ensino Secundário que, por sua vez, se divide em dois ciclos – o Primeiro Ciclo do Ensino Secundário que abrange da 7ª à 9ª classes (adolescentes entre 12 a 16 anos) e o Segundo Ciclo do Ensino Secundário, da 10ª à 12ª classes (adolescentes entre 17 e 19 anos) (LBSE, artigos 14º - 20º). Dentro desse subsistema, optamos por observar uma turma de adolescentes da 7ª classe, ou seja, do Primeiro Ciclo do Ensino Secundário.

Na perspectiva do desenvolvimento social e profissional e no combate ao desemprego, o Primeiro Ciclo do Ensino Secundário compõe-se, ainda, de um subsistema misto, que agrega também a formação profissional. Esta tem como objetivo formar os jovens/adolescentes, a fim de orientá-los na escolha de uma profissão e, então, enquadrarem-se no mercado de trabalho. Sendo assim, criaram-se Escolas Profissionais Politécnicas com uma variedade de cursos básicos em que a adesão do aluno é opcional. A Escola Profissional Politécnica atende aos alunos que tenham frequentado a 6ª e a 7ª classes, para em seguida continuarem com uma formação mista, tendo aulas acadêmicas e tecno-profissionais. É importante salientar que o subsistema de ensino tecno-profissional abrange o ensino público e as escolas privadas reconhecidas e certificadas pelo Ministério da educação.

O projeto para este subsistema acerca do plano de formação para jovens no ano letivo de 2014, no âmbito de desenvolvimento profissional, contam com os cursos de culinária, educadores para crianças, eletricidade, técnicos de frio e canalização de água; isso ocorre em algumas províncias de Angola. No âmbito das escolas privadas, existem os projetos de Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP), projetos da Dinamarca que ajudam no desenvolvimento de ensino em alguns países da África em particular Angola. Em Cabinda, a escola se chama Matanga e se localiza no município de Cacongo em Lândana. A escola tem esse nome pelo fato da mesma situar-se junto do cemitério dos Bakiss (crianças que nascem com má formação congênita). Levando em consideração a necessidade de formação tecno-profissional, o Governo e algumas empresas do ramo petrolífero, como Chevron, Alcoa e Petromar, patrocinam este projeto. Pela sua grande importância e pelo objetivo social de que ela se reveste, a escola da Matanga ADPP acomoda ainda alunos de outras províncias no sistema de internato.

Como vimos, a necessidade de formação é tão grande que, na reforma educativa, a racionalização do tempo tornou-se um fator a se levar em consideração. Sendo assim, pudemos observar que no Plano de Estudo do 1º Ciclo do Ensino Secundário (ANGOLA, 2011) existem apenas disciplinas curriculares. No planejamento dos tempos escolares, não vem expresso o tempo reservado para o recreio escolar, mas sim os intervalos de tempo entre uma disciplina e a outra. Como a relação do tempo do intervalo/recreio escolar com a reforma educacional é uma questão que nos interessa sobremaneira, dedicaremos o próximo tópico para uma reflexão sobre o assunto.

Apresentamos, em seguida, uma tabela (Tabela 1) que nos leva a entender a evolução do Sistema Educacional para o Ensino Geral angolano a partir da era colonial até os dias de hoje na Segunda República.

Tabela 1: Políticas educativas em Angola (1975-2005).

Categorias	PERIODO		
	COLONIAL	1ª REPÚBLICA	2ª REPÚBLICA
Subsistemas	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino primário - Ensino Secundário (Liceal e técnico-profissional) - Ensino Superior - Formação de Professores 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino de base {Formação regular e formação de adultos} - Ensino secundário {Médio, PUNIV, Formação profissional} - Ensino Superior 	<ul style="list-style-type: none"> - Pré-escolar - Ensino Geral - Ensino Técnico-profissional - Formação de Professores - Educação de Adultos - Ensino Superior
Estrutura do ensino geral	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino primário {1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª classe} - Ensino secundário {curso geral do liceu= 1.º, 2.º, 3.º ano, curso complementar do liceu= 4.º, 5.º ano} 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino de base {1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª classe = I nível; 5.ª, 6.ª classe= II nível; 7.ª, 8.ª classe=III nível} - Ensino secundário médio {Médio= 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª classe; PUNIV= 9.ª, 10.ª, 11.ª classe} 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino primário {1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª classe} - Ensino secundário {7.ª, 8.ª, 9.ª classe= I ciclo; 10.ª, 11.ª, 12.ª classe = II ciclo}
Modelo de Organização	<ul style="list-style-type: none"> - Elitista e Centralizado - Piramidal e hierárquico - Laico - Estado-educador (inexistência do ensino privado na monarquia; Existência do ensino privado a partir do tempo da República) 	<ul style="list-style-type: none"> - Elitista e Centralizado - Piramidal e hierárquico - Laico - Estado-educador (proibição do ensino privado) 	<ul style="list-style-type: none"> - Elitista e Centralizado (algumas responsabilidades desconcentradas) - Piramidal e hierárquico - Laico - Estado-educador (reconstrução do ensino privado).
Currículo	<ul style="list-style-type: none"> - Nacional, Uniforme, padronizado - Idioma: Português 	<ul style="list-style-type: none"> - Nacional, Uniforme, Padronizado - Idioma: Português 	<ul style="list-style-type: none"> - Nacional, Uniforme, padronizado - Idioma: Português e línguas nacionais no ensino primário (Sistema multilingue)

	PERIODO		
Função da escola	- Controlo Social (educar para a passividade) - Manutenção da Unidade Nacional (Metrópole- províncias Ultramarinas)	- Difusão da Ideologia Marxista-leninista (controlo social) - Técnico-funcionalismo - Manutenção da Unidade Nacional (de Cabinda ao Cunene)	- Desenvolver uma cultura de paz a luz dos princípios democráticos - Técnico-funcionalismo - Luta contra epidemias (HIV/Aids)
Taxa de analfabetismo	85% em 1975	70% em 1997

Fonte: André Vela Ngaba: Políticas educativas em Angola (1975-2005) p. 170.

Vale-nos dizer que esta tabela mostra um processo evolutivo dos períodos em que Angola vem enfrentando problemas em relação à educação do povo e adotando medidas para o desenvolvimento do país. Entretanto, se olharmos mais atentamente, podemos constatar que existiram mudanças significativas neste processo relativamente à estrutura do Ensino Geral, na Segunda Reforma Educativa, que culminam com os ciclos onde o Ensino Primário se estende da 1ª classe à 6ª classe. Isso significa que os estudantes estão recebendo 50% a mais no tempo de sua educação. O aumento em relação ao tempo de estudo é fundamental quando pensamos em relação à qualidade do ensino. Contudo, o tempo por si só não garante essa mesma qualidade.

Outro ponto a observar é que a função política da escola veio sofrendo transformações tendo em conta a realidade histórica em cada época. Os conteúdos escolares foram mudando significativamente levando em consideração as necessidades refletidas nas políticas educacionais, em resposta ao considerável aumento da procura do acesso à escola em função da explosão populacional como fruto da paz e do regresso dos Angolanos que haviam se refugiado nos países vizinhos. O país procurou formas de inserir todos na escola. Isso levou a uma supressão das disciplinas marxistas e a inclusão de disciplinas tecno-profissionais na Segunda República e na Segunda Reforma Educativa respectivamente. De certo modo, tais medidas exigiram a racionalização dos tempos escolares em função do cumprimento das disciplinas curriculares. Este fato fez com que, na organização dos tempos escolares para alunos deste nível não houvesse formalmente o tempo reservado para o recreio escolar restando apenas os intervalos de aulas.

Um terceiro que destacamos refere-se à construção de políticas públicas para desenvolvimento educacional dos jovens angolanos. Um estudo feito em Angola denominado <<Rosto de Adolescência em Angola>> pela Organização Não-Governamental << Kandengues Unidos>> e supervisionado pelo Instituto Superior João Paulo II, aponta que os adolescentes encaram diversas barreiras que os impedem o acesso à educação, tais como “salas de aulas insuficientes, infraestruturas danificadas, falta de recursos econômicos para tratar documentos para se matricular, comprar material didático e pagar transporte para ir a escola. Estes fatos tornam o adolescente vulnerável lançando-o ao mundo do 'trabalho informal, da exclusão social e conseqüentemente da destruição familiar e abandono escolar. Sabemos que os adolescentes fora do sistema de ensino, 'começam a vida sexual mais cedo, têm menos conhecimento sobre a prevenção da SIDA/AIDS, maiores probabilidades de entrar em conflito com a lei e são mais propensos ao consumo de bebidas alcoólicas” (JORNAL ANGOP, 2007).

Esse panorama nos apresenta uma situação que a escola angolana vem sofrendo desde o período colonial e que se estende até os dias atuais e as relações dessa escola com a juventude angolana. Fruto disso, o Governo Angolano tem tido uma preocupação patente de incluir nos seus planos esforços para a formação dos jovens e adolescentes. Entretanto, a realidade é complexa, os problemas relevantes e ainda há muito que fazer. O Governo de Angola e o partido no poder MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), por meio dos seus programas de desenvolvimento, por exemplo, o programa 2012 a 2017 “Para Angola Crescer Mais e Distribuir Melhor” têm desenvolvido as seguintes ações voltadas à adolescência e juventude:

Elevar a inserção da juventude na vida ativa; promoção de soluções para os principais problemas da juventude e efetivação dos grandes objetivos da democracia participativa e do desenvolvimento social; formação das novas gerações transformando-as em entidades autônomas profissionalmente competentes, empreendedoras e capazes de contribuir para o progresso social; implementação de políticas de Estado, para a juventude integradas nos planos de desenvolvimento global, a fim de facilitar a participação ativa dos jovens; fomentar a prática dos desportos nas escolas e comunidades; garantindo as condições necessárias (materiais infraestruturas e humanas) para o acesso para o acesso dos cidadãos para uma vida saudável (Programa do Governo MPLA, 2012-2017/ 124).

Para a implementação destes programas, o Governo tem a juventude como foco principal para o desenvolvimento e continuidade da nação. A preocupação com o ensino em termos da erradicação do analfabetismo, o desenvolvimento tecnológico, o desporto, fomento a formação profissional e com a redução do índice do desemprego fazem parte do desafio primordial. Partindo das dificuldades que o ensino angolano está a atravessar atualmente, o Governo Angolano criou programas de massificação do ensino em todo território nacional com a construção de escolas e reabilitação de outras destruídas pela guerra em algumas províncias. Fruto destes desafios se coloca a questão do desenho curricular da segunda Reforma Educativa que neste momento se encontra na sua fase de avaliação.

Neste programa consta também a grande preocupação da capacitação de jovens no mundo empresarial por meio de vários programas de formação aos jovens do Ministério da Administração Pública Emprego e Segurança Social (MAPESS). Este Ministério tem em execução programas de formação técnico-profissional para erradicação da pobreza. Dentre muitas estratégias adotadas, está o empreendedorismo e criação de micro empresas pelos jovens através da capacitação e concessão de créditos bancários para a efetivação. Neste sentido, existem programas para a criação de várias cooperativas para o incentivo do mundo comercial e empresarial. As cooperativas agrícolas, porém, neste momento fazem maior sucesso em termos

da produção alimentar e a criação de animais. Para compreendermos melhor as relações dos programas do MAPESS relacionados com a escola para capacitação dos jovens em áreas específicas, vamos examinar o quadro que se segue:

Tabela 2: Programas/projetos.

Programa /Projecto	Objectivo	Resultado	Indicador de Avaliação
1. Programa - Inserção de Jovens na Vida Activa em particular os Candidatos ao Primeiro Emprego	Promoção da inserção de jovens no mercado de trabalho e contribuir para a geração de oportunidades de trabalho para os jovens, promovendo a sua qualificação para o mercado de emprego.		
Projecto de integração de Jovens na Vida Activa	Fomentar e Promover o emprego juvenil, através de uma política integrada que responda de forma adequada às necessidades dos Jovens a Procura do Io Emprego, em todas as etapas do seu percurso de inserção profissional, estimulando e valorizando, nomeadamente, a diversidade de escolhas e o seu contributo para o desenvolvimento global do País.	350 beneficiários /ano 1.750 jovens saídos do sistema de educação e ensino, integrados na vida laboral	Número de formados e integrados na vida laboral
Projecto de Formação de Jovens em Regime de Aprendizagem	Permitir aos jovens entre os 14 -25 anos, com um mínimo de 6 anos de escolaridade e que procuram o primeiro emprego, habilitação profissional indispensável, a fim de possibilitar a transição do sistema de ensino para o mundo do trabalho	1.000 beneficiários/ano 4.350 beneficiários são capacitados e habilitados para ingressar no mundo do trabalho .	Números de formados em regime de aprendizagem
Projecto de Inserção de Jovens na Vida Profissional	Proporcionar aos jovens entre os 14 -25 anos uma formação com vista a facilitar uma melhor integração na vida ativa e simultaneamente facultar às entidades empregadoras trabalhadores adaptados aos postos de trabalho	950 beneficiários /ano 4.750 que abandonaram o ensino geral, frequentam um estagio nas empresas, que inclui formação, sendo-lhe atribuído um subsidio mensal .	Números de formados em regime de estágios profissionais em empresas

Programa /Projecto	Objectivo	Resultado	Indicador de Avaliação
Projecto de Ocupação Temporária dos Jovens em Actividades de Interesse Colectivo	Possibilitar a ocupação temporária de jovens em trabalho que satisfaçam as necessidades das localidades ou áreas de residência, particularmente os de carácter cívico, inovador e de ocupação dos tempos livres, tendo em vista a aquisição de competências profissionais, ao ajustamento ao mundo de trabalho e à sua participação em actividades comunitárias	Trabalhar em parceria com o Ministério da Juventude e Desporto e outras organizações não governamentais	Número de jovens abrangido pelo sub programa.
2. Programa - Geração de Emprego e Renda	O fortalecimento da participação da sociedade no processo de formulação de projectos e acções de geração de trabalho e renda; criar ocupações e iniciativas alternativas, geradoras de emprego e renda;		
Projecto de Apoio ao Emprego e Formação Profissional de Mulheres	Contribuir para Capacitação/Qualificação de mulheres a procura do 1o Emprego de grupos etários mais jovens, possibilitando-lhes quer a nível pessoal como profissional a aquisição de competências que permitam ao auto emprego e/ou o acesso ao rendimento familiar.		
Projecto de Fomento de Iniciativa Locais de Criação de Empregos ILE's, ACPT e ACPF	Fomentar o aparecimento de iniciativas geradoras de criação de postos de trabalhos a nível local, para jovens a procura do 1o emprego, inseridas nos processos de animação e desenvolvimento local	19 empresas em regime de incubação, com 62 postos de trabalho/2 anos.1500 kits profissionais diversos, com 3 postos de trabalho media por cada kit.	Numero de pequenas e micro empresas, formadas e numero de empregados

Programa /Projecto	Objectivo	Resultado	Indicador de Avaliação
		7.500 kit diversos distribuídos e 22.686 postos de trabalho em regime de auto emprego	
Projecto “Esta é a Tua Vez”	Satisfazer as necessidades de F.P da população que vive em locais que não dispõem de oferta formativa, proporcionando geração de rendimentos e consequentemente, a melhoria das condições de vida da comunidade.	2.800 formados /ano 450 contemplado com Kits 14.000 beneficiados com os programas de formação 2.250 micros empresas criadas /4.500 postos de trabalho	Numero de formados, numero de micro empresas criadas e postos de trabalho criados
Projecto “Estamos Contigo”	Projecto de reintegração na vida activa através da formação itinerante, que propõe a utilização de metodologia de acções moveis de formação, viradas para os desmobilizados das forças armadas.	2.500 formados /ano 450 contemplados com Kits 12.500 beneficiados com os programas de formação 2.250 micros empresas criadas /4.500 postos de trabalho	Numero de formados, numero de micro empresas criadas e de postos de trabalho criados
3.Programa de Formação em Tecnologias e Inovação	Qualificação de jovens para o mercado de trabalho na área da Tecnologia da Informação (TI) , suprir a falta de mão-de-obra qualificada e permitir que a partir dos centros de formação os formandos tenham acesso às últimas tecnologias, e assim concorrer em melhores condições no mercado de trabalho permitindo ainda a da formação de novos talentos para o sector das TI		
3.1 Projecto de	Implementação de um sistema de formação à	1.500 técnicos /ano	Numero de beneficiários do Projecto

Programa /Projecto	Objectivo	Resultado	Indicador de Avaliação
Aperfeiçoamento, Qualificação e Ajustamento Profissional de Quadros Médios e Superiores.	distância, de natureza modular e individualizado, para ajustamento e qualificação profissional de quadros médios e superiores, recorrendo as novas tecnologias de informação/comunicação, para o desenvolvimento de adequadas metodologias de formação profissional e learning	7.500 técnicos médios e superiores com perfis profissionais ajustados as necessidades das empresas e de outras entidades empregadora	
3.2 Projecto de Inclusão Digital dos Beneficiários dos Serviços de Formação Profissional	Alfabetização digital, de forma a dar suporte às medidas de mobilidade geográfica, ao desenvolvimento pessoal e das comunidades, levando o saber a todas as zonas e localidades.		
3.3 Projecto de Construção de Centros Integrados de Formação Tecnológicos (CINFOTEC)			
3.4 Projecto de Construção das Escolas de Restauração e Hotelaria			
4. Programa de Incentivo a Mobilidade Geográfica e a Colocação de Recém Formados			
4.1 Projecto de Formação e Integração Empresarial de	Permitir aos recém-diplomados uma iniciativa profissional com vista à obtenção do 1º emprego e	450 recém diplomados/ ano. 2.250 recém diplomados,	Numero de diplomados empreendedores inseridos no mercado de trabalho.

Programa /Projecto	Objectivo	Resultado	Indicador de Avaliação
Quadros	simultaneamente facultar às empresas, os quadros técnicos que dispondo de formação de base não têm experiência profissional adequada.	não tendo experiente ia profissional, realizam uma formação inicial, seguido de formação pratica nas empresas	
4.2 Projecto de Incentivo à Mobilidade Geográfica de Mão de Obra Qualificada	Criar estímulos à mobilidade geográfica, de técnicos e de trabalhadores, jovens a procura do primeiro emprego, dispostos a aceitar ofertas de emprego que impliquem mudanças de residência, com particular destaque para as zonas de desenvolvimento prioritizadas.	150 técnicos e/ou trabalhadores /ano. 750 técnicos e/ou trabalhadores estimulados e incentivados aceitar as ofertas de emprego em outras localidades.	Número de jovens abrangido pelo sub programa.
4.3 Projecto para o Apoio Complementar da Formação aos Estagiários da Formação Profissional	Complementar a formação adquirida nos centros de gestão pública e privada, em empresas e incentivar os mesmos para a criação de postos de trabalhos	1.100 Tec Sup. + 500 Tec. Med beneficiários /ano 8.000 estagiários com conhecimento consolidado da formação e inseridos nas empresa.	Numero de técnicos enquadrados nos estágios e de empresa beneficiadas
5. Programa – Reforço da capacidade Institucional do Sistema de Emprego e Formação Profissional			
5.1 Projeto de Modernização dos Serviços do INEFOP	Reforçar a capacidade de intervenção do INEFOP, nos seus domínios de atuação.		
5.2 Projeto de Criação da	Desenvolver, em qualquer região do país, ações de		

Programa /Projecto	Objectivo	Resultado	Indicador de Avaliação
Bolsa de Formadores para a Formação Profissional	formação , com vista a descentralizar a mobilização de formadores e dotar as regiões de formadores especializados, ou seja, garantir a disponibilidade de recursos humanos qualificados para ministrarem formação profissional		
5.3 Projeto de Fornecimento de Apoios Técnico e Financeiros à Formação Profissional.	Conceder apoio técnico e financeiro a entidade do sector publico e privado e parceiros sociais que pretendem desenvolver ações de F.P através de acordos ou protocolos, de conformidade com a legislação em vigor.	250 empresas seleccionadas para vincular contratos 10 beneficiários/empresa 2.500 beneficiários./ano 12.500 beneficiários. para realização de ações pontuais de formação e reabilitação profissional	Número de empresas e de beneficiários com apoio técnico e financeiro para realização de ações de F.
6. Programa de Incentivos ao Empreendedorismo	Desenvolver capacidades empreendedoras incentivando a criação de novas empresas com ideias inovadoras e de uma forma sustentada, permitindo a criação de novos postos de trabalho.		
6.1 Projeto de Criação de Incubadoras de Empresa;	Apoiar a criação, consolidação e crescimento de novas empresas, com menor risco e maiores probabilidades de sucesso.		
6.2 Projeto de Desenvolvimento de Talentos para a Reconstrução	Permitir por via do Concurso Nacional de Formação, e estimular e incentivar os jovens a dedicarem maior esforço aos trabalhos ligados a sua área de formação,		

Programa /Projecto	Objectivo	Resultado	Indicador de Avaliação
Nacional.	assim como, promover a criatividade, invenção ou descobertas que conduzam ao melhoramento da qualidade da formação. Consistirá também em facilitar a troca de experiências entre os diversos profissionais.		

Fonte: Ministério da Administração Pública Emprego e Segurança Social/2012.

O quadro leva-nos a entender a situação real e crítica de Angola quanto à formação profissional e à gestão de empregos para os jovens e adolescentes. As colunas com os dados sobre resultados e indicadores, mostram a abrangência da implementação e das intervenções feitas para a juventude angolana. Os projetos do “Programa - Inserção de Jovens na Vida Activa em particular os Candidatos ao Primeiro Emprego” têm um alcance máximo de jovens participantes de 4750 no “Projecto de Inserção de Jovens na Vida Profissional”. Entretanto, segundo dados do CIA (Circulo Intelectual Angolano), em Dezembro de 2012, Angola registrava cerca de 26% da população jovem desempregada.

Portanto, o programa é promissor, mas ainda não é tão abrangente, porque as dificuldades existem, os conflitos são visíveis no seio desta camada social, mas que continua persistindo para melhoria do quadro atual. A situação atual nos leva a entender que há uma preocupação por parte do Governo e da própria juventude no investimento de uma formação que não apenas sirva para contribuir com o desenvolvimento da nação, mas que possa servir de instrumento efetivo de mudança na vida atual do jovem. Assim, os programas visam uma qualificação direcionada para o jovem em sua vivência real e não para um futuro que ainda está por vir. Um desses investimentos diz respeito ao ensino, de uma maneira geral, e às universidades públicas e privadas que registram um fluxo de alunos cada vez maior, demandando uma formação acadêmica e profissional.

Nas escolas, os jovens e adolescentes são chamados a observar o espírito da paz e integridade nacional. Vê-se muita alegria, muita força de vontade. Aparentemente, o jovem, em sua maioria, expressa um desejo de crescer e de criar novas oportunidades para vida profissional e acadêmica. A preservação da cultura nacional a sua massificação tem sido uma prática através das atividades culturais, um tema para debates entre os jovens e adolescentes no ambiente escolar.

Apesar das dificuldades existentes, a sociedade e as famílias participam e incentivam fortemente os seus filhos e outros membros que fazem parte do agregado familiar a frequentarem a escola como resultado de melhoria de vida. Por experiência própria, quando adolescente, aprendi dos meus pais o seguinte: “Estudar é melhor que fazer negócio sem estudos. Porque no negócio você corre muitos riscos de perder o dinheiro, mas estudando ninguém tira da sua cabeça e você se torna gente para sempre enquanto for vivo”. Isto, acredito, não é apenas um caso particular. A forte tendência do governo em investir em programas de formação dos jovens, como apresentado na tabela acima (Tabela 2) no ponto 3

(programas de formação) demonstra que a formação do homem é um fator preponderante no momento atual.

Na escola Angolana, o jovem e o adolescente fazem parte do plano do governo, considerados como agentes ativos para o desenvolvimento do país. Nesta senda, toda sociedade se mobiliza para dar suporte aos planos nacionais que são dirigidos para os jovens e adolescentes. Estrategicamente, o Conselho de Ministro na Resolução N.º 29/05, no plano filosófico estabelece o seguinte:

O plano executivo de apoio à juventude estabelece o quadro global de orientação, apoio e execução de tarefas com vista à participação dos jovens na reconstrução do país e na resolução dos seus próprios problemas. Esta tarefa não pode ser exclusiva do Governo. Deve contar com a parceria do sector privado, particularmente as empresas produtivas, de prestação de serviços e os bancos comerciais; uma forte organização da juventude, em torno das suas associações; e uma indispensável contribuição de toda a sociedade (ANGOLA, 2005).

A segunda reforma educativa teve a sua implementação em consonância com o Plano Nacional no ano 2005. Nessa reforma, estabeleceu-se um Plano de Incentivos e Beneficência, que inclui planos de ação governamentais, divididos por áreas de atuação voltadas à juventude, apresentados na tabela 3.

Tabela 3: Planos de ação governamentais voltadas à juventude.

ÁREAS DE ACTIVIDADES	OBJECTIVOS	ACÇÕES
Gestão integrada do Estado e das instituições	Institucionalizar um observatório nacional sobre a problemática da juventude	Elaboração e aprovação do competente diploma legal
		Estudo e definição do perfil (estratos) e da idade juvenil
		Estabelecimento e funcionamento de um banco de dados sobre a juventude
Associativismo e tempos livres	Fomentar o associativismo juvenil e privilegiar o trabalho de grupo, a mobilidade e o intercâmbio entre os jovens	Construção de jangos juvenis à escala nacional;
		Expansão do projecto “Jovens vida associativa” (reforço da capacidade associativa dos jovens).
		Realização de festivais nacionais da juventude;
Educação e ensino	Promover acções com carácter formativo para ocupação dos tempos livres da juventude (festivais, campismo, excursionismo, montanhismo e colónias de férias)	Realização de campos de férias dos estudantes universitários;
		Realização de acampamentos nacionais dos estudantes do ensino médio.
		Incrementar o sistema de bolsas de estudo aos estudantes do ensino
		Seleccção e atribuição de bolsas de estudos aos estudantes do ensino médio técnico e do ensino

ÁREAS DE ACTIVIDADES	OBJECTIVOS	ACÇÕES
	médio e superior	superior mais carenciados e com melhor aproveitamento, à escala nacional.
	Instituir prémios de melhores alunos em todos os subsistemas de ensino, de forma a estimular o desempenho escolar	Apoio à realização das olimpíadas do saber em todos os subsistemas de ensino;
	Promover a participação dos jovens na expansão da rede escolar e na erradicação do analfabetismo	Constituição e apoio às brigadas juvenis de construção de escolas; Constituição e funcionamento de brigadas juvenis de alfabetização, à escala nacional.
Educação para a cidadania	Materializar e apoiar projectos e acções que visem a educação moral, cívica, patriótica e para a cidadania	Apoio à realização de palestras, seminários, colóquios e conferências em todas as províncias, no âmbito da materialização das campanhas nacionais de educação patriótica e para a democracia, promovidas pelas associações juvenis;
		Elaboração e difusão da cartilha sobre a ética, a conduta moral e cívica dos jovens;
		Criação de mecanismos e parcerias para que programas e spot's publicitários veiculados nos meios de difusão massiva não contenham conteúdos nocivos à moral, ao civismo e à ética;
		Promoção de campanhas de informação aos jovens sobre os grandes objectivos e programas de desenvolvimento do Estado angolano.
Emprego e formação profissional	Promover a ampliação do mercado de emprego e auto-emprego e dos centros de formação profissional, fundamentalmente nas pequenas localidades	Instalação e equipamento de cooperativas de emprego informal (prestação de serviços: lavagem de carros, carregamento de mercadoria, táxi de motorizadas e venda ambulante) nas capitais de províncias para requalificação, apoio e valorização dos pequenos serviços praticados por jovens;
	Estimular a criação de cooperativas juvenis no domínio agrícola e de prestação de serviços, concedendo	Apoio à criação de cantinas de jovens nos bairros, em especial no meio rural;
	os apoios necessários à sua implantação desenvolvimento e	Apoio à instalação de pequenas produções agropecuária, através de micro-créditos.

ÁREAS DE ACTIVIDADES	OBJECTIVOS	ACÇÕES
	Estimular a aprendizagem de pequenos ofícios (carpintaria, canalização, pedreira, costureira, hotelaria, agricultura, pecuária, alfaiataria)	Seleção e apoio à reabilitação de pequenas oficinas inactivas nos bairros para absorver os jovens aprendizes;
Habitação	Fomentar a auto- construção dirigida de habitações	Constituição de brigadas juvenis regionais de auto- construção dirigida e apoio à construção de habitações para jovens.
Saúde	Combater as grandes endemias que potenciem a morbi-mortalidade dos jovens (ITS/VIH/SIDA, malária e tuberculose) priorizando a medicina preventiva e desenvolver acções de informação e comunicação destinados a difundir os conhecimentos sobre a educação em vida familiar, género, saúde sexual e reprodutiva	Expansão, à escala nacional, da materialização do projecto JIRO.
Desporto	Promover e assegurar os meios para a inserção social dos jovens através da prática desportiva	Materialização do projecto de inserção social dos jovens pela prática desportiva, à escala nacional;
	Promover e apoiar a generalização do desporto escolar, do desporto para trabalhadores e militares, do desporto para portadores de deficiência	Levantamento e reabilitação de campos desportivos (infra- estruturas físicas) por província, adequadas à prática do desporto de recreação nos bairros, estabelecimentos escolares, serviços e unidades militares;
Cultura	Criar mecanismos práticos que garantam a participação da juventude na pesquisa, valorização e dinamização da cultura angolana	Realização da bienal nacional de jovens criadores.
	Criar condições de estímulos necessários à afirmação de novos talentos	Apoio à produção de discos e vídeo clipes musicais de jovens cantores; Apoio à produção de obras literárias de jovens escritores;
Cartão jovem	Estabelecer mecanismos com vista a proporcionar aos jovens	Institucionalização do cartão-jovem para estudantes carenciados.

ÁREAS DE ACTIVIDADES	OBJECTIVOS	ACÇÕES
	estudantes carenciados e com bom aproveitamento, um conjunto de vantagens e benefícios na aquisição de bens e serviços, traduzido na redução percentual dos respectivos custos	
Empresariado juvenil	Promover oportunidades de desenvolvimento do empresariado juvenil, através de créditos e micro-créditos bonificados, visando o aumento de postos de trabalho e do auto-emprego juvenil	Estabelecimento de parcerias com o FDES e o INAPEM para melhor exploração, pelos jovens, das linhas de crédito existentes, com vista à generalização de pequenas e médias empresas de jovens empreendedores.
Delinquência juvenil	Aprovar legislação apropriada que proíba a compra, venda e consumo de bebidas alcoólicas e tabacos aos menores de idade	Elaboração e aprovação do diploma legal que proíba a compra, venda e consumo de bebidas alcoólicas e tabacos aos menores de 16 anos;
	Incrementar as taxas sobre a importação de bebidas alcoólicas e tabaco, visando a prevenção da delinquência juvenil	Agravamento das taxas sobre a importação de bebidas alcoólicas e tabaco.

Fonte: República de Angola Conselho de Ministro, Resolução N.º 29/05 de 27 Julho.

Este quadro apresenta as áreas de atividades, ações e objetivos voltados às necessidades dos jovens e adolescentes enquadrados nas áreas de: Gestão integrada do Estado e das instituições; Associativismo e tempos livres; Educação e ensino; Educação para a cidadania; Emprego e formação; Profissional; Habitação; Saúde; Desporto; Cultura; Cartão Jovem; Empresariado juvenil e Delinquência juvenil.

Pelo nosso entendimento, existiu um vazio na capacitação e enquadramento social dos jovens, fruto de uma longa Guerra que assolou o país e essas iniciativas visam colmatar o mal estar que a sociedade angolana vive hoje principalmente em termos de ensino de uma forma geral.

Para além dos problemas relacionados com reduzido número de escolas, falta de professores, falta de material didático, condições financeiras, desestruturação familiar, em alguns casos, atrevo-me a dizer, com base na minha experiência, que em Angola, os jovens e

adolescentes na escola também são frutos de mal estar por causa de algumas vicissitudes, das quais cito alguns exemplos: a delinquência, uso excessivo de bebidas alcoólicas e, conseqüentemente, as gravidezes de menores em idade escolar.

A questão relacionada ao consumo de bebidas alcoólicas ou indivíduos alcoolizados no espaço escolar não se aponta apenas para os alunos. Em alguns casos, há professores e outros membros administrativos da escola que assim se procedem. Este comportamento acaba fazendo com que esses professores percam sua autoridade e o respeito dos alunos, que têm uma maior capacidade crítica e discernimento em relação ao consumo de bebidas alcoólicas. Com realce a nossa pesquisa quanto às atividades realizadas pelos alunos no tempo de intervalo/recreio, fomos capazes de flagrar alunos a imitar a forma como um professor da escola tido como alcoólatra se procedia na sala de aula.

Os fatos apontados se tornam uma preocupação para o Sector Executivo do Governo Angolano. Fruto disso, a nova pauta aduaneira marca-se pelo encarecimento de importação de bebidas alcoólicas no sentido de dificultar a aquisição das mesmas e talvez reduzir o consumo. Não queremos dizer que o plano traçado pelo Governo, em função das dificuldades existentes no país, está sendo implementado e cumprido na sua totalidade, apesar de ser um plano de emergência para a vida social dos jovens e adolescentes atualmente. É uma medida que está em processo e será avaliada em 2017, como está sendo feita a avaliação da reforma educativa neste ano de 2014 a partir do mês de Maio.

No âmbito do ensino, existe uma grande carência quanto ao número de escolas e salas de aulas, que possam favorecer o acesso a todos. Estão em curso, as construções de escolas nos municípios, comunas e cidades de Angola por meio de brigadas de jovens, empresas privadas, constituídas na perspectiva de garantir o emprego e auto sustento para os jovens. Essa medida se articula com a intenção de supressão das turmas pletóricas, já mencionadas no primeiro capítulo, que ainda são um problema que na realidade os jovens e adolescentes têm enfrentado na vida escolar.

Portanto, podemos dizer que as estratégias apontadas no plano de iniciativas que beneficiam os jovens são bastante promissoras, mas que a sua execução e praticidade em alguns pontos não tiveram um marco inicial, como, o cartão jovem que poderá ser usado pelos estudantes com uma capacidade financeira talvez baixa e que o mesmo tem como objetivo proporcionar descontos nas compras ou outros custos ligados a entretenimentos e serviços. Esse cartão se assemelha à carteira de estudante no Brasil. Contudo, muito ainda há a ser feito

em busca de melhorias para a vida estudantil e social dos jovens para que a situação hoje venha a ser equilibrada.

Esta breve retrospectiva histórica que engloba a situação atual das políticas públicas educacionais sintetiza um movimento nacional, reflexo das transformações sociais profundas, vivenciadas em Angola. Poderíamos nos perguntar, por exemplo, qual é o significado de um modelo de organização centralizado e elitista, piramidal e hierarquizado? Ou mesmo porque disciplinas marxistas foram suprimidas do currículo? Que disciplinas eram essas? O que representou a inserção das demais línguas nativas no currículo acadêmico? Essas e outras questões são importantes de serem investigadas, mas, por si só, daria outro trabalho de mestrado, o que foge do escopo desta dissertação.

Para nós, entretanto, é importante dizer que é neste contexto que estamos a investigar o problema do recreio. Esta foi uma escolha política para o atendimento da população que necessita de escolarização. No entanto, achamos valor nessa discussão porque entendemos que o aluno, como um ser ativo no processo escolar, necessita não só de satisfazer suas necessidades de relaxamento, mas também necessita de um tempo em que possa agir por conta própria, escolher o que deseja fazer e construir sua identidade enquanto aluno. Dessa forma, colocamos novamente a interrogação: uma vez que o recreio escolar foi suprimido por uma escolha política de utilização de tempos e espaços, os intervalos são realmente cumpridos nos tempos a eles destinados de cinco minutos? De que forma os alunos reagem a essa nova exigência de um tempo mais compacto? Essa mudança no tempo escolar tem garantido melhor qualidade no ensino? Mas, se isso não ocorre na prática, o que realmente se passa nas escolas angolanas? Essas indagações nos ajudam a entender os sentidos que os alunos dão a este momento de recreio escolar e as estratégias que utilizam na construção de sua identidade enquanto alunos. Vejamos, agora, mais acuradamente, como vem se constituindo essa questão durante a segunda reforma educativa.

1.3. O recreio escolar e a organização de tempos e espaços na Segunda Reforma Educativa

O recreio escolar é um momento/tempo reservado para o lazer, relaxar a mente. É um momento de diversão e aprendizagem ao mesmo tempo. Entendemos o recreio escolar como parte da identidade cultural de uma sociedade escolarizada. Por meio dele, realizam-se jogos e brincadeiras que são transmitidas de uma geração a outra. Esta prática se torna uma tradição em quase todas as escolas do mundo.

Ao recordar minhas próprias vivências na escola, nos anos de 1980, ainda quando menino, no período da primeira República, sempre existia o tempo reservado para o recreio escolar. A professora Ana da 3ª classe nos colocava em roda, brincando do “Lencinho”, “Rato e Gato”, “Stop”, entre outras brincadeiras. Por vezes, nos juntavam com os alunos das outras turmas, porém do mesmo nível de escolaridade para podermos brincar. Esta prática fazia com que nos familiarizássemos com os demais colegas da escola e fortificava a nossa amizade.

Havia dias em que não era preciso a presença da professora nos jogos. Ficávamos livres, mas sempre sobre o olhar dela, que podia intervir, caso houvesse uma briga ou um confronto entre nós. A professora era uma grande autoridade e tínhamos um respeito absoluto por ela que nos supervisionava e impedia maus tratos de um colega sobre o outro.

O mesmo acontecia no segundo nível, nas 5ª e 6ª classes, já na faixa dos 12 a 15 anos de idade. Existia o tempo livre para recreio e recebia o nome de “tempo de borla”. Fazíamos jogos diversos tais como: “Amalha”, “Tocada”, “Salto de corda”, jogávamos futebol e posteriormente assistíamos os dois últimos tempos de aulas já bem animados e com muita disposição.

As aulas de educação física eram dadas no horário normal de aulas, e posteriormente podíamos continuar com outras disciplinas do dia até o final do horário. O tempo era respeitado na íntegra. As escolas tinham banheiros que eram usados depois de uma boa aula de educação física que favorecia um relaxamento mental e uma boa higiene. Existiam, também, cantinas escolares e espaços próprios para a realização de jogos e atividades físicas.

Na Segunda Reforma Educativa, o Ensino Secundário é compreendido por alunos de 12 a 16 anos de idade. Do ponto de vista sócio-afetivo, esta é a faixa de idade em que se estabelecem relações com adolescentes da mesma idade e trocam experiências, produzindo um grande mundo de conhecimentos. Macedo (2009), apoiando-se nos trabalhos de Piaget (1994), apresenta um paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e a evolução do pensamento. O autor explica que esses aspectos não constituem duas realidades independentes, mas se complementam em todas as atividades psíquicas. Entendemos que nessa idade os adolescentes jovens encontram-se em constante movimento sendo que a atividade motora ganha lugar no seu ambiente de lazer e aprendizagem. Segundo o que está estabelecido no currículo de Angola, a função social deste ciclo é proporcionar aos alunos os conhecimentos necessários e com qualidade requerida para os levarem a desenvolver as suas capacidades, aptidões e promover uma cultura de valores para a vida social e produtiva que o país exige (OCTÁVIO, 2011).

Partindo deste pressuposto os tempos escolares foram preenchidos com as disciplinas cujos conteúdos visam atingir os objetivos preconizados. Os horários escolares são totalmente preenchidos com as disciplinas teóricas e práticas como a disciplina de educação laboral². A exceção é a disciplina de educação física, que passou a ser administrada no horário oposto (quer dizer, se os alunos estudam no período matinal, fazem educação física no período vespertino) ou mesmo nos finais de semana. Dá-nos a entender que o tempo de estudo formal ficou mais extenso com aumento das disciplinas práticas, o contrário da Primeira República, onde havia um tempo maior para uma formação mais global dos estudantes com a incorporação de momentos de lazer.

Na segunda Reforma Educativa, a questão do recreio, nosso objeto de estudo, não figura no currículo, assim como nos horários escolares. O que existe é um intervalo de cinco minutos entre as aulas, momento em que os alunos, levando em consideração a carga horária, aproveitam para satisfazer as suas necessidades do lazer em todas as vertentes em detrimento das condições que a escola oferece. Esta análise foi feita pela constatação da planificação/planejamento dos tempos escolares (horário escolar) da escola pesquisada³.

Corroborando a análise feita ao plano curricular da Segunda Reforma Educativa para o 1º ciclo do ensino secundário, a Lei de Base do Sistema de Educação nº 13/01, no artigo 49º diz o seguinte: “a educação extraescolar realiza-se no período inverso ao das aulas e tem como objetivo permitir ao aluno o aumento dos seus conhecimentos e do desenvolvimento harmonioso das suas potencialidades em complemento da sua formação escolar”. Mais adiante, ainda no mesmo artigo, no seu parágrafo 2º diz o seguinte: “a educação extraescolar realiza-se através de atividades de formação vocacional, da orientação escolar e profissional, da utilização racional dos tempos livres, da atividade recreativa e do desporto escolar”. Partindo destes pressupostos, chegamos ao entendimento de que o recreio escolar, que foi suprimido na Segunda Reforma, foi substituído pelas atividades extraescolares. Estas se constituem de jogos nos finais de semana organizados fundamentalmente pelos professores de educação física e outros por meio de projetos dos Ministérios de Educação, Juventude e Desporto. Os jogos são organizados anualmente, a cada fim do ano letivo, albergado em um acampamento ou condomínios gemino-desportivos em que alguns alunos representam as escolas das províncias de Angola.

²Disciplina de Educação Laboral: é uma disciplina de educação visual plástica, onde o aluno aprende a arte manual, desenhos e pintura para o desenvolvimento artístico.

³ Este horário será analisado mais adiante.

Schmidt (1969), no seu livro sobre educar pela recreação, leva-nos a refletir que as atividades extraescolares são oportunidades por excelência de educação do senso social, pelo fato de desenvolverem a responsabilidade e o sentido do senso da ação social para a vida comunitária. Concordamos com esse ponto. No entanto, acreditamos que o recreio escolar difere das atividades extraescolares.

O recreio escolar é um momento em que os alunos, de forma livre, procuram uma realização própria; momento de socialização em que os sujeitos escolhem o que fazer deliberadamente. É um momento lúdico em que o aluno entra em contato com a natureza e o ambiente escolar, exercitando sua autonomia. De certa forma, ao fazê-lo, revela o aluno quem ele é. As atividades extracurriculares, por sua vez, possuem um caráter organizacional, monitoradas pelos professores que trazem orientações explícitas para os alunos. As atividades extracurriculares possuem outro olhar do ponto de vista das entidades organizadoras e procuram responsabilizar o aluno sobre os seus atos durante essa prática, uma vez que são atividades realizadas no coletivo, diferenciando-as do recreio, que pode ser realizado por pequenos grupos em rodas de conversas ou de forma individual escolhendo o que fazer para a sua própria satisfação.

Essas diferenças nos fazem voltar novamente para nosso ponto de discussão. Formalmente, o recreio inexistente atualmente nas escolas angolanas. Se ele existe, acontece de forma despercebida, principalmente para os professores, dentro do horário normal de aulas. Partindo destes pressupostos começamos o próximo capítulo com questionamentos que vão buscar, de certo modo, a nossa reflexão sobre o assunto.

CAPÍTULO 2: Fundamentação Teórica

A pretensão de investigar o que os alunos pensam e o que fazem no tempo reservado para o recreio escolar e de que maneira esse tempo/espço se relaciona com o conjunto de atividades desenvolvidas na escola, nos leva a buscar referências teóricas que entendam que os alunos e os professores são sujeitos que se produzem nas práticas sociais concretas. Assim, o recreio é parte integrante da estrutura escolar, fundamental na formação do aluno.

De uma forma geral, tomando como base nossa experiência na escola, podemos dizer que essa atividade realiza-se em pequenos grupos ou aglomerados de alunos que tratam sobre um assunto, realizam jogos ou aproveitam o tempo para a merenda e outras brincadeiras. Neste curto período de tempo para o recreio, achamos que os alunos atribuem vários sentidos a ele e, de certa forma, algum conhecimento é consolidado. Acreditamos que o recreio é uma atividade estruturada na relação dos alunos com os recursos disponibilizados ou não pela escola, assim como dialoga com outros tempos instituídos pela mesma. Que tipo de estrutura é essa? Qual é a abordagem temática que se processa durante esse intervalo de tempo? Quais são os sentidos atribuídos ao recreio escolar? Que diálogos o recreio mantém com os processos de escolarização vivenciados pelos alunos? Essas são algumas das questões que procuraremos responder ao longo da pesquisa.

Esse capítulo, portanto, se organiza da seguinte forma: iniciamos com uma discussão mais ampla sobre a adolescência e juventude para, em seguida, abordar a adolescência e juventude no espaço escolar angolano, nossos sujeitos da pesquisa. Logo após, passamos a refletir sobre a escola, seus tempos e espaços de formação e finalizamos apresentando os conceitos de sentido, significado e de aprendizagem situada, anunciados anteriormente.

2.1 A adolescência e a juventude como conceitos da atualidade

A adolescência tem sido tema de reflexão desde os finais do século XVIII e início do século XIX. Desde que foi considerada como uma ideia possível de ser investigada, a adolescência tomou diferentes concepções tais como: “juventude, mocidade, adolescência, puberdade, flor de idade, novo” (SILVA e LOPES, 2009).

Do Latim a palavra Adolescência significa crescer para (advinda das raízes *ad*, que significa para e *olescer*, crescer, que somadas resultam na expressão crescer para) (Pereira, (2004). O termo surgiu na civilização ocidental no século XX, tendo considerado a questão do jovem como “problema”, um momento de crise (BACKER, 1986). Em Revista da

Universidade Federal de Goiás, Pereira (2004), partindo da etimologia da palavra, traz-nos a ideia de que a adolescência significaria *strictus sensu* “crescer para”. É uma ideia de que a adolescência é uma fase de desenvolvimento da personalidade, de preparação para o que está por vir. Assim como na concepção de infância, a ideia de adolescência enquanto fase de desenvolvimento, especialmente como preparação para algo que ainda está por vir, tem sido amplamente discutida. Para além de sujeitos que se preparam para vir a ser adultos, a adolescência e a juventude caracterizam-se principalmente como um momento específico da vida humana que produz cultura e se relaciona com a cultura adulta de modo a também transformá-la.

Sabemos que este é um conceito multifacetado que depende da perspectiva teórica em que essa abordagem é feita. O sujeito considerado como adolescente/jovem é aquele tido como menor de idade, ou seja, entre 12 a 18 anos, segundo o que está regulamentado, por exemplo, no Brasil. Assim sendo, podemos pensar na adolescência/juventude em uma abordagem filosófica, psicológica, sociológica, cultural, abrangendo sua diversidade do ponto de vista de gênero, etnia, classe social. É importante compreender que essa categoria geracional só pode ser pensada e analisada em relação às demais gerações: adultos, crianças, idosos. Adolescência compreendida entre os 13 aos 24 anos de idade é perspectiva que caracteriza o adolescente na visão biológica através do seu desenvolvimento e a metamorfose que o corpo do sujeito sofre neste período.

A maneira pela qual o Estado, a sociedade e a família se organizam, imprime sentido e significado e esse ser adolescente ou jovem. Referimo-nos a este aspecto porque a estratificação social demanda a caracterização dos indivíduos dentro dela, por meio de suas condições sociais ou status. Podemos dizer que existem adolescentes de pais ricos, pobres, e os sem família. Em alguns casos, o adolescente sofre de carência desde a falta de educação no contato familiar e mesmo no escolar, condições e oportunidades de formação profissional; o que no futuro, na maioria das vezes, se reverte no alto nível de desemprego. Em outros, o adolescente é protegido social e afetivamente, usufruindo de oportunidades que lhe asseguram um futuro promissor. Logo, ao caracterizar os adolescentes/jovens não podemos tomar como universais, os comportamentos, as indagações e os vários problemas sociais que eles enfrentam. Em vista disto, valemo-nos de, pelo menos, dois campos do conhecimento, a sociologia e a psicologia, para tecermos algumas considerações acerca desta categoria geracional.

No enfoque da sociologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais, encontramos vários escritos voltados à adolescência e juventude na visão do nosso grande escritor Juarez Dayrell, pelo que nos valem do seu artigo publicado na revista *Educação em Revista*, onde o autor faz uma abordagem sobre juventude, grupos de estilo e identidade Dayrell (1999). Parafrazeado o prestigiado Professor, entendemos que o jovem/adolescente é um ator social, resultado das pré-disposições que a sociedade oferece através dos tempos, considerando a sua própria identidade que se realiza através dos grupos ou representações sociais (*Ibidem* 1999). Nos espaços sociais, por meio das práticas socializadoras e culturais, os jovens se produzem como seres sociais: “significa dizer que esses grupos têm funcionado como um espaço que articula as identidades, de orientação de condutas e na elaboração de projetos individuais e coletivos” (*Ibidem*, 1999, p. 27).

O argumento apresentado pelo autor é de que o jovem é um sujeito social e, portanto, como dito anteriormente, fruto de experiências vividas em práticas sociais concretas. Isso significa dizer que o jovem se constrói em uma cultura específica e, por meio dela, exprime seus dilemas e seus anseios. No entanto, a sociedade, de uma maneira geral, constrói algumas imagens da juventude que são partilhadas na contemporaneidade.

Uma delas pensa a juventude como transitoriedade em que o jovem é visto como um “vir a ser”, ou “aquele que ainda não chegou a ser” (DAYRELL, 2003, p. 40). Nessa visão, a juventude tem no futuro, o sentido de suas ações no presente. Outra visão explicitada por esse mesmo autor se traduz em uma imagem romântica em que a juventude seria um momento de liberdade e de prazer, visão essa corroborada pela mídia e pelo mercado de consumo dirigido aos jovens. Outra imagem vê a juventude como um tempo de ensaio e erro, de experimentação, isentando o jovem de responsabilidades. Essas imagens ainda se complementam com outra em que a juventude é vista como um momento de crise, de conflitos, em que o jovem se vê às voltas com sua própria autoestima. Essa crise também se estenderia para a família e a escola, causando um distanciamento do jovem dos demais grupos geracionais. O autor, então, nos alerta para o risco de nos prendermos a essas imagens, muitas vezes consolidadas em nossa sociedade, dificultando uma apreensão da maneira pela qual os jovens constroem suas experiências. Assim, mais do que pensar em uma forma única de ver o adolescente/jovem, Dayrell (2003) nos convida a refletir sobre juventudes, no plural, considerando, dessa forma, seus aspectos históricos e culturais.

Essa maneira de ver a juventude entende que, por um lado, há um caráter universal, expresso pelas transformações biológicas e mesmo psicológicas próprias dessa faixa etária e,

por outro, um caráter particular, devido à maneira como cada sociedade e cada grupo social, em um dado momento histórico, lida com seus adolescentes e jovens. Essa diversidade tem por base as classes sociais, as diversidades de gênero, etnia, as diferenças regionais, culturais, dentre outros aspectos. Ainda segundo Dayrell (2003), compreender a adolescência/juventude significa muito mais do que entendê-la como etapa da vida dos sujeitos, com um fim determinado ou mesmo como preparação para a fase adulta. Significa compreendê-la “como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos mais específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social” (DAYRELL, 2003, p. 42).

Assim como na Sociologia, o campo da Psicologia também tem se debruçado de forma a ter uma compreensão dos sujeitos adolescentes/jovens. Alguns enfoques da Psicologia enfatizam a predominância biológica entendendo a adolescência como uma fase que se inicia na puberdade e que tem como característica principal a mudança hormonal e fisiológica. Dentro dessa perspectiva, alguns discursos generalizados minimizam o adolescente de desejos e de seu espaço na sociedade e no mundo, sendo encarado do ponto de vista que se resume em crise psicológica, conflitos e mudanças fisiológicas (*Ibidem*, 2003). Essa perspectiva reforça uma imagem negativa que a sociedade tem dos jovens.

Outra perspectiva sobre o adolescente, segundo o psicanalista Erik Erikson (1956-1959) citado por Backer (1994) considerava que a principal “tarefa” seria neste caso a aquisição de identidade do ego. Até hoje este fato verifica-se nas atitudes ou comportamento dos adolescentes jovens que atendendo a uma questão multicultural fazem com que esse mesmo adolescente jovem sofra influências que de certa forma induzem positiva ou negativamente a sua identidade e inserção no mundo social. Esta crise dá-se pelo fato de ser um período de influências e experiências que muitas vezes vão de encontro às normas sociais provocando angústia, repúdio, passividade, dificuldade de relacionamento. Surge daí a “confusão de identidade”. Um exemplo disso, segundo Backer (1994), é a confusão que muitas vezes se instaura na aproximação entre os sexos. O apaixonar-se, tão frequente nesse estágio, seria para ele de natureza menos sexual do que em idades posteriores. A realidade hoje mostra que o número de adolescentes que traduzem de outra forma as relações entre eles é grande. Daí, surgem as gravidezes indesejáveis e o adolescente passa neste caso a assumir uma postura de adulto prematuramente.

A adolescência ainda é vista como um estágio em que o indivíduo tem muitas perguntas a respeito da vida, da sociedade, dos grupos e das várias representações sociais que

se apresentam nas sociedades atuais. Vivemos hoje uma cultura em intensa mutação de hábitos e costumes sem que haja tempo para a sua assimilação. Os adolescentes estão cada vez mais submetidos às regras sociais que definem modelos que lhes é proposto para o enquadramento deles na vida social. “A inclusão da criança ou adolescente no mundo da civilização passa pela educação. Quando se educa, espera-se que o educando reproduza o saber a ele transmitido” (MIRANDA, 2001, p.66). Essa é a forma como a sociedade constrói um ideal para traçar o futuro do adolescente ou jovem.

No entanto, ainda de acordo com Miranda (2001), apesar de existirem normas sociais às quais todos somos submetidos, há possibilidades de o adolescente, por si mesmo, ter a sua capacidade de escolhas buscando aquilo que para ele faz sentido e se identificando como um ser que, através da sociedade, pode construir seus próprios valores e significados. Dessa forma, nem sempre o que é definido como certo pela sociedade é o melhor para o adolescente. No dizer de Miranda:

supostamente essa seria a educação mais bem-sucedida. Porém, não é isso o que se observa com os filhos bonzinhos e não se pode fazer uma correspondência coerente entre filhos rebeldes e aqueles que mais tarde se deram mal na vida (Ibidem 2001, p. 66).

A questão do adolescente/jovem dar outro sentido às normas sociais para a sua própria satisfação, realização e construção de conhecimento, enquadra-se na realidade do adolescente em Angola no espaço escolar, foco desta pesquisa. A partir do ponto em que legalmente é suprimido o recreio escolar no horário normal de aulas, levando em consideração a necessidade de se aproveitar ao máximo o tempo escolar para esses adolescentes/jovens, o recreio passa a acontecer de forma despercebida, extrapolando o processo legal. Essa transgressão, acordada também pelo corpo docente, não surge apenas como um ato de rebeldia, mas como uma busca de significação da organização escolar e de satisfação própria, dando outro sentido a essas mesmas normas sociais.

Para além da sociedade em geral, a instituição familiar é considerada o grupo social mais forte para dar sustentação ao adolescente. Os pais, hoje e sempre, têm a tendência de fazer com que os adolescentes (filhos) atendam aos ideais por eles traçados julgando serem os mais apropriados. A maior preocupação é proteger o filho de tudo que supostamente acham errado. Os filhos, neste caso, enfrentam alguns conflitos em entender as diferenças entre as perspectivas dos pais e os seus próprios desejos. Quanto mais claro for a visão deste quadro melhor será a acomodação dos conflitos. Os modelos criados pelos pais fazem com que as

atitudes dos adolescentes sejam diferentes e que as diferenças pareçam maiores do que de fato são (AZEVEDO, 1995; p. 22).

O clima existente entre a sociedade e a família em relação aos cuidados com os adolescentes, passa a ser uma conversa entre a família e a escola. Essa conversa tem por base a contradição vivida pelos adolescentes e jovens, uma vez que desejam ser protegidos, mas que se afastam de quem os possa educar. Miranda (2001) traz para reflexão a posição de pais que assumem ser preciso tomar bastante atenção em relação aos adolescentes e jovens:

Os pais costumam a apontar saídas como a paciência e o diálogo para melhorar a sua relação com os adolescentes. Também reconhecem a importância de dar liberdade aos filhos e ao mesmo tempo impor limites. Ou, na rica metáfora que ouvimos de uma das mães em uma reunião de pais: “filhos adolescentes? Tem que soltar a corda e segurar a ponta” (MIRANDA, 2001, p. 77).

Nesta seção, procuramos fazer uma pequena resenha sobre o entendimento que se tem sobre o adolescente de uma forma geral, salientando a visão das várias adolescências, dependendo de como uma sociedade estiver organizada. Esta reflexão nos leva à próxima seção, onde poderemos apresentar aspectos da adolescência e juventude no contexto escolar angolano.

2.2. A adolescência e a juventude no contexto escolar angolano

A reflexão sobre a adolescência e a juventude no contexto escolar angolano tendo em conta o percurso histórico de Angola, não se compara com outras realidades existentes. Em alguns casos, os jovens angolanos são bastante lutadores com um espírito forte de vencer todas as lutas que o país sofre. Tanto na escola como na sociedade em geral, participam ativamente tendo como meta a melhoria das condições sociais.

A escola hoje tem sido muito invadida pelos adolescentes e jovens que procuram, de certa forma, dar uma virada positiva em seu nível acadêmico. O jovem angolano, de uma maneira geral, está cada vez mais a procurar evoluir o seu status. A participação dos jovens nas escolas para o resgate e preservação da cultura angolana tem sido um fato que se registra nas escolas de Angola especificamente em Cabinda, onde a quarta-feira se torna o dia em que os alunos se vestem com o traje africano ou o traje da cultura de Cabinda.

Na escola, os jovens/adolescentes têm uma forte capacidade criativa para o mundo científico e artístico. A dança, a música, o teatro, o desporto e outras atividades culturais fazem parte da convivência no ambiente escolar. A preparação para a condução da nação angolana é o objetivo da maioria, por isso a escola serve como um lugar para a construção do

homem novo. Por meio das disciplinas de educação visual plástica, desenvolveu-se o sentido artístico na escola. Os alunos fazem muitos desenhos em seus tempos livres. Essa tem sido a imagem visualizada em grande número das escolas angolanas, o que tem sido uma alegria. No ambiente escolar verifica-se um clima rico de jovens e adolescentes voltados a música do ritmo Hip hop, Kizomba e o Kuduro que é uma das vertentes musicais com maior expressão por ser o estilo de música feito na maior parte dos casos pelos jovens e adolescentes.

Em algumas regiões de Angola, como em Cabinda e as províncias do leste do país, os adolescentes e jovens ainda passam pela escola tradicional da cultura do povo. Essa escola se caracteriza por uma educação que consiste na preservação e transmissão de valores culturais como um patrimônio da identidade do povo. Essa informação é passada para todos os gêneros, em espaços apropriados. São usados vários métodos de transmissão destes saberes tais como: histórias dos antepassados, canções, e experiências de vida. Na cultura Cokwe, por exemplo, os espaços usados para estes ensinamentos são conhecidos como Jango de pau a pique, tradicionalmente denominado como “Txota”, um espaço para resolução de problemas e passagem de saber. Este espaço pode ser embaixo de uma árvore grande ou uma cabana em forma de esplanada. Os ensinamentos são passados durante uma noite familiar (serão) ou durante as festas tradicionais. Quanto à preservação de valores culturais é no Jango onde os rapazes, assim como as meninas, aprendem o fabrico de peças de arte, instrumentos de pesca e caça, alguns adágios que servem de normas, bem como a fazer uma armadilha para apanhar animais para o consumo. Existem rituais tais como a circuncisão para rapazes no leste de Angola, onde o jovem é submetido a uma educação tradicional, em que são passadas as bases fundamentais de se firmar como responsável e contribuinte para a renda familiar, para posteriormente dirigir a sua vida familiar e social.

Já em Cabinda, essa educação é passada de forma rigorosa na região central às meninas, por meio do ritual denominado Chicumbi. As famílias se organizam por meio de contribuições de mantimentos e bebidas diversos, fundamentalmente as bebidas tradicionais naturais e as fermentadas, para uma festa onde as comidas são feitas à lenha. Organizam-se pequenos grupos entre os familiares e cada grupo prepara ao longo da festa um tipo de iguaria a ser consumida no local entre amigos e convidados. É um ritual educativo onde a jovem/adolescente é surpreendida e apanhada à força a fim de ser submetida ao ritual tão logo que atinja a fase da puberdade. É surpreendida porque, segundo a tradição, a adolescente/jovem em causa nunca pode saber da organização da festa ou da sua submissão ao ritual. Oferecem-lhe um passeio para uma localidade dentro da região ou lhe é sugerida a

passagem de um fim de semana na casa de algum parente. Logo em seguida, a jovem é convidada a regressar para casa com urgência e acompanhada de uma tia ou uma pessoa adulta da família, desde que não sejam os seus pais. A jovem é apanhada, faz-se um disparo com uma arma de fogo e logo em seguida a adolescente/jovem é levada para um quarto. Lá suas roupas são retiradas e seu corpo é pintado de argila vermelha. Os cabelos são cortados, a não ser que um namorado se apresente e ofereça para pagar por seus cabelos. Neste caso, não se corta o cabelo da jovem. Outra possibilidade é um tio pagar um valor monetário para impedir o corte dos cabelos da jovem. Dando prosseguimento ao ritual, a jovem come uma galinha sozinha, e passa as noites durante uma semana dormindo em esteira. Através das tias e avós, recebe ensinamentos de como ser mulher e cuidar de sua futura família e ser uma boa dona de casa no futuro. Após o ritual, a jovem tem a permissão de ter um namorado, caso ainda não tenha tido. Para aquela que já tinha namorado antes do Chicumbi, fica em aberta a possibilidade de se organizar o casamento tradicional e a permissão de ter filhos.

Fizemos essa apresentação de costumes angolanos, a fim de aclarar que existem outras formas de educar, outras escolas com os ensinamentos que são passados na língua local de uma perspectiva étnico-racial. Assim, ilustramos como é entendida a escola no contexto Africano especificamente em Angola, em que outros saberes se misturam com os saberes transmitidos pelas escolas tradicionais, estes baseados na cultura europeia. Neste universo multicultural, o adolescente/jovem angolano vai forjando sua identidade.

Essa multiplicidade de experiências mostra a singularidade do jovem angolano. Na escola, além de enfrentar problemas de materialidade, tais como: a falta de material didático, número reduzido de salas, as condições físicas e ergonômicas das salas de aulas - transporte escolar, dificuldades de acesso aos outros níveis escolares, escolas com número reduzido de carteiras, falta de bibliotecas escolares - existem tensões permanentes vivenciadas por esses jovens. Essas tensões provêm em parte da necessidade de dar sentido à articulação de, pelo menos, duas culturas: a cultura original angolana, com seus rituais, sua língua e sua visão de mundo e a cultura europeia, trazida pelo português e veiculada, no caso da escola, por meio da organização dos tempos e espaços escolares e saberes transmitidos. Essas tensões, aliadas às precárias condições de vida, à recente experiência da guerra, muitas vezes levam os jovens ao uso excessivo de bebidas alcoólicas.

2.3. A escola como tempo e espaço de formação

A escola é vista como um espaço de construção de saberes para a formação de um indivíduo. Por meio das condições que ela oferece, permite o desenho do perfil do homem do ponto de vista acadêmico e profissional. Ponce (2009), no seu artigo que trata sobre o que a escola oferece para os jovens, traz-nos uma reflexão de que a instituição escolar é privilegiada como um espaço de construção de cidadania que incentiva a construção de um diálogo democrático que visa a formação de valores.

A escola em si mesma veste-se de princípios, funções que dão corpo à sua forma original, à sua gramática. “É a instituição que foi responsável pela difusão da escrita e pela sua expansão, assumiu-se como um fenômeno global” (Antônio, 2004). Desta feita, as organizações internacionais, os governos nacionais, procuram criar inovações, filosofias, políticas educacionais voltadas a formação do homem, e muitos relatórios são feitos sobre o que deve ser entendido como escola (Antônio, 2004, pp. 41-42).

A educação desde os primórdios proporciona campos de disputa e desenvolvimento de saberes tendo em conta o desenvolvimento e os desafios que o homem vem enfrentando. O conhecimento humano, em relação a sua adaptação ao meio ambiente, tem evoluído bastante, e a escola assume o papel de academia que fortalece o homem para esses desafios. A escola como espaço de formação, segundo António Nóvoa (2001), assenta-se sobre quatro pilares: as Políticas Educativas; O Sistema de Ensino; A Organização Escolar e Trabalho Pedagógico. Esses quatro pilares proporcionam uma abordagem sobre a escola, especialmente no momento atual em que a escola ocupa um tempo cada vez mais longo na vida social. E talvez seja tido como espaço que vinca a estabilidade e mantém o homem alicerçado para vida social, profissional e econômica. “A escola, espaço estratégico dessa prática social é uma instituição cujo papel está conjugado às questões postas em seu presente histórico, exige constante redefinição do seu trabalho e da cultura escolar” (NASCIMENTO, 2009, p. 375).

Portanto, a Escola como uma instituição organizacional e de formação do homem, exerce o papel de socialização e de construção de conhecimentos em um período de tempo especialmente pensado para que os processos educativos possam acontecer. Como as mudanças sociais ocorrem em uma velocidade cada vez maior, a instituição escolar precisa se rever a todo momento. Daí surgem as reformas educativas que, de certo modo, nunca satisfazem a nova necessidade social. Porém, a escola de hoje, em alguns aspectos, não é mais aquela do princípio do século, nem sequer a escola da reprodução descrita por Bourdieu. A

escola sofreu mutações que engendraram as contradições estruturais e os paradoxos nela existentes (CANÁRIO, 2001, p. 143).

Exemplificando essa reflexão com o objeto de nossa investigação, percebemos que, em Angola, o Sistema Educativo sofreu muitas reformas. Porém, nem sempre essas reformas atendem às novas demandas sociais. Ou o fazem em parte. Observamos que a última reforma levou à supressão do recreio escolar para atender ao aumento expressivo do número de estudantes que demandavam uma escolarização formal. Entretanto, essa foi uma resposta que atendeu apenas uma parte do problema, deixando a questão de uma real formação dos adolescentes e jovens em aberto. Daí, a nossa indagação: de que maneira a mudança na organização do tempo, em função do atendimento de um maior número de alunos, alterou a qualidade do trabalho educativo? Como os alunos percebem essa mudança? Ela ocorre efetivamente?

A escola pode ainda ser vista como uma instituição voltada à formação do homem através da reflexão sobre suas práticas para construção dos saberes que levam o homem a entender, desenvolver e transformar o seu meio social. No entanto, é importante deixar claro que o exercício pedagógico, a construção de conhecimentos e da cidadania não se processa apenas em sala de aula. Existem diferentes espaços formativos, “espaços locais, nacionais e globais, públicos e privados, individuais e coletivos. Espaços de filiação e de identidade de socialização e de diversidade cultural” (NÓVOA, 2001, p.11). Destes espaços apontados por Nóvoa, na escola, encontramos o espaço de recreio/intervalo escolar. É por meio de grupos (espaço coletivo) que os jovens adolescentes se apropriam e partilham saberes e constroem conhecimentos. É importante levarmos em consideração que a escola é o lugar ideal para refazer os laços de um compromisso que é simultaneamente social e pedagógico, com a formação das crianças, adolescentes e jovens.

Em uma escola que se pretende formadora, a organização dos tempos e espaços é um fator crucial. Um rápido olhar na História da Ciência nos mostra que o ser humano vem se debatendo com a questão do controle do tempo, desde tempos imemoriais. Prova disso é a construção de vários instrumentos de medida de tempo, como o relógio de água ou clepsidra, a ampulheta, os relógios mecânicos e o calendário e a formulação conceitual do tempo por cientistas renomados como Isaac Newton, Albert Einstein e Stephen Hawking. O tempo também tem sido motivo de disputa nas relações sociais de trabalho, na organização da vida privada, na regulação da vida humana, de forma mais geral.

O documento da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEEMG), Sistema de Ação Pedagógica também nos traz uma referência sobre a organização do tempo escolar. Segundo o Ex-Secretário de Educação Murílio Hingel:

o tempo e os espaços escolares e a sua utilização, conforme a proposta pedagógica da escola, constituem parte essencial do processo de ensino e aprendizagem. É no ambiente escolar que se estabelecem as trocas de experiências e conhecimentos, sempre regidas pelas condições ambientais, sociais, culturais dentro e no entorno da escola (SEEMG, p.5, [200-]).

Teixeira (1998), na sua tese de Doutorado, leva-nos ao entendimento de que a escola acompanha a evolução do mundo moderno e os seus tempos vão de acordo com o paradigma da produtividade resultante das reformas educativas, e dos processos administrativos “burocráticos marcados por temporais peculiares: sirene, relógios, grades curriculares, calendários, horários, agendas, entradas, saídas, etc. Esses tempos definem os contornos dos conhecimentos das aprendizagens, das séries, e dos horários e dos calendários escolares” Com essa reflexão, a autora nos mostra que a organização do tempo na escola não é neutra, mas carregada de interesses. A quem interessa determinada construção dos tempos na escola? Com qual interesse se constrói os calendários escolares, os horários de aula e recreio, as entradas e as saídas?

Partindo desta reflexão, poderíamos pensar na organização dos tempos escolares na Escola do 1º Ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II em Cabinda, levando em consideração a Segunda Reforma Educativa em Angola, uma vez que a preocupação com o aproveitamento do tempo é significativa para o cumprimento dos programas semestrais e anuais do processo de ensino. No entanto, poderíamos perguntar: a quem interessa a supressão do recreio escolar? O intervalo de cinco minutos, como orienta a nova reforma, está sendo cumprido? Se não está, o que vem ocorrendo de fato na escola? Como está sendo aproveitado o tempo e o espaço escolar na escola em causa?

Neste caso, os tempos e espaços escolares fazem parte da estrutura da organização escolar, constituindo-se como momentos formadores em lugares reais onde se processa o aprendizado, nomeadamente a sala de aula, os jardins escolares, a sala de jogos, o pátio escolar, a quadra desportiva etc.

Ainda segundo a SEEMG e em concordância com a Especialista em Gestão Escolar pela UFMG, Vilma Rodrigues (2011), no artigo em que aborda sobre tempos e espaços escolares, enquadra a escola como uma instituição que ocupa um espaço e um lugar seja ele adequado ou não, mas um lugar onde as relações se estabelecem, criando uma história, cultura

e conhecimento por meio dos grupos que utilizam esse mesmo espaço escolar. Esse espaço, que tem uma grande importância formadora, deve ter uma organização e flexibilidade em relação ao tempo tendo em conta as necessidades dos elementos envolventes, as idades e as diferenças de aprendizagem dos alunos. Por isso, os espaços escolares devem conter um ambiente agradável que incita no aluno a vontade de permanecer nele e conviver com os demais colegas.

Ancorando-nos na reflexão feita, entendemos por espaço de formação, todo o lugar ou ambiente onde os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, entram numa relação de troca de saberes, cuja interação se processa num tempo determinado que é o tempo escolar, por meio de programas, calendários e conteúdos. A aprendizagem não se processa apenas em salas de aulas, mas em outros espaços onde esse processo flui com outros sentidos e significados, como o espaço do recreio/intervalo escolar, que é o nosso tema de pesquisa. Neste espaço, os alunos são livres e como seres sociais possuem suas necessidades que precisam ser supridas em função do tempo de exposição em sala de aula. Este espaço é real e faz parte do ambiente escolar e acontece dentro de um tempo determinado pela organização dos tempos nesta instituição.

O recreio escolar é um momento em que os alunos, de forma livre, procuram uma realização própria; momento de socialização em que os sujeitos escolhem o que fazer deliberadamente. É um momento lúdico em que o aluno entra em contato com a natureza e o ambiente escolar, exercitando sua autonomia. De certa forma, ao fazê-lo, revela o aluno quem ele é. As atividades extracurriculares, por sua vez, possuem um caráter organizacional, monitoradas pelos professores que trazem orientações explícitas para os alunos. As atividades extracurriculares possuem outro olhar do ponto de vista das entidades organizadoras e procuram responsabilizar o aluno sobre os seus atos durante essa prática, uma vez que são atividades realizadas no coletivo, diferenciando-as do recreio, que pode ser realizado por pequenos grupos em rodas de conversas ou de forma individual escolhendo o que fazer para a sua própria satisfação.

Essas diferenças nos fazem voltar novamente para nosso ponto de discussão. Formalmente o recreio é inexistente atualmente nas escolas angolanas. Se ele existe, acontece de forma despercebida, principalmente para os professores, dentro do horário normal de aulas. Partindo destes pressupostos começamos o próximo item com questionamentos que vão buscar, de certo modo, a nossa reflexão sobre o assunto.

2.3.1. Recreio ou Intervalo?

Segundo Neunfeld (2003), o recreio é uma palavra derivada do recrear, significando divertimento, prazer. Esse mesmo autor ainda faz referência ao recreio como um lugar/tempo destinado a se recrear com um espaço nas escolas ou um intervalo livre entre as aulas. Recrear vem do latim (*recreare*) e parece indicar a possibilidade de proporcionar recreio, de divertir, causar alegria, prazer ou brincar.

Em suas pesquisas, Neuenfeld, (2003, p. 1) concebeu o recreio escolar ou intervalo das aulas como momento presente na vida de todo estudante. Acompanha-o da educação infantil à pós-graduação. Sem buscar a delimitação de termos, mas entendendo como fundamental à sua compreensão a análise etimológica da palavra “recreio”, percebe-se que a sua raiz nos leva ao termo recreação: “Período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas” (FERREIRA, 1999, p. 1721). Por recreação entende-se ainda “o momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer” (CAVALLARI, 1994, p. 15).

Percebe-se que é possível traçar uma tríade entre os termos recreio, recreação e lazer. Assim como ocorre nos conceitos de ‘recreio’ e de ‘recreação’, o termo lazer também designa um momento em que o indivíduo busca a sua realização pessoal. Isto está evidente no conceito de lazer: é o tempo que cada um tem para si, depois de ter cumprido, segundo as normas sociais do momento, suas obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sociopolíticas. É o tempo vital que cada um procura defender contra tudo que o impede de ocupar-se consigo mesmo. É antes de tudo liberação de cada um, seja pelo descanso, seja pela diversão – e aí se incluem as atividades desportivas –, seja pelo cultivo do intelecto (DUMAZIDIER, 1980, p. 109).⁴

São poucas as pesquisas existentes que se voltam para o tema do recreio escolar. Dentro da revisão feita sobre o tema no Brasil e Portugal, aferimos que o recreio tem sido abordado por alguns pesquisadores preocupados com a vida escolar do adolescente com objetivos de tentar entender a importância do recreio escolar no processo de ensino e aprendizagem. Algumas pesquisas tratam das questões como a multiculturalidade e a indisciplina no recreio escolar (PEREIRA, 2009; PRODÓCIMO, et al 2008). Outros autores como Cruz e Carvalho (2006) abordam a questão do gênero e jogos escolares realizados no tempo de recreio escolar. Pereira (2009) realizou um estudo com o objetivo de caracterizar a

⁴ É importante salientar que parte da bibliografia utilizada para elaboração desta pesquisa data de 20 anos atrás. Isto se justifica pelo fato de haver poucos estudos acadêmicos existentes nessa área.

centralidade da intervenção no espaço das escolas, tendo em vista a prevenção e redução de práticas agressivas entre os alunos na hora do recreio escolar. Segundo o pesquisador, o espaço do recreio, nos dias de hoje, tem sido muitas vezes vazio (de adultos, instrumentos, atividades, amigos). Neste trabalho, o autor faz referência à intervenção feita em uma escola do 1º ciclo em Portugal utilizando uma metodologia específica seguida do programa “Outras(s) Forma(s) de Brincar”, centrado em três eixos: supervisão, instrumentos e atividade. Desta intervenção resultou a prevenção e redução de práticas agressivas entre alunos, a melhoria do clima da escola, maior motivação e melhores resultados escolares.

Neunfeld (2003) pesquisou a respeito do recreio escolar, procurando saber o que acontece longe dos olhos do professor. A pesquisa teve como objetivo verificar com que atividades as crianças de 1ª a 4ª séries se ocupam no recreio. A pesquisa concluiu que o tempo do recreio, em parte, é consumido com a atividade de merendar e brincadeiras com o próprio corpo.

Prodócimo et al (2008) ressaltam o recreio escolar, fazendo uma análise sobre a agressividade entre os estudantes de ensino fundamental. Sobre esse estudo concluiu-se que as situações agressivas que ocorrem no recreio escolar são de responsabilidade de todos os profissionais envolvidos naquela instituição e por essa razão, têm-se repensado nesse curto momento do contexto escolar, passando a valorizá-lo como um meio de desenvolvimento dos estudantes.

Alguns estudos mostram que o recreio faz parte dos tempos/espços escolares e que nele se desenvolve a cultura escolar. Este fato é visível pelas brincadeiras ou pelas diversas formas de apropriação deste tempo/espço em que se estabelece um diálogo com a cultura escolar da qual os alunos fazem parte. Entende-se que falar da cultura escolar é reconhecer a voz dos sujeitos que participam deste momento neste caso os alunos, que “devem ser considerados como elementos que possuem sua história de expectativas, de sentidos, de paixões renegadas, esquecidas pela escola que na maioria das vezes organiza seus saberes quase sempre desconectado dos anseios destes” (SILVA, 2000 p. 6).

Rego (2011) ressalta a função da brincadeira no desenvolvimento infantil:

É interessante observar que para Vygotsky, o ensino sistemático não é o único factor responsável por alargar horizontes da zona de desenvolvimento proximal. Ele considera o brinquedo uma importante fonte de promoção de desenvolvimento. Afirma que, apesar do brinquedo não ser o aspecto predominante da infância, ele exerce uma enorme influência no desenvolvimento infantil. (REGO, 2011, p. 80)

Outro estudo importante que se refere ao ensino e aprendizagem das crianças e adolescentes em tempo livre e jogos é o relatório da escola Summerhill e A.S Neill (2011): a escola como a democracia mais antiga do mundo. Nestes livros apontam-se várias situações que, de certa forma, influenciam no aprendizado das crianças e adolescentes. Importa-nos o enfoque dado à questão da liberdade que os alunos têm e o espaço livre para se recrear, onde podemos entender que as crianças não são obrigadas a fazer este ou aquele jogo. Elas são livres e desta liberdade se manifesta a tendência de a criança fazer o que ela entende, mas seja como for, sob certa observação e acompanhamento por parte dos professores ou pessoal de serviço de forma indireta.

Teixeira (1998, p. 314), na sua magnífica tese sobre “Tempos enredados”, ressalta a questão de tempos escolares onde, pelo nosso entender, enquadra o recreio nas categorias dos “tempos interstícios”. O recreio é considerado momento lúdico, vivido de forma individual ou no coletivo, momento esse em que todo elenco da escola precisa para conversar, divertir-se relaxar e resolver certos assuntos de caráter pessoal. A autora afirma ainda que é um momento muito curto, mas que se torna muito valioso e grande pelo fato de provocar uma troca de experiências e libertação do cansaço derivado do exercício laboral. Ainda faz ênfase a respeito dos sentidos e significados que os professores atribuem ao recreio:

Recreio são pedaços de vida e histórias que se confundem. Momentos de afeições e trocas; de esperanças e desesperanças. São tempos de contar, partilhar experiências, período privilegiado para se ver, ouvir e falar do mal-estar e do bem estar da vida de professor. Misturados os sentimento e as coisas (Teixeira, 1998, p. 316).

Em uma pesquisa qualitativa realizada pela Universidade Estadual da Bahia, sobre o recreio escolar suas dimensões na percepção das crianças, Santos (2011), nos leva a pensar o recreio como um espaço de brincar pelo brincar, recreio como espaço de brinquedos, o recreio como espaço de socialização e cultura, o recreio como espaço de conflito e o recreio como espaço de desenvolvimento físico indispensável na formação do educando. Esse trabalho de monografia, que conferiu à autora o título de Licenciatura em Pedagogia, surgiu pela falta de realização do recreio na escola Rômulo Galvão, localizada no bairro Pau da Lima, cujo objetivo foi analisar e compreender as dimensões do recreio escolar, verificar se esse espaço pode ou não influenciar no aprendizado das crianças.

Recreação pode ser entendida ainda como uma atividade física e mental ao mesmo tempo, pelo fato de proporcionar uma satisfação das necessidades psíquico-sociais, pelo fato de que a sua realização proporciona um prazer. Quando a recreação é feita de forma racional torna-se educativa porque é uma atividade indispensável na vida do aluno durante a sua estada

na escola, assim como em qualquer meio social em que se exerce uma determinada atividade ou trabalho. A recreação renova a mente e é uma atividade que pode ser realizada de forma livre passiva/ativa, dirigida/individual ou em grupo com um tempo determinado para atingir a satisfação desejada. “A experiência deve ser agradável desde o seu início e deve oferecer um desafio às energias do participante. Regras rígidas, restrições controle exagerado, perfeccionismo, destroem sua natureza” (SCHMIDT, 1969 p. 41).

Partindo das colocações feitas pelos autores em relação aos sentidos e significados do recreio escolar, levantamos o seguinte questionamento: qual é o sentido atribuído ao intervalo ou recreio pelos alunos do 1º Ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II?

Em uma breve pesquisa na literatura em Angola⁵ percebemos que não há muitos trabalhos desenvolvidos com objetivo de problematizar o recreio escolar, o qual, se comparado com outras temáticas pedagógicas, institucionais ou curriculares da escola, parece ter sido menosprezado. Parece também que esse espaço é entendido como um período em que as crianças e adolescentes não estão sob o controle dos adultos.

O que nos preocupa, em relação ao recreio escolar, é que esteja acontecendo o mesmo que Marcelino (1999, apud DUMAZEDIER, 2002, p. 120) destaca em relação ao lazer, ou seja, a restrição das atividades a um campo específico de interesse, geralmente não por opção, mas por falta de contato com outros conteúdos. É preocupante o modo como esse espaço de tempo está sendo utilizado pelas crianças. O recreio escolar está passando despercebido no contexto escolar. Por isso, as crianças, ao saírem das salas de aula, após ficarem sentadas por horas, explodem em movimento. Isto é normal, pois o movimento humano está nas bases antropológicas da espécie (HUIZINGA, 2000).

Do nosso ponto de vista, o recreio faz parte dos elementos do processo de aprendizagem e influencia grandemente a autoestima do aluno, desenvolve as capacidades motoras, estimula a inteligência e permite a socialização dos alunos em ambos os sexos, além de ser um momento peculiar de construção da autonomia. Sendo o recreio um ato pedagógico, existem duas características ou formas para o efeito: existe o recreio livre e, também, o dirigido. Destas duas possibilidades de realização do recreio, não se descarta a presença física do professor, seja direta, seja indireta. Sendo o recreio uma tradição escolar, consideramo-lo como patrimônio da identidade cultural.

⁵ A produção acadêmica de pesquisa em educação em Angola é muito restrita. O levantamento feito nos poucos periódicos e também no Jornal de Angola constatou a ausência de artigos acadêmicos com o tema do recreio escolar.

Dentre os poucos trabalhos sobre recreio realizados em Cabinda, destacamos o que discute as primeiras jornadas científicas realizadas em Cabinda pela Universidade Agostinho Neto no ISCED – Cabinda (CATAMBI et al., 2005). Estudantes do curso de Psicologia ressaltaram a questão da responsabilidade do professor em um trabalho investigativo sobre “[a] importância psicológica do recreio no processo de ensino e aprendizagem caso Escola Saidi Mingas”, do qual participei. Este trabalho revelou a falta do espírito de responsabilidade por parte dos professores, na ocorrência de um acidente de atropelamento de uma criança na hora do recreio. Como não há um controle formal dos alunos que podem até mesmo deixar o espaço institucional e se dirigir para a rua, uma das crianças da referida escola, ao atravessar a rua em frente à escola sofreu um acidente fatal que levou à sua morte. Esse incidente, bastante difundido e discutido no ambiente escolar, foi por nós refletido na pesquisa realizada. Os estudantes revelam que a falta do acompanhamento aos alunos pelos professores durante o espaço do recreio livre, sem orientação, motiva a dispersão dos alunos no pátio, o que pode resultar em acidentes e a expressão de agressividade de uns alunos com os outros.

Na pesquisa feita, os estudantes procuraram incentivar os professores da escola Saidi Mingas a participarem das brincadeiras com as crianças evitando a dispersão na hora do recreio. Afirmaram, ainda, que tudo o que possa ofender a integridade física do aluno durante o tempo de permanência no recinto escolar é de inteira responsabilidade do professor. Constata-se, nesta pesquisa, que a responsabilidade do professor em relação ao aluno, não se limita apenas às salas de aulas, mas abrange todos os momentos da vida escolar com especial atenção a hora do recreio escolar, momento em que os alunos se sentem livres para se expressarem restaurando as energias gastas nas salas de aulas.

Na segunda Reforma Educativa em Angola, como já foi dito, podemos observar na planificação/planejamento dos tempos escolares ausência do tempo reservado para o recreio escolar, passando a observar-se o intervalo de aulas que, neste caso, corresponde a cinco minutos. No entanto, como iremos demonstrar nos próximos capítulos, este espaço de tempo alonga-se. Em um acordo tácito entre professores e alunos esse tempo pode chegar a dez, quinze minutos ou mais. Isso ocorre, não por uma deliberação ou acordo explícito dos professores com os alunos, mas nas entrelinhas do cotidiano escolar, que incorporam os atrasos dos professores, os atrasos dos alunos, reuniões e outras demandas feitas pela coordenação da escola em que os alunos se veem, repentinamente, sem aulas ou com atrasos nas aulas. Desta feita, os alunos passam a dotar de novos sentidos esses tempos, adquiridos nos contratempos, nos interstícios, como nos diz Teixeira (1998), tempos esses que não

ganham a denominação de recreio, por não terem legitimidade, mas que são mais que intervalos de cinco minutos, por serem esses últimos, falaciosos. Tempos roubados/doados/expropriados, em que os estudantes nunca sabem, ao certo, quando se iniciam e quando terminam. Nesse tempo usurpado, não autorizado, os estudantes aproveitam para colocar a conversa em dia com os colegas, partilharem com outros estudantes de outras turmas e mesmo com pessoal externo, amigos, paqueras, vendedores ambulantes que se instalam ao redor da escola.

Para o entendimento da questão acima, Dayrell, (1996, p. 149 apud SILVA, 2000, p. 7) observa que “a escola não tem incentivado o encontro, pelo contrário, dificulta a sua concretização; ele se dá sempre nos curtos espaços de tempo permitidos ou em situações de transgressão”. De certa forma, ao nosso olhar inicial, esse tempo parece desprovido de regras, é vivenciado como uma transgressão, como aponta Dayrell (1996). Porém, com um olhar mais apurado, podemos perceber certo entendimento entre os alunos. Pelo que se observa existem sempre pequenos aglomerados, tratando certo assunto ou realizando um determinado jogo. Será que é necessário um tempo de recreação na escola? Compreendemos que a recreação faz parte da educação porque articula os tempos acadêmicos e auxilia na construção de uma cultura que é própria da escola.

O recreio pode também sugerir situações de hostilidade, nomeações, insultos, exclusões daqueles estudantes tidos como fracos e incapazes, originando brigas quando a brincadeira é coletiva ou o brinqueado é coletivo. Nesse caso, percebemos a importância do papel do professor para auxiliar na tomada de consciência de situações de aprendizado de um comportamento social respeitoso.

Segundo um trabalho desenvolvido Lave e Wenger, (1991) o pertencimento dos sujeitos a um dado grupo cria um campo propício para a aprendizagem situada em uma prática social concreta, formando uma estrutura de conhecimentos legítimos. Esses conceitos serão desenvolvidos logo à diante e servirão de fundamento de nossa pesquisa de forma a revelar o que acontece e quais os sentidos os alunos produzem durante o momento do recreio.

Os diversos estudos aqui apresentados nos mostram que as atividades recreativas realizadas durante o tempo de recreio escolar não acontecem de forma isolada, mas sim se realizam em pequenos grupos de alunos, que se definem à partir do seu grau de aproximação e legitimidade ou seja mesma faixa etária o tipo de brincadeira (atividade) a realizar durante o tempo disponibilizado para o recreio. Essa breve revisão na literatura nos proporciona uma visão multifacetada do tema em questão, que se apresenta como espaço/tempo inserido em

práticas escolares diferenciadas, revelando múltiplas relações entre os adultos, as crianças e os adolescentes que dele fazem parte.

Depois de apresentarmos uma reflexão sobre aspectos do processo histórico do Sistema Educacional Angolano e da escola como espaço e tempo de formação, ainda nos cabe examinar os processos de construção de sentidos e significados, uma vez que desejamos investigar os sentidos que os alunos dão ao momento do recreio/intervalo escolar no contexto da pesquisa. Entendemos, com Vygotsky (1934/1988), que “aprendizagem se produz nas práticas sociais através da articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a experiência atual do sujeito”.

2.4. Aprendizagens: a construção de sentidos e significados

Para dar sustentação a essa reflexão iremos nos valer principalmente dos conceitos de sentido e significado (VYGOTSKY, 1987; LEONTIÈV, 1978) e do conceito de aprendizagem situada (LAVE & WENGER, 1991; LAVE, 1990, tendo como base a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa.

Os conceitos de sentido e significados serão tratados em conformidade com o referencial teórico de Vygotsky e Leontiev (1987). Baseando-se na teoria de sentido e significados de Vygotsky, Asbahr (2011, p.1), define esses conceitos como:

Os significados são compreendidos como síntese das práticas sociais, a forma ideal da existência no mundo objetual. A forma como o indivíduo apropria-se dos significados depende do sentido pessoal, que é criado pela relação objetiva entre o que incita a ação no sujeito e aquilo para o qual sua ação se orienta, traduzindo a relação entre o motivo e o fim da atividade (ASBAHR, 2011; p.1).

Em relação ao conceito de aprendizagem situada, encontramos muitos escritos voltados a ele, como referência aos trabalhos e teorias de Vygotsky. Cabe-nos salientar a respeito dos escritos de Engestrom (1999) citado por Santos (2004) que “a aprendizagem situada é uma plataforma teórica ampla e relativamente imprecisa, informada por uma variedade de teorias e escolas de pensamento contextuais e orientadas para a prática” (ENGESTROM *apud* SANTOS, 2004; p. 249). Resumidamente, podemos dizer que são essencialmente cinco as áreas em que os teóricos desta perspectiva se inspiraram:

- a) na Teoria Histórico-cultural da Atividade de raiz em Vygotsky e Leont’ev;
- b) nas teorias sociológicas de Bourdieu e Giddens;
- c) na etnometodologia de Garfinkel;
- d) na psicologia ecológica de Gibson;
- e) em algumas variantes do interacionismo simbólico (Strauss) e no ‘último’ Wittgenstein (SANTOS, 2004).

No âmbito desta pesquisa, nos é relevante identificar teorias da aprendizagem situada em que se enquadra a abordagem de Jean Lave e Wenger (1991) relacionando-a com os conceitos de sentido e significado apontados por Vygotsky (1987), bases teóricas fundamentais deste estudo. Sabemos que existem diversas visões representativas que discutem a aprendizagem situada, como a da Psicologia Ecológica de James Greeno, da Neuropsicologia de William Claucey (GRUBER et al,1995). Cada uma delas apresenta algo distinto na forma como conceituam a cognição. No entanto, existem aspectos comuns entre elas que justificam o seu enquadramento debaixo do grande chapéu das abordagens situadas, e todos (mais uns que outros) explicitam preocupações com a aprendizagem. Para nosso estudo, centraremos nos trabalhos de Jean Lave, incluindo também Etienne Wenger, que em sua fase inicial desenvolveu este conceito juntamente com Lave (1991).

2.4.1. Linhas gerais da abordagem histórico-cultural

O conceito de aprendizagem tem sido muito discutido por vários teóricos no campo da psicologia, pedagogia, sociologia e na neuropsicologia. Dentro destas discussões entende-se que tanto o homem como os animais estão sujeitos a diversos tipos de aprendizagem. Sendo assim, podemos dizer que as aprendizagens são várias, dependendo do sentido e do significado a elas atribuídos. Sem a pretensão de querer fazer história sobre este conceito, iniciamos essa subseção apresentando algumas formulações sobre este conceito.

Para a Enciclopédia Livre, Wikipédia, a aprendizagem:

é o processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. Este processo pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem. Aprendizagem é uma das funções mentais mais importantes em humanos e animais e também pode ser aplicada a sistemas artificiais.” (WIKIPEDIA).

Partindo dessa definição, sabemos que existem diferentes abordagens teóricas sobre a aprendizagem. Algumas de cunho empirista, como o Behaviorismo e a Reflexologia – que consideram a aprendizagem como algo que os sujeitos apropriam basicamente por meio da experiência -, outras, do tipo inatistas-maturacionistas – que consideram a maturação a base pela qual se processa a aprendizagem -, assim como a Epistemologia Genética e a Abordagem Histórico-cultural – que se baseiam em um sujeito ativo, que apropria e produz conhecimento. Todas elas, entretanto, tentam explicar os elementos implicados nos processos de mudanças de comportamento que as pessoas experimentam como resultado de sua experiência e de sua relação com o meio. Diante de um leque teórico diversificado, optamos por trabalhar com a

Abordagem Histórico-cultural por acreditarmos que o ser humano é essencialmente social e, ao mesmo tempo em que é produzido pela sociedade, também a produz. Esta é uma linha de pesquisa fundada pelos psicólogos russos Vygotsky, Leontiev e Luria, entre 1920 e 1930, e seus princípios fundamentais têm por base o Materialismo Histórico-Dialético de Karl Marx.

Alicerçada nesses princípios, essa abordagem incorpora a “visão de que o homem está sujeito ao jogo dialético entre a natureza e a história, entre suas qualidades como criatura da biologia e como produto da cultura humana. Sua tese fundamental sobre o funcionamento mental humano baseia-se no princípio de que a dimensão social da consciência é primária enquanto a individual é derivada e secundária” (GOULART, 2005, p. 107).

No princípio do século XX, Vygotsky produz o manuscrito denominado o Significado Histórico da Crise da Psicologia (VYGOTSKY, 1927/1996) que se constitui como o marco epistemológico de suas ideias. Esse trabalho trouxe elementos que compõem a teoria histórico-cultural no ano de 1928. Nele, Vygotsky posiciona-se na psicologia e constrói uma explicação para o desenvolvimento e a aprendizagem humana em uma perspectiva sócio-cultural. Nesse sentido, essa teoria nos ajuda a entender os sentidos que os alunos dão ao recreio escolar, pois o consideramos como um espaço e tempo formativo. Carregado de significado cultural, é nesse espaço escolar que há uma maior possibilidade dos jovens exercerem sua autonomia produzindo e reproduzindo aspectos de sua identidade histórico-cultural.

Apesar de Vygotsky ter sido influenciado pelos trabalhos de Pavlov (1849/1936), que teorizou o mecanismo do condicionamento clássico, e essa influência apareça em suas primeiras obras como Psicologia da Arte Vygotsky (1925/1998) e Psicologia Pedagógica (1926/2001), o autor faz uma crítica ao método de investigação reflexológico; crítica que fica explícita quando de sua participação no Segundo Congresso Neuropsicológico de Moscovo, em 1924, quando Vygotsky envereda na psicologia da capital soviética (BARROS et al, 2009, p.175). Barros et al (2009) alegam que, apesar de Vygotsky ter se identificado com a psicologia comportamentalista, idealista e naturalista, na qual existia uma diferença radical entre a natureza física e a existência psíquica, o psicólogo russo teve uma aproximação significativa com a Psicologia da Gestalt, em que ele critica o aspecto do “elementarismo” - que é entendido como característica da psicologia científico-natural, pela qual ele se identificava pela ideia da “estrutura” que separa o dualismo (mente e corpo).

O mesmo autor afirma que as críticas de Vygotsky tiveram grande importância na fundamentação da teoria Histórico-cultural, em que fundamenta as questões fulcrais desta

teoria dando ênfase às relações sociais e aos significados como fatores do comportamento humano (BARROS et al, 2009). Nossa pesquisa baseia-se nesta teoria que nos serviu para observar a realidade prática das atividades realizadas e o tempo total de ocupação dos espaços pelos alunos da Escola do Iº ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II em Cabinda. A nossa pretensão em fazer o estudo sobre os sentidos e significados atribuídos ao recreio/intervalo escolar, parte da necessidade do uso do tempo pela escola, considerando que são turmas pletóricas⁶ onde o horário escolar suprime o recreio e estabelece o tempo total de cinco minutos que intercala uma aula da outra. Esta delimitação do tempo é legal partindo do planejamento do currículo e da necessidade do cumprimento do tempo escolar em função das disciplinas agregadas na Segunda Reforma Educativa. O tempo denominado “borla” (recreio escolar, na denominação brasileira), um intervalo de tempo maior que durava entre vinte e trinta minutos, fazia-se presente em quase todas escolas do 1º, 2º e 3º níveis. Esse tempo que foi eliminado do calendário escolar na Segunda Reforma Educativa é que está em questão. Se ele existe ou não de fato, na prática, e quais os sentidos a ele atribuídos pelos adolescentes e jovens é o objeto no qual nos debruçamos. Para isso, iremos desenvolver melhor os conceitos de sentido e significado constantes no corpo teórico da Abordagem Histórico-cultural.

2.4.2. Sentidos e significados na perspectiva de Vygotsky

Partindo do pressuposto de que o homem é fruto das relações sociais e da sua prática, por meio da linguagem, Vygotsky distingue os conceitos de sentido e significado, alertando, entretanto, que ambos são articulados dialeticamente. Essa distinção é feita em seu livro *Pensamento e Linguagem* (1934), quando ele discorre sobre o significado da palavra, atribuindo a este o status de unidade mínima de análise, o fator indecomponível entre a palavra e o pensamento.

Para ele, portanto, a palavra só existe por meio de seu significado. Este é uma formação dinâmica, uma generalização que se desenvolve e sofre modificações guardando, porém, sua natureza interna. Vygotsky define o ato de falar como uma transição do plano interior para o exterior, e a compreensão como um movimento inverso, do plano exterior para o interior. Assim, toda apreensão do mundo, que é feita por meio da linguagem, quando os sujeitos encontram-se imersos na prática social, pressupõe a apreensão dos significados. Mas, como o ser humano apreende os significados contidos nas palavras?

⁶

A definição de Turmas Pletóricas já foi enunciada no Capítulo 1, página 26.

Nem sempre é possível uma compreensão imediata dos significados, que já estão mais estabilizados nas diversas práticas sociais. Dessa forma, Vigotski faz distinção entre sentido e significado das palavras, mostrando a maneira dinâmica e processual da construção dos conceitos. “[O] sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência” (VIGOTSKI, 1934, p. 465). É, portanto, inconstante e inesgotável, fluida, possuindo várias zonas de estabilidade. Para Vygotsky, o significado seria apenas uma dessas zonas. Desenvolvendo este conceito, ele ressalta que o sentido é “aquilo que é especificamente humano ou seja a sua capacidade de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência” (NAMURA, p. 91 *apud* ASBAHR, 2011, p. 2).

Nas palavras do próprio Vygotsky :

o sentido é sempre uma formação dinâmica fluida, complexa, que tem varias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe em contextos diferentes, a palavra muda facilmente de sentido. O significado ao contrário é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos.” (VYGOTSKY, 2000a, p. 465 *apud* ASBAHR, 2011, p. 5).

Quando pensamos nos conceitos de sentido e significado nos contextos mais amplos, das práticas sociais, podemos dizer que os sentidos que os sujeitos dão às essas práticas são mais fluidos, dependentes dos fatores sociais, de gênero, dos diferentes contextos. Assim, uma prática pode adquirir diferentes sentidos. No caso de nossa pesquisa, por exemplo, o recreio ou intervalo escolar pode adquirir diferentes sentidos para os adolescentes/jovens das escolas de Cabinda, dependendo da maneira como é vivido pelos diferentes grupos. Os significados, por sua vez, mesmo sabendo que são construções sociais que se desenvolvem, são mais estáveis e partilhados por um grupo social mais amplo. O recreio escolar, foco de nossa investigação, mostra-se como um bom exemplo da distinção entre sentido e significado. Ao falar a palavra recreio escolar, tanto os educadores brasileiros quanto os angolanos possuem um significado mais ou menos estável para essa prática tão comum nas escolas. No entanto, os sentidos atribuídos pelos estudantes brasileiros e angolanos, com certeza se diferem. Assim, os sentidos estão mais ligados ao plano pessoal, às emoções e às vivências de cada um.

Ao nos referirmos à prática social, encontramos em Paulo Freire (2008) alguma concordância em relação a compreensão da dialética da vida do homem no que diz respeito ao binômio entre o pensamento e ação. Freire alega que tanto um quanto o outro são contextos inseparáveis sendo de um lado o contexto teórico e de outro o contexto prático da realidade

social. Afirma ele: “por conta da dialética ação-reflexão afirmam-se como sujeitos, seres de relação no mundo, como o mundo, e com os outros pela mediação do mundo linguagem” (KRONBAUER, p. 51 *apud* FREIRE 2008, p.28).

Considerando, com Vygotsky, que aprender é atribuir significados, vamos retomar o conceito de aprendizagem mais um autor para ampliar nossa discussão.

2.4.3. A aprendizagem situada na perspectiva de Jean Lave

Dentro da lógica do pensamento vygotskiano, entende-se como “aprendizagem consciente aquela que se efetiva quando os conhecimentos são vivos para o sujeito, ou seja, ocupam um lugar na vida real do sujeito, têm um sentido vital e não são somente respostas a condições externas, impostas por outras pessoas ou situações” (ASBAHR, 2011, p. 16). Por meio deste pensamento voltamos a nossa questão da pesquisa sobre as condições impostas pela lei de base Lei 13 dez/2001 da Segunda Reforma Educativa em Angola, no que diz respeito ao cumprimento do calendário em função das necessidades de formação do aluno. Entendemos que essa imposição do tempo suprime no calendário escolar o tempo e espaço de recreio escolar, mas como se trata de uma tradição ele pode acontecer à revelia ou então por meio de uma relação tácita entre professores e alunos. Considerando o recreio como um dos espaços de aprendizagem na escola em estudo, ele acontece no intervalo entre as aulas. Passa a ser um momento de autor realização onde cada aluno, um grupo de alunos em rodas de conversas tomam a liberdade de desenvolver práticas por eles escolhidas onde se partilham os vários saberes que constroem a aprendizagem fora de sala de aulas e sem a presença do professor. Percebe-se que nessas práticas existe uma relação entre esses sujeitos que fazem parte do ambiente escolar. Pensamos que essa aprendizagem processa-se pela linguagem por meio da qual os conceitos vão sendo produzidos. Acreditamos que nessas práticas as aprendizagens são significativas porque se realizam em situações concretas de uma realidade histórico-cultural. A aprendizagem por meio de práticas concretas faz sentido e tem um significado para um indivíduo com maior relevância, por serem práticas de partilha de experiências e de saberes, por meio de grupos formados por alunos novos, que trazem uma experiência nova e os alunos já antigos na escola ou ainda antigos no grupo de convivência. Com base nesses fundamentos, nos servimos dos conceitos de Jean Lave para podermos entender os sentidos e significados dados pelos alunos às atividades realizadas em grupos na escola pesquisada.

Tendo por base a perspectiva de aprendizagem significativa, construída no grupo através das práticas, os trabalhos de Goulart (2005, 2006, 2013) que procuram compreender a participação e a aprendizagem de crianças pequenas quando exploram o mundo físico e natural, mostram que os sujeitos se constituem pela participação efetiva em práticas sociais. A autora deixa claro que “as crianças pequenas produzem conhecimentos sofisticados quando se engajam em atividades que lhes são significativas. Isso pressupõe a compreensão do motivo da atividade e a participação em processos coletivos” (GOULART, 2005, p.231). Um dos referenciais utilizados para a compreensão desses processos educativos é o referencial teórico construído por Jean Lave.

Lave e Wenger (1991) assinalam como ideias centrais de sua teoria que: (i) aprender está intimamente ligado com a participação em comunidades (que não são só grupos de pessoas mas pressupõem práticas situadas e que, portanto, serão também de conhecimentos); (ii) o conhecimento é algo que só faz sentido quando pensado relativamente às práticas sociais nas quais é relevante e se desenvolve (não podendo assim ser encarado como conjuntos de factos, procedimentos ou regras que alguém individualmente possui ou não, adquire ou não); (iii) os conhecimentos e as identidades desenvolvem-se na relação constante das pessoas na ação com o mundo não só material mas, essencialmente, sócio-histórico e cultural. Ou seja, os indivíduos, as suas práticas e o mundo são mutuamente constitutivos.

A perspectiva de Lave foi-se construindo através de reconceitualizações teóricas do conceito de aprendizagem que são construídas nas sucessivas revisitações dos seus estudos etnográficos de cenários de aprendizagem em *apprenticeship* que considera “cenários úteis para pensar-com” (LAVE, 1990, p. 311). Nesta perspectiva formula o conceito de *participação legítima periférica* (LAVE e WENGER, 1991, p. 29), expressão proposta como “descriptor do processo característico da aprendizagem e expressão que proporciona “uma forma de falar acerca das relações entre “newcomers e oldtimers”, e acerca das atividades, identidades, artefatos e comunidades de conhecimento e prática”

Tanto Lave (1990) quanto Rogoff (1995) preocupam-se na relação que os sujeitos estabelecem com as práticas sociais nas quais estão inseridos. Essas linhas teóricas que se assumem dentro do paradigma da aprendizagem situada brevemente apresentadas, têm distintos focos de interesse e formas de investigar apresentando conceptualizações igualmente variadas. No entanto, é possível identificar semelhanças (de conjunto ou de pormenor). É comum um entendimento da cognição como algo que não faz sentido considerar como descontextualizado, ou seja, separado do mundo físico, social e cultural em que as pessoas

atuam, sendo particularmente forte a relevância reconhecida ao mundo sociocultural. Pode-se ainda afirmar que é comum as várias abordagens realçarem a natureza dinâmica do conhecimento embora com algumas variações de pormenor. Assim, confrontamo-nos, por exemplo, com noções de conhecimento enquanto ‘capacidade de coordenação e adaptação’ construída em interação com o mundo social, mas para a qual se revela fundamental a percepção que cada um tem da sua própria ação (CLANCEY, 1995). Noutras abordagens o conhecimento é ligado explicitamente com a comunidade em que se utiliza e desenvolve, como é o caso de Greeno (1993) para quem os conceitos e princípios estão enraizados em práticas da comunidade, ou ainda de Lave e Wenger (1991) para quem não só a comunidade de prática é fonte do conhecimento, mas “a participação na prática cultural em que o conhecimento existe [como] princípio epistemológico da aprendizagem” (LAVE e WENGER, 1991 p. 98). Ou seja, o conhecimento deixa de ser entendido como objeto a adquirir e passa a ser encarado como processo (não de aquisição) de construção participatório (por isso, de transformação). A noção de participação, de uma forma ou de outra, está presente em todas as abordagens situadas. As pessoas mais do que equacionadas ao nível individual são pensadas enquanto participantes do mundo social, institucional e comunitário. É nesse entendimento que as diferentes perspectivas estabelecem a ligação com a aprendizagem. Desde Lave e Wenger (1991, p.122), que transformam a atividade situada de aprendizagem em “participação legítima periférica em comunidades de prática”, a Greeno (1993, p.154) que considera a aprendizagem como “processo de as pessoas se tornarem mais capazes de participarem nas práticas”.

Compreendemos, então, a aprendizagem como situada em práticas sociais concretas, em que os sujeitos aprendem significados e produzem sentidos. Com essa compreensão procuramos observar os alunos da Escola do 1º Ciclo de Ensino Secundário de Cabassango II nos momentos do recreio/intervalo escolar. O que se passa nesses momentos entre as aulas e quais os sentidos atribuídos por esses adolescentes ao recreio escolar é o nosso foco de pesquisa.

Neste capítulo, buscamos um entendimento acerca de nossos sujeitos de pesquisa examinando os conceitos de adolescência e juventude, apresentamos aspectos que constituem a adolescência e juventude de Cabinda, Angola procurando relacionar esses conceitos com o sujeito concreto, participante da comunidade que estamos investigando. Tecemos, também, uma reflexão sobre a escola como tempo e espaço de formação dessa juventude. Com base na discussão sobre a adolescência e juventude, fizemos um questionamento sobre o objeto de

estudo, em que procuramos diferenciar o recreio e o intervalo. Por fim, estabelecemos a perspectiva que temos acerca da aprendizagem, entendendo-a como situada em práticas concretas que levam os sujeitos a atribuírem sentidos e significados à sua participação nessas práticas.

O próximo capítulo versa sobre o contexto de produção da pesquisa, a escola, seus sujeitos e a metodologia empregada na captura e análise dos dados.

CAPÍTULO 3: Metodologia da pesquisa

Neste capítulo apresentamos os pressupostos metodológicos nos quais baseamos e que serviram como caminho para desenvolvermos esta pesquisa. Para tal, a nossa pesquisa tem como referência e é fundamentada nos princípios da pesquisa qualitativa, na visão da psicologia histórico-cultural de Vygotsky (1987/1999).

Para melhor entendimento por parte do leitor, procuramos detalhar o contexto da produção desta pesquisa, tendo em conta a realidade social e cultural de Cabinda, província onde ela foi desenvolvida e dando ênfase à Escola do I Ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II, nosso campo. Procuramos nos debruçar sobre o histórico da evolução desta escola, a população atendida e o significado do nome do bairro Cabassango, seu entorno, e a organização dos tempos na Escola.

Posteriormente explicitamos os instrumentos e métodos usados para a coleta dos dados e conseqüentemente a sua organização e análise. O presente trabalho mereceu uma série de critérios para sua execução e atingir os objetivos preconizados. A esses procedimentos chamamos de métodos.

“O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais, que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros” (LAKATOS et al, 2003, p. 83).

A presente pesquisa vale-se dos princípios teóricos da Abordagem Histórico-Cultural, sendo que a metodologia precisou estar em consonância com as bases dessa teoria, a saber:

- a) o indivíduo se desenvolve e aprende em práticas sociais concretas;
- b) essas práticas produzem significados que são redimensionados pelos sentidos que os alunos atribuem;
- c) as práticas estão em movimento.

3.1. A pesquisa qualitativa

Esta pesquisa se insere no quadro de pesquisas qualitativas. Segundo Monteiro (1998), a pesquisa qualitativa em educação, pressupõe a compreensão dos sentidos dos fenômenos sociais para além de sua explicação em termos de relações de causa-efeito. Por conseguinte, o autor acima referenciado afirma que a pesquisa em educação com abordagens qualitativas apresenta a compreensão do fenômeno educacional enquanto cultura.

Os métodos qualitativos ressaltam os efeitos de situação, as interações sociais sob coação, o papel do imaginário ou relação dos atores com as normas sociais. No

entanto o recorte qualitativo torna menos visíveis, em termos probatórios, os efeitos de pertença social. Da mesma forma, tudo o que decorre da correlação estatística neles está ausente, ainda que os efeitos de estrutura se mantenham presentes (SOPHIE e DOMINIQUE et al., 2010, p. 18).

De acordo com Jean-Pierre Deslauriers (2008), o delineamento da pesquisa qualitativa pressupõe a problemática com base na qual o estudo se orienta. O delineamento da pesquisa qualitativa pode ser usado para a “exploração, descrição, ou verificação”. Sendo assim, ele varia de conforme os objetos de pesquisa, as possibilidades e os limites dos quais a mesma vai se desenvolver. Deste modo, a pesquisa qualitativa não é aplicável a todos temas possíveis. Segundo o autor, ela pode ser aplicada nas seguintes circunstâncias: na pesquisa descritiva e exploratória; no estudo do cotidiano e do ordinário; no estudo do transitório; no estudo do sentido da ação e avaliação das políticas.

Em conformidade com esse autor, podemos enquadrar o delineamento da nossa pesquisa como um estudo do sentido da ação. Isto pelo fato de procurarmos entender os sentidos e significados atribuídos pelos alunos ao recreio escolar por meio de suas práticas neste ambiente. Deslauriers (2008), ainda, leva-nos a refletir que um dos “objetos privilegiados da pesquisa qualitativa é, portanto, o sentido que adquire a ação da sociedade na vida e os comportamentos dos indivíduos, assim como o sentido da ação individual quando ele se traduz em ação coletiva” (DESLAURIERS, 2008, p. 131)

Com a pretensão de interpretar fenômenos que ocorrem no ambiente escolar sustentamos a nossa ideia a partir da afirmação deixada pelo autor:

Afirmar que a pesquisa qualitativa privilegia o vivido dos atores sociais não significa, todavia, que ela se reduziria a uma descrição minuciosa de ações ou de fenômenos observáveis. Nisso pode-se dizer que o objetivo por excelência da pesquisa qualitativa é a ação interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa; de onde a importância da linguagem e das conceituações que devem dar conta tanto do objeto “vivido”, como do objeto analisado. (idem, p.132)

3.2. A escolha da escola

A coleta de dados dessa pesquisa foi realizada em Angola na província de Cabinda, na Escola do 1º ciclo de Cabassango II. Ao passarmos ao redor da escola, observamos alunos espalhados dentro de suas edificações e, também, na parte externa, nos momentos considerados como intervalo ou recreio (Figuras 1 e 2). Isso motivou-nos ter um contato com o ambiente desta escola a fim de entender os sentidos e significados atribuídos ao recreio escolar pelos alunos.

Uma das razões da escolha desta Escola como campo de pesquisa é o fato da mesma ter uma localização próxima e de fácil acesso e que permitiria o acompanhamento das atividades dos alunos, facilitando o trabalho do pesquisador.

Figura 1: Alunos livres para o intervalo dentro do recinto escolar.



Figura 2: Alunos fora do recinto escolar no mercado dos populares ao redor do quintal da escola no tempo de recreio/intervalo.



Outro fator importante é o fato da escola ser a escola modelo do Instituto Superior de Ciências de Educação de Cabinda (ISCED). A escola tem recebido professores e estagiários formados pelo ISCED Cabinda, como reafirma o Diretor Geral da Escola, Professor Francisco José Puati, na entrevista concedida à equipe de pesquisa:

“Os estudantes que fazem estágio aqui nesta escola têm sido acompanhados por um docente do ISCED. Eles têm a obrigatoriedade de trabalhar durante um mês. Dependendo do calendário da disciplina que estiver a lecionar, todas as aulas são acompanhadas por um professor e mais dois colegas de formação.” (entrevista concedida em 26 de junho de 2014, Cabinda.)

Como não bastasse, quase todos os professores que ali lecionam são formados pelo ISCED. Assim sendo, a escola tinha muito a oferecer como campo de nossa pesquisa, pela forma como ela se apresenta e pelo fato da mesma ter sido uma das primeiras em Cabinda a ser enquadrada no sistema educacional da Segunda Reforma Educativa em Angola.

Portanto, podemos dizer que são realidades diferentes tendo em conta o contexto histórico da Educação em Angola e em particular a província de Cabinda, uma vez que as reformas tendem a melhorar o sistema de ensino. Essas razões levaram-nos a procurar entender o que tem de novo em relação ao recreio escolar e como esse momento é vivido visto que a realidade hoje não é a mesma de ontem, tratando da nova Reforma Educativa.

3.2.1. Cabinda: uma cidade em processo de reconstrução

O enclave de Cabinda é uma das 18 províncias de Angola e fica mais ao norte do país, com uma extensão territorial de 7.283 quilômetros quadrados. É um enclave porque está limitado ao norte pela República do Congo, ao leste e ao sul pela República Democrática do Congo e ao oeste pelo Oceano Atlântico. O povo de Cabinda majoritariamente é de origem Bantu e a língua falada é o Ibinda, uma das versões do Kicongo do Reino do Congo. “Demograficamente a população de Cabinda é estimada em 300.000 habitantes. Possui recursos minerais, na parte mais ao norte da província encontramos a segunda maior floresta equatorial do mundo que é a floresta do Mayombe. Por essa característica a província se torna responsável pela maior fatia do Produto Interno Bruto- PIB angolano no valor aproximado a 50%” (LUEMBA, 2014, p.14).

O nome de Cabinda surgiu antes e depois da colonização numa aglutinação de palavras dos nomes de nativos. De acordo com Canhici (2014), a província tem outro nome que se chama “K’ioua” (Tchioua), pelo fato de ser um grande mercado de escravos e outros produtos naquele tempo. Para compreendermos melhor a etimologia do nome, buscamos Martins (1972) que nos vale com o subsídio histórico da província:

A atual Baía de Cabinda aparece nos mapas de Diogo Homem e de Pigafetta como sendo o Golfo das Almadias ou a Baía das Almadias. A partir dos séculos XVI e XVII, começamos a encontrar o nome «KAPINDA» e «KABINDA» para designar a terra e o porto de Cabinda. Comumente faz-se derivar o nome CABINDA da aglutinação da última sílaba de MAFUCA (MAFUKA) com BINDA, nome de um cavaleiro e dignitário do Rei de Ngoio. O Mafuca, nos antigos Reinos de Loango, Cacongo e Ngoio, era como que o Intendente Geral do Comércio e o homem da confiança do rei que, em seu nome, tratava de todas as transações comerciais, de um modo muito especial com os europeus. Estes, pois, ao fundarem na Baía das Almadias (atual Baía de Cabinda), tinham de se haver, para transações comerciais, necessariamente, com o MAFUCA. E o Mafuca desse tempo seria o tal BINDA. E tanto se falava em Mafuca Binda, Mafuca Binda, Mafuca Binda (repitamos nós também os dois nomes

e notaremos como há uma tendência e cadência para nos ficar somente no ouvido o (Mafu) CA-BINDA) que acabaram por dar ao porto e à terra o nome de CABINDA, porque na verdade, não se via muito mais de onde se podia fazer derivar a palavra. Até os naturais também lhe não dão outra saída, ressaltava. Mas este nome, CABINDA, era o usado pelos europeus. Só com o tempo, por muito o ouvirem repetir, é que os naturais o começaram também a empregar (MARTINS, 1972, p. 29-30 *apud* CANHICI, 2014, p.24-25).

Administrativamente a província é dividida em quatro municípios: Cabinda, Cacongo, Buco-Zau e Belize. O município sede que é Cabinda conforme mostra a (Figura 3) é composto pelos bairros: A Resistência, Cabassango, Mboco Ngoio, Simulambuco, Vitória Certa, Coronel Kimba, Chimuti Yaco, Diolinda Rodrigues, Maria Nguabi, 4 de Fevereiro, Zangoio, Chiweca e Luvassa.

A escola do I Ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II localiza-se exatamente no Bairro Cabassango, um nome que surgiu através da comunicação entre os povos da região. Para quem vai ao ISCED passa-se por uma rotatória que se denomina por rotunda de Cabassango, onde a via passa a ser bifurcada, uma para a região norte e outra para noroeste. O ponto da bifurcação é que se denomina em Ibinda por Caba Nsango (significa divisão de emissários ou notícias). Antigamente, existiam pessoas que eram tidas como emissárias. Essas pessoas levavam informações (Nsango) de um ponto para outro. Durante a caminhada ali era o ponto de divisão dos emissários, por isso recebeu o nome de Caba Nsango. Era apenas um ponto que se encontra no Bairro Simulambuco, região dos nobres de Cabinda, o bairro onde se encontra o tratado de Simulambuco que consagra a região de Cabinda no território Angolano em 1º de Fevereiro de 1885.

Como é uma província que se encontra atualmente em fase de construção e desenvolvimento, o Bairro Simulambuco cresceu até ao ponto de bifurcação da via e aquela área passa a chamar-se Cabassango e automaticamente surge um novo bairro com a denominação do ponto de divisão de notícias que corresponde ao nome de Cabassango.

Figura 3: fonte: Net. Cidade de Cabinda na época moderna



3.2.2. A Escola do Cabassango II

A escola do 1º Ciclo de Ensino Secundário de Cabassango II BENCON é categorizada como do nível médio alto, requalificada para atender o programa da reforma educativa. O bairro em que ela se localiza está em grande crescimento em termos de popularidade pelo fato do mesmo ser habitado predominantemente por pessoas das classes média e alta que anteriormente viviam na zona urbana da cidade.

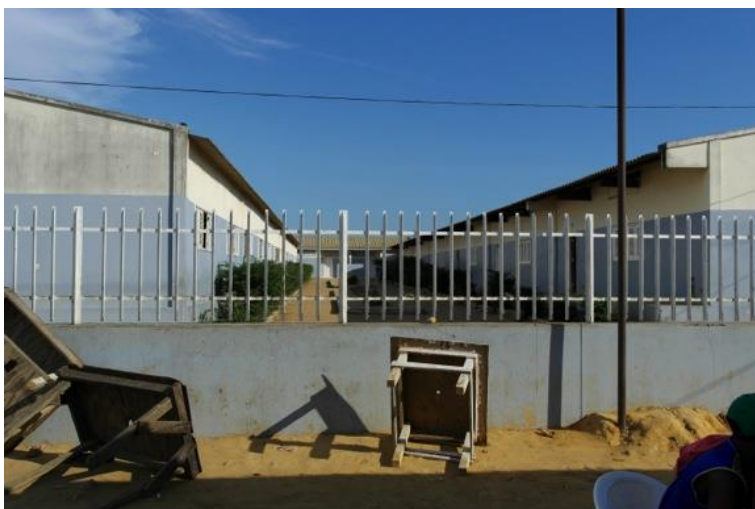
A escola possui uma infraestrutura composta por quatro pavilhões: A, B, C e D, num total de 24 salas de aulas, tendo 22 a funcionar, uma improvisada como sala de professores e outra como sala de informática. Tem três gabinetes e uma secretaria (Figura 4). Neste momento, a escola funciona em três períodos: matinal, vespertino e noturno. Tem 24 funcionários, dos quais um Diretor geral, um subdiretor administrativo, um subdiretor pedagógico, dois datilógrafos um guarda e dois auxiliares de limpeza, além dos 224 professores.

Figura 4: Pavilhão B, o central do espaço escolar, a casota ao fundo é direção e secretaria da Escola.



Como mostram algumas imagens a seguir, a escola tem vedação, iluminação elétrica nas salas e em alguns cantos dos corredores. A água canalizada não chega aos banheiros (casa de banho) e não tem uma cantina. Algumas salas de aulas se encontram sem portas e com quadros negros em condições precárias, o que dificulta a escrita do professor e, conseqüentemente, há dificuldade de compreensão do conteúdo escrito para os alunos que se sentam por trás das salas. Tem banheiros (um para professores e outro para alunos - masculino e feminino), mas não em seu pleno funcionamento por falta de sanidade, empurrando muitas das vezes os alunos do período noturno a urinarem ao ar livre nos contornos da vedação da escola, que é sem iluminação. Não tem campo para a prática do desporto, principalmente para a prática de Educação Física, uma disciplina que faz parte do programa escolar. Também a escola não possui uma biblioteca nem laboratório para as suas aulas práticas (BARATA, 2009, p.19).

Figura 5: Pavilhão C da escola, primeiro dia de pausa pedagógica. Vendedoras largam as bancadas junto do quintal da escola.



A área em que a escola se localiza é bastante movimentada, pelo fato de fazer vizinhança com uma unidade da Polícia de Viação e Trânsito, o que origina muita movimentação de viaturas e um aglomerado de gente na parte externa entre a escola e o edifício da polícia. Esse movimento é originado pelos elementos em conflito com a lei de Viação e Trânsito, que aguardam pela resolução dos seus problemas, os moradores, os alunos de outros turnos, os vendedores ambulantes (que abandonam suas barracas – Figura 5) e pequeno mercado dos populares na parte frontal da escola. Todas essas pessoas, de formas diferentes, convivem com os alunos e provocam uma agitação na hora do recreio/intervalo prolongado pelos alunos. Pequenos bares, quiosques e um mini mercado dos populares ao redor do morro da escola também contribuem para essa agitação da escola (ver figura 9). Na hora do recreio/intervalo registra-se também a presença de vários jovens que fazem parte da comunidade e outros provenientes de outros bairros vizinhos, que frequentam os bares existentes ao redor da escola. Esses jovens e adolescentes entram em contato com os alunos na hora do recreio. De igual modo, registra-se a presença de outra classe de comerciantes composta pelas crianças, adolescentes e vendedores ambulantes e as senhoras vendedoras ao longo do morro da escola, mantendo conversas e comercializando com alunos que se encontram no interior do pátio escolar e no espaço externo, ou melhor fora do recinto escolar (Figura 6). Nesta altura, os Professores reúnem-se numa sala buscando repousar e merendar.

Figura 6: Parte externa da escola, movimento de populares, alunos e crianças na compra de produtos no mercado junto ao quintal da Escola.



A escola é apetrechada com o quadro de Professores que, na sua maioria, é formado no Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED Cabinda). Ela tem um vínculo forte com o ISCED pelo fato de ter acolhido um bom número de Estudantes estagiários do Ensino Superior em Ciências de Educação.

A escola carece de espaços de recreio e lazer. As aulas de educação Física, na Segunda Reforma, passaram a ser dadas no turno oposto. Na falta de campo ou salão desportivo na escola, a disciplina de educação física tem sido administrada em espaços das escolas vizinhas que têm as mínimas condições para o efeito.

Como nos referimos acima, o recinto escolar é composto por quatro pavilhões (A, B, C e D). O Pavilhão A é onde se localiza a sala dos professores. Este tem um espaço aberto em relação aos outros pavilhões, onde foi posta uma tabela de basquetebol que se encontra degradada e em uma área em que o chão não tem pavimento, tal como vemos na imagem a seguir (Figura 7).

Figura 7: Espaço projetado para aulas de educação física, com uma tabela de basquetebol.



Para compreender melhor a situação da escola, procuramos trazer aqui uma fala do Diretor, Professor Francisco José Puati. Como seu depoimento nos pareceu bastante esclarecedor e, em alguns pontos, traz novidades quanto ao funcionamento da escola, optamos por trabalhar a entrevista em seus diversos aspectos. A fala do diretor nos servirá para análise dos dados no próximo capítulo. Para isso, levantamos quatro pontos que nos parecem elucidativos: (a) a percepção sobre o recreio escolar, os sentidos atribuídos pelo diretor a essa prática; (b) a merenda escolar e a relação dos alunos com os vendedores externos à escola; (c) o processo de aprendizagem dos alunos; (d) o planejamento das aulas pelos professores.

Sendo essa uma escola modelo, há um grande esforço por parte da direção e dos professores para que o processo pedagógico tenha sucesso. Mesmo assim, observamos pela fala do diretor, certo desânimo porque, em sua percepção, os alunos não respondem ao esforço que o corpo docente tem feito para realizar um ensino de qualidade. O que estaria acontecendo com os estudantes que não é visível ao diretor? Que elementos estariam faltando para se completar o quebra-cabeça do fracasso escolar?

Para responder essas questões voltamos novamente com fala da pesquisadora Canhici (2014). Segundo ela, existem diversos fatores que estão na base dessa problemática e que podem ser resumidos da seguinte maneira:

- a) insuficiência de material didático, bibliotecas e laboratórios;
- b) inadequação de metodologias usadas no ensino das diversas disciplinas;
- c) falta de formação dos professores em áreas específicas, principalmente da Reforma Educativa em sistema de monodocência;
- d) a não capacitação sistemática do corpo docente;
- e) superlotação das salas de aula, como fruto da reforma obrigatória. (CANHICI, 2014, p. 127-128)

O contexto histórico-cultural da formação do professor e sua seleção, as condições econômicas das famílias, as condições físicas e a organização das escolas em Angola especificamente em Cabinda, são fatores a levar em consideração. Um dos estudos que serviu de base para a investigação da pesquisadora foi a monografia de Barata (2009) relativa à Escola do I Ciclo de Ensino Secundário de Cabassango II, de onde fazem parte os sujeitos da nossa pesquisa.

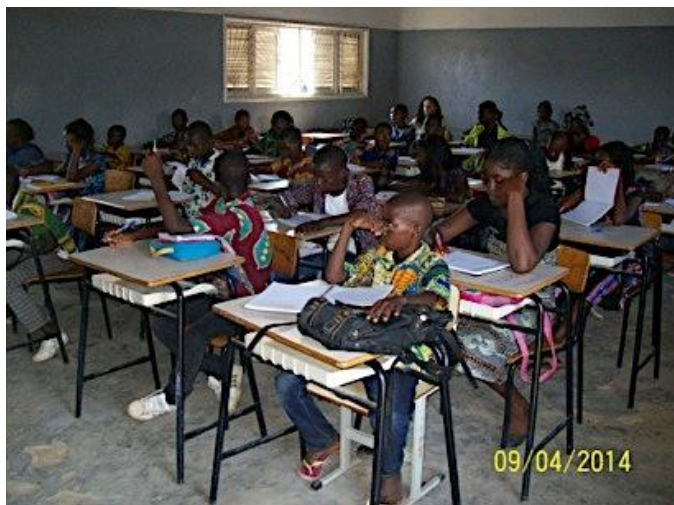
3.2.3. Os sujeitos observados

Os sujeitos de nosso estudo são os adolescentes e jovens, um grupo geracional complexo. Entendemos que existem várias adolescências dependendo do contexto histórico cultural de uma determinada sociedade.

Os sujeitos da nossa pesquisa são adolescentes, numa faixa etária compreendida entre 12 aos 17 anos de idade. São alunos da Escola do I Ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II que frequentam a 7ª Classe no período vespertino. Inicialmente observamos o comportamento de quase todos alunos no ambiente escolar. Para o melhor estudo, tivemos que fazer um recorte e trabalharmos apenas com um determinado grupo de alunos. É assim que entendemos delimitar e selecionar a Turma B3, constituída por alunos com idades previstas e de acordo com a classe que frequentam. Esta ideia partiu do entendimento que tivemos com o Diretor pedagógico da Escola, que em seguida forneceu-nos a lista de presença e avaliação dos alunos e o horário (calendário) de aulas da turma B3.

Durante esse ano letivo, foram matriculados nesta turma 62 alunos, dos quais 33 são do sexo feminino e 29 masculino. Durante a nossa frequência na sala de aula, percebemos que do número de alunos matriculados, 45 alunos frequentam regularmente as aulas, entre eles 16 do sexo feminino e 26 masculino. A sala de aula é grande, tem cerca de três lâmpadas fluorescentes, mas a iluminação é insuficiente. Pintada a duas cores, cinza e cor branca, por volta das 14:00 a sala fica bastante aquecida devido ao sol que bate nas janelas, refletindo a luz, o que muitas das vezes dificulta a visão dos alunos que se sentam em direção às janelas. O chão da sala é cimentado mas o pavimento não se encontra em boas condições. A figura a seguir aclara melhor algumas características da sala de aulas (Figura 8).

Figura 8: Alunos da turma B3 em aulas de Língua Portuguesa.



Esses adolescentes provêm de classes sociais diversificadas. Alunos cujo padrão de vida familiar corresponde a classe média, alguns a classe media baixa e alguns da classe baixa mesmo. Conseguimos fazer essa caracterização a partir do envolvimento que tivemos com os alunos, onde pudemos observar o perfil de apresentação deles, todos os dias de aulas e com mais realce no dia do traje Africano que é uma quarta-feira em que a escola exige dos alunos uso de roupas tipicamente africanas feita de panos usados na região (Figura 9). A capacidade de compra da merenda e a merenda trazida de suas casas faz ajuda na segregação social dos alunos da turma B3. Reforçando a nossa observação pela entrevista concedida pelo Diretor da Escola também faz referência de uma maneira geral sobre o nível de vida e a origem social dos alunos da Instituição que dirige, no trecho em que fala que muitos alunos vêm para a escola de carro com os pais e trazem um lanche preparado de casa. Muitos destes alunos com esse nível de vida e origem social alguns são integrantes da turma B3.

Figura 9: Alunos da turma B3 no intervalo no dia de traje Africano.



3.3. A Coleta e a análise dos dados

A metodologia usada para captar imagens das atividades realizadas pelos alunos pressupunha a utilização de uma câmera de vídeo, um método novo para o meu contexto enquanto pesquisador e também para os estudantes em Cabinda. A relação com essa ferramenta dificultou o meu enquadramento para entender o dia-a-dia dos meninos durante o seu tempo livre e a minha relação com a nova tecnologia no campo de pesquisa. Estava difícil fazer a filmagem e entrevistar ao mesmo tempo, por exemplo. Sendo assim, contei com apoio de duas estudantes brasileiras em estágio em Cabinda, nomeadamente Débora Reis e Vanessa Luísa, que contribuíram na pesquisa usando as câmeras para o registro das atividades em vários grupos e entrevistas audiovisuais.

No uso da câmera, tivemos outra dificuldade em captar os alunos no começo, porque estes não estão acostumados a serem filmados quando se divertem e isso talvez tenha se constituído um incômodo para eles. Muitos não queriam ser filmados, e isso dificultou no começo a minha imersão no grupo de alunos até eles se acostumarem com o equipamento e mostrarem um comportamento natural, não se importando com a filmagem.

De posse dos dados recolhidos por meio dos instrumentos já definidos, fomos capazes de categorizar as atividades que ocorrem na hora do recreio, analisar as imagens e o áudio, utilizando os recursos da análise interativa. Segundo Jordan e Henderson (1995), a análise interativa é um dos métodos interdisciplinares para a investigação empírica das interações dos seres humanos com os objetos em seu meio ambiente. Investiga as atividades humanas tais

como conversações, interação verbal e o uso de tecnologia para identificar práticas de rotinas e seus problemas e procurar recursos para a sua solução. Utilizando alguns princípios elencados por esses autores, foi feita a análise dos dados recolhidos que a seguir vamos apresentar por meio de gráficos e tabelas.

3.3.1. Instrumentos de coleta e organização dos dados

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa:

- Imersão no grupo e nas práticas escolares das turmas a pesquisar.
- Mapeamento geral do recreio/intervalo
- Mapeamento das práticas realizadas durante o recreio.
- Observação mais acurada de um ou mais grupos de aluno.
- Entrevista com professores e demais membros da escola, no sentido de captar informações desejadas a respeito da vida escolar dos alunos e de suas impressões acerca do recreio/intervalo.
- Gravação em vídeo e áudio, fotografias e o caderno de campo.

Em seguida, apresentamos um quadro resumo dos dados coletados. O exercício da coleta de dados constou de entrevistas dirigidas a um grupo de alunos da escola e especificamente alunos da turma B3; a um grupo de professores e ao Diretor da Escola. Foi possível ouvir também o Conselheiro do Ministro para o Ensino Superior em Angola para termos o conteúdo histórico da educação em Angola, quanto ao seu desenvolvimento que passa pelas reformas. Tivemos, ainda, a oportunidade de entrevistar o professor, Chefe do Departamento de Ensino e Investigação de Psicologia e Pedagogia no ISCED em Cabinda. Como não bastasse fomos capazes de registrar as atividades realizadas pelos alunos de uma forma geral, concluindo o registro com um acompanhamento específico à turma B3.

Para avaliar o nível de exposição dos alunos em relação ao calendário de aulas, foi necessário assistirmos por alguns dias algumas aulas dos professores num tempo integral de forma a poder registrar o comportamento dos alunos durante os intervalos de aulas. Por fim, para que pudéssemos ter um retrato de alguns momentos e situações do ambiente escolar, para além de uso da câmara e das entrevistas, também foram tiradas algumas fotografias em vários ambientes escolar.

Tabela 4: tabela de registro dos dados coletados para análise da pesquisa.

Eventos	Sujeitos	Mídia	Data	Local	Tempo	Observações
Entrevistas	1. Grupo de alunos	Áudio	17/03/2014	Escola de Cabassango II Cabinda	15mi	
	2. Aluno Januário Gomes	Áudio	19/03/2014	Escola de Cabassango II Cabinda	10 min	
	3. Professores de língua Portuguesa	Cadeno de campo	19/03/2014	Escola de Cabassang	10 mi	Dois professores de língua portuguesa tendo o mesmo ponto de vista em relação ao tempo.
	4. Grupo de Alunos	Áudio	24/03/2014	Escola de Cabassango II Cabinda	11 min	
	5. Grupo de Alunos	Áudio	06/04/2014	Escola de Cabassango II Cabinda	10 min	
	6. Formador de professores Paulo Ribeiro (Português)	Audio	09/05/2014	Luanda Hôtel Vila Alice	19 min	
	7. Eurico Ngunga	Áudio	14/05/2014	FAE	7 min	
Fotografias	8. Alunos e Escola	Imagem	De Fev à Jul, 14	Campo de pesquisa	-----	
Vídeos	9. Senhoras vendedoras	Audio visual	15/03/2014	Escola Cabassango II mini-mercado	17min	
	10. Alunos	Audio visual	09/04/2014	Escola Cabassango	27 min	
	11. Aula de Língua portuguesa	Áudio Visual	09/04/2014	Escola Cabassango II		
	11. Professor de Educação física	Áudio visual	09/04/2014	Sala de Professores	6 min	
	12. Alunos	Áudio Visual	24/04/2014	Escola Cabassango II	20 min	Parte de vídeo observando entrevistando alunos sobre os sentidos que dão ao tempo de intervalo (recreio)
	13. Alunos	Audio visual	09/05/2014	Escola de Cabassango II	6 horas	Mapeamento das atividades dos alunos da turma B durante o recreio
	14. Turma B3	Audio visual	11/05/2014	Escola de Cabassango II	6 horas	Assistência
	15. Conselheiro do Ministro para Ensino Superior	Áudio Visual	18/05/2014	Belo Horizonte Hotel Quality Pampulha	15 min	
	16. Director da Escola de Cabassango II	Áudio Visual	26/06/2014	Cabinda Escola de Cabassango II	1hora	Observei uma discordância na fala do Director em relação ao tempo de intervalo. O tempo de intervalo segundo o Director é de 10 minutos mas no horário escolar o intervalo é de 5 minutos entre uma aula e outra. Mas que na pratica o tempo chega a ser mais que dez minutos.
	1. Professor Nlando Balenda	Áudio	28/06/2014	ISCED Cabinda	19min	

3.3.1.1. Observação.

Um dos instrumentos privilegiados utilizados na pesquisa foi a observação dos alunos e do ambiente escolar, com o registro em vídeo. Sabemos que “a observação é um método de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (LAKATOS et al, 2002, p. 88).

Chapoulie (1984, p. 585), citado por Robert Mayer (2012, p. 255), ressalta a observação como procedimento da pesquisa qualitativa, pelo fato de implicar que o pesquisador observe pessoalmente de maneira prolongada, situações e comportamentos de seu interesse, não se limitando a conhecer por meio das categorias vivenciadas pelos sujeitos ou fenômeno social. De acordo com Mayer (2012), a observação figura-se sistematicamente ao lado das outras técnicas de coleta do material qualitativo, tais como a entrevista, os relatos de vida ou ainda a pesquisa documental, nos manuais básicos sobre os métodos de pesquisa nas ciências sociais. Valemo-nos deste método para a nossa pesquisa levando em consideração a sua delimitação da 7ª Classe Turma B3 do Primeiro Ciclo do Ensino Secundário de Cabassango II-BENCON.

Com o suporte do caderno de campo e da gravação em vídeo e áudio durante a observação, possibilitou-nos tomada de diferentes posturas que nos ajudaram a aferir o ambiente e os fenômenos que nela ocorreram. Procuramos mapear o espaço escolar, fazer o registro de algumas atividades e comportamentos apresentados, a maneira como os meninos exploram o espaço, o seu envolvimento com as pessoas de fora, o envolvimento dos alunos no comércio com as revendedoras ambulantes. Procuramos formas de nos enquadrar no ambiente escolar com os alunos a observar os sentidos e os significados de suas práticas. Pudemos, ainda, nos posicionar do lado de fora do recinto escolar, para podermos observar as várias intenções, tentativas e o ambiente dos jovens, adolescentes e vendedores ambulantes que convivem com os alunos durante o tempo que durar o recreio/intervalo dos alunos fora do recinto escolar.

3.4. Instrumentos de análise dos dados

Para proceder à análise, utilizamos algumas ferramentas:

- Organização e tratamento dos dados: os dados foram todos catalogados e organizados conforme nos mostra a Tabela 4.
- Entrevistas: as entrevistas foram transcritas e organizadas em categorias. Essas categorias serviram de parâmetro para a análise dos vídeos.
- Mapeamento da rotina da turma investigada: fizemos gravação em vídeo de dois dias inteiros da sala de aula pesquisada de forma que pudéssemos mapear toda a rotina dos estudantes. Esse mapeamento nos deu uma dimensão do que realmente ocorria em um dia integral com esses estudantes. Um exemplo do mapeamento pode ser visto na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5: Mapeamento da Rotina.

Data:				
Turma –				
Contextualização:				
Número de estudante no dia:				
Filmagem:				
Mapeamento feito por:				
Hora	Evento	Local	Descrição	Comentários

Triangulação dos dados: utilizando das diversas ferramentas, os dados puderam ser triangulados dando uma dimensão mais acurada do objeto investigado.

3.5. Singularidades do contexto da pesquisa

Ao desenvolvermos esta pesquisa, nos deparamos com muitas situações problemáticas que condicionaram a realização da mesma. Dentre estas, podemos apontar algumas dificuldades que pensamos serem as mais significantes.

Tratando-se de uma pesquisa realizada em Angola, o trabalho a ser orientado pela professora brasileira e apresentado no Brasil, criou discussões longas na fase da construção do corpo deste trabalho por se tratar de realidades historicamente diferentes. Para facilitar o entendimento foi possível existir um cruzamento de culturas, pelo que a Eminente Orientadora teve que deslocar-se para Angola, no sentido de compreender a realidade histórica e a cultura do povo angolano. Com a sua imersão no campo de pesquisa, clareou a compreensão sobre as minhas abordagens a respeito dos fenômenos que investigamos, que antes não tinham um significado mais concreto.

A minha situação profissional, tendo em conta as responsabilidades assumidas dentro da empresa, e as viagens de Angola para Brasil, e vice-versa, a atender as situações acadêmicas, provocaram certo desequilíbrio na organização do tempo, pois tive que atender a demanda dos dois lados.

Figura 10: Professora Maria Inês Goulart, com os alunos da turma B3 em Cabinda 9/04/2014.



O tema que nos propusemos investigar é rico do ponto de vista psicopedagógico. No entanto, encontramos dificuldades em Cabinda para encontrar trabalhos, material de apoio

para o suporte da nossa fundamentação teórica. Quase impossível pelo fato de não termos uma biblioteca bem estruturada. Para tal, tivemos que redobrar esforços, arregaçar as mangas e mergulhar no universo da bibliografia que a gigantesca Biblioteca de FaE e outras dentro da UFMG oferecem.

Na falta de material de apoio em Cabinda para o tema proposto, não foi possível cumprir com o cronograma estabelecido. Precisamos de mais tempo para a conclusão dos capítulos da fundamentação teórica que exigiu uma leitura exaustiva de várias obras de autores relacionados ao nosso campo de pesquisa.

Neste capítulo, procuramos apresentar o desenho da pesquisa bem como o contexto em que a escola investigada está inserida. Pudemos perceber a complexidade da realidade que estamos investigando, entendendo que o recreio/intervalo relaciona-se com as demais práticas escolares, constituindo-se como um dos elementos chave para a compreensão do que se passa no cotidiano da escola.

Apresentamos, ainda, os instrumentos de coleta e análise de dados que nos auxiliaram a compreender essa realidade complexa e multifacetada e as singularidades de uma produção acadêmica envolvendo dois países com contextos históricos diferentes e circunstâncias semelhantes.

CAPÍTULO 4: Uma escola dentro de outra escola: reflexões a partir de paradoxos, tensões e possíveis soluções.

A análise dos dados coletados nesta pesquisa se apoia tanto na história de Angola, considerando especialmente o período pós-independência, quanto nos referenciais teóricos discutidos no capítulo 2. Procuramos compreender a cultura escolar através da observação das práticas, da relação dos sujeitos com o tempo de recreio/intervalo escolar, tomando por base a compreensão de que o recreio também se constitui como um patrimônio da identidade cultural da vida social e da cultura escolar.

A nossa preocupação é, na verdade, falar sobre o recreio. E ao falarmos sobre o recreio, o compreendemos como uma prática escolar importante que necessita de espaço dentro da estrutura organizacional da escola. Como qualquer outra prática escolar, o recreio também pressupõe o engajamento e participação dos alunos e, conseqüentemente, promove a aprendizagem. Como explicitamos no capítulo 2, a concepção de aprendizagem adotada para a análise dos dados se baseia na ideia de que aprendemos quando participamos, efetivamente, de práticas sociais concretas. Vamos retomar aqui uma citação já colocada no capítulo 2, onde Asbahr (2011), apoiada nos trabalhos de Vygotsky, nos diz:

aprendizagem consciente é aquela que se efetiva quando os conhecimentos são vivos para o sujeito, ou seja, ocupam um lugar na vida real do sujeito, têm um sentido vital e não são somente respostas a condições externas, impostas por outras pessoas ou situações (Asbahr, p.16, 2011).

Sendo o recreio uma prática escolar em que os alunos se engajam e participam efetivamente, podemos afirmar, ancorados em nosso referencial teórico, que diversas aprendizagens emergem das múltiplas interações entre os estudantes e outros sujeitos ali presentes como, por exemplo: professores, vendedoras, outros adolescentes que transitam nas imediações da escola. Entretanto, em nosso trabalho o recreio escolar se vê problematizado e, curiosamente, quanto mais procuramos por ele, mais o recreio escapou de nossa visão. Então, novamente nos perguntamos: o que aconteceu com uma prática tão comum nas escolas?

Como vimos nos primeiros capítulos dessa dissertação, a proposta da Reforma Educativa é de garantir a educação de qualidade a todos, lema deixado pelo fundador da nação angolana, o Malogrado Dr. António Agostinho Neto, lema este que foi transformado em um princípio norteador da nação. Vimos também que esse princípio carrega um paradoxo, uma vez que ofertar educação para todos, nem sempre significa ofertar educação de qualidade. Além do mais, o próprio conceito de qualidade também precisa ser qualificado,

uma vez que toda qualidade é negociada. É, portanto, dentro de um contexto complexo como este que o recreio escolar se viu tensionado.

Notamos, ainda, que para que a proposta da Segunda Reforma Educativa fosse realizada foi necessário um planejamento do tempo levando em consideração o currículo e os conteúdos programáticos para construção de um perfil do Angolano considerado satisfatório para dar continuidade ao projeto da nação. Sendo assim, o tempo escolar ficou escasso criando a tensão na proposta de, por um lado, dar uma educação para todos e, por outro, dar uma educação de qualidade. Além disso, a explosão demográfica no país trouxe mais um item complicador para o cumprimento desse princípio que não foi seguido em relação a uma evolução na oferta de mais e melhores escolas. Reconhecemos, também, que este foi o motivo do surgimento das turmas pletóricas e de escolas com o regime de tempo conhecido por desdobramento (devido à falta de espaço, os alunos da 2ª classe, por exemplo, passam três horas consecutivas na sala de aula sem intervalo para que possa sobrar tempo para os outros dos turnos a seguir).

Com este contexto colocado passamos, a seguir, a fazer a análise dos dados. Para tal, usaremos como ferramenta de análise os conceitos de sentido e significado de Vygotsky (1934) e o conceito de aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991) e Lave (1999). Dentro dessa perspectiva, os estudantes da escola pesquisada são participantes de um mundo social, institucional e comunitário que buscam, incessantemente, dar sentido às suas vidas e o fazem procurando entender os significados estabilizados na comunidade da qual participam. A centralidade é buscar os sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes às práticas. Mas que para melhor compreender a complexidade dessa prática social, será necessário ouvir também alguns dirigentes e professores como conceituam e vivem a experiência do recreio/intervalo ou mesmo a ausência dessa prática.

Organizamos o capítulo em duas partes. Na primeira, procuramos trazer as vozes dos alunos, professores e alguns dirigentes sobre o que sabem e pensam em relação ao recreio escolar. Para isso, trabalhamos com as entrevistas realizadas de onde emergiram algumas categorias que nos ajudaram a compreender essas falas: concepção de recreio; importância do recreio; contradições; aprendizagens; motivos para não se fazer o recreio; recreio como herança cultural. Para a nossa compreensão, vamos triangular as falas, por categorias, partindo do ponto de vista dos dirigentes fazendo uma correlação com os discursos dos professores e alunos em relação ao recreio escolar.

Na segunda parte, analisamos a observação que fizemos na escola. Inicialmente

apresentamos um mapeamento de dois dias cuja observação foi feita do início ao fim das aulas. Para a análise, procuramos relacionar os tempos e espaços vivenciados pelo grupo de estudantes. Depois examinamos o que fazem os estudantes com seu tempo livre buscando compreender os sentidos que dão a esse fazer. Para isso, vamos nos valer dos dados capturados pelo vídeo.

4.1. O que dizem os dirigentes, professores e estudantes acerca do Recreio Escolar.

4.1.1. Concepção de recreio.

No capítulo 1, apresentamos algumas concepções sobre o recreio na visão de alguns autores referenciados. Um exemplo disso é o que nos dizem Neuenfeld, (2003, p. 1), Ferreira (1999, p. 1721) e Cavallieri (1994, p. 15). Para eles o recreio escolar é concebido como momento de lazer (recrear), o período de tempo entre as aulas, momento em que o indivíduo escolhe, de uma forma espontânea e deliberada, o que satisfaz as suas necessidades. Essa necessidade acompanha o aluno durante todo tempo de formação.

Alguns Dirigentes ligados ao ensino em Angola foram ouvidos para que deles possamos ter seus contributos sobre o que pensam acerca do recreio escolar. É assim que tivemos o privilégio de trazer para esta dissertação as vozes do Diretor da Escola do Consultor para o Ensino Superior em Angola, do Conselheiro do Ministro para o Ensino Superior e do Responsável pelo Departamento do Ensino e Investigação de Psicologia e Pedagogia no ISCED-Cabinda.

Os dirigentes apresentaram argumentos que caracterizam o recreio no processo escolar como um tempo em que o aluno, supre as necessidades biológicas, físicas, psíquicas, um tempo de lazer, de realização de práticas desportivas, aprendizagens e socialização. Para eles, esse tempo consta da organização dos tempos escolares.

Como havíamos anunciado no capítulo 3, sobre a entrevista do Diretor da Escola pesquisada, entrevista esta que foi enquadrada na categoria sobre as concepções, onde a fala deste dirigente mostra um paradoxo entre a política educacional, o plano curricular e a realidade prática da vida escolar e dos alunos.

Em relação à percepção do diretor quanto ao recreio escolar, ele afirma a existência deste momento na escola, embora a Segunda Reforma Educativa tenha suprimido o recreio conforme documentos apresentados no capítulo 1. O que teria acontecido nesta escola? Observemos o que diz o diretor:

“Sim existe o recreio, mas não é tão bem aproveitado. Temos o recreio um intervalo de 30 minutos apenas para o período das 9:00 às 9:30 até 10 horas é um intervalo

maior. Nesse intervalo maior tem decorrido algumas actividades que não são acompanhadas. As crianças ficam expostas aqui no pátio e sem um aproveitamento total do tempo” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

Na percepção do diretor, esse tempo do recreio existe, mas não é tão bem aproveitado. Mais adiante ele se refere a um tempo em que a escola também atendia crianças no início da escolaridade. Por esse motivo, a escola costumava incorporar, em sua organização, um tempo destinado ao recreio, que oficialmente não é previsto para os estudantes do secundário. Entendemos, assim, que a sua afirmativa de que há recreio remete ao tempo em que a escola atendia também ao Ensino Primário.

De qualquer forma, para ele o recreio é um tempo em que o aluno tem direito a um espaço organizado de maneira a sentir-se bem na escola. Diz ele:

“A escola não tem pelo menos uma área social, que devia cuidar por exemplo de lanches para crianças, um espaço onde poderíamos tomar um suco uma cantina não temos. Então temos determinadas dificuldades em manter as crianças aqui, e grande problema que temos e apresentamos um programa ao governo para rentabilizar este espaço. Se houvesse uma área social por exemplo uma cantina, seriam aí vendidos alguns produtos a custos baixos, poderia evitar que as crianças se descoloquem para comprar uma água, um suco, um bolinho lá fora” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

O diretor tem consciência da precariedade do serviço oferecido aos estudantes, mas não possui ainda meios de buscar alternativas para solucionar os problemas vivenciados pela escola, até porque, oficialmente, com a supressão do recreio na Segunda Reforma sua solicitação não teria sustentação.

Um segundo ponto levantado na entrevista e que nos parece importante é a visão do diretor de que, com a supressão oficial do recreio, o que ocorreu foi a utilização de um espaço/tempo de transgressões. Não há o espaço determinado, não há cantinas, não há investimento por parte do governo para que o aluno tenha uma alimentação adequada e saudável. Por sua vez, não há um tempo formal e de direito, em que o aluno possa relaxar, cuidar de si, socializar. Nesse espaço/tempo de transgressão, os estudantes buscam soluções alternativas, correndo riscos diversos. O diretor prossegue em sua fala:

“(Os alunos compram merenda lá fora) onde é uma via onde transitam os carros e pode ocorrer risco e atropelamento de uma criança. Há um ano atrás já tivemos um acidente de atropelamento, sorte não ter vitimado. Isso sucedeu porque as crianças saem e vão ao encontro de bolos lá fora onde estão aquelas mããs a venderem, um mercado que não está autorizado” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

E prossegue:

“Esse é um problema de saúde pública, temos problemas gravíssimos, os bolos tem estado exposto na poeira, os alimentos todos na poeira, sujidade as moscas e nós temos sido o recurso para o enriquecimento dessas mããs. Elas fazem essas actividades para sustentarem as suas família, mas por outra prejudicam os nossos

alunos. Acabam tendo diarreia e doenças que podem evoluir futuramente nas casas por terem ingerido todos os dias alimentos não bem preparados e não bem conservados” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

Quando discutimos a questão do recreio escolar com o diretor da escola, percebemos a complexidade das relações envolvidas. Na verdade, o fato do recreio não ser instituído formalmente pelo Sistema Educacional, mobiliza diversos tipos de relações informais (venda informal da merenda escolar, espaço fora da escola como lugar de adquirir a merenda etc) que gravitam em torno da escola criando todo um complexo de relações que vão muito além dos muros da escola. Essas soluções muitas vezes colocam em risco a vida do aluno, fato que realmente aconteceu e foi narrado no primeiro capítulo dessa dissertação. Mesmo os órgãos públicos, responsáveis pela merenda escolar, não possuem meios de livrar as crianças de uma alimentação pouco sadia que possa provocar doenças. Assim prossegue o diretor:

“O país tem um investimento muito alto para a merenda escolar, mas apenas para as escolas do ensino primário, que compreende as crianças de 6 a 11 anos. (...) Este programa existiu no passado nessa escola porque tínhamos crianças a frequentarem a 6ª classe e esse ano já não temos. Mas também temos dificuldades de compreender como é composta essa merenda. Porque ela é composta de sumo, e o sumo é doce sem proteínas e acompanhado de bolachas (biscoitos) doces. Isso provoca problemas intestinais para as crianças e há um surto de diarreias em quase todas as escolas do ensino primário em que a merenda é distribuída. Temos a nível da secretaria de educação que encontrar um fornecedor local que dê aquilo que a criança merece para não complicar a vida dela no seu desenvolvimento ou crescimento” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

Um terceiro ponto abordado na entrevista diz respeito à percepção do diretor quanto à relação entre o recreio/intervalo e o processo de aprendizagem do estudante. Em sua fala, traz outra novidade: o intervalo entre uma aula e outra é de dez minutos, contradizendo o que observamos nas diretrizes da Segunda Reforma. Diz ele:

“Há um intervalo intercalado de 10 min que antecede uma aula da outra. As crianças saem de uma aula e ficam nos corredores, não temos condições de manter todas as crianças sentadas, mas estamos com um programa conforme veem alguns bancos que estão sendo projetados numa fase experimental, para quando as crianças saírem estarem aí sentados nos bancos. Nesse período nos aconselhamos aos Delegados de Turmas⁷ com um programa específico mas eles não cumprem. Temos estado a insistir, sempre que estiverem de intervalo devem permanecer na sala lerem as matérias deixadas pelo professor e preparar a aula a seguir. Mas eles não cumprem e ficam a andar nos corredores e incomodar outros colegas que estiverem em aulas. É uma fase que nós não temos nenhum programa ligado a isso o único que temos é os delegados acompanharem os colegas a fazer cumprir que os colegas se mantenham na sala de aulas a exercitar, a matéria da última aula, da segunda e da terceira ou então preparar a matérias em função do tempo” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

⁷ Delegado de Turma: é um aluno eleito pelos colegas da sala de aulas, tendo em conta o seu nível de responsabilidade. Ele se torna representante dos demais perante os professores e ajuda na limpeza e organização da sala.

Essa fala do diretor traz elementos importantes para compreendermos os sentidos que ele atribui às práticas do recreio e do intervalo entre as aulas. Para ele o recreio relaciona-se com o momento de cuidados com o próprio corpo, com a alimentação e expõe sua forma de ver a organização da escola em relação aos tempos e espaços que poderiam ser destinados ao recreio. O intervalo, para o diretor, é um tempo de estudo, preparação para a aula seguinte ou revisão daquilo que se acabou de aprender. Essa concepção é também uma orientação para que os delegados de turma orientem seus colegas para que esses momentos possam ser usufruídos com tarefas de estudo e revisão. No entanto, para os estudantes não é essa a função do intervalo. O diretor sabe disso, embora não tenha clareza dos sentidos que os estudantes atribuem à essa prática escolar. Para ele, os estudantes não se esforçam o suficiente em relação aos estudos, como se pode perceber nos seguintes trechos da entrevista:

“Têm pouca participação e há muito fraco rendimento. Porque têm a preocupação de aprender, mas vão para as casas e não estudam.”

Ainda em relação ao processo de aprendizagem dos alunos, o diretor demonstra preocupação e dá destaque para a falta de interesse dos alunos.

“Temos tido notas muito baixas, e o fator fundamental é o desinteresse por parte dos alunos em querer aprender. Tem pouca preocupação em estudar. Tem mais interesse em programas como facebook e programas de televisão. Quando chegam em casa dificilmente leem. Já fizemos uma pesquisa com os pais e encarregados de educação e a resposta foi essa. As crianças quando chegam em casa não estudam e ficam apegados a televisão e acompanhar os programas que passam.”

“A escola não possui uma biblioteca, mas a província tem espaços, uma biblioteca municipal e uma universitária e nós temos estado aconselhar as nossas crianças, nossos alunos nesse caso são mais adolescentes, para frequentarem esses espaços. Mas quando fizemos uma ronda para observar a frequência dos alunos nestes espaços não encontramos. Um ou outro estudante que encontramos são estudantes universitários a busca de uma determinada matéria” (Recortes de trechos da entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

Pela fala do diretor, podemos perceber que há um investimento, por parte da escola, em verificar se os alunos estão realmente engajados nas tarefas escolares. A família é chamada a colocar sua percepção sobre o aluno, e eles “fazem ronda” para verificar a frequência dos estudantes nos espaços considerados educativos (as salas de leitura, biblioteca, por exemplo). No entanto, há uma constatação de que os estudantes não frequentam esses espaços nem estudam em casa.

Podemos fazer uma relação da fala do diretor com trabalho desenvolvido recentemente por Canhici (2014). A autora estuda Monografias produzidas pelos alunos de Licenciatura nos cursos de Pedagogia e Psicologia Educacional no ISCED Cabinda, que trata sobre as dificuldades de aprendizagem. Segundo a pesquisadora a problemática da dificuldade de aprendizagem na Segunda Reforma Educativa não é um fator que depende apenas do aluno.

As causas dessas dificuldades se encontram em outros fatores que envolvem os problemas sociais vivenciados pelos alunos e suas famílias, a precariedade na formação dos professores, as condições físicas e organizacionais de Escola, os meios e materiais didáticos para professores e alunos. Partindo destas conclusões Canhici ressalta a seguinte ideia em relação ao estudo feito por Barata (2009) sobre as dificuldades da aprendizagem da disciplina de Educação laboral:

Este trabalho monográfico nos faz pensar que não se pode dizer que “a culpa” do fracasso escolar está localizada apenas nos alunos ou nas escolas, mas na conjugação de múltiplos fatores que levam os estudantes a desistirem da escola ou ficar nela sem obter sucesso no processo de ensino-aprendizagem, por anos a fio. Cabe, portanto, aos educadores e aos mentores das políticas públicas adequarem o que se ensina, como se ensina, os resultados e a realidade dos agentes e sujeitos envolvidos. (CANHICI, 2014, p.75-76)

Partindo deste pensamento de Canhici (2014), podemos entender que o processo de aprendizagem depende de muitos fatores. A aprendizagem, neste caso, é o resultado das relações dialéticas do ser em sociedade numa relação humana tendo em conta as condições e políticas e organizacionais do ensino que uma determinada sociedade oferece.

Em relação ao último ponto, a organização da escola e a formação dos professores, para o enfrentamento da situação atual em que a escola se encontra, assim se expressa o diretor:

“Nós temos um programa de trabalho, a Direcção da escola é dirigida por uma Direcção que é coordenada por um Director Geral que sou eu, com assistência de dois Diretores, um para área pedagógica e outro área administrativa. São áreas fundamentais para o acompanhamento da atividade docente. Para além desta área nós descentralizamos o poder para haver mais abrangência foram criados os Diretores de turnos. Tem um coordenador em cada turno e esses coordenadores têm a função de velar pela limpeza e o acompanhamento das aulas dos professores e prestam a informação a Direcção.(...) No acompanhamento que fizemos com os professores, fizemos aulas de verificação. Nós como Direcção, nos deslocamos para a sala de aulas para acompanhar o empenho e desempenho do professor. Quando observamos uma debilidade, trazemos aqui na Direcção da escola onde fazemos alguma conversa com o professor para corrigir as lacunas observadas e agradecer aquilo que foi positivo, tudo na base do processo docente educativo. Exigimos o momento de planificação das aulas, é o elemento fundamental para o professor para ter o melhor desempenho dos alunos. Essa planificação é feita semanalmente. Os coordenadores de disciplina reúnem com os professores e daí é feita a planificação da matéria quinzenal. Antes de terminar a matéria planificada, convoca-se uma reunião num sábado uma reunião quinzenal. Tiramos a matéria de um programa nacional, para um programa específico, onde é elaborado o programa diário que é seguido da atividade lectiva. (...) Cada professor tem um plano de aula para administrar na sala de aulas. Todos os dias cada professor faz o plano de aula, e é de cumprimento obrigatório, porque somos uma escola modelo, onde passam as práticas pedagógicas dos estudantes do Instituto Superior de Ciências de Educação. Neste momento estão ocorrer aulas de professores do ISCED como estagiários estudantes do quarto e quinto ano” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

Sobre as atividades físicas privilegiam as práticas desportivas realizadas nessa prática e apresentam também argumentos extraídos do próprio campo teórico da Psicologia para justificar sua concepção:

“É uma questão que está ligada com a psicologia de desenvolvimento humano. É uma expansão gradual das possibilidades dialéticas que o indivíduo tem, para poder crescer melhor para poder desenvolver-se melhor.” (Entrevista com o Responsável pelo Departamento de ensino de Psicologia e pedagogia ISCED-Cabinda, 28/06/14).

Outro dirigente reforça a ideia no sentido descritivo alegando que:

“O recreio é um momento que nós fazíamos brincadeiras diversas, aproveitamos o tempo para prática de algum desporto, lanchar. Muitos se tornaram grandes jogadores aproveitando aquele tempo de 30 minutos para praticar uma modalidade de desporto, e eu fui um dançarino gimnodesportivo. Tudo começou no tempo de recreio” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/2014).

Percebemos que ambos os dirigentes apontam o recreio como uma prática salutar e necessária, um recorrendo à própria Psicologia e outro se ancorando em sua experiência prática de quando era aluno.

Os professores, por sua vez, de uma maneira geral concebem o recreio como um tempo escolar que.

“permite fazer um deslocamento daquilo que acontece no contexto social para dentro da escola. Porque o recreio é um momento em que o aluno quer viver as suas experiências pessoais trazidas de casa, do seu convívio do dia-a-dia para dentro da escola.” (Entrevista com o professor de Língua Portuguesa em 29 /06/2014).

Aqui temos duas falas interessantes, ambas conceituando o recreio como uma prática social, uma que faz transitar aprendizagens de dentro para fora da escola – “muitos se tornaram grandes jogadores aproveitando aquele tempo de 30 minutos para praticarem uma modalidade de desporto” – e outra que aponta aprendizagens de fora para dentro da escola – “porque o recreio é um momento em que o aluno quer viver as suas experiências pessoais trazidas de casa, do seu convívio do dia-a-dia para dentro da escola”. Em ambas as falas, percebemos aquilo que Lave (1999) nos ensina quando afirma que a aprendizagem humana é o resultado do engajamento dos sujeitos em práticas sociais concretas.

De certa forma, os alunos alguns alunos entrevistados apresentaram mais concepções e descreveram mais o recreio do que os dirigentes e professores considerando o leque de atividades que eles realizam. Para os alunos entrevistados, o recreio tem a seguinte concepção:

“nós aproveitamos esse momento para fazer o que a gente quer como: brincar,

merendar, relaxar conversar com os colegas de outras turmas e fazer um jogo. Esse tempo é livre porque cada um escolhe o que fazer. Por exemplo, outros colegas estudam uns ficam a falar de bíblia e muita coisa.” (Entrevista com grupo de alunos no pátio escolar, 24/03/2014)

Nesta categoria notamos que o significado dado ao recreio escolar é semelhante, mas que os sentidos diferem. Os dirigentes e professores falam de forma estratégica, utilizando um referencial científico com o intuito de dirigirem o olhar das pessoas sobre essa prática. Ao explicitarem sua visão sobre o recreio, o fazem do ponto de vista do observador e não de quem vive essa experiência na prática. Já os alunos conceituam o recreio do ponto de vista de quem o pratica, daquilo que fazem nesse tempo. Entretanto, trazem à cena um elemento central: a autonomia do sujeito de escolher como vivenciar esse tempo: “Esse tempo é livre porque cada um escolhe o que fazer.” Esse é um ponto que iremos aprofundar mais adiante.

4.1.2. Importância do recreio.

O tempo de recreio, ao fazer parte dos elementos do processo de ensino e aprendizagem, possui significados no que concerne à sua importância. É assim que para Dumazidier (1980, p. 109), o recreio é tempo vital que cada um procura defender, contra tudo que o impede de ocupar-se consigo mesmo. É antes de tudo liberação de cada um, seja pelo descanso, seja pela diversão, seja pelo cultivo do intelecto.

Encontramos, nas falas dos entrevistados, aspectos que corroboram a afirmativa de Dumazidier (1980). Sendo assim, a visão dos sujeitos entrevistados valida o pensamento deixado pelo autor, pelo fato das suas concepções trazerem elementos ligados ao lazer e que proporcionam o bem estar psíquico e físico do aluno. É assim que na fala dos dirigentes percebemos que “o recreio é importante porque realizam-se actividades desportivas, actividades do lazer para o bom desenvolvimento da nossa mente”.

Dando sequência um dos dirigentes entrevistados alega que:

“a formação deve ser integral, uma formação integral deve tratar da mente ao corpo. E fazer mente e o corpo significa que temos que fazer exercícios. Lembra que quando as crianças vão lá fora começam a correr, jogar futebol, lutar com os outros, fazer esforço para arrancar a metade do pão do outro, isso tudo faz parte do desenvolvimento da personalidade da criança, e isso é necessário.” (Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED-Cabinda, 28/06/14).

Nesta categoria os professores trazem-nos argumentos concretos numa fala longa dizendo que:

“O recreio é importante porque nele realizam jogos e esses jogos são também educativos porque eles mobilizam a disposição psicomotora do próprio indivíduo. Ao exercer a atividade motora, aí está ligada a questão da educação física, a mobilidade da própria pessoa e outros fatores que vão mesmo contribuir no bem estar psíquico, emocional, e físico do indivíduo. Porque o facto de ele estar em movimento constante ele vai transpirar, vai lhe proporcionar o bem estar, melhor do que ele esteve antes. Esses jogos tiram a carga da sala de aulas naqueles instantes para proporcionarem outro ambiente depois do intervalo ou recreio.”(Entrevista com o professor de Língua Portuguesa em 29 /06/2014).

Para os alunos, a importância do recreio é mais significativa ainda, pelo fato de se resumir nas práticas do dia-a-dia e também referir-se a um momento de alívio diante da demanda escolar. Uma aluna diz: “o recreio é um momento que nós aproveitamos para tirar o stress que aturamos aí na sala de aula”.

Os argumentos dessa aluna, quanto à importância do recreio, acabam tendo mais sustentabilidade porque estão de acordo com a fala de um dos dirigentes, que é Psicólogo Educacional. Vejamos o que ele diz:

“o recreio é para repor o oxigénio novo. E depois permitir que o indivíduo não fique estressado. O aluno quando está na turma fica muito estressado tem o medo que o professor lhe envia ao quadro para não cometer erro. Fica com esse receio de ser chamado para o quadro. Logo na hora de recreio é para reviver o ambiente quase familiar.”(Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED- Cabinda, 28/06/14).

Aqui, vemos algo curioso quando observamos essa alusão ao ambiente familiar. Essa fala nos sugere uma visão de aprendizagem onde os conteúdos ditos escolares em muito se distanciam das aprendizagens dos alunos nos momentos de recreio. Considerado como “quase familiar”, o recreio fica então destituído de seu status de prática escolar, podendo ser vivenciado ou não no espaço da escola. Como nos ensina Lave (1999), os sujeitos se constituem em práticas, sejam elas nos espaços escolares ou não. Dessa feita, não há como se pensar em uma aprendizagem que seja apenas transmitida pelo professor, mas esta só será significativa quando o sujeito dela se apropriar com o corpo, com a mente, com as emoções.

4.1.3. Contradições

Ao analisarmos os discursos dos sujeitos pesquisados, os documentos que tivemos acesso e as observações no campo de pesquisa, encontramos vários conflitos, tensões, distorções e mesmo contradições. Nessa primeira parte vamos nos ater a apresentar essas contradições presentes nas falas dos sujeitos entrevistados e na análise documental. Na segunda parte desse capítulo iremos adicionar mais um elemento que foram as observações em campo. Com isso, pretendemos levar o leitor a entrar, cada vez mais, na complexidade do

nosso tema que extrapola o próprio objeto investigado que é o recreio escolar. Como havíamos dito anteriormente, ao procurarmos a prática escolar do recreio nos deparamos com práticas outras que trouxeram à luz, as dificuldades enfrentadas pelas escolas angolanas. Outro aspecto que começou a ser delineado é o fato de Angola se encontrar em uma fase de transição para reafirmar sua identidade cultural. O fato de ter se libertado da colonização portuguesa recentemente e de ter passado por uma guerra que a devastou, coloca o país em um momento de repensar sua própria identidade. Então, fica mais evidente o choque de culturas; entre a cultura portuguesa e a cultura do povo angolano. Transpareceu-nos que ainda existem na gestão atual, práticas entendidas como herança do regime colonial. Estas, sobrepostas a outras, apresentam um emaranhado de significados cada vez mais instáveis. Recordando nosso referencial teórico, e nas palavras do próprio Vygotsky,

o sentido é sempre uma formação dinâmica fluida, complexa, que tem varias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe em contextos diferentes, a palavra muda facilmente de sentido. O significado ao contrário é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos (VYGOTSKY, p.465, 2000, apud Asbahr p.5, 2011).

Em um momento em que o país vive todas essas transformações, os significados que deveriam estar mais estáveis, uniformes, exatos se veem problematizados. Assim é o caso do recreio escolar e da menção, pelos dirigentes, dos momentos em que eles próprios viviam o recreio escolar. Naquela época, com a educação pautada pelos valores da cultura portuguesa, essa prática tinha seu significado estabilizado. Já não é o que encontramos nos dias de hoje.


As contradições são várias e apresentamos aqui apenas aquelas que mais se repetiram na fala de todos: o aproveitamento do tempo para a formação dos angolanos; a interpretação da lei 13/2001 sobre a Segunda Reforma Educativa artigo 49 (formação extra escolar); a sobrecarga dos tempos de trabalho dos professores; alunas proibidas de realizar o jogo antigo denominado “zero”, pelo fato de constituir poluição sonora no ambiente escolar; a existência ou não do recreio escolar; a questão da inserção de mais disciplinas no currículo; o número de alunos por sala segundo o que está estabelecido na reforma e a realidade no terreno.

Vamos articular as falas para que possamos notar essas divergências. Os dirigentes na sua fala ressaltam o seguinte: “devemos aproveitar o tempo para a formação, e isto é algo muito sério e é um compromisso para com a nação angolana e isso consta na lei 13/01”. (Entrevista com o Consultor para o Ensino Superior Angola, Minas Gerais, 18/05/2014). Mais adiante o diretor da escola afirma que “as turmas devem ser constituídas por 45 alunos”. Mas na prática são, em média, 60 alunos ou mais tal como constam da lista da turma B3 (Anexo

1). Ainda sobre o tempo em respeito ao decreto, no seu artigo 49 diz que “as aprendizagens extraescolares são feitas no período oposto das aulas”. No mesmo artigo, no ponto dois, diz que a formação extraescolar realiza-se nos tempos livres de aulas, aproveitando o tempo de recreação, actividades desportivas etc.” Na prática, o que se realiza no período oposto, segundo o que consta do horário escolar, é disciplina de educação física por falta de tempo suficiente para cobrir os seis tempos diários, porque as disciplinas aumentaram com a Reforma Educativa. Ao analisarmos o horário escolar, notamos também que não existe tempo reservado para a recreação tampouco para as actividades extraescolar. Consta do horário escolar apenas o intervalo de cinco minutos entre as aulas, fazendo 25 minutos de descanso em cinco horas por dia.

Outra contradição em relação ao tempo respeitando as vozes dos dirigentes entrevistados é de que “o tempo deve ser aproveitado”. Pelo que observamos há um descumprimento do horário escolar. Essa questão parece ser uma herança da cultura portuguesa ou mesmo da cultura do povo, mas que começa a ser incentivada na escola e está se tornado um fato da realidade angolana. São poucos os eventos que dão início na hora marcada e terminam no horário certo. Ao fazermos análise do nosso panorama de pesquisa, constatamos que existe uma falta de cumprimento de horário por parte de alguns professores, o que leva os alunos a se reorganizarem à sua maneira aproveitando o tempo livre quando não há professor. Surge, por conseguinte, a nossa curiosidade em saber de que eles se ocupam, qual é o aprendizado para sua formação? Se os professores se atrasam ou não se apresentam para administrar as aulas, contradiz a afirmação do professor que diz que “deve sobrecarregar o tempo de trabalho do professor”. Sendo assim, não estamos a aproveitar o tempo tal como pensado no decreto lei 13/01 e reforçado pelos dirigentes. A figura abaixo (Figura 11) é o planeamento dos tempos da turma investigada. Esse planeamento nos mostra a intenção de desenvolver as actividades de acordo com a política educacional que procura aproveitar ao máximo o tempo dos estudantes. No entanto, contradiz com o exposto na lei em relação as actividades extra escolares.

Figura 11: Calendário oficial das aulas (horário escolar).


 REPÚBLICA DE ANGOLA
 MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
 ESCOLA DO I CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO DE CABASSANGO

TURMA: B3 CLASSE: 7ª PERÍODO: VESPERTINO

HORÁRIO ESCOLAR					
HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
13-13:45	L.PORT	HIST	MAT	BIOL	QUIM
13:50-14:35	L.PORT	ED.LAB	MAT	E.V.P	EMP
14:40-15:25	FISICA	LEST	L.PORT	EMP	MAT
15:30-16:15	BIOL	FISICA	HIST	L.PORT	HIST
16:20-17:05	E.V.P	MAT	LESTR	LESTR	GEO
17:10-17:55	ED.LAB	E.M.C	QUIM	GEO	FISICA
PERÍODO OPOSTO	EDUCAÇÃO FISICA				



Podemos observar que a turma B3 da 7ª classe possui diariamente seis tempos de 45 minutos cada, por disciplina, podendo ter aulas geminadas, no caso das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Mais adiante vamos observar o que acontece na prática dessa turma. Recalcando sobre a lei 13/01, no artigo 49 a formação extraescolar realiza-se no tempo livre e nas atividades esportivas e jogos. Na prática, os alunos reclamam terem sido proibidos de jogar, no caso de falta de professores, por provocarem tumultos na escola. Alegam as alunas: “Nos proibiram de jogar ‘Zero’ quando estamos sem aulas porque provocamos barulho com as palmas”.

Quanto ao recreio escolar os dirigentes falam sobre sua concepção, embora na prática não ocorra. Como vimos no capítulo 3, o diretor da escola remete ao recreio como uma prática recorrente na escola para, em seguida, dizer que essa prática ocorria quando a escola atendia crianças de níveis básicos. Diz ele: “Sim existe o recreio, mas não é tão bem

aproveitado.” Interessante que este diretor é quem distribui os horários das diversas turmas, como a B3, onde não consta um tempo determinado para o recreio. Na entrevista com um dos dirigentes assim ele se expressa: “Bem, não é uma questão de Reforma. A Reforma prevê também o recreio nas actividades extraescolares.” Como podemos perceber, uns afirmam que existe recreio e outros não. Dessas afirmações contraditórias podemos inferir que o Programa Político não condiz com a realidade. Não está expresso o recreio em algumas páginas da lei 13 /2001 na Segunda Reforma e nem no plano das aulas.

Já alguns professores sabem que não existe o tempo de recreio no horário escolar. Assim, abrem um espaço no seu tempo de aulas para que os alunos possam ter pelo menos 15 minutos de descanso, porque percebem a importância desse tempo para os mesmos. Argumentou assim uma professora:

“as vezes quando alguns colegas não faltam, e se tenho dois tempos, tenho dispensado os alunos uns 15 minutos para relaxarem porque eles são crianças não aguentam ficar muito tempo na sala de aula.” (Entrevista com a professora de Língua Portuguesa, sala de professores, 19/03/2014)

Numa outra visão contraditória um professor diz que:

“os alunos têm tido recreio. Eles aproveitam o intervalo de cinco minutos para se recrearem, ir ao banheiro e comprarem merenda lá fora”. (Entrevista com o professor de Educação Física, 09/04/2014)

É interessante perceber nesta fala, como a dimensão do tempo não é real. Com um intervalo de cinco minutos o professor espera que os alunos possam recrear ir ao banheiro e comprar merenda fora da escola. Esta mesma ideia foi sustentada pelo diretor da escola da seguinte forma:

“os alunos passam tempo fora nos corredores, fazendo barulho incomodando outros que estão em aulas e não aprendem nada”.

Acrescentou ainda que

“por isso é que o professor nomeado como chefe de turno e os delegados de turma têm a responsabilidade de manterem os alunos na sala enquanto não tem professor. Mas isso tem sido muito difícil porque eles se movimentam demais nos corredores” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

4.1.4. Aprendizagens no recreio

Todas as falas admitem que no recreio os alunos aprendem algo e que é um momento muito rico para eles porque trocam experiências. Os dirigentes fazem referência à sua experiência vivida como estudantes, em que no tempo de recreação eles aproveitavam 30

minutos de intervalo maior para praticarem determinados jogos e outros se ocupavam a fazer qualquer coisa mas que no final todos acabam aprendendo e se divertindo. Outro dirigente reforçou essa ideia dizendo que:

“durante o recreio o professor não fica a ensinar, mas os alunos aprendem, por exemplo, uns lutam enquanto os outros assistem. É uma aprendizagem.” (Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED- Cabinda, 28/06/14).

De acordo com Schmidt (1969), como nos referimos nos capítulos anteriores, “o recreio é um momento de troca de experiências e que as experiências devem ser agradáveis, e oferecer um desafio às energias dos participantes”. Sentimos na fala dos professores a percepção de que os alunos aprendem no recreio, uma vez que acontece uma troca de experiências tal como afirmam:

“Porque o recreio é um momento em que o aluno quer viver as suas experiências pessoais trazidas de casa, do seu convívio do dia-a-dia para dentro da escola. E eu entendo o recreio como um ambiente propício onde o aluno vai experimentando novas relações, vai mantendo novos contatos com indivíduos que ele não conhece ou conhece mal. Porque não é o facto de eu ter um colega de sala que necessariamente seja um amigo. Eu preciso interagir com essa pessoa num ambiente mais recreativo para que possa entender o outro.” (Entrevista com o professor de Língua Portuguesa em 29 /06/2014).

A fala desse professor reitera a concepção de que somos sujeitos sociais e que essa socialização ocorre em espaços e tempos em que podemos nos relacionar de forma mais livre.

Schmidt (1969) deixa claro que no recreio “regras rígidas, restrições, controle exagerado, perfeccionismo, destroem a sua natureza”. Essa ideia se articula com o pensamento de um dos professores quando ele diz que:

“É por aí que nós entendemos o recreio e deixamos os alunos mais a vontade, mais livres para brincarem interagirem, conversarem dentro de um limite escolar e os professores ficam como espectadores. Se virmos que uma determinada conversa ou brincadeira não está dentro dos padrões escolares o professor vai intervir.” (Entrevista com o professor de Língua Portuguesa em 29 /06/2014).

Quanto aos alunos, a concepção das possíveis aprendizagens vem misturada na descrição das atividades que fazem no tempo de recreio, como o caso dos alunos que ensinam o evangelho aos outros, nas conversas de uns alunos com outros de outros pavilhões etc. Essa descrição será bem analisada na segunda parte desse capítulo.

As evidências aqui apresentadas nos remetem à perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1934), de que o homem é fruto das relações sociais e de suas práticas e se constitui por meio da linguagem. Os sentidos e significados se articulam numa relação dialética. Assim, quando percebemos as inúmeras estratégias que os alunos buscam para se

socializarem e aprenderem, percebemos, como Vygotsky, que as relações sociais e as práticas culturais estão no centro das aprendizagens desses adolescentes. Mergulhados nessas práticas os alunos dão sentidos diversos e buscam compreender os significados que norteiam essas práticas buscando ampliar a compreensão de mundo.

Relacionando o conceito da construção de sentidos e significados de Vygotsky (1987; LEONTIEV, 1978) e do conceito de aprendizagem conceituada de Lave (LAVE & WENGER, 1991; LAVE, 1990), entendemos os sujeitos desta pesquisa como elementos que, de acordo com os comportamentos apresentados, encontram-se num processo de construção de saberes que se realizam entre diversos grupos formados por eles no ambiente escolar, considerando o grande leque de atividades que eles realizam. Por exemplo, observamos como um aluno agrega atenção ao que faz em seu tempo livre, no caso, um desenho, atraindo alguns colegas que se aproximam para compartilhar com ele esse seu fazer. Considerando o princípio de aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991), aprender está intimamente ligado à troca de experiências por meio de práticas.

4.1.5. Motivos para não se fazer o recreio

Pedagogicamente falando, não existiria na escola motivos que possam suprimir o recreio na vida do aluno. Uma exceção seria uma atividade que queremos dar continuidade fora da sala de aula, aproveitando o tempo de recreio. O recreio passa, então, a ser mais pedagógico por ser uma atividade dirigida. Na prática, porém, observamos que os sujeitos pesquisados apontaram vários motivos para que não houvesse recreio na escola. Ao analisarmos os dados nesta categoria, entendemos que todos eles são voltados a questões políticas especialmente em uma tentativa de equacionar a questão do tempo, a organização da escola e as questões ergonômicas (espaços e condições) que atendam o aluno no recreio.

Politicamente falando, um dos dirigentes afirma que

“talvez a estatística não funcionasse, porque com o calar das armas a população aumentou e continuamos com as mesmas escolas. Algumas foram reabilitadas, outras recentemente construídas, mas que não satisfazem a demanda”. (Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED- Cabinda, 28/06/14).

Continuando o dirigente afirma que:

“Como há um princípio político que diz que nenhuma criança pode ficar fora do sistema de ensino, as salas passaram a ser pléticas, muitas disciplinas surgiram e outras foram retiradas nos planos curriculares como é caso do recreio. E em contrapartida em algumas realidades angolanas, para as crianças mais pequenas, adoptou-se o sistema que se chama desdobramento.”(Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED- Cabinda,

28/06/14).

Para ficar claro o dirigente dá-nos uma explicação detalhada sobre o significado do sistema:

“Desdobramento quer dizer uma mesma turma 2ª classe, por exemplo, tem crianças numa faixa etária de sete anos, e essas crianças, por exemplo, entram as 7:00 e terão que deixar a turma as 10:00. Quer dizer que só têm três horas de aulas por dia porque têm que deixar a turma para as outras crianças que vão entrar as 10:00 para sair as 13:00. Por falta de espaços, não temos escolas e salas de aulas suficientes, e adota-se esse sistema. Ao fazer isso reduz-se o tempo letivo. Ao reduzir o tempo letivo muitas dessas disciplinas não são ensinadas por exemplo o recreio.”(Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED- Cabinda, 28/06/14).

Podemos perceber, nesta fala, os reais obstáculos pelos quais a política educacional angolana enfrenta para equacionar o lema da educação de qualidade para todos. Interessante observar que, na concepção desse dirigente, ora o recreio é visto como uma disciplina escolar, ora como algo “quase” familiar, como apontado anteriormente. Sendo assim, podemos inferir que essa prática escolar ainda não foi problematizada, pelo menos no âmbito das políticas educacionais, o que é compreensível em um país que recém saiu de uma guerra devastadora.

A questão da falta de espaço, como nos referíamos acima, foi fortemente apontada pelos dirigentes, professores, assim como pelos próprios alunos:

“aqui falta de cantina, uma biblioteca, um espaço próprio para brincar, um campo.” Este pensamento está presente na fala de um dos dirigentes quando afirmam que, “quando a Escola é construída no meio de habitações dos populares, não há espaço para a criança brincar, não há um desenvolvimento e um crescimento concreto.” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

Podemos dizer que é o caso da escola de Cabassango II que se localiza no meio dos populares.

Para além das questões políticas relacionadas com as estruturas físicas das escolas em Angola, especificamente na província de Cabinda, os dirigentes alegam que a formação do próprio professor também é um fator para não haver recreio. Se o professor fosse treinado, saberia contornar a falta de tempo. Diz um deles:

“Por exemplo, os professores que trabalham com as crianças pequenas por essa falta de tempo, deviam ao menos em três ou cinco minutos, pôr as crianças em pé cantar uma canção um hino é uma forma de relaxar os alunos.”(Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED- Cabinda, 28/06/14).

Quanto à formação dos professores alegou o diretor da escola que:

“É uma preocupação do Sector de Educação e já refletiu que há mesmo debilidades, inclusive é por isso é que o país está com um programa de dar mais uma formação intensiva aos nossos quadros a todos os níveis. Não basta ser Licenciado, não basta ser médio, mais tem que ter outra agregação pedagógica ou uma agregação na área em que estiver a trabalhar, para superar algumas dificuldades.” (Entrevista com o diretor da escola 26/06/14).

“O ISCED Cabinda não tem nos seus programas curriculares actividades recreativas nem tão pouco a disciplina de educação física” (Entrevista com o Responsável pelo Departamento de Ensino de Psicologia e Pedagogia ISCED- Cabinda, 28/06/14).

Ao analisar essa passagem entendemos que os professores formados no ISCED Cabinda devem ter dificuldades de lecionar as aulas de educação física e entreter os alunos nos tempo livres caso seja necessário.

4.1.6. Herança cultural

Esta categoria surge na fala dos dirigentes e professores, trazendo uma visão histórica, da realidade angolana quanto à recreação escolar. Conforme nos aponta a perspectiva histórico-cultural, o ser humano se faz na e pela cultura. Então, entendemos a prática escolar do recreio como um momento privilegiado de se apropriar da tradição, dos ritos, dos mitos que fazem parte da cultura angolana e que se expressam nas brincadeiras, nos jogos, nas conversas, nos ritos de socialização. Aceitando a diversidade cultural que proporciona uma identidade dos sujeitos, nossa preocupação é a de resgatar e socializar a historia cultural, preservar as práticas socializadoras da identidade cultural no ambiente da escola angolana e do próprio povo em si.

Na fala dos nossos sujeitos sentimos essa apropriação do resgate de valores culturais quando os dirigentes afirmam que tiveram uma educação portuguesa e missionária e alguns jogos realizados hoje são de seu tempo. Os dirigentes entrevistados lembram-se ainda do tempo previsto de recreio e, ainda, não era delimitado por níveis, além de não haver restrições:

“Era um intervalo entre as aulas que aproveitávamos para recrear e tínhamos os 30 minutos do intervalo maior que era o tempo de recreio geral, e nesses 30 minutos todos os alunos estavam fora”. (Entrevista com o Conselheiro do Ministro para o Ensino Superior em Angola Minas Gerais, em 18/05/2014)

Reforçam essa ideia dizendo que sempre existiu o recreio em todos os momentos de formação que tiveram e onde havia um espaço apropriado. Os dirigentes entrevistados lembram-se ainda que no tempo de recreio à época, conseguiam disputar bons jovens que hoje

são desenhistas e que atualmente trabalham fora do país a fazerem desenhos e artes gráficas.

Os professores também estão de acordo com o pensamento dos dirigentes e entendem o recreio como espaço de realização de jogos e que esses fazem parte da identidade cultural. Em uma entrevista com professor de Língua Portuguesa falou-nos o seguinte:

“Os jogos em Cabinda eles têm um significado meramente cultural. Porque desde a minha geração até essa nova geração, porque eu já tenho quase trinta anos e a geração tem vinte e cinco anos e essa é uma geração nova. Então muitas dessas brincadeiras que eles fazem hoje, refletem-se a nossa geração. Pode se dar o caso que a geração antiga, já tiveram outras brincadeiras. As brincadeiras da nossa geração sim algumas estão sendo transportadas no ambiente escolar hoje. Por isso é que eu disse por exemplo o “Lentin” é um jogo muito antigo até os nossos avós fizeram.” (Entrevista com o professor de Língua Portuguesa em 09/04/14)

Percebemos, nessas falas, mais uma contradição quando nos deparamos com duas culturas fortes em disputa: a angolana e a portuguesa. Alguns entrevistados se referem ao recreio, cujo significado encontra, nas raízes portuguesas, uma forte base. Outros apontam aspectos da cultura angolana, em contrapartida. Essas duas culturas parecem conviver no espaço da escola tencionando as relações ali existentes e o cumprimento dos rituais escolares. Desta feita, a divisão e organização de tempos, o currículo, as formas de se relacionar com o conhecimento, frutos de uma tradição portuguesa, esbarram com outras formas de gerir o tempo, com outros interesses, com outras brincadeiras que expressam lógicas diferenciadas, gestadas nas entrelinhas, ou entretempos que estão longe de conviverem em paz. Assim, temos ao mesmo tempo, alunos “pastores”, dos quais iremos tomar conhecimento mais adiante, convivendo com jogos como o “Lentin”, “um jogo muito antigo que até os nossos avós fizeram” considerando a afirmação do professor acima.

O jogo denominado “Lentin” ou “Tocada” (que tem nome de “Lentin” na região norte de Angola e “Tocada” no leste), além de proporcionar o desenvolvimento psicomotor do aluno expressa a filosofia africana, e angolana mais especificamente. Ensina a compreender que um grupo é formado por vários indivíduos e cada um significa o grupo. O esforço individual neste jogo favorece a vitória do grupo e o esforço conjunto melhora ainda as condições de ganhar o jogo. O jogo oferece um desafio de esquivar os inimigos no meio da quadra e fazendo voltas a ela. Caso uma pessoa não saiba esquivar e seja tocada afeta o grupo. Por isso, diz-se: todos por um e um por todos. Por outro olhar, o jogo em si ensina a compreender e exercitar o espírito de equipe. É uma lição que, segundo os mais velhos, incentivou a juventude a resistir contra a opressão colonial e que até hoje se torna um valor cultural: a junção de esforços de todos na luta por uma causa justa.

Como podemos perceber as brincadeiras do recreio vão muito além de meros jogos

para relaxar. Além de incentivar a autonomia dos alunos, traz as raízes culturais do povo para serem vividas e não apenas pensadas. Nessa luta entre as culturas, a do colonizador e a do colonizado, as práticas escolares exercem um papel primordial. É nesse sentido que insistimos em dizer que o recreio é também uma forma de se trabalhar a herança cultural. Sendo assim, entendemos que a escola não é só um lugar que os sujeitos adquirem a informação, mas que eles vivem também uma formação como sujeitos humanos. O recreio deveria ser esse momento para preservação desta cultura.

4.2. Observação na escola

De maneira a complementar nosso estudo, além das entrevistas, fizemos observação na escola. Foram várias visitas. Em alguns dias apenas por algumas horas, sendo que em dois dias a observação foi feita do início ao fim das aulas. Para isso, contei com a ajuda das alunas brasileiras Débora e Vanessa que auxiliaram na gravação em vídeo, conforme explicitado no capítulo 3.

Nesses dois dias, iniciamos as filmagens no início das aulas e permanecemos com a filmadora ligada durante todo o período, entre aproximadamente 13 e 17 horas. De posse desse material trabalhamos os tempos e espaços escolares por meio de um panorama (Anexo 2). Com esse material também pudemos ter uma ideia mais apurada do que os alunos fazem no período do intervalo e mesmo em períodos livres, quando estão à espera do professor.

No capítulo 2, trabalhamos com alguns autores que definem a escola como uma instituição de formação do homem, que exerce o papel de socialização e de construção do conhecimento. Segundo Branca J. Ponce (2009), a escola é um espaço de construção da cidadania que incentiva a construção de um diálogo democrático e que visa a formação de valores. Encontramos esses mesmos significados nas falas dos dirigentes e professores, já apontadas na primeira parte deste capítulo. No entanto, quando entramos na escola, essas proposições não aparecem na prática. Como acreditamos, com Lave (1999, 2001), que os sujeitos aprendem em práticas sociais concretas, temos diante de nós uma prática discursiva que se assenta nos discursos dos dirigentes e professores, e outra, que se baseia no que ocorre cotidianamente na sala de aula e em outros espaços da escola. Entre o que se fala e o que se faz, há uma diferença enorme. Dessa forma, os estudantes acabam dando sentidos diversos para o que vivenciam na escola. Vejamos o que a nossa observação nos trouxe de dados.

4.2.1. Espaços e tempos vivenciados pelos alunos

Foram feitas duas observações de tempo integral: nos dias 07/04/14 e 11/06/14. Trabalhando com o mapeamento desses dois dias pudemos fazer uma medição dos tempos, espaços e atividades realizadas. Quanto aos espaços utilizados pelos alunos, observamos que eles transitam pela sala de aula, pátio e mercado. A organização desses dados em tabelas e gráficos nos dá uma dimensão do que ocorreu nesses dias.

O dia 07/04/14 era uma segunda-feira. Nesse dia, conforme o horário fornecido pela escola, os alunos deveriam iniciar as aulas às 13 horas e seguir o seguinte cronograma:

13:00 – 14:35 – duas aulas conjugadas de Língua Portuguesa

14:40 – 15:25 – aula de Física

15:30 – 16:15 – aula de Biologia

16:20 – 17:05 – aula de Educação Visual e Plástica

17:10 – 17:55 – aula de Educação Laboratorial

Vejamos o que realmente aconteceu neste dia conforme sintetizamos na tabela 6:

Tabela 6: Tabela dos tempos de aulas e outras atividades observadas no dia 07/04/14.

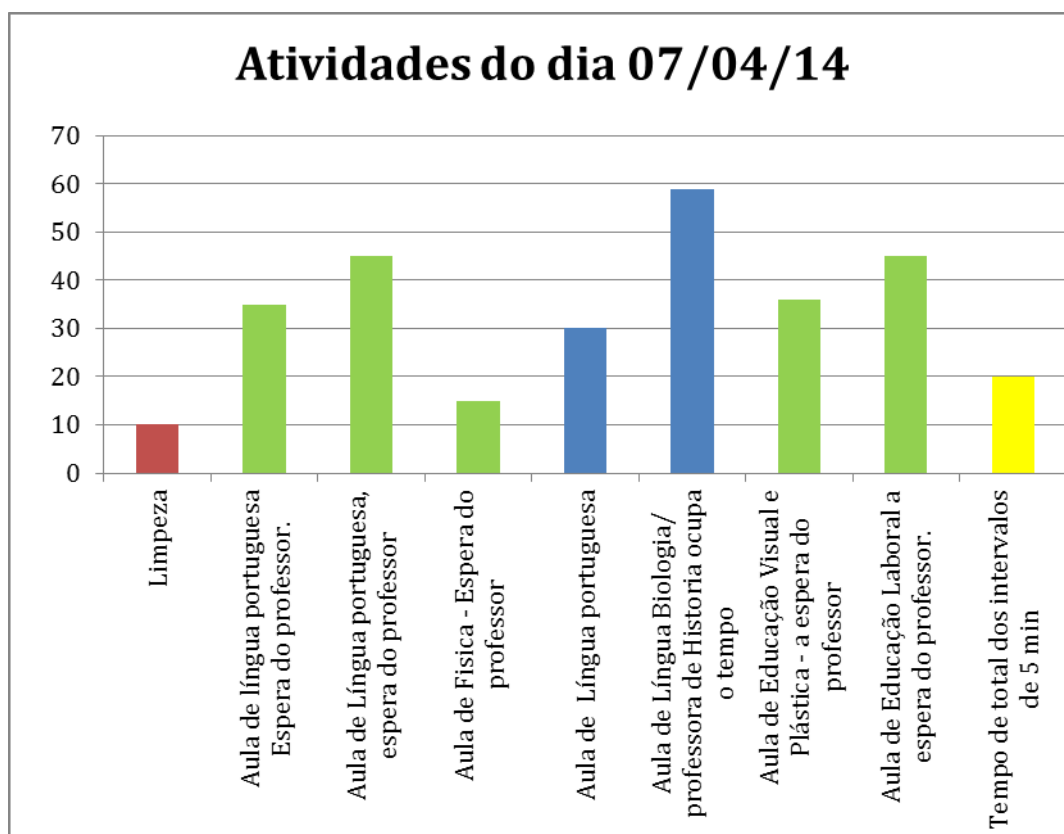
Limpeza	10 min
Aula de língua portuguesa - Espera do professor.	35min
Aula de Língua portuguesa - Espera do professor	45min
Aula de Física - Espera do professor	15min
Aula de Língua Portuguesa – a professora deu aula	30min
Aula de Biologia/ professora de Historia ocupa o tempo	59min
Aula de E.V.P - Espera do professor	36min
Aula de Educação Laboral - Espera do professor.	45min
Tempo de total dos intervalos de 5 min	20min
Total:	295 min

Pelo que observamos na tabela, os alunos não tiveram as duas primeiras aulas de Língua Portuguesa. No momento da aula do professor de Física, também ficaram esperando porque o professor não veio. Entretanto, a professora de Língua Portuguesa chegou neste momento e aproveitou a ausência do professor de Física para dar 30 minutos de aula. Depois disso, o professor de Biologia também não compareceu e a professora de História (que não tinha suas aulas agendadas para aquele dia) apareceu e deu 59 minutos de aula aproveitando a

ausência dos colegas. Os alunos também não tiveram as aulas subsequentes. Ficaram esperando os professores de Educação Visual e Plástica e Educação Laboral.

Colocando esses dados em um gráfico, podemos observar o destino dos tempos no dia (Gráfico 1).

Gráfico 1: Gráfico sobre mapeamento de um dia de aulas da turma B3.



Observando esse gráfico verificamos que as colunas em verde representam o tempo que os alunos esperam pela aula do professor. Temos um tempo pequeno de limpeza da sala no início das aulas representado pela cor vermelha, as colunas em azul que representam o tempo de aula que os alunos tiveram no dia e em amarelo a soma dos tempos de intervalo: Língua Portuguesa e História, que não constava no cronograma. Os intervalos de aula ficaram desaparecidos na própria espera do professor.

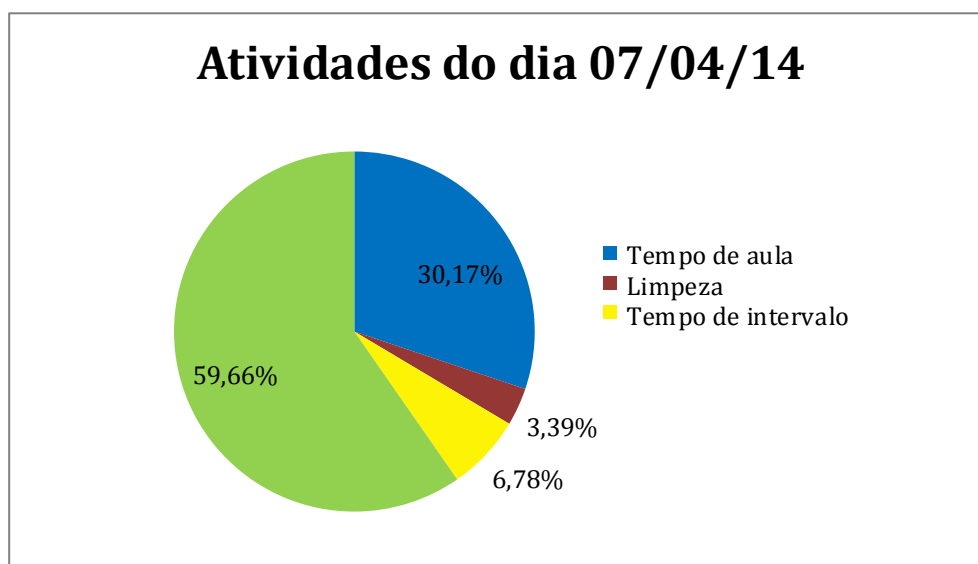
Quando trabalhamos esses dados, agrupando os diversos tempos dos alunos temos a seguinte configuração (Tabela 7):

Tabela 7: Tabela resumo sobre uso dos tempos.

Tempo de aula	89min
Tempo de intervalo	20min
Tempo de espera do professor/limpeza	186min (3h06min)
Total:	295 min

A partir da tabela 6, acrescentando o tempo de limpeza da tabela 7, geramos o seguinte gráfico (gráfico 2):

Gráfico 2: Gráfico sobre o controle dos tempos por atividades.



A observação desse gráfico indica que 59,66% do tempo, em um total de 4 horas e 55 minutos, os alunos passam esperando o professor. Poderíamos pensar ser esse um dia atípico na vida dos estudantes da Turma B3, mas nas visitas que foram feitas à turma, sempre encontrávamos os alunos fora de sala ou em sala esperando pelo professor.

Vejamos o que aconteceu no segundo dia, 11/06/14, quando nos dispusemos novamente a ficar o tempo integral para observar como os alunos utilizavam seus intervalos de aula.

O dia 11/06/14 era uma quarta-feira. Conforme o cronograma do dia os alunos deveriam ter as seguintes aulas:

13:00 – 14:35 – duas aulas conjugadas de Matemática

14:40 – 15:25 – aula de Língua Portuguesa

15:30 – 16:15 – aula de História

16:20 – 17:05 – aula de Língua Estrangeira

17:10 – 17:55 – aula de Química

Vejamos o que realmente aconteceu neste dia conforme sintetizamos na tabela 8:

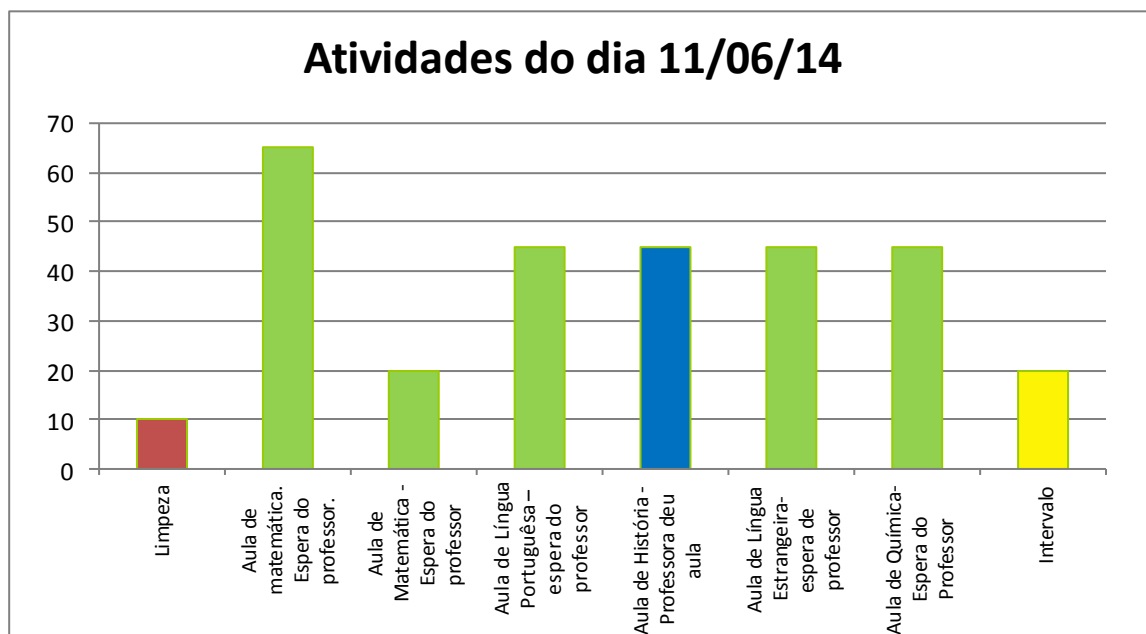
Tabela 8: Tabela dos tempos de aulas do dia 11/06/2014.

Limpeza	10 min
Aula de Matemática-Espera do professor.	65 min
Aula de Matemática – Espera do professor	20 min
Aula de Língua Portuguesa – Espera do professor	45 min
Aula de História – a professora deu aula	45 min
Aula de Língua Estrangeira-espera de professor	45 min
Aula de Química-Espera do Professor	45 min
Intervalo	20 min
Total:	295 min

Nesse dia, não compareceram os professores de Matemática e Língua Portuguesa, o que fez com que os alunos esperassem duas horas e meia pelo início das aulas. Assim mesmo, a professora de História chegou 15 minutos atrasada o que alongou ainda em mais 15 minutos o tempo de espera dos alunos. Muito curioso é o fato de que os alunos não foram sequer avisados de que não haveria aula. Todos esperavam, simplesmente. Depois da aula de História, que teve a duração de 40 minutos, os alunos voltaram a esperar as próximas aulas que também não ocorreram.

Quando colocamos esses dados da tabela 8 em gráfico observamos mais claramente os destinos dos tempos no dia (Gráfico 3).

Gráfico 3: Gráfico sobre mapeamento de um dia de aulas da turma B3.



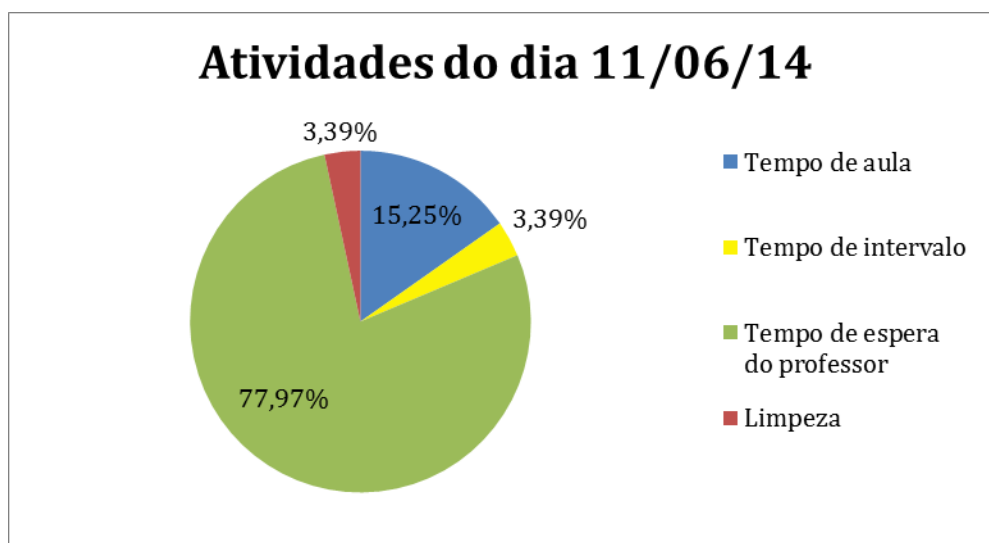
Em cor azul, temos o período em que os alunos tiveram aula nesse dia. Em cor verde, observamos o tempo em que os alunos ficaram esperando pelo professor e em amarelo, o intervalo/recreio que também desapareceu aglutinado no tempo de espera do professor.

Quando organizamos os dados observando suas porcentagens, temos:

Tabela 9: Tabela resumo sobre uso dos tempos.

Tempo de Aula	45 min
Tempo de intervalo	10 min
Limpeza	10 min
Tempo de espera do professor	230 min (3h50min)
Total:	295 min

Gráfico 4: Gráfico sobre o controle dos tempos por atividades.



Neste dia, o tempo de espera do professor chega à alarmante porcentagem de 77,97%, contraposto por apenas 15,25% de tempo de aula. Esses números encontrados são dados muito valiosos se pensarmos no lema proposto para a nação angolana, bem como em todo o discurso sobre a qualidade na formação da juventude.

4.2.2. O que acontece enquanto os alunos esperam o professor

Foi mediante uma série de observações no convívio com os alunos nos tempos livres que conseguimos mapear um leque de atividades realizadas por eles nos espaços como: sala de aula, pátio escolar e mini mercado da parte externa da escola. Passamos então a fazer a descrição das atividades com que os alunos se ocupam nos espaços observados.

4.2.2.1. Sala de aula

Pudemos observar na turma uma organização impressionante em que os alunos fazem a gestão do tempo com uma série de atividades dentro da sala da aula. Os alunos elegem um responsável de turma e um responsável pela limpeza da sala de aulas. Estas duas grandes figuras são eleitas por eles mesmos em um sistema de votação. O chefe de turma é chamado de “delegado” pelos colegas e tem como função de manter a ordem, o silêncio na sala e o controle sobre os colegas. O chefe de limpeza, por sua vez, organiza a sala e os colegas que irão participar da limpeza diária. No dia de nossa observação, uma menina esteve com febre, passou a chorar dentro da sala; o delegado e outros colegas juntaram-se a ela dando carinho e logo em seguida o delegado a dispensou. Uma vez que não havia professores na sala e mesmo

nenhum outro adulto da escola, o próprio aluno “delegado” toma as providências necessárias para o encaminhamento de casos como este. O chefe de limpeza se responsabiliza em recolher dinheiro para a compra do material de limpeza para a sala. São os próprios alunos que pagam pelo material de limpeza. O chefe também é responsável por organizar uma escala de limpeza da sala nomeando um grupo de quatro alunos para essa tarefa diária conforme mostra a (Figura 12)

“Nós organizamos o dinheiro, compramos as vassouras, guardamos e temos que nomear alguém que terá que vir mais cedo para limpar a sala.” (Fala do Chefe de Limpeza 11/06/14)

Figura 12: Alunos se responsabilizam pela limpeza da sala de aula.



Nesse dia observado, 11/06/14, os alunos não tiveram as três primeiras aulas. Sendo assim, ficaram duas horas e quarenta e cinco minutos esperando pelo professor tendo um intervalo de tempo longo. Durante esse tempo, nosso vídeo mostra que não houve nenhuma intervenção da direção ou coordenação da escola. Ninguém apareceu para informar que o professor não viria, muito menos para, junto com os alunos, decidir o que fariam nesse tempo livre. Assim, os alunos ficaram por sua conta própria. Por meio da observação em vídeo, pudemos ver o que os alunos fizeram com seu tempo livre.

Feita a limpeza, enquanto o professor não chegava, os alunos organizaram-se em grupos, uns dentro da sala de aula, outros no pátio. Vamos, agora, observar mais acuradamente alguns aspectos daquilo que os alunos fazem na sala de aula no tempo em que esperam o professor.

Muitos se ocupam estudando. O que se estuda na verdade? Formam-se vários grupos com temas de estudos variados de acordo os seus interesses. Uns estudam matemática em grupo ou de forma individual, outros completam o para casa da aula a seguir. Um aluno interrogado acerca do que estava fazendo, responde:

“Pesquisador: O que você está fazendo?
 Aluno: Estou fazendo exercício de matemática.
 Pesquisador: Esse exercício que você está fazendo é porque a professora mandou?
 Aluno: Não, é por minha própria conta.
 Pesquisador: Você gosta de matemática?
 Aluno: normal.
 Pesquisador: Você aprende com as aulas?
 Aluno: o suficiente.
 Pesquisador: você tem aula de matemática hoje? Que horas começa
 Aluno: às 13:45 (referindo-se ao segundo tempo da aula de matemática)
 Pesquisador: E teria uma aula agora?
 Aluno: Sim, teria, de História. Mas a professora não veio.” (Diálogo entre o pesquisador e um aluno. 11/06/14)

Podemos ver aqui, a iniciativa e a autonomia do estudante. Uma vez que não tem professor, ele aproveita o tempo para estudar. No entanto, os horários não são apropriados pelos alunos. Talvez devido a uma cultura escolar em que há um constante atraso ou mesmo ausência de professores, os alunos não incorporam os horários das disciplinas. Ele se refere à falta da professora de História sendo que foi o professor de Matemática que faltou duas aulas seguidas.

Os alunos, entretanto, estudam, à revelia dos professores. Este processo ocorre em forma de consolidação da matéria fazendo um trabalho individual ou em conjunto onde um aluno monitora a fala dos outros. Usualmente a metodologia adotada pelos professores se baseia em ditar as matérias a serem estudadas para os alunos. Sendo assim, nesses momentos em que não há o professor, aqueles que tenham se atrasado, ou perderam alguma aula aproveitam para fazerem a transcrição ou completar os conteúdos em falta através dos cadernos dos colegas aproveitando o tempo de intervalo longo.

Pudemos observar no vídeo que outros alunos se dedicam mesmo a estudar as matérias passadas da disciplina em causa. Um grupo de meninas, por exemplo, se coloca o desafio de uma leitura sem soletrar. Em uma folha de papel outra aluna faz alguns exercícios sobre a disciplina de língua portuguesa. Vejamos a seguir a (Figura 13) uma imagem de uma aluna que estuda de forma individual a conteúdo de língua portuguesa.

Figura 13: Aluna estudando durante a aula de português, em que o professor não apareceu.



Na ausência do professor, o tempo de intervalo se amplia e os alunos se ocupam de outras atividades. Além do estudo de algumas disciplinas escolares, outros estudantes fazem desenhos espontâneos. Alunos com habilidades sobre o desenho desenvolvem as suas capacidades criativas com base na disciplina de Educação Laboral. Outros criam um aglomerado em volta de um colega desenhista e o observam até que surge outro interesse.

Um fato curioso nos chama a atenção. Dois alunos estão com uma bíblia na mão. Conforme nos informa os colegas, este aluno tem sempre feito uma interpretação da bíblia para os demais. Quando interrogado, ele nos diz:

“Estou a meditar. Estou a meditar nas palavras de Deus. Isso é uma bíblia.”(Fala de um aluno. 11/06/14)

A princípio este estudante está sentado apenas com um colega, mas, aos poucos, outros vão chegando, outros curiosos, e se cria um aglomerado em volta dele que se ocupa em falar sobre o evangelho. Vejamos a imagem do aluno usando a bíblia na sala de aula (Figura 14).

Figura 14: Alunos estudando a bíblia na sala de aulas.



Os jogos também estão presentes na sala. São jogos que fazem parte da cultura geral. Um dos jogos realizado é o chamado “Stop”, que se assemelha ao jogo de Forca, no Brasil. Cria-se uma lista com os nomes dos participantes e se propõe um tema. Os participantes que erram vão sendo desclassificados ao longo do jogo com uma denominação “Burro”, que vai crescendo letra por letra em função das vezes que o jogador vai errando pelo fato deste não ter conhecimentos suficientes do tema em causa. O jogo “Stop” é feito para testar um dado conhecimento sobre o mundo animal, mundo vegetal, geografia, nomes de frutas, carros, países, nomes de jogadores, escritores, comidas, marcas de cigarros e bebidas. Por exemplo, se o primeiro aluno da lista pensar em nome de um jogador famoso, Pelé, ele coloca a Letra (P) e os demais vão acrescentando as restantes letras que formam o nome. Caso o segundo aluno conheça outro jogador cuja inicial de seu nome seja também (P), ele coloca outra letra que não seja (E) ampliando o campo de conhecimento e curiosidade. Caso o colega a seguir não saiba continuar, porque desconhece essa informação (nome de jogadores que comecem com P), ele diz ‘STOP’ e coloca o sinal de interrogação a frente da letra. Sendo assim, o colega que colocou a última letra interrogada deve dizer o nome, por exemplo, “Pepe”. Caso não consiga explicar, ele leva uma das letras que constitui o nome “Burro” em frente do seu nome até ser desqualificado. É um jogo bastante interessante porque cria no aluno o interesse pelo conhecimento do mundo e da natureza de maneira geral. Sobretudo, porque ninguém aceita ser chamado por “Burro”. Observamos a presença desse jogo por um grupo de alunos.

Para além deste jogo, os estudantes fazem desafios de jogos a partir dos telefones celulares. Num outro canto observamos um grupo de meninas que realizam um jogo de cartas fazendo apostas com dinheiro.

Na sala de aula, alguns alunos ainda desenvolvem as suas capacidades para o mundo das artes: alguns cantam e dançam (“Kuduro”), enquanto outros fazem chapéus de cozinha e barcos usando folhas de papel de seus cadernos. Ainda sobre o mundo das artes, as meninas criam grupos que fazem contos ou críticas sobre uma cena vista em uma novela. Vejamos uma imagem em que alguns alunos exercitam a leitura enquanto os rapazes jogam a partir do celular conforme a (Figura15)

Figura 15: Alunos fazendo leituras em grupo e outros jogando no celular.



Para além de desenvolverem atividades recreativas, culturais e de arte, é um momento em que eles também aproveitam para partilhar a merenda trazida de casa ou adquirida no mercado externo do lado da escola (Figura 16).

Figura 16: Alunos preparam-se para tomar o lanche depois de estudos na sala.



Entretanto, o que mais nos chamou a atenção foi o fato dos alunos simplesmente esperarem pelo professor sem que houvesse qualquer tipo de reclamação ou mesmo busca de informação para o que estava havendo. Isso nos dá indícios de que os atrasos ou mesmo as faltas dos professores acontecem frequentemente. Os horários das aulas não são apropriados pelos alunos que não sabem dizer o que está acontecendo, se o professor atrasou se não há aula ou mesmo se ainda não é o momento do início das aulas. Vejamos alguns trechos das falas dos alunos que elucidam essa afirmativa. Quando interrogada sobre o que está fazendo, uma aluna responde:

“Aluna: Estou fazendo uma pequena leitura.
 Pesquisador: Esse livro é daqui da escola? (Aluna responde afirmativamente)
 Pesquisador: Essa leitura você está fazendo por conta própria ou foi o professor que mandou?
 Aluna: Por conta própria.
 Pesquisador: E qual é o horário de sua aula de Língua Portuguesa?
 Aluna: Treze, treze e quarenta e cinco.
 Pesquisador: Qual é o horário?
 Aluna: (hesita, coloca a mão nos cabelos) Esqueci.”

Mais adiante, outros alunos foram interrogados sobre os horários das aulas. Três alunos sentados juntos, jogando com os celulares respondem:

“Pesquisador: Que aula vocês têm agora?
 Aluno 1: De matemática
 Pesquisador: Qual é o horário que começa a aula?
 Aluno 2: Começa às treze e quinze.
 Pesquisador: Ah, a aula de matemática começa às treze e quinze e termina que

horas?
 (Alunos olham para baixo, para o lado mostrando hesitação)
 Aluno 2: Treze e trinta e cinco.
 Aluno 1: Quatorze e quarenta e cinco.
 Pesquisador: Ah, então a aula de matemática começa às treze e quinze e termina às quatorze e quarenta e cinco?
 Alunos em coro: sim”

A confusão com os horários ainda continua. Dois alunos estão dançando no fundo da sala.

“Pesquisador: Vocês estão dançando? Que dança é essa?
 Alunos sorrindo: o “Quanquaran”.
 Pesquisador: E a aula de vocês, não vai começar?
 Aluno 1: A professora não chegou.
 Pesquisador: Ela não chegou? Ela sempre assim... atrasa?
 Aluno 2: Não, ela só tem atrasado alguns minutos.
 Pesquisador: Ela sempre atrasa alguns minutos?
 Aluno 2: Sim. Ela manda avisar quando não vem. Algum colega avisa que a professora não vem.
 Pesquisador: Mas ela atrasa sempre?
 Aluno 1: Ela também estuda.
 Pesquisador: Você sabe me falar há quanto tempo ela está atrasada hoje?
 Aluno 1: A nossa aula vai ter início às treze e quarenta e cinco.
 Pesquisador: Às treze horas vocês não tinham aula não?
 Aluno 1: Nós temos que chegar aqui na escola, estar dentro da turma às treze e trinta. E às treze e quarenta e cinco ela vem dar aula.
 Pesquisador: Ah, então a aula ainda vai começar? Eu achei que a aula começasse às treze horas.
 Aluno 1: Às treze e quarenta e cinco a aula começa.”

Esse trecho é bastante elucidativo. De acordo com o horário oficial, distribuído para os alunos (Figura 11) as aulas têm início às 13 horas e finalizam às 17 horas 55 minutos perfazendo um total de 4 horas e 55 minutos. Nesse dia os alunos teriam duas aulas geminadas de matemática nos primeiros horários, assim distribuídas: primeira aula: 13:00 às 13:45; um intervalo de 5 minutos; segunda aula: 13:50 às 14:35. Os horários das disciplinas mais parecem um jogo de adivinhação porque nenhum aluno sabe dizer ao certo. Que sentido eles dão à organização do tempo escolar? O que aprendem vivenciando uma prática em que não há uma regularidade nos tempos escolares? Por que, apesar da ausência do professor esses alunos continuam estudando? Qual é o valor da escola e do conhecimento?

4.2.2.2. Pátio

Investigar o que os alunos fazem quando estão no pátio exigiu um exercício de imersão no grupo de forma a nos familiarizarmos com os alunos para podermos identificar os alunos da turma B3 no meio de tantos outros.

No pátio, os alunos passam o tempo conversando, interagindo na mistura entre rapazes

e meninas e com outros alunos de outras salas. Neste momento, prova-se, o que temos vindo a frisar de acordo com o nosso referencial teórico de Lave e Wenger (1991), de que aprender está intimamente ligado à troca de experiências por meio de práticas. Os alunos tratam de diversos assuntos: relativos às matérias da escola, sobre novelas, debates sobre os jogos de futebol, as meninas tratam de questões que têm a ver com o corpo e a própria beleza feminina.

Nestes encontros, o tema sobre a sexualidade apareceu sempre em evidência pelo que podemos observar durante o nosso convívio no pátio (Figura 17)

Figura 17: Alunos conversando do lado de fora da sala B3.



Para além das conversas sobre novelas e contos de histórias que tivemos oportunidade de ouvir, os meninos e as meninas fazem brincadeiras com o corpo, correm um atrás do outro, praticam o judô.

Figura 18: Alunos praticando artes marciais no tempo livre.



Ainda no tempo em que estão fora de sala, os meninos da turma B3 misturam-se com outros fazem parte de outras salas e praticam nos jogos com celular, no Ipad. Frequentemente realizam jogos como o “Jogo do Policial”, o “Jogo do Lentin” e com mais frequência o “Jogo da Velha”, fazendo os quadrados ao chão que não é pavimentado. Enquanto uns jogam, outros se tornam espectadores conforme a (Figura 19)

Flagramos várias vezes um grupo de alunos que exercitam o teatro, conto de anedotas e piadas no tempo intervalo fora de sala. Dentre as piadas, as que davam muita graça para eles são de um aluno que imita a fala de alguns professores e principalmente o professor que algumas vezes já se apresentou no estado de embriaguez. Algumas meninas, depois do raiar do sol, reúnem-se e ensaiam as danças e canções da cultura de Cabinda que são apresentadas no carnaval.

Figura 19: Alunos fazendo “Jogo da Velha” ao chão.



Durante a sua estada no pátio além de outras brincadeiras e jogos, os alunos se preocupam com o belo. Eles falam sobre as roupas, fazem reparos um ao outro. Em suma, este é momento que, para muitos, serve para fazerem sessões fotográficas, porque os fotógrafos ambulantes aproveitam o tempo em que os alunos se encontram livres, acessam o pátio escolar para fazerem fotos ou entregas das que já tinham sido tiradas anteriormente. (Figura 20).

Figura 20: Fotógrafo a fazer a entrega de fotografias às alunas.



Na verdade, o pátio acaba sendo um lugar de muitas atrações porque o envolvimento dos alunos é maior e ao mesmo tempo pessoas estranhas como fotógrafos e alguns alunos que estudam no período oposto o acessam para manterem as conversas com os alunos deste período. Enquanto isso, o aluno evangelista, que fazia seu trabalho de evangelização dentro da sala, se reúne com alguns colegas do lado de fora, falando de Deus. Desta vez, ele acessa vários grupos e os colegas permitem o seu ensinamento. Esse mesmo aluno foi visto em várias filmagens fazendo seu trabalho de evangelização em vários dias que visitamos a escola. Em uma filmagem, vimos o aluno em outra sala de aula, aproveitando a ausência do professor, para evangelizar alunos de outras turmas.

Como pudemos perceber, o pátio da escola é o lugar privilegiado para todo tipo de socialização. Sem uma demarcação entre o espaço dentro e fora da escola, qualquer pessoa pode entrar e socializar com os alunos, assim como eles podem sair a qualquer momento. O pátio é como uma praça. Tudo ali ocorre e, como os alunos têm muito tempo livre, o pátio é bastante frequentado. Não explicitamos esse tempo como um tempo livre, ou tempo de recreio, ou mesmo de intervalo por não podermos qualificá-lo. Como não há uma demarcação muito exata dos tempos dentro e fora da sala de aula, uma vez que os professores atrasam e faltam, o intervalo/recreio se desintegrou em tempos livres, dentro ou fora de sala, onde os

alunos criam e recriam modos de estar e ser. Como é um tempo não delimitado, ou seja, a qualquer momento o professor pode chegar e acabar com a brincadeira, a autonomia, a escolha também é limitada. Não é um tempo concedido, um tempo apropriado pelos estudantes, mas um tempo de espera. Espera por algo que pode ou não acontecer.

4.2.2.3. Mini-mercado externo

Como a Escola se encontra no meio da comunidade, acabou sendo uma fonte de rendimento para as populações mais próximas, tal como reafirmou o diretor da escola e como pudemos observar. O mini-mercado ocupa o lugar da cantina escolar e os alunos se deslocam para lá a fim de comprar merendas ver a (Figura 21). Acontece que nessa hora de liberdade, os moradores e jovens de outros bairros chegam à escola, aproveitando o tempo livre dos alunos para estabelecerem uma conversa principalmente com alunos do sexo feminino. Ou seja, esse tempo livre (devido à ausência do professor ou mesmo o pequeno tempo de intervalo, quando há professor) também é ocupado com os flertes, os namoricos e com as amizades. Ainda pudemos observar, várias vezes, algumas meninas da turma B3 com um balde pequeno aproveitando o tempo livre para fazer comércio de amendoim, gelados e pipocas.

Figura 21: Alunos no mini-mercado.



Ao lado do mini-mercado existe um pequeno quiosque, um bar e um comando da polícia de viação e trânsito, tal como nos referimos no capítulo 3. Estas três estruturas fora do pátio também atraem os adultos que passam a fazer parte do convívio com os alunos. Por exemplo, as pessoas que procuram regularizar os problemas com as viaturas também entram

em contato com os alunos neste tempo de espera do professor. Aí as relações interpessoais se ampliam, porque os adultos aproveitam o tempo de espera da resolução dos seus casos, conversando com os alunos.

Portanto, os alunos de uma maneira geral possuem o que poderíamos chamar de “autonomia instável” uma vez que a exercem tão somente enquanto o professor não vem. Nessa espera, eles acabam muitas vezes responsáveis por sua própria formação. Sendo assim, os alunos acabam sendo professores de si mesmos e dos demais colegas que participam na mesma partilha dos saberes.

4.2.2.4. Quando os alunos se tornam professores.

De acordo com os princípios teóricos de aprendizagem e construção de conhecimento de Lave e Wenger (1991) e Vygotsky, (1987), defendemos a ideia de que o homem é um ser cultural e que o seu conhecimento e saber se realizam através das suas relações sociais por meio de suas práticas e trocas de experiências.

Partindo desta afirmação, compreendemos os alunos da turma B3 a partir dos fatos apresentados no tópico anterior, como indivíduos que, numa relação mútua, constroem, ou melhor, consolidam os seus conhecimentos numa partilha de experiências. Sustentamos esta afirmação por meio das observações realizadas em sala de aula, onde várias vezes constatamos alunos a dirigirem a organização da limpeza da sala, tomando a iniciativa de dispensar um colega doente e o leque de aprendizados desenvolvidos por eles mesmos. É fantástico ver alunos a dirigirem a prática de exercícios de matemática na ausência do professor. Outros a orientarem a o desafio de leitura no livro didático de Língua Portuguesa, o que pressupõe pedagogicamente falando, o desenvolvimento da capacidade de fala e da escrita.

Por outro lado, o jogo “Stop” se transforma numa orientação dos alunos para a pesquisa de vários conhecimentos, estimulando-os a pesquisarem vários temas para que se tornem vencedores em cultura geral nas próximas competições dos saberes. Essa prática subentende uma oficina de conhecimentos e saberes.

Entre as meninas, sempre há uma que conta experiências de casa de como uma menina deve ter cuidado com seu corpo e que tipo de roupas e tranças deve usar. Entre elas, fazem críticas sobre os cabelos e umas mudam de penteado exatamente naquele tempo estendido de intervalo. São saberes que talvez a professora não tivesse a oportunidade de fazer referência em sala de aula. Logo, elas partilham saberes do cotidiano e a escola acaba tomando outro

significado em suas vidas.

Com estas tensões no ambiente escolar poderíamos fazer alguns questionamentos: A liberdade e autonomia de escolha sobre o que querem aprender e partilhar entre eles por meio das diversas atividades realizadas no tempo de intervalo lhe dá direito a voz? O fato de partilharem atividades, algumas delas com caráter escolar, expressa o grande desejo de aprender? Este comportamento é o que os nossos teóricos chamam de aprendizagem situada pelo fato de se realizar por alunos organizados em grupos e os saberes fazerem sentido e significado na vida escolar e estudantil.

Pelo que pudemos entender do comportamento apresentado pelos alunos, há um prazer em ir à escola. Lá, com a presença ou não do professor, eles permanecem e não se incomodam pelo fato de darem outros sentidos e significados ao tempo estendido de intervalo, criando uma nova escola dentro da outra, tradicional. Sustentamos essa ideia porque durante as nossas observações o aluno que prega o evangelho encontrou um espaço fértil para atrair as suas ovelhas. E esse ato é praticado não só por ele, mas também por outros que se dispõem a estudar sozinhos ou em grupo, a realizar jogos, danças e outras atividades que fazem parte da vida pessoal e escolar. Neste caso, a escola organizada de forma tradicional, recebe outro significado, agora atribuído pelos próprios alunos, passando a ser um espaço onde eles próprios assumem sua própria formação. No entanto, queremos deixar claro que a escola só tem sentido, enquanto tal, quando as práticas envolvem professores e alunos. Apesar de enfatizarmos a atitude positiva dos alunos, também lamentamos a situação atual em que os professores se encontram com dificuldades de cumprir seus horários.

Neste capítulo, fizemos uma trajetória que iniciou pelos sentidos e significados atribuídos ao recreio escolar pelos dirigentes, professores e alunos. Durante esse percurso, entramos no coração da escola para investigarmos sua natureza, sua substância. E, por meio da captura dos dados através do vídeo, pudemos chegar mais perto da realidade daqueles estudantes observando o que realmente aconteceu durante o tempo observado. Perseguimos o recreio, mas não o encontramos. O recreio (ou intervalo) se dissolveu em uma infinidade de tempos livres “intervalos estendidos de aula” que foram criados pelas ausências dos professores. Aproximando ainda mais nossa lente de pesquisadores para examinar os fazeres dos alunos durante esse tempo, pudemos ver emergir outra escola, dentro da escola oficial. Por meio dos sentidos pessoais atribuídos pelos alunos aos seus fazeres, às suas escolhas, um novo significado de escola emerge dessas práticas, qual seja: a escola é um espaço onde duas fortes realidades convivem provocando tensões. A realidade da escola oficial que se constitui

no momento das aulas dos professores e a realidade da escola que emerge nesse tempo de intervalo, tempo em que o professor não se faz presente. Não estamos aqui fazendo uma apologia da escola sem professor. Sabemos que o conhecimento sistematizado, que faz parte do acervo cultural da humanidade, é apropriado pelos alunos em uma interação com os professores. Sem eles, muito pouco se avança. Tampouco estamos julgando o que ocorre nessa escola por entender que ainda há muito que se fazer em um país recém liberto das guerras e opressões. Trazemos, aqui, um retrato da realidade para apresentar a força desses adolescentes que desejam essa escola e a aproveitam da melhor forma o que podem, apropriando e criando formas originais de partilharem o saber.

CAPÍTULO 5: Conclusões

O estudo que vimos desenvolvendo nesta dissertação teve como foco verificar e analisar o que os alunos pensam e o que fazem no tempo destinado ao recreio/intervalo escolar e de que maneira este tempo/espço se relaciona com o conjunto das atividades desenvolvidas na escola. Para realizar este estudo fizemos um longo percurso, desde uma pesquisa na literatura existente sobre o assunto, nos documentos oficiais da Segunda Reforma do Sistema Educacional de Angola, assim como uma imersão na escola para vermos o que ocorria no tempo informalmente destinado ao recreio escolar.

Por meio da literatura compreendemos que o recreio é entendido como um dos elementos fundamentais do processo de ensino, pelo facto de que nele ocorrem atividades que ajudam no desenvolvimento psicomotor do aluno e como não bastasse é um espaço em que proporciona socialização realizada nas práticas concretas e proporciona aprendizagens. Vimos, ainda, a importância desse tempo livre para que os alunos exerçam sua autonomia, façam escolhas e se expressem das mais diversas formas.

Ao aprofundarmos a nossa pesquisa e pelas análises feitas a partir dos dados colectados, com a intenção de compreender os sentidos e significados dados às praticas dos alunos no tempo de intervalo/recreio, a pesquisa revelou, dentre outras possibilidades, quatro resultados que gostaríamos de destacar: (a) a existência ou não do recreio escolar é controversa quando se examina os documentos oficiais, os discursos dos dirigentes das escolas e a organização dos tempos; (b) a relação que os estudantes e professores estabelecem com o tempo vivido na escola é totalmente diversa àquela estabelecida nos documentos oficiais; (c) os sentidos atribuídos pelos alunos ao tempo livre vivenciado na escola faz emergir uma outra escola dentro da escola oficial; (d) a implementação da Reforma educativa no sistema educacional angolano, está em processo de consolidação, demanda infraestrutura adequada e recursos disponíveis.

Quanto ao primeiro resultado, ou seja, a controvérsia sobre a existência ou não do recreio escolar, encontramos divergências entre a realidade da vida escolar e o entendimento que os agentes do ensino têm a respeito dos pressupostos estabelecidos na Reforma educativa em relação ao aproveitamento do tempo para a formação da nova geração angolana. Ficou claro para nós que não existe um entendimento profundo dos documentos que regem a Reforma Educativa nem tampouco uma problematização acerca da necessidade ou não do recreio escolar. Isto porque os dirigentes se contradizem afirmando existir tempo de recreio nas escolas, mas ao analisarmos os documentos oficiais percebemos que esse tempo

politicamente foi suprimido em função da necessidade de se ganhar tempo para a formação do futuro cidadão.

O horário escolar se articula com o desenho político. De facto o tempo reservado para o recreio não existe formalmente mas ele acontece de uma forma despercebida nos intervalos de cinco minutos que acabam se estendendo quinze minutos ou mais, dependendo da transgressão por falta de higiene laboral da parte dos professores pelo fato de não pôr em prática o cumprimento do horário escolar. Isso enfraquece ainda mais o desenho político pelo facto de apresentar elementos desconectados com os anseios dos alunos e a realidade prática. Entendemos que o ensino sistemático não é o único factor responsável por alargar os horizontes de desenvolvimento do aluno. O espaço de recreio faz parte da educação porque articula os tempos acadêmicos e auxilia na construção do ambiente próprio da escola por revelar múltiplas relações.

O segundo aspecto compreende a relação que os professores e estudantes estabelecem com o tempo vivido na escola que é totalmente diversa àquela estabelecida nos documentos oficiais. Chegamos a esse entendimento pelo fato dos professores se atrasarem às aulas ou faltarem no trabalho. Esse fato criou fissuras no sistema. A noção do tempo está em discussão ou desconstruída porque os alunos não sabem lidar com o horário escolar, uma vez que perdem a sequência ou a programação de aulas do dia. Pelas entrevistas que fizemos e apresentamos no capítulo 4, os alunos não foram capazes de demonstrar a sequência lógica das aulas do dia e tampouco a hora do início e término de uma aula mesmo tendo o horário escolar em mãos. Alguns professores demonstraram um total descumprimento do horário e da organização dos tempos. Por exemplo, o caso apresentado no capítulo 4, em que a professora substitui o colega que faltou apesar de sua disciplina não constar no horário oficial dos alunos. Essas atitudes confundem o aluno e conseqüente fazem com que a organização do tempo na escola se veja comprometida.

Portanto aqui nota-se um descuido quanto ao desenho político em relação ao aproveitamento do tempo, considerando que o horário escolar foi executado em função deste princípio. Se essa orientação fosse posta em prática na íntegra, tratando-se de adolescentes que compreendem a faixa etária entre os 12 aos 17 anos, o recreio escolar tornar-se-ia uma necessidade. Como aconteceu em algumas vezes em que os professores se faziam presentes para administrar as aulas, os cinco minutos de intervalo acabaram sendo mais de quinze minutos, e alguns alunos levavam até vinte e cinco minutos atrasando-se no tempo da aula a

seguir. Alguns professores não permitem o acesso à sala para estes alunos que permanecem por mais tempo do que o estipulado no horário.

Esta falta de ⁸higiene em relação ao tempo, ou melhor, o não cumprimento do horário escolar, parte em grande medida da parte de alguns professores que faltam ou atrasam no exercício pedagógico originando tempos livres no horário de aulas, contrapondo a máxima sobre o aproveitamento do tempo para o ensino. Na prática o tempo tem outro sentido considerando a conduta apresentada pelos professores assim como os alunos. Será que com os aspectos apontados acima temos hoje um ensino de qualidade?

Por este comportamento de transgressões dos tempos de aulas, surge o terceiro resultado sobre os sentidos e significados dados pelos alunos ao tempo livre quando não há professor ou à espera do professor. Os alunos como seres ativos, organizam-se em grupos e se ocupam com atividades para a sua própria satisfação. A realização e construção de conhecimentos acontece nesse tempo/espço em que a escola oficial extrapola o processo legal. Sendo assim, essa transgressão não surge como rebeldia, mas sim os alunos ganharam autonomia, dando outros sentidos e significados por meio de práticas que pressupõem o resgate de valores culturais tais como jogos e canções, consolidação de conteúdos escolares, realização de jogos para medir o nível de conhecimento e outros jogos que ajudam no desenvolvimento psicomotor do aluno. Por outro viés essas ausências dão lugar ao surgimento de novas vocações para o mundo artístico e religioso.

Há que se tomar cuidados com os adolescentes quando se faz o desenho de uma política educacional, pelo facto de eles serem individualidades, frutos do meio social, realização própria e características particulares.

Entendemos que existem duas culturas dialogando no ambiente escolar. A cultura angolanas e a herança colonial, conjugada com a precariedade da materialidade na escola o jovem/adolescente angolano, vai forjando a sua própria identidade e essa multiplicidade de experiências mostra a singularidade daqueles alunos. Isso nos levou a perceber que nasce uma escola dentro da outra escola que é a oficial.

O último resultado nos leva a entender o recreio na escola angolana e o entendimento dos sentidos e significados atribuídos a ele pelos alunos hoje, como consequência da Segunda Reforma Educativa considerando as condições gerais que o país tem para levar avante este processo. Por esse motivo, buscamos a história educacional de Angola desde o período

⁸ Higiene: pressupõe assiduidade no trabalho, organização, cumprimento do horário, o respeito às normas e políticas de uma dada instituição (cf. DUTRA FARIA e JOÃO MONLEVADE, 2008, p. 24).

anticolonial, colonial e pós colonização para compreender a realidade atual em que o país se encontra numa tensão de culturas.

A tensão existente entre a cultura Europeia e angolana, deriva do perfil dos povos que constituem a nação angolana, caracterizada por etnias e pelo facto de cada uma delas possuir uma língua de comunicação diferenciada pela qual se educam as novas gerações culturalmente que é a escola “tradicional” que sustenta a passagem de experiências de vida, hábitos e costumes, diferente do ensino europeu que o ensino é feito na língua oficial portuguesa. Essa complexidade de factores cria fricções no sistema oficial de ensino.

A triangulação da visão política educacional revista na visão ocidental, fez-nos perceber que o esforço é maior da parte dos que dirigem, rumo ao desenvolvimento social. O país vai sofrendo transformações, criam-se estratégias para um possível desenho do perfil da futura geração angolana. Fruto disto são as críticas ao sistema que resultam em Reformas educativas. Nesta perspectiva há que se trabalhar eticamente porque o desenho político da filosofia educacional não se articula com a realidade nas escolas. Ao considerarmos a escola como espaço de formação é preciso assegurar os pilares que sustentam a sua qualidade de ensino que são: as Políticas Educativas; O Sistema de Ensino; A Organização Escolar e Trabalho Pedagógico.

Pela busca do recreio que entendemos ser um património da identidade cultural dos povos escolarizados, sentimos a necessidade de formação de professor em termos gerais, um défice de infraestrutura escolar, material didático e a carência de um conjunto de fatores ergonómicos.

Encontramos ainda um paradoxo entre o que foi legislado como estratégia para uma educação de qualidade em Angola e a realidade prática. A contradição surge exatamente através de um lema que se tornou como um princípio fundamental “educação para todos”. Considerando as estratégias vincadas na Segunda reforma educativa e seu Decreto lei 13 de dezembro de 2001 que sustenta um princípio ideológico que demanda o aproveitamento do tempo e amplia o princípio político com mais um termo “educação para todos e de qualidade”. Este princípio é reforçado com uma recomendação oficial de que nenhuma criança pode ficar fora do sistema de ensino. As turmas devem ser compostas por 45 alunos apenas. O plano curricular ganha novas disciplinas e amplia os tempos escolares, suprimindo o tempo de recreio no horário escolar passando apenas a ter intervalos de cinco minutos.

Está evidente a não materialização dos pressupostos políticos, sendo que a demanda de crianças para o acesso a escolarização é grande, o que originou as turmas plétóricas, a exemplo da turma B3 da Escola pesquisada que é composta por 62 alunos.

O horário escolar foi ajustado de forma a responder com a exigência política sobre o aproveitamento do tempo para uma formação integral e de qualidade. Os alunos passaram a ter teoricamente seis tempos de aulas por dia para o primeiro ciclo de ensino secundário e cinco minutos de intervalo que intercala uma aula a outra. No entanto, a realidade é outra como apresentada nesta pesquisa.

Acreditamos que não se pode falar de qualidade de ensino em Angola uma vez que essa qualidade precisa ser qualificada para se tornar realidade. O tempo que era nosso questionamento passou a ser maior em função do comportamento dos professores. Apesar de existir paradoxos em termos da organização escolar, constatamos que os alunos gostam de ir a escola, visto que a escola em Angola é vista como caminho para o desenvolvimento do país e para a realização pessoal. Nesses tempos interstícios, os alunos organizam-se em grupos e fazem a gestão do tempo com actividades a seu gosto. Trocam experiências e é visível a questão da identidade cultural por meio de práticas e actividades que resultam em aprendizagens situadas.

Portanto os princípios da política educacional não estão sendo postos em prática, uma vez que o desenho curricular não foi concebido em função das necessidades e a realidade angolana. Com isso registra-se tensões entre as duas culturas, dando êxodo a uma escola dentro da outra em que os alunos se tornam sujeitos do processo de sua formação, assumindo as rédeas de actividades de aprendizagem.

Em suma, a Reforma educativa não prevê o recreio escolar em função do aproveitamento do tempo para a formação de um expressivo número de estudantes que demandam a escolarização formal. Esta foi uma resposta para atender o plano político em função da situação que o país está a atravessar em que formação de todos é primordial. A prática deixa em questionamento a qualidade de ensino oferecida para esses adolescentes e jovens.

Pensamos que a escola é o lugar ideal para refazer os laços de um compromisso que é simultaneamente social e pedagógico, para a formação das novas gerações. Para tal exige-se um grande investimento para que este facto se torne em uma realidade prática.

Como consequência do estudo realizado, este trabalho abre possibilidades para um campo alargado de pesquisas voltadas na área educacional que possam servir de base para se pensar a qualidade de ensino em Angola em especial a província de Cabinda. Dentre eles, sugerimos:

- Estudos sobre os hábitos e costumes do povo angolano vividos no ambiente escolar em contraposição com a organização escolar que tem por base a cultura europeia e seus paradoxos;
- A compreensão do fenômeno da gestão escolar na atualidade tendo como pressuposto o contexto histórico da realidade angolana.
- Pesquisas sobre a massificação do desporto escolar para o desenvolvimento do desporto a nível nacional.
- Estudo da Política Educacional em Angola.

Em termos técnicos, sugerimos alguns princípios ergonômicos baseados na Higiene, Saúde, Segurança e Ambiente escolar que é o princípio da concepção.

- Que o plano educacional atenda as necessidades do aluno real, não ideal;
- Que seja incentivado o cumprimento do horário tanto para professores quanto para os alunos de forma que os objectivos educacionais sejam cumpridos;
- Que sejam adotados mecanismos para evitar o uso de bebidas alcoólicas, e elementos com sintomas de embriagues no ambiente escolar;
- Que a qualidade seja pensada em termos de infraestruturas, política educacional, sistema de ensino, organização escolar, trabalho pedagógico e formação de professores.

As questões aqui postuladas não são uma receita para que o ensino em Angola seja pensado de forma qualitativa. A nossa intenção é apenas resgatar o recreio escolar, sua importância, os sentidos e significados atribuídos a esse elemento pedagógico na Reforma educativa, considerando-o como um património da identidade cultural. Portanto esse olhar sobre o recreio escolar acabou por desvendar outros factores implicados na política educacional em Angola, abrindo horizontes para pensar em um investimento considerável em termos de pesquisas científicas, formação humana, condições técnicas, materiais e adequar as infraestruturas escolares ao nível das populações, considerado a cultura local, a diversidade e a globalização.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria.C. ; MASETTO, M.T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: summus, 2003.194p.

ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Os métodos qualitativos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 147 p.

ASBAHR, F. S. Ferreira. **Sentido pessoal, significado social e actividades de estudo: uma revisão teórica**. V *ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO*. 11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC.

BARATA, Alfredo Justino. **Estudo de alguns fatores que dificultam o processo de ensino –aprendizagem da disciplina de educação laboral na 7ª classe do subsistema do ensino de adultos na escolar do I ciclo do ensino Secundário Cabassango II Ano letivo 2008**, Cabinda: 2009

BARROS, J. P. P., PAULA, . R. C. de, PASCUAL J. G., COLAÇO, V. de F. R. e XIMENES, V. M. “O conceito de “sentido” em Vygotsky .considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Psicologia & Sociedade**; 21 (2): 174-181, 2009

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 98p. : (Coleção primeiros passos ;159)

BRASIL. Ministério da Educação.Secretária de Educação Básica. **Mo692 Módulo 12 : higiene, segurança e educação**. / Ivan Dutra Faria, João Antônio Cabral Monlevade. – Brasília : Universidade de Brasília, 2008. 75 p.

CANARIO, Rui. Escola – crise ou mutação? In: NÓVOA, Antonio (org.) **Espaços de educação, tempos de formação**. Lisboa : Fudação Calouste Gulbekian, 2002, p. 141 – 151

CANHICI, Maria Helena; GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Estudo sistemático de monografias dos finalistas do ISCED-Cabinda sobre dificuldades de aprendizagem (2006-2011)**. 204 f., Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação ,Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CARVALHO, Andrêa das Dores Vilar Oatanha. **Curriculo de formação de professores do ensino primário, reforma curricular** . Luanda : INIDE: 2005.

CAVALLARI, R. C. ; ZACARIAS, V. **Trabalhando com recreação**. 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994.

CLANCEYI, W. J. **A tutorial on situated learning. Proceedings of the International Conference on Computers and Education** (Taiwan) Self, J. (Ed.) Charlottesville, 1995

CRUZ, Tatiana Mara, CARVALHO, P. Marília. Jogos de gênero: recreio numa escola de ensino fundamental: **Cadernos Pagu** : Campinas n.26 jan./jun. 2006

DAYRELL, T. Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista: Belo Horizonte**, n. 30, Dez, 1999.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean.; PIRES, Alvaro.; NASSER, Ana Cristina Arantes. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 127-153.

DIÁRIO DA REPÚBLICA, I Serie n: 65 de 31 de Dezembro de 2001.

(DOSSIÊ: REPENSANDO A INFÂNCIA) <http://www.scielo.br/>

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer: valores residuais ou existenciais**. História dos Costumes, Éticas e Estéticas. Lisboa : Editorial Estampa, 2002.

_____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc,

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, SESC, 1974 ,244 p. (Debates; 164)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. **Novo Aurelio seculo XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p

GOULART, Maria Inês. **Exploração do mundo físico pela criança: Participação e aprendizagem**. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte : FAE, 2005

GRUBER-BLADINI, A; Schaie, K; & Willis, S. Similarity in married couples: A longitudinal study of mental abilities and rigidityflexibility. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1995.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Tradução de João Paulo Monteiro. 4ª. Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

JORDAN, Brigitte and AUSTIAN, Henderson. "Interaction Analysis: Foundations and Practice." **The Journal of the Learning Sciences**, 1995

JORNAL ANGOP. **Estudo sobre a situação da adolescência em Angola**, Luanda 10/08/2007. www.nexus.ao acesso 11/06/14

LAKATOS, Eva; Maria Marconi; Maria Andrade; **Técnicas de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAVE, J. The culture of aquisition and the practice of understanding. In J. W. Stigler, R.A. Shweder & G. Herdt (Eds.), **Cultural Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press 1990.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. Cambridge University press 1991.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaievich: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.

LUEMBA, Inácio da Ressurreição Mamboma; OLIVEIRA, Míria Gomes de. **Letramento acadêmico e estratégias de aprendizagem** : linguagem e discurso na formação dos alunos de Direito na Faculdade de Direito da Universidade 11 de Novembro, Cabinda - Angola.. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação.Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2014.

MACEDO, Lino de. **Jogos , psicologia e educação: teoria e pesquisas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009.

Maria Julieta Octávio; **Currículo do 1.º Ciclo do Ensino Secundário**. 2. Ed. Luanda. INIDE, 2011.

MARK. et al: SUMMERHILL; NEILL, A. S. **A escola com a democracia infantil mais antiga do mundo**; tradução de Maria Lúcia Leite..Petrópolis, RJ:Vozes, 2011.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação: **Sistema de Ação Pedagógica**. FAE, [200-]

MIRANDA, Margarete Parreira. **Adolescência na escola**: soltar a corda e segurar a ponta. Belo Horizonte: Formato, 2001. 223p (Educador em formação)

MONTEIRO, Roberto Alves: **Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em educação**. Juiz de fora: FEME/UFJ, 1998.

NASCIMENTO, Francisco et al: : Da escola ao espaço educativo: o novo sentido pedagógico. **Revista Retratos da escola/ Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores**. V.3, n.5 jul/dez. Brasília, 2009.

NEUENFELD, D. J. Recreio escolar: o que acontece longe dos olhos dos Professores? **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v 14, n 1, p. 37-45, 2003.

NGABA, André Vela. **Políticas educativas em Angola (1975-2005)**. Entre o global e o local: O sistema educativo mundial: Mbanza Kongo ANGOLA, SEDIECA, 2012.

NÓVOA, António (coord.)**Tempos de Formação (Textos da Conferência Internacional Espaços de ... Lisboa**: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEREIRA, Beatriz Oliveira; SILVA, Marta Iossi; NUNES, Berta. **Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal**. 2009.

PEREIRA, E. D. - Adolescência: um jeito de fazer - **Revista da UFG**, Vol. 6, No. 1, jun 2004 on line (www.proec.ufg.br acesso 10 de jun, 2014

POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. 3.ed Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

POUZAS, Ubiratan Santos; MARQUES, Walter Ernesto Ude. **Lazer, juventude e ensino médio/técnico** : um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec. 123 f. Dissertação (mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em : <<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-8ZUK9K>>. Acesso em

PRODÓCIMO, Elaine; NAVARRO, Mariana Stoeterau. *Reflexões sobre o brincar: uma visita a um parque público em São Paulo*. **Revista Iberoamericana de Educación**, Vol. 47, Nº. 4, 2008;

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva historico-cultural da educação**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Educação e conhecimento)

República de Angola, Ministério da Educação; **Informação sobre a implementação do Novo Sistema de Educação: Reforma Educativa do Ensino Primário e Secundário**. Luanda: INIDE, 2009.

RODRIGUES, Vilma Dutra Faria; et all .**Tempos e espaços escolares**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2011. 15, [28] f., enc. Monografia

ROGOFF, B. Observing Sociocultural activity on three planes: Participatory appropriation, guided participation, and apprenticeship. In J. V.Wertsch, P. Del Rio and A. Alvarez Sociocultural studies of mind. Alvarez (Eds.), Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SANTOS, Ana Carla Souza Dos. **O recreio e as suas dimensões na percepção das crianças**. Salvador: 2011.

SANTOS, Fenando da Piedade Dias: República de Angola Conselho de Ministro, **Resolução N.º 29/05 de 27 Julho**. Luanda, 2005.

SANTOS, M. P: **Encontros e esperas com os ardinias de Cabo Verde: Aprendizagem e participação numa prática social**. Tese de doutoramento em Educação: Didáctica da Matemática. FCUL, 2004.

SILVA, Fabrine Leonard.; LINHALES, Meily Assbu; **Cultura escolar, infância e ludicidade**: um olhar para o recreio. Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais : Belo Horizonte, 2000 19 f.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 445 p.


TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; GONZÁLEZ ARROYO, Miguel.; BARBOSA, Ligia Maria. **Tempos enredados** : teias da condição de professor. 383 f., enc. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1998

TEODORO, Antônio. : **Ética e educação –a ação do professor e da escola como tempo e espaço de possibilidades**. **Revista Educação em movimento**/Associação de Educação Católica do Paraná: V.2, n.7(jan./abr.2004) pt.slideshare.net/mplaangola/programa-de-governo-mpla-

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. xviii, 135p. - (Coleção psicologia e pedagogia. Nova serie)

ANEXOS

ANEXO 1 – Lista de alunos da turma B3.


 REPÚBLICA DE ANGOLA
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 ESCOLA DO I CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO DE CABASSANGO
 MINI PAUTA
 Classe: 7ª Ano Lectivo: 2014 Período: VESPERTINO Turma: B3 DISCIPLINA: _____

Nº	NOME COMPLETO	I TRIMESTRE			II TRIMESTRE			III TRIMESTRE			CLASSIFICAÇÃO FINAL		
		MAC	CPP	CT-I	MAC	CPP	CT	MAC	CPP	CT	CAP	CP/CE	CF
1.	AFONSO CHINGAMA QUIVALO												
2.	ALCEIDA MARIELA JOAQUIM ANTONIO												
3.	ALEXANDRE MIUNGO BUNGO												
4.	ANESA DE JUANA KUABI												
5.	ANTONIO ALEIXO SUMBO TIBURCIO												
6.	ANTONIO PASSI MUEMBA												
7.	BARNABE LELO BIQUILA												
8.	BERNADETH NEIDA SIMBA PEDRO												
9.	CHARLOTA TULA MUENDO												
10.	CIPRIANO CASO GIME												
11.	CLAUDIA MADALENA BARROS												
12.	CONCEIÇÃO DA GRAÇA BORGE BAMBO												
13.	CONCEIÇÃO DA GRAÇA BORGE SAMBO												
14.	DEOLINDA NATALIA LAURINDA												
15.	DOLBETH DOMINGOS DE BRITO												
16.	EDIVANIA ANTONIO ALEXANDRE												
17.	EDUARDO MABIALA DE BRITO												
18.	EGINO BURCE DA COSTA												
19.	ELIZANDRA DE F. CHOCOLATE AGOSTINHO												
20.	ERICA STELVIA MAURICIO												
21.	ESTER DEMBE SUMBO												
22.	FAUSTINO MAVINGA												
23.	FILOMENA FIRME DOS SANTOS												
24.	FRANCISCO CASIMIRO PANZO CHINGOMBE												
25.	FRANCISCO LUBALO MASSIALA												
26.	FRANCISCO MRCELINA SUAMI												
27.	FRANCISCO SEBASTIAO ANTONIO												
28.	GILDO LEONARDO SAMBO												
29.	GONÇALVES DIAS ANDRE												
30.	ISAJEL CASIMIRO CONDE TAPIACA												
31.	ISAURA MARIA CHIMPOLO												
32.	JANUARIO GOMES MONTEIRO												
33.	JAOQUIM BENVINDA DE ALMEIDA												
34.	JASE ANTONIO BUANGA TATI												
35.	JOÃO BAPTISTA FIO												
36.	JOÃO CAMANDA												
37.	JOÃO CHIANGA BONGO												
38.	JOÃO RODRIGUES TEMBO												
39.	JOSE CHIMBEIA MOIADO												
40.	JOSÉ FRANCISCO C. NQUESSO												
41.	JOSE PASCOAL FERREIRA JAIME												
42.	JOSEFINA CHIMAMBO CONDE												
43.	JÚLIA YANA JÚLIA												
44.	LAUDELO CAITANO LAURINDO												
45.	MADALENA BARROS ZAU												
46.	MADALENA LEMBE BUMBA												
47.	MADALENA ZINGA PANZO												
48.	MALSTON DONATO LELO												
49.	MANUEL GIME LELO CONDE												
50.	MARGARIDA HOLA BARROS VUTO												
51.	MARIA ROSA MATAIA CAPITA												
52.	PAULA MARIA MAVINGA												
53.	PAULINA UMBA LUEMBA CLEMENTE												

Processado pela versão FREE de STOIK
Mobile Doc Scanner de www.stoik.mobi

54.	RAFAEL MBACHI MASSINGA														
55.	REMILDO ANTONIO PASSI TENDEQUELE														
56.	RITA COLETE SAMBO														
57.	TERESA DE ENGRACIA PEMBA GIME														
58.	TERESA MENO CASIMIRO DIAS														
59.	TIAGO ZAU CHOCOLATE														
60.	VERONICA BUMBA PAMBO														
61.	VERONICA UMBA PRATI CAPITA														
62.	ZIETA ELIZA CAPITA SAMUEL														

Nome do Professor: _____

MAC- Média das Avaliações Contínuas CAP- Classificação da Avaliação do Professor (40% ou 0.4)
 CT=MAC+CPP/2 CPP- Classificação da Prova do Professor CPE/CE- Classificação da Prova da Escola,
 Exame (60% ou 0.6)
 CT- Classificação Trimestral CF- Classificação Final
 CAP=CT¹+ CT²+ CT³/3(x40%)

$$CF = CAP(40\%)+CPE/CE(60\%)$$

ANEXO 2 – Panorama das visitas a Escola.

Local: Cabinda, Escola do Primeiro Ciclo do ensino secundário de Casbassango II.

Período: vespertino

Equipe: Celso Chipi.

Data: Data: 11/02/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: Primeiro dia de visitas, depois da abertura do ano Lectivo

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
10h30 às 12:00	Direcção pedagógica, Secretaria e pátio escolar	visita exploratória	Depois da orientação com a professora Maria Inês, tomei a decisão de dar passos para o início da pesquisa. O ano lectivo de 2014 teve a sua abertura no dia 5 de Fevereiro. Na altura em que acessei a escola, isto foi dia 11 do mesmo mês, deparei-me com um ambiente muito agitado na escola, entrei na secretaria, encontrei os alunos que haviam passado de classe, mas que a sua documentação para confirmarem as suas matriculas em outra instituição não estavam prontos. Em seguida dirigi-me a sala do Director Pedagógico, que na altura esteve a fazer uma distribuição dos horários escolares aos professores e em seguida fiz o pedido de horário de uma das salas, ele me disponibilizou o documento devidamente assinado e passou também na forma electrónica. Para o meu espanto a sala dos menores de 7ª classe estudariam no período diurno, e que as suas aulas dariam início todos os dias uteis da	Sendo uma visita exploratória permaneci durante uma hora e meia. Notei que os alunos exploravam todo recinto escolar com pouca permanência em salas de aulas, predominantemente e estavam em aglomerados, nas varandas, no pátio, e no local da compra de

semana das 13:00 às 17:55.

Outro aspecto que me chamou atenção é a estrutura física da escola e o meio ambiente, é assim que em seguida passei a visitar todo o recinto escolar fazendo fotos do pátio, do banheiro, os pavilhões, salas de aulas, a guarita e a tabela de basquete. Notei que não havia ordem quanto a forma de parquear as viaturas, não havendo parque definido os professores parqueiam na posição que lhes convém. As aulas começam as 7:30 mas somente as Dez horas que se registava maior fluxo de alunos e professores tentando se organizar. Neste dia não houve aulas na escola mas os alunos merendavam e a escola explodia de movimento.



Tabela de basquet bol



Pavilhão C e casas de banho



Casas de banho para professores e alunos



Portão principal e guarita



Patio principal, vista da secretaria ao portão principal



Pavilhão C, vista da casa de banho ao exterior.

merenda onde havia mais presença de alunos. Eles permaneciam o tempo todo cerca de 2 Horas, até eu me retirar. Isto porque os professores faziam o levantamento dos horários e tomar o conhecimento das salas com as quais poderão trabalhar. É assim que junto do Director pedagógico tomei a iniciativa de escolher a sala com alunos de menor idade do período a pesquisar. Foi assim que me foi atribuído o horário de Sala B3 a que me proponho a

pesquisar. Passei pela porta da sala não encontrei um numero considerável de alunos. A secretaria estava lotada de processos no chão, os compartimentos da direção são pequenos sem ar condicionado , tão pouco um ventilador. Vi que tinha sido o primeiro dia de aulas para alguns alunos porque estavam procurando nas listas coladas nas paredes para saber o numero da sala. Do lado de fora as senhoras vededoras

				<p>acabavam de arrumar o local das vendas e o meninos compravam, outros conversavam com as pessoas de fora. Foram feitas tomadas de vídeo.</p>
<p>Data: 13/03/14 Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.</p>				
<p>Contextualização: segundo dia de visitas, depois da abertura do ano Lectivo</p>				
<p>Alunos: coloque o número de alunos presentes no dia. Se não tiver o número correto, coloque o número aproximado.</p>				
Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
14:30 às 16:00	Sala B3, pátio escolar e arredores da escola	Visita explorat ória sala de aulas e o pátio escolar	<p>Depois de um mês voltei na escola em pesquisa a fim de interagir e conhecer os alunos da sala B3 Neste dia, entrei na turma B3 que se encontrava em debandada alunos pulando, correria na sala de aulas, gritos e conversas entre eles. Alguns encontravam-se na porta da sala e no corredor dialogando entre eles.</p> <p>Dirigi-me a sala de aulas, de repente os meninos</p>	<p>Os alunos estavam sem professor porque a professora de língua portuguesa não se encontrava presente na instituição . fiquei em contacto com os alunos na</p>

		<p>puseram-se em pé e os que estavam fora da sala pediram autorização para entrar. Saudei a turma e eles responderam calorosamente, mantendo-se em pé esperando minha autorização para se sentarem e assim aconteceu.</p> <p>Apresentei-me a falei o motivo que me levou a entrar na sala de aulas, que é conhece-los e saber o que eles fazem no tempo de recreio ou intervalo.</p> <p>Colhi algumas informações de que eles estudam, conversam, meredam, falam de assuntos religiosos, novelas, imitando a fala de alguns professores como por exemplo o professor do emprededorismo que tem uma articulação da lingua portuguesa diferente pelo facto do mesmo ter estudado no Congo Democratico.</p> <p>Vendo o horario que me foi fornecido, e a ralidade prática da referida turma, constatei de que não existe um tempo específico de recreio, mas sim os aluno a aproveitam os intervalos de aulas ou ausencia de um professor para se recrear.</p> <p>Foi-me apresentado um grupo de meninas que têm jogado cartas na hora que o intervalo é maior ou na ausência de um professor. Elas fazem apostas de dinheiro e uma delas que foi apontada como confusionista porque pede seu dinhiero de volta quando estiver a perder no jogo.</p>	<p>sala interagindo por volta de uma hora e nenhum professora apareceu. Tive a sensação de que nem todos os professores haviam se apresentado. Porque assim que me dirigi a sala os alunos pensaram que eu fosse um dos professores. Era hora do intervalo a seguir ao primeiro tempo. O professor de educação laboral ocupou antes o tempo de História e os alunos ficaram ocupados com as tarefas a sua escolha. Permaneci cerca de uma hora na sala de aulas e nenhum professor apareceu até eu me retirar por voltas das 15:25</p>
--	--	--	---

Data: Data: 14/03/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: Mapeamento das actividades realizadas pelos alunos e o pessoal externo.

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
15:30 às 17:00	Patio escolar e sala de aula	Assistência de aula de geografia e mapeamento das actividades no pátio escolar	<p>Neste dia pode assistir uma aula de geografia cujo o assunto era a continuação da aula sobre sobre os ramos da geografia e suas ciencias auxiliares.</p> <p>O professor fazia a motivação questionando os alunos sobre os grandes ramos da geografia e suas ciências auxiliares. Os alunos responderam em córo dando a resposta certa: geografia física e geografia económica.</p> <p>O professor escrevia a materia no quadro e os alunos copiavam. A participação dos alunos na sala de aulas fazia-se sentir, no sentido em que o professor formulava uma pergunta relativa a aula e os alunos reagem positivamente dando respostas satisfatórias e ao mesmo tempo o professor foi questionado por alguns alunos.</p>	<p>No âmbito das observações feitas a escola notei que existem três grupos actuando no espaço escolar. Um grupo que são alunos da escola, um que á dos vendedores ambulantes e outro dos rapazes ou jovens que procuram dialogar com as raparigas nas horas em que os alunos se encontram livres.</p> <p>Procurei identificar as actividades dos grupos que são os alunos e o pessoal fora do patio assim como os vendedores. Eis as actividades realizadas</p>

pelo pessoal externo: paqueiras, a busca de irmãos, contactar com amigos colegas de turno oposto, venda de produtos alimentares de natureza diversa. Alunos: conversa sobre filmes; compra de merenda, criticar certos colegas dos seus bons ou maus hábitos; zuação. O vídeo mostra como é feita a vende e a movimentação do pessoal no ambiente escolar.

Notei que os alunos que sentam no fundo da sala tinham dificuldades de anotar o que estava escrito no quadro devido a distância. Outro factor é a caligrafia do professor que era fina que não favorecia a leitura para os alunos de altura baixo e

sentados no fundo da sala.

Observei que alguns alunos da turma B3 encontravam-se fora da sala de aulas porque atrasaram pelo facto de levarem muito tempo nas brincadeiras e na compra de merenda pelo facto de haver muita demanda no local de compra. Outros registos no video do dia.

As condições da sala de aulas não são das melhores. Sala é pintada a cor branca e cinza, possui três janelas, quatro lâmpadas fluorescentes, das quais três acendiam mas mesmo assim a iluminação não é suficiente. A sala é muito

quente sem ventilação. Constatei que um bom número de alunos cerca de 20 alunos não se senta confortavelmente porque as cadeiras não eram adequadas à sua altura e também a luz do sol penetra pela janela causando um reflexo e aquecimento da sala. Muitos deles sentados nestas condições transpiravam durante a aula e tinham que mover-se para os lugares de frente sentados ao lado dos colegas ou nas mesas em que os ocupantes tinham faltado às aulas durante a aula quando o professor explicava o significado de algumas palavras, alguns alunos tomavam outra postura enquanto sentados e se

				<p>espreguiçavam, deu-me a entender que se encontravam cansados.ver vedeo.</p>
--	--	--	--	---

Data: Data: 17 /03/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: Assistir aula de lingua portuguesa e observar os alunos no intervalo

Alunos: Quantos presentes no dia?

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
14:00 às 16:00	Sala de aula e patio	Participação na aula de português	<p>Maria Da Silva, Professora de língua, neste dia planificou avaliar a assimilação dos conteúdos dados na semana anterior.</p> <p>Durante a aula, os alunos tiveram dificuldade em determinar o significado de um vocábulo anteriormente ensinado.</p>	<p>A professora reconhece a importancia e a necessidade de haver um recreio para as crianças .</p> <p>Até quando me retirei da sala ja passavam cerca de 20 minutos e a aula a seguir seria de Historia,</p>

		<p>Observar os alunos no patio</p>	<p>Depois do termino da aula, os alunos meteram-se em movimentos uns ficaram na sala de aulas e outros para fora. Os que estavam na sala via-se que procuravam acertar os apontamentos, registou-se troca de cadernos com os colegas. Eu permaneci na sala e a professora veio ter comigo e assim aproveitei o memento para fazer a entrevista. A conversa prolongou-se cerca de 15 minutos e não apareceu o professor que devia suceder a aula a seguir. Depois da aula procurei saber se tem havido recreio e quanto tempo? A professora respondeu dizendo o seguinte: esta é uma turma com alunos de facha etaria entre 12 à 16 anos de idade, eles não aguentam permanecer muito tempo na sala de aulas, temos dado um intervalo de Cinco minutos para satisfazerem as suas necessidades, os alunos compram merenda, uso do WC, e muitas vezes atrasam a entrar na sala para continuar com as aulas. A professora afirmou ainda que quando tem tem dois tempos em uma sala ela dispensa os alunos para relaxarem por Quinze minutos ,e eles regressam com outro ar na sala. Mais adiante ela alegou que a por pertencerem ao primeiro ciclo do ensino secundário eles são crianças que precisam de um tratamento</p>	<p>mas a professora não tinha chegado.</p> <p>Essa é a parte mais importante. Você tem que marcar o horário que os alunos saem da sala de aula e depois o horário que retornam. É para isso que vc está acompanhando. Para checar o que se fala o que realmente acontece.</p>
--	--	---	--	---

diferenciado.

Continuei fazendo observações no ambiente escolar, e deparei-me com um aluno da 9ª Classe, finalista do primeiro ciclo do ensino secundário de nome Clemente de Jesus, alega que uma das questões problemáticas é o numero insuficiente de carteiras que são movimentadas de sala em salas e muitas delas ja se foram sinalizadas por alguns alunos como sua propriedade com o nome da pessoa, como são varios turnos o aluno é obrigado a circular pelas turmas até encontrar a sua cadeira porque alunos de outro período já tenham tomado a cadeira e isto provoca brigas.

Na sequência das observações constatei que um dos alunos da turma B3 Januário Gomes monteiro, é conhecido como evangelista. Transmite o Evangelo do nosso Senhor aos colegas aproveitando o seu tempo de recreio para está prática. Segundo ele alega que o tempo é curto e muitas vezes corre o risco de perder as aulas assegurar ao intervalo.

			Cautelosamente permaneci ao lado de um aglomerado da mesma turma, apercebi-me de que abordavam questões relativas as disputas e desafios nas lutas de artes marciais que o judó e zuação para os colegas que estão a repetir de classe. Ver video.	

Data: Data: 20/03/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: apresentação da escola pesquisada à Professora Maria Inês e às estudantes Debora e Vanessa.

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
16h30	Turma B3 e a escola em geral	Visita exploratória	Com objectivo de conhecer a escola a em pesquisa e ter um imagem concreta nos dirigimos para a mesma e na altura encontramos a escola com um tremendo movimento de alunos muito agitados. O pátio cheio de alunos vestidos de batas brancas que é uniforme das escolas públicas em Angola. Fomos recebidos calorozamente pelos alunos isto porque nesta altura a secretaria se encontrava fechada. Assim que	Os alunos têm um grande respeito na pessoa do professor ou qualquer pessoa que se apresenta como uma autoridade. Eles não conheciam os outros integrantes do grupo

		<p>nos dirigiamos em direcção a turma B3, os alunos da referida sala entraram na sala mesmo não conhecendo as outras pessoas que se faziam acompanhar de mim. A Professora Maria Inês apresentou-se e também apresentou as estudantes dizendo que estavam apenas visitar a escola e conhecer a realidade da escola. Em seguida passou a palavra a mim que em seguida fiz das minhas palavras porque quase não se ouvia em perfeitas condições o que a professora dizia devido do barulho que se fazia la fora e no interior da sala. Passamos então a visitar o pátio escolar, nos aproximamos da casa de banho que a distancia estava fedorenta inibindo a nossa aproximação. Ao lado estava um balde de lixo mas regista-se muito papel ao chão do lado de trás da casa de banho.</p> <p>Continuando com as observações demos conta de que havia muitos alunos no pátio porque os professores estavam em um reunião de emergencia para concertação de uma forma de trabalho. Assim afirmou o Director Pedagógico de nome Angolano que viu a nossa aproximação no pavilhão onde está a sala de professores e vei ter conosco de forma calorosa.</p> <p>Para nós não ficou claro se os alunos retornariam ou não às aulas.</p>	<p>mas mesmo assim foram a sala de aulas com todo respeito. Por fim todos quiseram fazer fotos com os visitantes. Do outro Lado, a compra de merenda não parava conforme a foto em anexo.</p>
--	--	---	--



Estudantes Brasileiras com alunos de Angola
Turma B3

Prof. Maria Inês acolhida pelos alunos da
Turma B3, escola do 1º ciclo do ensino
secundário





Professora Maria Inês retira-se do meio de alunos com muita alegria

Casa de banho com muito lixo de papel por traz e um pequeno balde de lixo para a escola inteira



Alunos criando ambientes diversos no patio, enquanto os professores se encontravam reunidos.



Alunos aproveitando o tempo livre para a compra de merenda entre a vedação da escola na parte exterior

Data: 24/03/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: entrevistas com professores e aluno, (mapeamento das actividades realizadas pelos alunos durante o tempo de recreio).

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
14 às 17horas	Patio escolar	Mapeamento das actividades	Durante a observação que durou cerca de Três hora no patio escolar, tive a mabilidade de entrar em contacto com alunos e professores da referida escola. A quando a minha chegada ja nahora do intervalo das 14horas, deparei-me com vários grupos de alunos reunidos por generos, masculino e femenino e outros mistos. A minha atenção foi dirigida para um grupo de rapazes que se encontravam quase todos com as cabeças para baixo, um deles estava no meio da rado, quando me aproximei deles apercebí-me de o rapaz que estava a ser rodeiado tinha em mãos um vídeo game, e o resto dos rapazes assistiam a jogada e quando perde-se o jogo este passava o Ipad ao outro colega. Com a	

minha presença ficara meio receados. Quando entendi usar a camera eles começaram a dispersar-se um a um alegando que não gostam ser fotografados e nem filmados. Permaneci no meio deles interagindo, ficaram descontraídos so assim passei a fazer vedeos e fotografar os meninos em quanto fazia entrevista. Durante a intrevista os alunos afirmaram que no recreio eles estudam, tomam a merenda, falam de novelas, disporto e namoro.

Em seguida dirigi-me ao outro aglumjerado mas este era de mininas. Apercebi-me que todas elas pertenciam a uma só turma. Falavam sobre as noticias da cidade, de suas relações com os pais, da sexualidade, outras estudavam uma materia da disciplina a seguir ao intervalo, outras sobre os conteúdos a serem avaliados e realização de tarefa.

Não foi difícil estabelecer uma conversa com as meninas em comparação com o grupo dos rapazes (ver vedeo) para me enquadrar no grupo tive que contar uma historia pessoal quando era adolescente em relação a higiene na escola. De repente uma aluna apegou-se na minha estoria e comessou a falar da real situação da escola em relação as casas de banho que se encontram muito sujas, sem água canalizada. Outra apontou um ponto fundamental que é a faltade água potável para o cosumo ou mesmo bebedouros para a escola porque na falta de água elas compram água em saco pelas

senhoras fora do recinto escolar. A outro apontou a falta de uma cantina escolar.

Nesta altura a turma B3 encontrava-se em aulas de língua portuguesa. Tão logo terminou a aula de portugues, aproximei-me a porta da sala de aulas, notei que eles tinham aproveitado o intervalo para compra de merenda fora do recinto escolar. Quase todos comiam alguma coisa diferente tal como: gelado de mucua, gelado com corante, pão, amenduim, paracuca, picole, bananas fritas e pipocas. No meio da observação fui interpelado por um professor pelo facto de eu estar a usar a câmara filmando alunos no recinto escolar. Perguntou-me se eu esta autirizado a fazer a pesquisa eu repondi-lhe com todos os detalhes. Como ele apresentou-como professor de educação fisica, professor Banganga. Aprovetei a oportunidade de intrevista-lo sobre os tempos livres e que actividaes os alunos realizam. Sobre os tempo ele alegou que os alunos têm Cinco minutos de intervalo mas que na prática acabam sendo Dez minutos. quanto as actividades realizadas neste período ele alegou que os nesta hora fazem o que bem entenderem: brincam, tomam merenda, passeiam e conversam entre eles. Pergunteilhe se sabia quais os assuntos que os aluno abordam neste curto espaço de tempo? Afirmou que é uma questão de conviver com os alunos e procurar descobrir.

Em seguida passei a perguntar-lhe que utilidade tinha a tabela de basquet que se encontra no recinto escolar. O professor Banganga ressaltou que a tabela foi posta lá mas que as condições do patio não são favoráveis para a prática desta modalidade visto que o patio não oferece condições pelo facto de não estar pavimentado.

Mais adiante falei com dois professores de lingua portuguesa, sobre o tempo que é disponibilizam para o recreio escolar. O professor coordenador Sr. Branda, respondeu dizendo que os alunos têm Cinco minutos de livres para satisfazerem as suas necessidades. No rolar da conversa falou-se sobre os atrasos dos alunos e alguns castigos aplicados por alguns professores à alunos que assim se procedem. Professora Maria da Silva, argumentou que alguns professores não deixam entrar alunos atrasados na sala de aulas. Reforçou dizendo que as condições sociais sobretudo os meios de transporte hoje não são favoráveis para para podermos exigir de alunos que levam 2 horas a pé para chegar a escola as distâncias são grandes demais. Ela alega estar contra certos castigos que seus colegas aplicam para disciplinar os alunos como por exemplo, pôr o aluno fora da sala de aulas ou estar suspenção de assistir aulas de uma dada disciplina escolar.

Ja tinha chegado o tempo de os professores retomares as aulas, desta feita desloquei-me para outro pavilhão, onde encontrei um aglomerado de meninas e rapazes conversando. Sem mais demora perguntei se falavam de quê quando se reúnem? Uma aluna respondeu dizendo, que ela fala da palavra de Deus as colegas e rapazes da sua sala e outras.

Outra menina afirmou que serve de animadora para os colegas, ela conta estórias engraçadas e faz humor. Um pouco adiante outra menina afirmou que antes jogavam Zero mas que foram proibidas devido ao barulho das palmas produzido por elas na altura do jogo e passou a jogar outros dois jogos que são: mentira ou verdade e o limbole.

Os Alunos deste pavilhão falam também das condições em se encontram as casas de banho. Propuseram o seguinte: que a Governadora pudesse visitar a escola e criar equipa de limpeza e material para o efeito. O patio não tem pavimento e que quando chove fica tudo cheio de lama no corredor e nas salas de aulas porque os alunos pisam lamas e transportam para a sala de aulas.

Por fim uma aluna fez referência ao espaço de lazer que não existe na escola. Segundo ela podia pelos menos existir uma plantação de arvores para favorecer uma sombra que possa minimizar a questão da temperatura quando se encontram na hora de recreio. E mais adiante afirmou que as salas são muito abafadas muitos alunos numa só sala 60 a 70 alunos isto provoca muito calor e depois não tem AC . ver Vedeo e gravação de vozes.



Tabela de basquet sem utilidade.



Aglomerado de mininas contando histórias



Aglomerado de rapazes numa conversa sobre disporto



Alunos jogando no Ipad

--	--	--	--	--

Data: Data: 07/04/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: Primeiro dia de visitas, depois da abertura do ano Lectivo

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
14:45 17h	Sala de aulas.	Assistência de aula de língua portuguesa .	<p>Teve a possibilidade de assistir uma nova aula da professora de língua portuguesa, o assunto do dia foi: grau dos substantivos, género, número e grau. A aula teve início pelas 14:45 e terminou quando eram 15:25 minutos.</p> <p>No começo da aula a professora fazia a motivação, consolidação da matéria anterior , questionando os alunos sobre a lição anterior e explorava os alunos em relação aos conhecimentos que eles traziam</p>	

relativamente a lição nova. Os alunos escolhidos pela professora no sentido de responderem tais questões não quiseram responder. Alunos voluntários poderão dar respostas certas em relação as questões colocadas pela professora. Os alunos pareciam estar muito atentos com a explicação e a escrita ao quadro pela professora. Depois de muito tempo por volta das 15:10 minutos um grupo de alunos cerca de 7, se encontravam fora da sala de aulas, quiseram entrar e a professora permitiu a entrada. Consigo traziam em mãos merenda constituída em suco de laranja e pão com chouriço. Deu-me a entender que os alunos perderam os minutos de aula porque estavam entretidos com o ambiente lá fora depois do intervalo do tempo que antecedia a aula de língua portuguesa . passei a fazer fotografia aos alunos que acabavam de entrar com as merendas outros acabaram escondendo os conteúdos nas mochilas quando deram conta de corpos estranhos na sala. A eles não foi possível fazer a fotografia.

A sala de aulas estava cheia e quente. Os alunos e a professora abanavam-se com os seus cadernos de apontamentos.

Logo em seguida a professora veio ter comigo dizendo que iria terminar com a aula mas sem explicação

			<p>dizendo que deverá explicar na próxima aula. Os meninos ficaram livres quando eram 15:30 minutos depois da aula de língua portuguesa. Depois da aula alguns alunos permaneceram na sala de aulas, organizando os apontamentos. Outros tomavam explicação da matemática entre colegas e outros faziam jogos no telefone. Os que haviam entrado atrasados na sala estavam organizando as matérias e outros foram a compra de merenda. Poderemos anexar as fotos tirada.</p> <p>Em seguida fomos a sala de professores onde podemos fazer um entrevista com o professor de educação física e fazendo video.</p>	

Pesquisa Recreio Escolar

Local: Escola Cabassango II

Equipe: Celso

Débora Barbosa dos Reis

Vanessa Luísa Ferreira Guilherme

Orientadora: Professora Maria Inês Goulart

Data: 07/04/2014

Contextualização: Considerações de Vanessa acerca da visita à Escola Cabassango II

**A experiência
(Vanessa)**

7ª Classe - Ano Letivo 2014 - Turma B3 - Turno vespertino

Aula de Português - 15:02 horas à 15:35 horas

Sala B3: 42 alunos sendo: 16 meninas e 26 meninos

Aula de Português:

Eu fiquei sentada mais ao fundo da sala observando. Como era quarta-feira, dia do traje africano todas as crianças estavam vestidas com trajes (tecidos e panos africanos). Percebi que tinha crianças com baixa estatura sentadas ao fundo da sala. No fundo não dá para enxergar com qualidade o quadro e nem ouvir nitidamente o que a professora fala. A professora se limitava em andar somente até o centro da sala. Nunca se aproximava dos alunos que ficavam mais ao fundo, o que dificultava ainda mais a compreensão do que ela e os demais alunos ditava ou falava.

Não há ar condicionado na sala: observei que uma aluna leva pano usado e sujo para limpar o suor do rosto (muito calor);

A lição do dia da aula de português: o tema da aula foi "grau de substantivo, gênero, número e grau" em que a professora escrevia e ditava no quadro somente;

Não há lixeira na sala de aula, tinha lixo no chão da sala;

Algumas alunas entraram na sala as 15:17 horas, no momento que a professora estava dando aula e a mesma não chamou atenção das alunas; Existem 3 carteiras maiores no fundo da sala que tem lugar para 2 pessoas em cada carteira. As seis meninas que chegaram atrasadas, sentam nessas carteiras;

Algumas carteiras são de uso individual e existem algumas com problemas de conservação (e também sem lugar para os alunos colocarem os materiais);

Um aluno sentado ao meio, pergunta a professora o que é substantivo. Ela não escuta e continua a ditar;

Eu estava olhando para o caderno de uma das alunas sentada na carteira dupla ao fundo, para tentar perceber o que ela escrevia sobre a matéria, ela percebeu e aproximou o caderno de si;

A professora continua a ditar a matéria, os alunos mantêm silêncio e anotam;

Sol sob a aluna próxima à janela, ela usa o próprio caderno para se abanar;

Quando a professora vai conversar com o Celso, os alunos começam a conversar entre si e percebe-se um movimento e agitação maior na sala;

Perguntei a uma aluna qual era o nome da matéria. Ela responde: Língua Portuguesa. Perguntei a mesma qual era o horário de aula da matéria, ela não soube responder;

A professora sai as 15:35 horas, os alunos se agitam, saem de suas carteiras, outros da sala, começam a falar alto e brincar entre si, alguns comem, outros descansam e desenharam. Assim que a professora de português saiu e a de história não chegou, saíram 31 alunos da sala aproximadamente;

Intervalo entre uma aula e outra

Pergunto a outra aluna qual era o horário de início e término da aula, a mesma, consulta a página inicial do seu caderno com nomes das disciplinas e horário escrito e responde: 14:00 horas às 15:25 horas. Pergunto a mesma aluna qual era a próxima cadeira e horário de aula, ela consulta seu caderno e responde que terão aula de História e que o horário é 15:30 horas até 16:15 horas;

Segundo os alunos, existem 62 alunos no total, mas eles não sabem informar se são frequentes;

As das 15:35 até as 16 horas os alunos ainda estão sem professor na sala: alguns alunos no fundo da sala brincam de palmas, 5 alunos brincam de correr na sala);

Aula História:

A professora de história chega as 16:05 horas. Quando a professora de história entrou na sala, os alunos correram para sala e um deles colocou uma cadeira na porta para a professora sentar "tomar uma fresca", por que a mesma está grávida. Ela é responsável pela turma e informou que hoje não daria aulas por que iria repassar a lista de classe e o número dos alunos para provas da semana seguinte. Ela perguntava em voz alta quem estava presente. Quando algum aluno não estava presente, ela pedia aos demais para avisá-lo sobre seu número de aluno no dia da prova. Ela pergunta se tem algum aluno cujo nome não consta na lista, levou uma folha de papel para escrever o nome completo (de quem não tinha na lista);

Ela explicou que ter o nome trocado é normal. Explicou também que o número 13 ficará em branco (devem saltar esse número) e cada aluno deve assinar no número correspondente ao que ela passou hoje - ou seja - cada aluno assina no seu número. Ela deu a palavra aos alunos, para sanar dúvidas. Como não tiveram muitas dúvidas terminou e saiu;

Na outra semana seria prova e aula. A professora orientou os alunos a estudar e disse que cada dia seriam duas provas e depois os alunos teriam aulas;

Entrevista: Celso com o Prof. Alfredo de Educação Física. Celso pergunta sobre intervalo/recreio dos alunos, se existe? O prof. explica que os alunos não tem recreio e sim intervalo aproximadamente de 5 minutos entre uma disciplina e outra. A entrevista foi gravada.



Lixo encontrado nos
corredores da sala

Entrevista do Celso
com o Prof. Alfredo

Vista do quadro negro -
fundo da sala

<p>Reflexões sobre a experiência</p>	<p>Achei interessante participar desse movimento de investigação, embora estivesse sem saber como proceder e o que anotar. Eu me atentei mais as condições físicas da sala e comportamento dos alunos que estavam sentados ao fundo, haja vista que não dava para enxergar direito e ouvir o que a professora dizia. A professora ficou limitada a ditar as coisas e escrever no quadro. Eu que estava no fundo não compreendia praticamente nada do que ela dizia (falava muito baixo) e muito menos enxergava os escritos do quadro. Além do reflexo do sol, o quadro negro estava em más condições de conservação (quase da cor do giz) então, quem está ao fundo pode ter dificuldades de acompanhar. Mesmo com toda essa dificuldade, os alunos sentados ao fundo se mantinham quietos, calados ao longo da aula (mas isso não significa que eles estavam prestando atenção), mas quanto ao intervalo, que foi de aproximadamente 30 a 40 minutos entre um professor sair e outro chegar, os alunos ficaram mais agitados e cada um procurava uma atividade para exercer. Quando a professora de história chegou, achei que teria aula, penso que ela poderia ter feito os dois: dado aula e depois falado o número de prova para cada aluno. Foi tanto tempo esperando para ela somente ditar o número dos alunos? Bom achei isso meio estranho, mas também, a performance dela ditar os números dos alunos e a interação entre eles, já foi quase o prazo de uma aula, talvez foi por isso que ela não deu a mesma.</p>

Pesquisa Recreio Escolar

Local: Escola Cabassango II

Equipe: Celso

Débora Barbosa dos Reis

Vanessa Luísa Ferreira Guilherme

Orientadora: Professora Maria Inês Goulart

Data: 07/04/2014

Contextualização: Considerações de Débora Reis acerca da visita à Escola Cabassango II

**A experiência
(Débora)**

AULA DE PORTUGUÊS

Entramos na sala as 14:55 horas. Havíamos decidido previamente que seria interessante assentarmos em lugares estratégicos na sala. Então, Vanessa e Celso se posicionaram na parte de trás da turma, cada um em um lado oposto, e Débora se posicionou na parte da frente, do lado oposto da porta.

A cadeira era de português e no quadro havia os seguintes dizeres:

“sumário: grau dos substantivos

gênero, número e grau”

A professora foi ditando os demais dizeres e os alunos escrevendo. Em alguns momentos a professora perguntava algum

exemplo aos alunos, que respondiam. Ela, por exemplo, perguntou à turma exemplos de palavras no singular, e um aluno respondeu “eu sou a professora. Ela balançou a cabeça negativamente e disse “quem está a me entender?”, sem explorar a resposta do aluno.

Ela, então, anotou alguns exemplos no quadro com palavras no singular e no plural:

“ cidadão – cidadãos

irmão – irmãos

cão – cães

lição – lições

capitão – capitães”

Em relação a palavra “cidadões”, um aluno da parte da frente corrigiu a palavra, dizendo que era “i”, no lugar de “e”, no “ões”. A professora leu a palavra e disse “não, está certo”, não percebendo que havia um erro de escrita: ao invés de

“ões”, seria “ãos”.

- Sete meninas chegaram na sala as 15:09 horas. A professora comenta que elas estavam atrasadas para a aula e pede que assentem sem atrapalhar a classe. Pelo que pude observar com a entrada destas alunas, é que a sala possui lugares marcados.

- As 15:10 horas, duas alunas olhavam do lado de fora, pela janela.

- As 15:16 horas, outro aluno olhando do lado de fora pela janela.

- As 15:21 horas, duas outras alunas olhando do lado de fora pela janela.

- As 15:24 horas, a professora anda entre as carteiras da parte da frente e olha o que os alunos estão anotando das palavras que ela estava ditando. Em nenhum momento a professora vai na parte de trás da sala, apenas para conversar com o Celso após o término da aula: as 15:25 horas.

- Ela termina a aula dizendo que no dia seguinte explicará o conteúdo que ela ditou na aula de hoje.

- Os alunos apenas se levantam quando a professora sai da sala. Ela sai as 15:29 horas, após conversar comigo um pouco sobre seu curso de licenciatura de biologia no ISCED.

- Os alunos da parte da frente da sala fizeram silencio durante toda a classe. Aparentemente na parte de trás havia silencio também. A tonalidade da voz da professora foi baixa durante toda a aula.

RECREIO?

Observei as duas filas do canto oposto da porta. Na fila mais ao canto, duas alunas copiavam matérias em seus cadernos, outra aluna estava as vezes lendo, as vezes parada olhando para as outras pessoas. Na segunda fila, um aluno copiava matéria, outro lia matéria do seu caderno, e dois alunos que assentavam na frente conversavam com outros dois alunos, que eram de outras fileiras, e estavam em pé diante deles. As 15:35 horas, alguns alunos das duas fileiras saíram da sala e resolvi sair também para observar o que eles faziam. Foi possível observar que as meninas ficaram conversando grupos, Tanto meninas quando meninos iam comprar comida no espaço de vendas da parte de fora da escola, e alguns meninos jogavam jogo da velha na própria terra do pátio da escola, desenhando-os com a mão.

- 15:59 horas - os alunos entram na sala, pois a professora do próximo horário entrou. Os alunos colocam rapidamente uma cadeira na porta da sala e nenhum de nós três havíamos entendido o porquê daquilo. Perguntamos à professora, e ela nos disse que como estava grávida, os alunos tinham esta atitude, para que ela não se esforçasse muito em andar pela sala de aula.



Meninas no pátio da escola

AULA DE HISTÓRIA

- **16:07 horas, a aula começa, porem neste dia não haveria aula pois a professora iria conferir a lista de chamada dos alunos para a realização da prova na próxima semana. Segundo a professora, cada professor é responsável por uma sala, o que aqui chamam de “diretor” ou “diretora” de sala. Ele é o responsável por organizar a sala para a realização das provas, dar informes, etc.**
- **o celular da professora toca alto, ela olha, mas não atende**
- **16: 20 horas ela termina de falar da lista de chamada**
- **16: 28 horas termina a aula. Quando ela diz à turma que a aula acabou, todos já se levantam. Não esperam ela sair da sala para fazer isto, como ocorreu na aula de português.**

- Nesta classe, ficamos na porta da sala, em pé, tirando fotos da turma e filmando a “aula” da professora. Antes da aula começar, conversamos rapidamente com a professora da porta da sala, onde ela nos explicou sobre o sentido de colocarem a cadeira na porta para ela, e o fato de cada turma possuir um diretor ou diretora. Vale ressaltar que já nestas classes há delegados e subdelegados, representante e vice representante de sala, respectivamente.



Aula de história



Alunos comprando lanche no recreio, após o término da aula de história

<p>Reflexões sobre a experiência</p>	<p>Na aula de português, eu estava com uma grande expectativa de que a professora explicaria o que os alunos estavam anotando durante a aula. Quando percebi que isto não aconteceria, tive um sentimento de insatisfação muito grande como que de uma aula “perdida” por ela ter ficado ditando matéria o horário inteiro, e dado poucos exemplos explicativos relacionado ao conteúdo. Também tive um impacto grande quando percebi que a professora escreveu no quadro “cidadões” e não “cidadãos”, e não percebeu o erro ortográfico mesmo com um aluno pontuando esta palavra para relatar outro erro. Foi possível observar que o tempo de espera para a próxima cadeira foi muito longo, de aproximadamente 40 minutos. Ao relatar minha observação neste arquivo, encontrei dificuldades em nomear o que seria este tempo de espera e me peguei escrevendo muitas vezes “recreio escolar” - apesar da escola não considerar que há recreio - por não saber outra nomenclatura que definisse melhor este espaço “vazio” e “sem nome” entre uma aula e outra onde os estudantes têm atitudes comuns, ao meu ver, de um recreio: conversar, comprar lanche, brincar, etc. Foi possível observar que o “sinal” de início do próximo horário é baseado na entrada do professor na sala de aula, e não em um sinal sonoro com horários determinados. Também achei interessante notar que na aula de português os alunos esperaram a professora sair da sala para se levantarem, fato que não ocorreu com a aula de história, o que me fez refletir que talvez o comportamento de esperar o professor sair de sala para se levantar não seja um padrão na relação aluno-professor.</p>

Tabela de horários das aulas de português e história e do tempo de recreio

Horário	Observação
14:55 horas	Início da observação da aula de português, por Celso, Débora e Vanessa. Não foi feita a observação desde o início da aula.
15:09 horas	Sete meninas chegaram na sala e assentaram em seus respectivos locais. A professora comenta que elas estavam atrasadas para a aula.
15:10 horas	Duas alunas olhavam do lado de fora, pela janela.

15:16 horas	Um aluno olhando do lado de fora pela janela.
15:21 horas	Duas outras alunas olhando do lado de fora pela janela.
15:24 horas	A professora anda entre as carteiras da parte da frente e olha o que os alunos estão anotando das palavras que ela estava ditando. Em nenhum momento a professora vai na parte de trás da sala.
15:25 horas	Professora de português finaliza sua aula.
15:29 horas	Professora sai da turma. Momento em que os alunos se levantam.
15:59 horas	Professora de história entra na turma. Com isso, todos os alunos entram na sala, para que a aula comece.
16:07 horas	Aula começa e a professora utiliza o horário para conferir a lista de chamada da turma para a semana de provas.
16:20 horas	Professora de história termina a conferência da lista de chamada.
16:28 horas	Professora de história finaliza sua aula. Os alunos se levantam antes dela sair da sala.

Data: Data: 24/04/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: aulas normais intercaladas com as provas obrigatórias do professor.

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
13:35 até 16:00	Sala de aulas	Observação da aula de biologia (distribuição das provas .	<p>Os alunos se mantinham na sala de aulas preparando-se para a prova de Educação Visual e Plástica (EVP) em quanto a professora de Biologia não se fazia presente. Outros alunos entravam e saiam na sala de aulas</p> <p>Era tempo de Biologia a aula começaria as 13:00 e terminarias 13: 45.</p> <p>Quando eram 13: 40 a professora de Biologia apareceu e logo em seguida passou a fazer distribuição da prova</p>	

			<p>realizada na semana passada.</p> <p>13: 50 a professora de biologia continuava ainda na sala distribuído as provas e a professora de EVP já se encontrava na porta a espera que a professora de Biologia terminasse com a atividade. A professora de biologia se retira em seguida a professora de EVP entra na sala de aulas.</p>	

Data: Data: 24/04/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: observação da aula de Educação visual e plástica EVP , aplicação da prova obrigatória do professor.

Hor a	Local	Evento	Descrição	Comentários
13:35 até 16:00	Sala de aulas	Aula de EVP aplicação da prova escrita	<p>Quando eram 13: 50 a professora de EVP, entra na sala e pousa o seu material sobre a secretária e se retira da sala em quanto a professora de Biologia perseguia com a sua actividade.</p> <p>13:54 a professora de EVP retoma a sala de aulas, 13: 55 sai novamente em quanto isso a professora de Biologia continuava com a distribuição da prova e termina.</p>	<p>A aula de EVP terminaria as 14:35 mas foi até 14:37.</p> <p>A aula a seguir seria da disciplina do empreendedorismo pelo que me apercebi esta disciplina foi não esta a ser</p>

<p>13:3 5 até 16:0 0</p>	<p>Sala de aulas</p>	<p>Aula de EVP aplicação da prova escrita</p>	<p>13:56' a professora de EVP retoma a sala e orienta os alunos a fim de pousarem as mochilas na frente ao lado do quadro. 13:59 a professora inicia a distribuição das folhas de prova e retira-se novamente da sala de aulas e entra em seguida com um folha onde tinha as perguntas da prova. 14:3 a professora começa a ditar as perguntas da prova. 14: 6 três alunos entram na sala de aula e a professora em seguida faz a entrega das folhas de prova.</p> <p>Quando eram 14:14 entra mais um aluno atrasado e professora não reclama faz entrega da folha de prova e dita-lhe as perguntas.</p> <p>14:18 quatro alunos terminam a prova 13:19 cerca de Dez alunos terminam a prova e todos ficam na varanda, a esperar os colegas.</p> <p>A professora se lembra que os alunos deviam assinar a lista de presenças e os pede para retomarem a sala de aulas a fim de assinarem a lista. Esta ordem proporcionou uma turbulência um aglomerado na sala de aulas pela luta ao cesso à folha de presença em quanto</p>	<p>dada por falta de professor.</p>
--------------------------------------	----------------------	---	---	-------------------------------------

		<p>outro faziam a prova.</p> <p>14:24 a professora mantem a disciplina na sala com um grito ``hei parem com isso`` logo em seguida os meninos organizam-se.</p> <p>14:26 Treze alunos apenas permaneciam sentados a fazerem a prova e a professora pressiona para os alunos entregarem a prova.</p> <p>Um dos alunos que tinha chegado atrasado termina a prova 14:34 e diz que EVP dá dor de cabeça. 14:36 termina a prova, em quanto isso os alunos que haviam terminados antes a prova retomam a sala e em seguida a professora se retira da sala 14:37.</p>	

Data: Data: 24/04/14

Escola do primeiro Ciclo do ensino secundário de Cabassango II.

Contextualização: Observação dos alunos no pátio logo a pós a prova de EVP

Hora	Local	Evento	Descrição	Comentários
13:35 até 16:00	pátio	Tempo de intervalo	<p>14: 37 os alunos ficaram livres porque o tempo a seguir não tinha professor,</p> <p>os alunos passaram para a compra de merenda, brincadeiras com jogos no telefone, jogos de escritas no chão, conversas sobre desporto, outros falando sobre o evangelho, as meninas jogavam cartas na sala de aulas e outros passavam a matéria.</p> <p>14:45 a professora de matemática Madalena Braz entra</p>	

			<p>na sala e os alunos que estavam foram entram a correr na sala de aulas, a professora levava consigo as provas feitas pelo que me pareceu ele queria fazer a distribuição. Depois ela retirou-se dirigiu-se a secretaria e em seguida chama o delegado de turma. 14:48 o delegado traz o recado da professora alegando que todos comportara-se mal e a professora não vai mais fazer a entrega das provas. Porque todos devia ficar sentados na sal a espera da professora.</p>	

Data: 11 de junho de 2014 quarta-feira

Turma – B3 – 7ª. Classe

Contextualização: tomada em vídeo de um dia integral na escola Cabassango II

Número de estudante no dia: 45 alunos aprox.

Filmagem: Vanessa e Débora

Mapeamento feito por: Celso

Hora	Evento	Local	Descrição	Comentários
13:20	Limpeza da sala de aula	Sala de aula	Alunos entram em sala. A sala está com as cadeira para cima. Alunos começam a limpar a sala e a professora ainda não chegou. Poucos alunos fazem essa tarefa. Outros entram. São alunos escolhidos pelo delegado da sala. Eles varrem com uma vassoura. Vanessa pergunta com é a seleção para fazer a limpeza. O aluno explica que tem uma pessoa que varre e outra que arruma as cadeiras. O chefe (delegado da turma) da limpeza é que	Há uma grande autonomia, por parte dos estudantes, para fazer tarefas como limpeza e organização da sala de aula. O delegado avalia a

		<p>seleciona. Débora pergunta qual é a aula que os alunos vão ter. Matemática. Um outro aluno explica para Débora o procedimento de limpeza. Os alunos vão chegando. O delegado explica que eles organizam todo o trabalho com a limpeza: organizam o dinheiro, compram as vassouras e escolhem no final do dia os alunos que irão no dia seguinte mais cedo para limpar a sala antes da aula começar. Todos os colegas dão um pouco de dinheiro para comprar as vassouras.</p> <p>Nesse momento os alunos vão chegando. Vanessa conversa com o chefe de limpeza. Existe o chefe de limpeza e o delegado. O chefe de limpeza é quem escolhe os alunos que irão limpar a cada dia. Uns limpam e outros arrumam as carteiras, outra apanha o lixo. Cada um faz uma tarefa. Vanessa pergunta o que acontece se um aluno não limpa: ele fala com o professor responsável. O chefe de limpeza pediu a uma aluna para apanhar o lixo e ela está se recusando. Eles discutem sobre isso.</p> <p>Enquanto isso, o aluno que é evangélico, está com outros dois colegas, fazendo um trabalho de evangelização. Ele tem a bíblia sobre a carteira e conversa com os outros dois colegas. Depois discutirem a colega se levanta e vai fazer a tarefa que ele lhe pede para fazer. Ela pega o lixo com a mão. Não tem pá de lixo. Ela pega com a mão e leva pra</p>	<p>situação da menina que está doente e a dispensa da aula.</p>
--	--	--	--

lixeira. Usa uma folha do próprio caderno para coletar o lixo.

Vanessa diz que já são 13:30 e os professores ainda não chegaram. Um outro aluno está com o caderno aberto e estuda. Vanessa se aproxima do aluno que é evangélico e ele diz que está meditando. Está com uma bíblia. Uma menina está doente. As colegas estão com ela. Vanessa pergunta se ela está doente. Está com febre. Um colega, o delegado, está com febre. O delegado diz que ela está com malária. Ela vai embora. Um outro aluno está fazendo exercício de matemática. Ele está fazendo um exercício por conta própria. Ele diz que gosta das aulas de matemática. O aluno diz que teria aula de história mas o professor não veio. A próxima aula é 13:45 e será uma aula de matemática.

Uma outra aluna diz que está fazendo uma pequena leitura. É o livro de Língua Portuguesa. Vanessa pergunta se ela está estudando por conta própria. E ela afirma que sim. Quando interrogada qual é o horário da aula de Português ela diz que esqueceu. Não tem o horário anotado aí. Vê-se, ao fundo, alunos em pequenos grupos, três alunos estudando a bíblia, uma aluna estudando

13:30	Espera do professor	<p>sozinha, outros alunos sentados esperando. A sala está bem vazia. Eles tentam estudar por conta própria. Três alunos, no fundo da sala, jogam um jogo no telefone. É quarta-feira e as meninas estão com trajés africanos. Muito tempo de espera. Trocam informações entre si. Vanessa pergunta qual é a aula que eles vão ter? Um grupo de alunos diz que começa as 13:15 e termina às 14:45. Débora pergunta o que estão fazendo. Estão jogando no celular. Total combate. Cada hora é um que joga. São três estudantes. Revezam o celular entre eles.</p> <p>Parece ter muitos alunos do lado de fora da sala. Algumas alunas estão sentadas esperando simplesmente. O grupo da evangelização já tem 4 estudantes adeptos. Um deles é o líder e ensina aos outros. É quem tem a bíblia. Outros conversam, outros cantam, outros dançam. Débora pergunta se a aula não vai começar. De vez em quando a professora falta.</p> <p>Um aluno pergunta sobre a filmagem. Vanessa explica o motivo da filmagem. Débora pergunta porque do atraso do professor. O menino diz que de vez em quando a professora não vem na escola. A professora avisa pra eles. Um aluno ou alguém da escola avisa que a professora não vem. Quando vem, ela demora pra chegar. Ela também estuda. Atrasa. São 13:50 e a professora ainda não</p>	
-------	---------------------	--	--

14:05	Professora de matemática chega na sala de aulas	<p>chegou. Débora mostra no relógio.</p> <p>Uma aluna tira o horário escrito e começa a analisa-lo. Débora vê e mostra para a câmera. Débora mostra que seriam dois tempos de matemática e depois outras disciplinas. A professora já perdeu o primeiro tempo, que inicia às 13:00hs e já está atrasada para a segunda aula que inicia às 13:50. Débora lê as demais disciplinas e pergunta para a aluna o que significa os 5 minutos entre uma aula e outra. Ela explica que é o intervalo. Tem sempre 5m de intervalo. Neste momento já tem 6 alunos em volta do aluno evangelizador.</p> <p>São 13:55 e a professora ainda não chegou.</p> <p>Os alunos continuam em atividades livres. Uns fazem um jogo sobre a carteira com uma bolinha parecendo tênis de mesa .</p> <p>até 14:05 quando chega a professora de Matemática na sala de aulas e verifica se os alunos estão bem vestidos de traje Africano e orienta os rapazes para abotoarem as camisas. Depois a professora conversa com a Debora sobre a pesquisa e autoriza que façam a filmagem da aula sem problemas e a Debora Agradece. A professora</p>	<p>Parece que eles não têm conhecimento dos horários das aulas. Nem tampouco existe o horário escrito nos cadernos.</p>
-------	---	--	--

		<p>começa com aula fazendo revisão do conteúdo da matéria passada. Anuncia um novo sumário que é falar sobre os números racionais. Orienta que os alunos que estiverem atrás se sentassem pela frente. Continua fazendo a revisão e pergunta aos alunos da frente com os cadernos fechados pede a definição dos números racionais e os alunos se calam pedem um voluntário e ninguém se levanta e logo em seguida põe em um aluno e este responde a questão. Levanta o outro e pergunta se a resposta do colega estava certa. Continuou fazendo perguntas a sala e os alunos não reagiam ela comentou que os alunos não estudam e passam o tempo em casa assistir as novelas e bonecos. Passou a fazer a revisão mas os alunos reagem com pouca precisão. A professora pede a um aluno para ir ao quadro resolver uma equação e este resolveu bem o exercício.</p> <p>A professora escreve no quadro a definição dos números racionais decimais no quadro e dita o conteúdo os alunos copiam a matéria nos cadernos.</p> <p>A aula continua os exercícios são esclarecidos e os alunos participam na aula.</p> <p>Explica as frações decimais finitas e pede para um voluntário continuar com o exercício no quadro. Um aluna levantou-se resolveu o exercício certo. A professora</p>	<p>É confuso. Eles não sabem explicar porque chegam às 13:00 e a aula começa as 13:45. Tudo um pouco confuso.</p> <p>A aula de matemática terminou no horário que</p>
--	--	--	---

14:40	Aula de matemática termina	<p>pergunta se os alunos se entenderam entenderão todos um aluno da fila da frente levanta o dedo e diz que não entendeu e professora explica novamente e identifica que o aluno tem problemas com a tabuada ao fazer a divisão. A aula continua no meio a professora faz a consolidação o da matéria indicando os alunos ao quadro uns resolviam o exercício e outros não mas ela agradeciam a iniciativa. A professora continua orientando os alunos ao quadro pede que ele anotem os exercícios feitos nos seu cadernos. A professora continua dando aulas levando os alunos a acompanhar o exercícios que esta sendo feito quadro e eles em seguida anotam nos cadernos. Professora termina a aula e faz o controle da turma. Uma aluna não respondeu pelo numero e os outros no caso o delegada de limpeza e da sala dizem a professora que a sua colega não ouve bem. A professora diz que ela tinha estar no ensino especial. Termina a aula e os alunos começam a movimentar-se arrumam o material nas mochilas.</p>	<p>daria inicio a aula de língua portuguesa. Se o professor de língua portuguesa estivesse presente quer dizer que não haveria intervalo e caso o professor se fizesse presente existiria um atropelo do tempo.</p>
--------------	-----------------------------------	---	--

<p>14: 40-15-25</p>	<p>Aula de Língua portuguesa</p> <p>Alunos a espera do professor.</p>	<p>Sala de aulas e patio</p>	<p>Os alunos abandonam a sala de aulas e se dirigem para fora e começam as brincadeiras, um rapaz mexe com a menina. Ai surge a brincadeira com o corpo parece insulto para uma briga. Outras meninas foram a pracinha outros alunos ficaram na sala e uma menina na sala de aulas trouxe um pão de casa e dividem entre colegas normalmente, na sala de aula os três alunos vão ao quadro e começa a explicar novamente a aula de matemática e a repetir os exercícios no quadro. Quatro alunos se juntam e constroem um barco de papel e transformam em toca para cabeça. As meninas que haviam saído entram na sala de aulas com sacos de gelados, amendoim e bolos.</p> <p>Em quanto isso o rapaz que costuma evangelizar se encontra reunido com mais três colegas fazendo uma interpretação da bíblia, um menino perto dos que interpretam a bíblia mas ele está entretido com suas criatividades fazendo uma caixa de papel e barco de papel noções de arte. Em quanto uns conversam outro espalha pipoca por cima de seu caderno num verso da folha e outro página tem conteúdos que ele repassa para outro caderno. Verificamos bem eram matérias de Química.</p>	
----------------------------	---	-------------------------------------	--	--

15:05			<p>Até ao momento a professora de Língua portuguesa não chegou</p> <p>Em quanto isso os alunos se ocupam de diversas actividades, um grupo de quatro fazem um exercício de cultura geral que escrever nomes de jogadores. Um começa com uma letra inicial de um jogador e o restante vai acrescentando as letras que compõe o nome do jogador. Quem não acertar leva um B na frente do seu nome, com a intenção de se escrever BURRO. Se ele errar mais vezes acrescenta-se outra letra neste caso U para formar BU afim. Também se o colega não saber do nome ele interroga e pede explicação ao ultimo colega que escreveu a ultima letra. Caso ele não justificar ele leva o B.</p> <p>Minutos depois a sala ficou cheia de movimentos outros alunos vinha de fora para dentro da sala de aulas correndo parecia que vinha um professor de historia</p>	
15:25	Intervalo			
15:40	Aula de	Sala de	A professora de História apareceu e os alunos colocaram	A sala fica muito agitada

16:05	<p>História. Professora chegou a tempo.</p>	<p>aula</p>	<p>um cadeira na porta para a professora se sentar pelo facto da sala ser muito quente e a professora se encontrar grávida. Os alunos se organizam e a professora divide a sala em dois grupos e começa a fazer perguntas sobre a tarefa para casa que havia deixado. Uma aluna se levanta e lê as respostas. A assunto era sobre os australopitecos. Em quanto isso a sala manteve-se agitada e os alunos conversavam muito. O aluno evangelista foi questionado ele respondeu não ter a matéria em referencia em estudo. A professora continuo fazendo perguntas na sala aluno por aluno. Uma aluna foi poste em pé para defender seu trabalho, lia muito baixo e quase era imperceptível o que ela dizia. A menina não parava de murmurar, a professora perguntou a turma se alguém estava a ouvir o que ela lia? Alguns responderam não! Era uma conversa que se passava na parte de frente da sala de aulas. La para o fundo da sala continuava a agitação. Os meninos próximos ao colega indicado ficam todos com a cabeça para baixa a lerem suas anotações e nota-se que tomam nota corrigindo os seu trabalho.</p> <p>Uma aluna que sentava por trás da a que não se ouvia a sua vós, foi posta em pé, com o seu caderno fechado tinha em memoria um paragrafo completo da pergunta proposta para o trabalho individual. Depois disso ela não conseguia continuar com a fala. A professora disse que estava ir muito bem e que continuasse a falar. A aluna</p>	<p>porque a matéria era desafio de conhecimento porque cada um tem que apresentar um trabalho de pesquisa. Os alunos passaram cerca de uma hora sem aulas, acabaram de administrar o tempo de varias formas. Os meninos trocavam muita conversa esfolhavam os cadernos e os que eram questionados sabiam dizer alguma coisa. A professora de Historia perguntou ao aluno evangelista se ele era turista. Ele respondeu que não. A professor perguntou então porque não tens matéria? Um caso a estuda.</p>
-------	--	--------------------	--	---

		<p>ficou calada e sem mais palavras e a professora perguntou se ela estudou ou não. Ela disse que não estudou. A professor pergunta se porque é que ela tem tarefa e não estudou? A professora perguntou se a capacidade craniana era de quanto? Ela não respondia e posteriormente a professora pediu para que ela se sentasse. E continuo com o próximo com o qual trocou uma conversa sobre a matéria e o aluno correspondia com a expectativas. A próxima aluna esta lia em vós alta, a turma quase que se mantinha em silêncio e essa aluno aluna falava com o caderno aberto, via os pontos levantava a cabeça e falava com muita segurança. Outro aluno se destaca com uma fala rápida e que no final teve alguns sobressaltos e professora disse que esta muito bem. Se pudesse se preparado muito seria bom.</p> <p>Manteve um tempo longo com uma aluno ajudando-a a responder e entender as perguntas. Continuou com o questionamento ao próximo aluno e foi quase a mesma coisa uma conversa de construção do saber.</p> <p>A professora perguntou se quem ainda não defendeu o trabalho mãos ao ar prossegui a contagem deu o total de 6 alunos de um grupo porque havia dividido a sala turma em dois. Orienta o delegado de turma para tomar nota dos alunos que ainda não defenderam o trabalho. O</p>	
--	--	---	--

16:15			<p>próximo aluno foi o responsável pela higiene o famoso Moyado ele respondeu lindamente perguntas sem deixar questionamento e levou pouco tempo. Pareceu que chegava ao fim da aula a professora dizia que na próxima aula iria começar com perguntas no meio da sala para a parte de trás da sala. A professora recomenda que na próxima aula ninguém poderá ler. Tudo mundo vai ter que apenas falar, porque já têm tempo suficiente. E termina a aula.</p> <p>A Vanessa pergunta se eles vão ter aulas de que disciplina a seguir e a aluna responde que vai ser Inglês. A Vanessa pergunta se a que hora começa a aula? Ela vai pega no seu caderno e tira o seu horário das disciplinas escolar e responde que a aula começaria as 16:30, é uma contradição do entendimento e cumprimento do horário.</p>	<p>Nesta altura 16:30 ja passam 15 minutos que a aula de historia de via terminar segundo o horário 16:15. Isso quer dizer que ja passaram os 5 minutos de intervalo e mais 10 minutos de atraso da aula de Inglês.</p>
16:30				

16:30	Intervalo			
16:32	Aula de Língua Estrangeira Espera do professor		<p>Os alunos estão à espera do professor. Uns se levantam dirigem-se para fora da sala, outros formam grupos na sala de aula e a Debora pergunta a um aluno, se já se vão em bora para casa? Ele responde que não porque estão a espera do professor de Inglês. Em quanto isso a Vanessa perseguiu um aluno desta sala que se dirigia para a saída. Ao longo de sua caminhada no corredor da escola encontra-se com uma colega de outra sala e mantém o contato essa estava a mexer com o celular e corre para o pátio aberto. Ele persegue ela e continuam a conversar. A Vanessa volta a focalizar outro ambiente da dos alunos da sala e encontra alguns quase ao lado da porta brincando com o físico parecia uma luta de rapazes com raparigas ao lado de uma viatura parqueado no recinto escolar. Era uma luta silenciosa ao mesmo tempo agitada uma menino levantava a mão de seu colega e batia sobre outro e era um jogo de insultos com palavras abusivas para com os outros, chamavam um certo colega de Australopiteco e todo mundo ria-se. Brincadeira continua toques na cara surpreendentes um corre atrás do outro uma brincadeira agitada. Um rapaz começa a perfumar-se com o perfume do colega e este vai atrás dele para recuperar o seu frasco de perfume. A brincadeira com o físico era a mais</p>	<p>A esta altura estaria a ocorrer a aula de Língua estrangeira. 20 minutos para terminar</p>

		<p>observada neste ambiente. A Vanessa interrogava um menino que tinha a sua mochila nas costas se ele estava indo embora: ele respondeu que não estava indo e nem respondeu o porque estava com a mochila nas costas. Como se encontrava no ambiente dos alunos da Turma B3 a Vanessa pergunta se qual aula vai ter e ele responde que não era desta turma.</p> <p>A Vanessa vai ao encontro de uma menina que que por sinal era da turma B3 e estava com a mochila as costas, e pergunta se estava indo em bora ela responde que não. E perguntou novamente qual aula teriam ela respondeu que seria química e aula começaria às 17:00.</p> <p>Ocorrem brincadeiras diversa entre alunos uns danças, outros se jogam objetos como: papel e garrafas de agua mineral, outros cantavam e um pequeno grupo esta na sala a estudar, uns faziam anotações e outros, um rapaz fazia desenho conversavam dentro da sala.</p> <p>Dois meninos se juntam do outro que fazia o desenho e assistiam nesse caso um rapaz e uma rapariga. Mais quatro alunos se juntam para apreciar o desenho. La ao fundo uma roda de conversa pergunta e respostas sobre história em quanto do outro lada uma roda de alunos fazendo o lancha.</p>	
--	--	--	--

		<p>Em quanto isso o professor de Língua Estrangeira não apareceu e os alunos continuam esperando com actividades diversas.</p> <p>Destaca-se a brincadeira com corpo questões agressivas entres alunos. Uma aparecia muito chateada com as brincadeiras e percebeu-se que a sua pasta estava no chão, o chefe de limpeza apanhou e estava a limpar e de repente a pasta caiu novamente e ela corre atrás dele. Volta recupera a pasta e se dirige a sala.</p> <p>A Debora pergunta a um dos meninos se estavam a fazer o quê nesta altura, ele responde dizendo que estavam brincando e conversar. E o professor de Inglês falta muito? Um deles respondeu que não e argumentou: ele como trabalha também, veio cá acho que veio trazer as provas, mas depois virá.</p> <p>A brincadeira de toques no corpo a brincadeira de luta continuava do outro lado e palavras de que o seu telefone é barato é de 2.000.00 Kwanzas. Conversas sobre o estado económico, posse de artigos de valor.</p> <p>A Debora pergunta uma menina se estavam fazendo o que</p>	
--	--	--	--

16:45			<p>ela responde que estavam brincado de bater um no outro, e no instante apareceu um menino de frente a câmara fazendo demonstração de corpo de lobisomem e apresenta uma dança de Michel Jackson e todos entram em gargalhada.</p>	
17:00				
17:25	<p>Aula de Química – espera do professor</p>		<p>O professor de Química não aparece, os alunos continuam num ambiente livre administrando o tempo de diversas formas. O professor não aparece a sala ficou vazia os alunos continuam na sala até terminar o tempo porque pode ser que o professor vem. Outros se arrumam para ir a sala começa a ficar escura, a brincadeira de corpo permanece parecia uma briga. Na sala ficaram apenas 3 alunos mas minutos depois todo os alunos abandonaram a sala, porque acreditam que o professor não vira mais.</p> <p>Mais que o horário de saída é 15:55</p>	<p>A aula da Química daria inicia pelas 17:10, ja passam 15 minutos da aula.</p>
17:35	<p>Saída dos alunos</p>		<p>Todos os alunos abandona sala e vão para as casas.</p>	<p>Não houve nenhum esclarecimento sobre a ausência dos professores.</p>

ANEXO 3 – Descrição das entrevistas por áudio visual e áudio.

1. Entrevista com Doutorando Eurico Josué, Minas gerais

Doutor porque depois do alcance da independência registou-se a fuga de muitos intelectuais entre eles professores?

Em primeiro lugar porque não havia condições de habitabilidade e em segundo lugar, o Governo assumiu o controle do país não tinha nas suas estruturas pessoas que entendessem a importância de quadros muito bem preparados bem politizados para poderem gerir as instituições de ensino e outras instituições que faziam parte do sistema governamental. Daí então que todos foram colocados num bojo político que tinha sido tido como os contra revolucionários isto é não eram afectos ao Governo de Luanda. Dai então vai surgir o chamado massacre de 27 de Maio em que muitos angolanos cerca de Dois Mil angolanos intelectuais foram assassinados. Então so neste período muitos quadros angolanos, professores, técnicos e engenheiros, foram obrigados a sair do país. A primeira saída foi em 1975 no período da revolução e a outra foi a 27 de maio de 1977 em que muitos pessoas quadros intelectuais angolanos tiveram que sair do país. E outra é que as pessoas que tinham essa formação estavam muito ligadas aos ideias da política portuguesa, amigos dos colonizadores esses também eram tidos e chamados “ bufus”, e portanto não tinham muita liberdade de andar ir e vir dentro do país esses também foram obrigados a sair para fora do país.

Sobretudo os quadros intelectuais professores que andavam nas províncias esses também eram tidos como contra o Governo Central, isto é eram tidos como gente da UNITA, gente da FNLA, também sofreram muitos massacres por parte das autoridades do governo Central. Daí então muitos professores tiveram que sair fora do país. Não podiam ficar. Meu pai é um exemplo que foi varias vezes preso pelo Governo Central por ser um quadro preparado na era colonial, foi professor formou muita gente que hoje estão no poder do governo central, mais foi tida como uma pessoa subversiva, simplesmente porque pensava, sabia pensar e aprendeu a pensar foi conotado varias vezes.

Se angola depois do período colonial atingiu a independência e procurou formas para desenvolver o país como foi que surge uma ala que crias os massacres de quadros preparados?

Olha isso é política, os contornos da política, na sua maioria não são inexplicáveis. Porque? Porque todo o partido no poder que assume o Governo tem uma ideologia e não significa que todos são obrigados ou devem seguir essa mesma ideologia. Então muitos quadros, professores, técnicos muito bem preparados que sentavam a mesma mesa com os detentores do poder, por mais que não fizessem nada eram considerados como subversivos inimigos da pátria e muitos inocentes morreram neste período em 1975 a 1980 muitos quadros angolanos autóctones morreram e os que sobravam que tiveram possibilidades de sair fora do país fugiram mesmo. Mas na mesma o país precisava mesmo de quadros como até hoje precisa. Muito mais naquele época que todos os portugueses foram embora o país precisava de quadros, não havia professor e um numero considerável para assumirem as escolas. O êxodo era muito grande destes professores e portanto, os alunos ficavam a deriva. Dai que houve a importação de professores cubanos, para poder assumir as escolas e formar as crianças angolanas. Eu mesmo sou fruto disso em que meus professors da 4ª e 5ª até 8ª classe eram cubanos. Os contornos da política são muito complicados mais o país precisava.

Ma também boa parte dos dirigentes que assumiram o país não tinham formação suficiente para poderem entender a necessidade de se investir e de se captar professores com formação da era colonial. Não entendiam basta uma pessoa soubesse ler e pensar logo era considerado subversivo os contra o sistema evolutivo da pátria. Esses angolanos eram professores acostumados como o sistema de organização portuguesa.

É bem verdade que por outros viés o angolano autóctone não tinha direito de formação igual ao português colonizador. Alguns que tiveram essa possibilidade de se formar, chegaram a ser professores e administradores de alguns distritos, estes estavam acostumados com uma dinâmica organizada e o aparelho do estado funcionava. E de repente entra um governo autóctone que vem com uma outra dinâmica, mas que muitos desses indivíduos não tinham um preparo institucional, um conhecimento administrativo e de gestão para poderem entender e perceber que os quadros angolanos que estudaram em angola eram bons. Não necessariamente eram contra o regime. Até que havia casos até então já existiam três movimentos de libertação nacional que claro lutavam pela democracia e era natural só que muitos inocentes morreram.

2. Entrevista com o Conselheiro do Ministro para o Ensino Superior em Angola Dr. José Leitão, Minas Gerais.

Ministro precisamos saber qual foi a causa da fuga de alguns quadros Angolano e a fuga de outros após a independência de Angola?

Ministro: Angola é um país que atingiu a sua independência em a 11 de Novembro de 1975, é um país que teve uma forte herança portuguesa. Muitos angolanos foram formados até o ensino primário e continuado alguns tiveram o curso do liceu, formação que permitiu que muitos pudessem se tornar em trabalhadores operários e funcionários do regime português.

Na luta pela libertação nacional estiveram os três grandes movimentos a FNLA, a UNITA e MPLA, todos deram o seu contributo para o êxodo da independência.

Depois de adquirida a independência na ausência dos Portugueses, Angola não tinha quadros suficientes para suportar alavancar esforços e o suporte da máquina operária.

O saudoso Dr. António Agostinho Neto governou por muito pouco tempo. Em 1976 era o ano da agricultura porque na altura cada ano tinha a sua proclamação ou objectivo do desenvolvimento de uma acção social. Angola teve dificuldades de operar foi daí que o camarada Dr. Agostinho Neto proclama o ano de 1976 como sendo o ano da agricultura e orienta para o espírito da nação que aquele que soubesse ler podia ensinar o outro.

Muitos Angolanos assimilados que tiveram a formação portuguesa, contribuíram para então o desenvolvimento de Angola tal como fizemos até hoje. Outro não ficaram conformados com as condições de trabalho e a segurança pessoal para poder se manter no país, tiveram que abandonar o país. Isso se deu porque muitos pertenciam ao governo português e eram perseguidos considerandos antirrevolucionários.

Angola é um país rico cheio de minerais tal como: diamante, ouro, ferro, manganês entre outros, o oportunismo e poder levou com que desencadeasse uma Guerra civil que culminou com os massacres de 27 de Maio de 1977 onde muitos angolanos foram massacrados, no cangaba, em Malange onde milhares de quadros Angolanos perderam as suas vidas.

Celso: o senhor também estudou na era colonial,

Sim estudei na era colonial, fiz o ensino primário e até ao II ano do liceu, foi do pertenci ao movimento de libertação mas era muito novo.

Celso: No seu tempo também existia o recreio escolar? Existia sim depois das aulas tínhamos actividades extracurriculares, onde praticávamos o desporto: o futebol, o vôlei, andebol e o atletismo. Na escola realizávamos jogos escolares de uma turma a outra e entre escolas ou com colegas da mesma escola ou turma. Fazíamos jogos porque a nossa educação era toda portuguesa os jogos praticados hoje muitos são do meu tempo,

Angola tem praticamente 12 anos de paz, e houve a segunda reforma educativa do decreto da presidencial lei 13/2001, processo esse que temos vindo a evoluir e muita responsabilidade o tempo deve ser aproveitado para a formação do homem com vista o corresponder com os desafios globais e desenvolvimento social, económico e cultural de Angola.

3. Entrevista coletiva com Alunas:

O que vocês fazem na hora do recreio ou neste intervalo?

Para mim na minha parte gosto assim que saímos conversar com os meu colegas, os rapazes e eles gostam, passeamos vou em todos pavilhões. A outra diz, eu quando saíu vou comprar algumas bolachinhas, as vezes se tenho avaliação aproveito o tempo para revisar algumas matérias, ou então falar com as minhas colegas saber como elas estão, como vai a sua saúde, como ela se sente em casa com os pais, o que ela faz no seu dia livre em casa etc, conversamos sobre muitas coisas mesmo.

A outra afirma: na hora do recreio eu fico fora animar os meu colegas, como por exemplo aquele meu colega estava com dores de cabeça estava triste dei-lhe Cem Kwanzas comprou remedio e comprou alguma coisa para comer me pediu obrigado. As vezes animo com cânticos e umas dicas ``ye tchuba má` é uma música dos lima do swegue, não é bela e nem é kwankuara, é tchuba má. Eu não animo só com canções mas também com a meu ser assanhada eles ficam muito alegres nós somos cúmplices. Olha eu e a minha colega temos o mesmo sobre nome `` Lembe `` mas não somos familiares ou então somos parentes na parte interior ou então nos maxilares. Nós animamos a nossa turma somos concorridas e somos inteligentes. De repente apareceu uma que queria saber se estávamos num debate ou quê? Claro nós estamos a debater o nosso debate é saber sobre as actividades que vocês meninas fazem na hora do recreio? Ah eu fico a passear em toda escola ver os colegas de outras turmas depois entro na sala. Começa a fazer outras perguntas porque essa todo mundo já conhece , a aluna animadora responde: o que é um dióxido de carbono, e todo mundo se mete a rir.

Vocês realizam jogos no recreio? Sim! Que tipo de jogos vocês realizam: dançar o carnaval éeee... e todo mundo meteu-se a rir novamente. Uma dela começa a citar alguns jogos atento a lentim, verdade ou conseqüências, cantamos também. Logo em seguida me foi apresentada um menina que diz ser evangelista, mas esta não pregou para mim porque não estava inspirada mas que tem sido tarefa dela nos tempos livres falar de Deus com os colegas.

Olha antes nós fazíamos um jogo que se chama Zero, fomos proibidas andavam nos bater porque fazíamos muito barulho.

Outra Aluna entra na conversa pergunta estão a falar de que? Não esse tio aqui vai te perguntar se fazem o que na hora do recreio?

Nos passeamos, lanchamos. Não ele perguntou para ela não para ti! Ele esta querer saber se o que é que costuma fazer no recreio? Na minha parte nos lanchamos, estudamos fora, haa muito bom, risos. Logo em seguida uma aluna entrou na conversa dizendo, saiu fora relaxar compro umas bolachinhas, depois se tenho avaliação aproveito o tempo para estudar, mas exatamente numa hora desse do recreio eu fico a comer e falar com as minhas colegonas.

Quais o assuntos que vocês falam? Com as minhas colegonas pergunto como vai a saúde delas, se tem algumas coisas que acham muito importantes sobre saúde delas, como elas se sentem com os pais em casa, o que fazem tempos livres com os pais em casa, etc. Muita coisa a gente fala. O que que vocês falam na hora do recreio?

4. Entrevista com os jovens que frequentam a parte externa da escola aproveitando os tempos livres dos alunos.

Celso: você estuda aqui? Não uns sim.

De que vocês estão a tratar aqui? Eu vim esperar meu irmão para irmos juntos. Outro diz que estuda de manha mas esta hora vim fazer amizade com os alunos da tarde. Estamos a espera quando vão sair intervalo vão sair e conversamos.

Aqui tem esta cantina eu vivo aqui perto e só venho me divertir, beber uma cerveja aqui e conversar com as damas.

5. Entrevista com o professor Alfredo, professor de Educação Física.

O professor trabalha neste turno para aulas de educação física com esses alunos?

Sim eu trabalho nos dois turnos por causa da falta de tempo a disciplina de educação física é dada no turno inverso. Por exemplo os que estudam de manha fazem educação física a tarde e os que estudam de tarde fazem de manhã. Aproveitamos também o dia de Sábado para as

aulas. Outra complicação é que a escola não oferece condições temos que nos deslocar para o complexo escolar de cabassango ou no Buco Ngoio é um escola do Ensino Médio, onde tem um campo mais ou menos em condições.

Professor como é que está a planificação do tempo, tem havido tempo reservado para o recreio?

Olha nos cá praticamente não temos recreio só temos a uns intervalos de Cinco minutos que os alunos aproveitam para brincar ou comprar merenda e fazer as necessidades menores. No primeiro ciclo do ensino primário tem o tempo de recreio. No nosso caso não temos esse tempo de borla para o recreio escolar.

Celso: Estou a ver muitos Alunos fora professor? Esses alunos estão fora porque faltam professores, quando tem professores eles ficam se tempo para brincarem assim como estão. Eles só tem mesmo aquele intervalo de cinco minutos.

Porque é que isso aconteceu assim? Olha é porque tem muitas disciplinas e para sobrecarregar os tempos semanais dos professores (carga horária).

E os alunos também aguentam mesmo essa carga horária? Eles aguentam outros sim mas a maioria não por isso é que quando estão no intervalo de 5 minutos eles aproveitam sair e muitos já não voltam para aula, ficam a brincar ai no pátio de cima a baixo. Como aqui tem um controle eles não ficam muito tempo nos corredores o chefe de turno manda já entrarem na sala de aulas. Mesmo que não há professor os alunos são obrigados a ficarem na sala de aulas e não nos corredores.

Olha as vezes os meninos não costumam ter esse espaço de Cinco minutos porque entra um professor atrás do outro. não tem muito tempo para o recreio mas esses cinco minutos só dá para ir ao banheiro, comprar alguma coisa de comer isto no podemos considerar como recreio. E aqui na escola nós também podíamos ter uma cantina para evitar que os meninos vão para fora.

6. Entrevista com o Formador de professores em Angola Paulo Ribeiro de nacionalidade portuguesa

Se procurares em português psicanálise em educação, João dos Santos, vais encontrar que em língua portuguesa foi a pessoa que mais e melhor escreveu sobre a psicanálise em educação, nomeadamente na infância. Ele tem Três livros que se chamam ensaio sobre educação I, II, III. Ele fundou uma escola em Portugal que se chama casa da praia, para trabalhar com meninos um pouco complicados mas com uma base de psicanálise, portanto processo

reeducativo com ênfase na psicanálise. E são muito interessantes estes livros tu que estais estudar isso vá e ver que vais gostar.

Disse-lhe que o meu foco também é a infância mas com enfoque a adolescência, estou a pesquisar sobre aprendizagens significativas, estou a tentar descobrir a relação dos tempos escolares, sentidos e significados dados ao recreio nas escolas em Angola hoje.

Olha eu tenho estado a trabalhar um pouco sobre esta área de adolescência. Eu venho cá fazer formação de professores. Vejo que o trabalho de sala é muito pesado em relação as necessidades dos alunos. Outro dia estava com um conjunto de professores estavam a me explicar que os alunos tem cinco horas lectivas e duas horas de explicação isso é numa escola privada. Eu disse assim que os meninos trabalham mais que vocês. O pessoal da função pública por normas tem 8 horas de trabalho. Mas o seu trabalho como professor são cinco horas por dia, no entanto os meninos têm duas horas a mais.

Outra questão que me preocupa é que as escolas publicas tem algum espaço exterior mas as privadas tem pouquíssimo espaço e isso faz com que os alunos tenha pouco espaço de manobras para se recrear porque o pessoal está preocupado com salas de aulas constroem quase em todo terreno ou aos limites do espaço delimitado para a escola e criam até edifícios para aproveitar o espaço.

Sou formado em psicologia de educação, tenho trabalhado na formação do professor por esse motive eu estou aqui em Angola. Tenho estado a observar e fico surpreso de que as pessoas tem vontade de imensa de melhorar, inovar e fazer coisas para frente, foi uma surpresa no sentido positive como vinha sem expectativas fiquei agradavelmente surpreendido com o nível dos professores de cá. Olha existe um autor Também que se chama Eduardo de Melo ele publica artigos, faz crónicas para o jornal, coisas assim que são, muitos inspiradores pequenos textos Também tem livros.

Celso: olha eu também gosto de ergonomia em educação.

Olha em Angola tem que se continuar a fazer a massificação do ensino e depois se pensar em ergonomia porque o aspecto ergonómico aqui é muito complicado.

Celso: nós os angolanos queremos as coisas a acontecer muito rapidamente queremos levar tudo ao mesmo tempo. Eu me apoio a teoria da concepção conceber as coisas seguindo os padrões e normas.

Olha não se deve pensar em coisa melhor assim o importante é todos terem as carteiras depois é ver se as carteiras estão em melhores condições ou não. Digo-te já isso porque eu estou a vir de fora.

Celso. Olha como dizias que os alunos trabalham mais tempo que os professores, já imaginou os tamanhos das carteiras?

Epá são muito grandes e não são de acorde as idades dos alunos. Mas que compra é que devia saber.

Mas a tua tese e sobre o que? Eu falo sobre os sentidos e significados atribuídos ao recreio escolar na reforma educativa. A sua tese é interessante e vai ser muito agradável são muito pouquíssimos trabalhos relativos a esse tema.

Professor Paulo Luiz Ribeiro formado no Instituto Superior de Psicologia aplicada em Portugal.

7. Entrevista com o Director Geral da Escola de Iº Ciclo de Ensino Secundário de Cabassango II.

Director Francisco José Puati

Data: 26 de Junho de 2014 pela 10:30 da manhã.

Como que é feito o recreio nesta escola? Existe esse tempo reservado para o recreio?

Sim existe o recreio mas não é tão bem aproveitado. Temos o recreio um intervalo de 30 minutos apenas para o período das 9:00 às 9:30 até 10 horas é um intervalo maior. Nesse intervalo maior tem decorrido algumas actividades que não são acompanhadas. As crianças ficam expostas aqui no pátio e sem um aproveitamento total do tempo. A escola não tem pelo menos uma área social, que devia cuidar por exemplo de lanches para crianças, um espaço onde poderíamos tomar um suco uma cantina não temos, então temos determinadas dificuldades em manter as crianças aqui, e grande problema que temos e apresentamos um programa ao governo para rentabilizar este espaço. Se houvesse uma área social por exemplo uma cantina, seriam ai vendidos alguns produtos a custos baixo, poderia evitar com que as crianças se descoloque para comprar uma água, um suco, um bolinho lá fora. Onde é uma via onde transitam os carros e pode ocorrer risco e atropelamento de uma criança. A um ano atrás já tivemos um acidente de atropelamento, sorte não ter vitimado. Isso sucedeu porque as crianças saem e vão ao encontro de bolos lá fora onde estão aquelas mamãs a venderem, um mercado que não está autorizado. Nos temos estado a trabalhar com a policia para retirar o mercado dali. É um tipo de comércio precário que fazem, para tentar buscar o seu auto-sustento e não está autorizada essa atividade. Mas há uma necessidade de nós irmos trabalhando na medida do possível para reduzir a capacidade de expansão deste mercado.

Eram apenas três senhoras e venderem esta a evoluir para dez senhoras. É um risco uma escola estar associada a uma atividade comercial daquele género. Se nós tivéssemos uma cantina escolar aqui dentro seria uma solução para as crianças adquirirem os produtos e não irem lá fora.

O que que vocês pensam sobre essa alimentação, porque lá fora essa alimentação será que oferece o segurança de preparo?

Esse é um problema de saúde pública, temos problemas gravíssimos, os bolos tem estado exposto na poeira, os alimentos todos na poeira, sujidade as moscas e nós temos sido o recurso para o enriquecimento dessas mães. Elas fazem essas actividades para sustentarem as suas família mas por outra prejudicam os nossos alunos. Acabam tendo diarreia e doenças que podem evoluir futuramente nas casas por terem ingerido todos os dias alimentos não bem preparados e não bem conservados.

Então o Director acha que para o recreio seria essencial uma cantina escolar?

Sim seria bom para as merendas. O país tem um investimento muito alto para a merenda escolar, mas apenas para as escolas do ensino primário, que compreende as crianças de 6 a 11 anos que estiverem a frequentar a iniciação até 6^a. Classe. O Governo de Angola disponibiliza uma verba para aquisição desta merenda. Este programa existe no passado essa escola abrangia porque tínhamos crianças a frequentarem a 6^a classe e esse ano já não temos. Mas também temos dificuldades de compreender como é composta essa merenda. Porque ela é composta de sumo, e o sumo é doce sem proteínas e acompanhado de bolachas (biscoitos) doces, isso provoca problemas intestinais para as crianças e há um surto de diarreias em quase todas as escolas do ensino primário em que a merenda é distribuída. Temos a nível da secretaria de educação encontrar a nível local um fornecedor que dê aquilo que a criança merece para não complicar a vida dela no seu desenvolvimento ou crescimento.

O Director fala sobre o alimento que acriança merece, fal de alimento balanceados ou outra coisa?

Existe uma política do Governo em tentar encontrar algum alimento tipo de acordo a realidade onde estiver basificada a escola. Se escola estiver no campo, a partir dai pode-se estudar um tipo de alimento confeccionado ai e o governo paga. Mas por causa das dificuldades financeiras que o empresário nacional ainda enfrenta. Há grande oportunidade de investimento nessa área, se aparecer uma empresa com uma parceria com uma outra estrangeira seria melhor apresentada e abraçava a ideia do Ministério de educação sobre merenda escolar. A merenda escolar é um programa abrangente para todo país. Existem

valores monetários mas não temos capacidade de receber aquilo que a criança merece. Temos casos de alimentação com base de sumos só pode causar mau estar quer para os pais porque senão, já aconteceu aqui muitas vezes notarmos muitas ausências nas sala, perguntávamos a saber e era associado ao problema da alimentação. Essa alimentação baseada nos doces, suco, bolacha, nós a Direcção da escola propusemos uma questão ao Governo da província melhoraram a qualidade da alimentação e o tipo de alimentação que posse distribuir às crianças que é fundamental.

O Director falou do espaço de creio das 9:30 até as 10:00, em que o meninos vão lá fora e comprar a merenda. Mas entre as aulas tem um tempo de intervalo?

Tem sim. Há um intervalo intercalado de 10min que antecede uma aula da outra. As crianças saem de uma aula e ficam nos corredores, não temos condições de manter todas as crianças sentadas, mas estamos com um programa conforme veem alguns bancos que estão sendo projetados numa fase experimental, para quando as crianças saírem estarem aí sentados nos bancos. Nesse período nos aconselhamos aos Delegados de turmas com um programa específico mas eles não cumprem e temos estado a insistir, sempre que estiverem de intervalo devem permanecer na sala relerem as matérias deixadas pelo professor e preparar a aula a seguir. Mas eles não cumprem ficam a andar nos corredores e incomodar outros colegas que estiverem em aulas. É uma fase que nós não temos nenhum programa ligado a isso o único que temos é os delegados acompanharem os colegas a fazer cumprir que os colegas se mantenham na sala de aulas a exercitar, a matéria da ultima aula, da segunda e da terceira ou então preparar a matérias em função do tempo.

Têm pouca participação e há muito franco rendimento. Porque têm a preocupação de aprender mas vão para as casas e não estudam.

O Director fala de rendimento de notas ou aprendizagem em sala de aulas?

Sim. Temos tido notas muito baixas, e o factor fundamental é o desinteresse por parte dos alunos em querer aprender. Tem pouca preocupação em estudar. Tem mais interesse em programas como facebook e programas de televisão. Quando chegam em casa dificilmente leem. Já fizemos uma pesquisa com os pais e encarregados de educação e a resposta foi essa. As crianças quando chegam em casa não estudam e ficam apegados a televisão e acompanhar os programas que passam. E aqui a nossa província e o país em geral, temos um consumo permanente pelos laços históricos e de irmandade dos programas brasileiros, muitos são educativos e eles não perdem nenhuma telenovela. E em outros casos as novas tecnologia

como facebook, os alunos dificilmente frequentam a biblioteca. A escola não possui uma biblioteca, mas a província tem espaços, uma biblioteca municipal e uma universitária e nós temos estado aconselhar as nossas crianças, nossos alunos nesse caso são mais adolescentes, para frequentarem esses espaços. Mas quando fizemos uma ronda para observar a frequência dos alunos nestes espaços não encontramos. Um ou outros estudante que encontramos são estudantes universitários a busca de uma determinada matéria.

Falou de baixo rendimento dos alunos derivado ao desenternece, ao facebook, e para os professores o que tem sido feito?

Nós temos um programa de trabalho, a Direcção da escola é dirigida por uma Direcção que é coordenada por um Director Geral que sou, com assistência de dois Directores, um para área pedagógica e outro área administrativa. São áreas fundamentais para o acompanhamento da atividade docente. Para além desta área nós descentalizamos o poder para haver mais abrangência foram criados os Directores de turnos. Tem um coordenador em cada turno e esses coordenador têm a função de velar pela limpeza e o acompanhamento das aulas dos professores e prestam a informação a Direcção. A escola funciona também de noite, temos um grupo de gerador eléctrico de alta potencia, temos a luz da rede pública, temos todas as condições criadas para o efeito. temos a luz electrica, temos o sistema de água, temos os esgotos, e temos grande capacidade de ocupação das salas da noite, temos 23 salas completas isso nos três períodos de aulas.

No acompanhamento que fizemos com os professores, fizemos aulas de verificação. Nós como Direcção, nos deslocamos para a sala de aulas acompanhar o empenho e desempenho do professor. Quando observamos uma debilidade, trazemos aqui na Direcção da escola onde fizemos alguma conversa com o professor para corrigir as lacunas observadas e agradecer aquilo que foi positivo, tudo na base do processo docente educativo. Exigimos o momento de planificação das aulas, é o elemento fundamental para o professor para ter o melhor desempenho dos alunos. Essa planificação é feita semanalmente. Os coordenadores de disciplina reúnem com os professores e daí é feita a planificação da matéria quinzenal. Antes de terminar a matéria planificada, convoca-se uma reunião num sábado uma reunião quinzenal. Tiramos a matéria de um programa nacional, para um programa específico, onde é elaborado o programa diário que é seguido da atividade lectiva.

A planificação da matéria que se refere é o plano de aula?

Não essa é a matéria geral, o plano de aula é feito pelo professor. O professor participa na planificação geral da matéria e daí são retirados os resumos para cada professor planificar a

sua atividade diária. Cada professor tem um plano de aula para administrar na sala de aulas. Todos os dias cada professor faz o plano de aula, e é de cumprimento obrigatório, porque somos uma escola modelo, onde passam as praticas pedagógicas dos estudantes do Instituto Superior de Ciências de Educação. Neste momento estão ocorrer aulas de professores do ISCED como estagiários estudantes do quarto e quinto ano. O ISCED Cabinda acaba produzindo muitos quadros, é um instituto com quadros a nível de licenciatura, e pós graduação e mestrados que estão sendo feito fora do país e com muita influencia temos colegas a fazerem mestrado no brasil, em Cuba e Portugal.

Os estudantes que fazem estágio aqui eles ficam quanto tempo e se ficam sozinhos em salas de aulas?

Os estudantes que fazem estágio aqui nesta escola têm sido acompanhado por um docente do ISCED. Eles têm a obrigatoriedade de trabalhar durante um mês. Dependendo do calendário da disciplina que estiver a lecionar, todas as aulas são acompanhadas por um professor e mais dois colegas de formação. Depois do acompanhamento das aulas, a Direcção do ISCED analisa o desempenho dos alunos, o que tiver melhor desempenho passa para o outro nível de acompanhamento. O que tiver dificuldades ainda mantem para mais um mês para outro acompanhamento. É um método de formação dos professores nas aulas práticas. O que tem acontecido é que tem havido dificuldades ao lecionarem porque muitos deles são profissionais de outras área, não são quadros de educação e vão para ISCED adquirir o ensino Superior, não para serem professores mas sim para adquirirem uma agregação acadêmica o nível de licenciatura ou mestrado. Mas a obrigação do ISCED é formar o homem no sector de atividade docente para no futuro fazer um bom trabalho. Para casos de jovens candidatos a professor os que terminam o ISCED tem o enquadramento direto no sector de Educação. Mas há dificuldades nesse momento porque a uma seria de limitação de vagas. O país cresceu, a expansão do Ensino Superior atingiu quase todo país e nesta altura há muitos quadros fora do sistema de educação. Muitos quadros licenciados que não foram inseridos no sistema normal de educação.

O que é feito quando se nota uma debilidade na planificação da matéria pelo professor depois do plano quinzenal?

Quando detetamos uma debilidade por parte de um colega, programamos um seminário de superação. Seminário de superação por exemplo ocorre em cada trimestre do ano lectivo durante o período da pausa pedagógica. Programa-se esse seminário de capacitação exatamente para superar os colegas e actualizar os colegas. Quem são os principais

coordenadores desses seminários? São membros do conselho nacional de educação, professores antigos conhecedores da matéria são chamados para superar determinadas dificuldades. E nós fazemos um diagnóstico. Por exemplo no seminário passado nos encontramos na unidade de avaliação. Em curso no país o processo de avaliação da Reforma Educativa houve critérios que foram evoluído em função do tempo. Nós no passado tínhamos apenas algum procedimento da avaliação que facilitava o aluno o aluno tinha pouca possibilidade de ter uma nota positiva e neste momento a Reforma Educativa dá oportunidades do aluno que caiu nas primeiras avaliações recuperar nas avaliações contínuas. O nosso professor hoje pode sair de casa e vir cada dia avaliar. São procedimentos para se ter um somatório acumulado do desempenho do aluno e depois no final dar uma nota positiva ao aluno. Então essas avaliações, constatamos que muitos professores não avaliavam diariamente e tínhamos notas muito baixas, é assim que o seminário do semestre passado, cingiu-se mais para o processo da avaliação e da fiscalização de provas.

O seminário é feito no período de provas?

Os seminários acontecem no período de pausa pedagógica, é um período em que o aluno está em casa, mas o professor tem a obrigatoriedade de aparecer e marcar a pontualidade na escola. E nesse período a Direcção pedagógica programa actividades lectivas, é um seminário que abrange todos professores da escola. Mas só que nesta instituição somos 224 professores. No ato de seminário, repartimos os professores em turmas. Formamos quatro salas onde cada moderador cada preletor usa um data show, para fazer a sua apresentação e os exercícios práticos nas questões que temos mais dificuldades. Com a moderação dos professores locais e preleção dos professores da Direcção da Educação. A direcção nacional tem acompanhado e a inspeção escolar tem fiscalizado essas práticas e tem sido um sucesso, na maior parte das vezes temos tido o apoio financeiro local. Com algumas orientações da Direcção local a escola tem feito alguma cobranças. Esses cobranças primeiro que é uma escola de estado que não se paga nada, mas há uma comparticipação em termos de custos por parte dos pais, com os quinetos kwanzas no ato de efetivação da matricula. É uma comparticipação para ajudar a escola ter a capacidade de comprar uma água e programar as actividades lectiva. Essa contribuição de quinhentos kwanzas é feita um única vez do ano logo no ato da matricula em fevereiro até outro fevereiro do outro ano lectivo esse dinheiro equivale mais ou menos cinco Dólares. Esses quinhentos kwanzas são depositados em bancos e arrecadados para ajudar nos custos das actividades escolares. E em termos de avaliações o nosso aluno adquiri uma folha de provas com o custe de cinquenta kwanzas., que também é uma contribuição para escola

para minimizar alguns problemas. Todos os outros custos da escola são assumidos pela Direcção da educação assim como a remuneração feita em todo país.

Em termos de orçamento provisional, só neste ano temos um programa em carteira possivelmente 2016, essa e outras escolas do país terão um orçamento de 67.000.000.00. Acredito que a escola já terá um programa de melhoramento arquitectónico e mobiliário da escola.

Pensa em utilizar esse dinheiro pensando na questão de recreio? O que pensa fazer? O que você pensa sobre o recreio?

Depois desta grande entrevista, acreditamos que é um trabalho que vai enriquecer a escola em termos de uma visão genérica do que é que pode vir a ser o recreio. Nós o espaço recreio que temos aproveitado não é o espaço diário mas sim aos finais de semanas nos temos actividades desportivas e é diferente do recreio no intervalo da aula. O espaço das actividades recreativas temos aproveitado os alunos para interagir com os colegas do ensino regular de adulto e vespertino. Programamos actividades desportivas todos os sábados mas não temos tido muitos êxitos porque as dificuldades em termos de apoiar as crianças com água, a mobilidade das crianças, a escola por exemplo não temos um campo desportivo. Temos um campo perto na escola vizinha do ensino primário, e, infelizmente neste campo está a nascer um edifício para a direcção provincial da investigação criminal. Era um espaço definido para as actividades desportivas. É um campo da comunidade que foi muito mal gerido e nós apresentamos as nossas observações como técnicos no campo de educação. O campo é um espaço fundamental para a prática das actividades desportivas, e para o desenvolvimento para o descobrimento de novos valores. A título de exemplo de outras sociedades as crianças com grandes talentos são encontrados nas escolas. E nós vamos ter essa dificuldade. O país está a investir no descobrimento de novos valores na área de basquetebol, futebol, mas não estamos a criar condições propícias para as crianças praticarem actividades desportivas. Se recebermos esse valor acreditamos que queremos fazer um trabalho de melhoria no espaço ao lado da sala de professores, pavimentar o chão para realização de recreio sem produzirem muito barulho para não afectar as salas. Esse espaço seria um espaço livre onde as crianças passaram a trocar algumas impressões colocar os bancos para facilitar a interacção com os colegas e um espaço de socialização em que as crianças podem ficar muito interagidos conversando para elas terem um comportamento retraído, conversar e conhecer mais amigos. É um espaço que a escola não tem, e nos esperamos que isso aconteça, porque o recreio acaba ser um elemento

fundamental para abertura do conhecimento do aluno e nos aqui não cumprimos. Temos dificuldades e esperamos que este e com vosso apoio, poderemos fazer um programa estruturado para que a escola cresça e criamos ocupação para os nossos alunos nesse período de recreio que é muito legal. Nesses 15 ou trinta minutos eles não aprendem nada só aprendem coisas que não agrada a ninguém começam surgir violência porque não tem espaço para interagir e conversar com os colegas.

Falou sobre a pratica de recreio, qual é a sua experiência de recreio na faixa etária de 12 a 18 anos, em comparação com os alunos do nível em destaque? Qual foi a contribuição do recreio e que lembranças tem para ti?

Tem sim lembranças. Na nossa fase de crescimento tivemos uma infância infelizmente muito conturbada porque estávamos no período de guerra, foi uma altura que tivemos uma cooperação muito alta com a Correia do Sul, construiu uma escola junto ao hospital Militar de Cabinda, uma escola que hoje Faculdade de Economia e Direito, antigamente chama-se Ochimi. Ali nos tínhamos espaço para treinar judo, treinar carnaval, voleibol, muitas actividades desportivas e músico-cultural, tinha secções de teatro. Eu pessoalmente fui um gemino-dançarino em quanto criança, e daí partimos do ensino primário para a escola que chamava Eurico Gonçalves no segundo nível, onde eu me despertei na pratica desportiva. Onde fiz parte da seleção nacional de voleibol nos anos 1980, com os professores cubanos conseguimos representar a província a nível nacional. Foi tudo pela prática de atividade desportiva na escola e aproveitando o recreio. Dai conseguimos fazer grandes amizades, hoje tenho grandes recordações de um colega meu, que estudamos juntos na infância, já na Escola Eurico Gonçalves, que hoje é o Director Nacional do Banco Fomento em Moçambique, é um Angolano, colega jovem, as amizades de infância não passaram até hoje marcam-nos sempre. Das poucas vezes que nos encontramos em Lisboa recuperamos os contactos e temos conversado com frequência. No entanto isto demonstra a grande importância, o espaço recreio e atividade desportiva, atividade de lazer para o bom desenvolvimento da nossa mente.

Hoje a nossa geração todo da foi uma geração que passou pela tropa e a tropa ensinou-nos a ser Angolanos, ensinou-nos a ser homens, porque em Angola quem tem acima de 45 anos e não tenha passado pela tropa então andou fora do país. É um país que formou assim os seu quadros.

Nessa época em que tinhas 12 a 18 anos era época de Guerra?

Sim era um período de guerra, era uma guerra intensa no país, é período que tivemos uma invasão do sistema militar sul africanos, em que havia grandes batalhas, hoje

coincidentalmente temos um avião que o país comprou é apelidado pelo nome de (Ebo), é uma grande batalha que nós Angolanos apoiados pelos nossos irmão e amigos Cubanos, conseguimos travar uma grande investida na província de Kwanza-sul, com as forças na altura Sul Africanas. As realidades são diferentes hoje é um país irmão, bons amigos e todo povo é um povo aberto, humilde e somos um povo unido. Passado faz parte do passado e hoje a mentalidade é nova a realidade política é diferente, então foi em defesa da pátria, muitos jovens angolanos reafirmaram-se a nível da academia militar e hoje contribuem na economia e nas áreas sociais do país.

A maior parte do Professores da Universidade Angolana ou foram militares ou passaram por um organismo de defesa, porque não havia como não defendermos a pátria. Era um poder revolucionário que cada cidadão tinha para defender a pátria e hoje construímos a 12 anos uma pátria que nós queremos e que seja muito desenvolvida e com a ajuda do povo brasileiro e sobretudo com a visita de sua excelência Camarada Presidente e refirmada pela Presidente Dilma Rousseff, Angola pretende muito cooperar com o Brasil em todos os domínios.

Hoje o crescimento económico das infraestruturas está em mãos do Brasileiro. Quer na área de ciências e tecnologia e quer na educação está a mãos do Brasileiro. Então nos sentimos todos Brasileiros, nos sentimos irmãos e qualquer saber do povo brasileiro esta chegando pouco a pouco em todo mundo. É uma cooperação muito bem vinda, nós queremos que esta escola seja apadrinhada por vocês, em quanto especialistas e investigadores porque queremos crescer convosco.

Essas escolas que o senhor passou essas experiências eram escolas públicas ou privadas?

E quanto tempo tinha o recreio?

São escolas públicas, a escola Ochimi hoje é uma universidade, fica na cidade junto do hospital militar, aquela é uma escola modelo. É uma das escolas, com uma construção coreana, com uma construção bem direcionada, tem lá um pátio, onde as crianças tinham um espaço de convivência, tínhamos uma lanchonete, uma sala de teatro e tinha uma sala para exposições. Ai conseguia disputar bons jovens que hoje são desenhadores estão a trabalhar fora do país, a fazerem desenhos, artes gráficas.

Tínhamos pouco tempo, o tempo era mais ou menos de 10 minutos de intervalo, mais tínhamos secções depois no período pois laboral, nós estudávamos de manha e fazíamos os treinos a tarde.

Os 10 minutos eram de intervalo entre as aulas ou tempo de recreio?

Era um intervalo entre as aulas que aproveitávamos para recrear e tínhamos os 30 minutos do intervalo maior que era o tempo de recreio geral. Nesses 30 minutos todos alunos estavam fora. Podiam estar no restaurante a lanchar, no salão a jogar, brincar etc. E no Eurico Gonçalves que hoje é a Universidade de Lusíada, tínhamos um campo e tínhamos também um espaço apropriado. A escola fica na cidade também junto ao Quartel Estado Maior das Forças Armadas, era a escola do segundo ciclo que dava na altura o segundo nível que existiam as 5ª e 6ª. Classes. E quando fomos para Escola polivalente, que fica junto da Secretaria provincial de Educação, na mesma rua em que está a rádio, Nacional, é uma escola que nesta altura encontra-se em escombros com uma previsão de ser demolida, é uma escola que também teve um ginásio, um espaço para prática desportiva, a criança tinha muito tempo para evoluir e pensar numa atividade lúdica para o desenvolvimento intelectual da criança.

Hoje temos espaços muito reduzidos, e nós em Cabinda e neste Escola de Cabassango não temos esse espaço. Queremos ter por quanto isso vamos esperar que o Governo encontre soluções para um campo alternativo para a escola. Mas se tivermos vamos ter dificuldades que é a mobilidade das crianças. É uma área abitada e não tem espaços livres, se for o caso o Governo terá que encontrar um espaço fora daqui e as crianças vão caminhado a pé para fazer actividades desportivas e num período oposto das aulas.

Fala muito da questão da prática da atividade desportiva de ter um campo aqui perto, você passou pelas experiencias do passado. Acha que a prática desportiva é uma das actividades interessantes a ser desenvolvida pelos alunos na hora do recreio?

Sim é uma grande atividade, porque permite o desenvolvimento psicomotor da criança. Com a prática desportiva a criança consegue ter habilidades e consegue ter a saúde e então mais facilidade tem de conseguir evoluir intelectualmente e é um factor muito fundamental quando a escola tem esse espaço.

Falava da construção de um espaço para o recreio junto a sala dos professores. Não chegou a citar as características se vai ser um campo ou outra coisa ja que é amante do desporto?

Nós queremos criar apenas um espaço pavimentado, tipo um salão, mas não vai ser um salão como tal coberto por causa de muitos custos, queremos apenas ter o espaço pavimentado e ai podíamos colocar alguns bancos para as crianças sentarem e conversar. Sem cobertura mas por pouco tempo estariam ai a revisar as suas matérias, fazer uma atividade desportiva. Fora deste espaço, temos o espaço que eles ficam fazem barulho incomodando outras crianças na

sala de aulas porque eles circulam nos corredores que é uma ação muito negativa dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Como é que você vê o Estudo hoje em comparação com o tempo em que você estudou?

Hoje há um principio de crescimento. comparativamente nos anos anteriores a educação em Angola no geral, havia muito rigor no acompanhamento e agora a pouco de facilidade principalmente na fiscalização. O inspetor é o elemento que acompanha o processo de ensino na escola. Acompanha a aplicação dos procedimento para o melhoramento do rendimento dos alunos. É um responsabilidade do inspetor. No passado tínhamos a figura do inspetor como se fosse o polícia, é o homem que castigava hoje não. O inspetor é o homem que ajuda, a cumprir com os procedimentos para levar o professor compreender os erros e levar a boa transmissão. No passado, o acompanhamento e o índice de reprovação era muito alto, associado a muitos factores. A factores sociais que eram muito degradante do período de guerra que vivemos, hoje há melhoria do nível de vida na maior parte das populações. Com a melhoria do sistema salarial do país e a estabilização da moeda no mercado, melhorou consideravelmente o índice de vida das populações. Hoje a criança tem a facilidade de comer um pão, tem a facilidade de ter o leite, porque o puder de compra o angolano já recebeu de volta. Então a problemas apenas de crianças ao assimilarem os conteúdos. Tem boas condições de vida mas tem a dificuldade de assimilação. Muitas dessas crianças muito bem servidas, hoje tem um rendimentos muito baixos. O pai traz de carro, o pai traz uma merenda já preparada em casa, chega na escola tem uma cadeira que se senta em condições. No passado em muitas escolas sentávamos em cima da pedra, em cima da lata, em cima do pau. Hoje as crianças tem uma cadeira e uma carteira em condições. Então há investimento na área social, não estamos acompanhar este desenvolvimento e crescimento que estamos a ter, estamos a ter um decrescimento no coeficiente do aluno por razões que não estamos a conseguir perceber.

Então na época passado tinha um rendimento melhor dos alunos?

Sim havia muito rendimento sim nos esforçávamos demais, e nas condições mais baixas. Naquele tempo havia um procedimento de emulação estudantil, era um principio catalisado pelo socialismo. O aluno tem que ser destacado para ser distinguido no meio de todos, havia concurso de saberes, nas escolas ocorria concurso permanente. O professor de Português tinha que destacar os melhores alunos de português, os professor de matemática tinha que destacar os melhores alunos de matemática e ai se estabelecia a diferença. Quando as crianças

entrassem na escola havia um quadro com a fotografia do melhor aluno da escola. Havia respeito e havia perspectivas de melhoria para também ser destacado como o melhor. Hoje incentivámos isso mas não estamos a encontrar soluções.

O Director acha que isso está associado a segunda Reforma?

Sim. Temos avaliação permanente o acompanhamento sistemático mesmo que o aluno estiver mal ele acaba recuperando sempre. Ele esta a recuperar mas o exame acaba afetando o aluno. O aluno quando estiver mal no primeiro trimestre, nos primeiros dias até ao meio do trimestre se não estive a render, na avaliação da prova trimestral, que dá-lhe acesso a transição para o segundo trimestre e no exame se cair uma nota não levanta. Pode ter um bom acumulado mas a nota do exame é intangível, não se pode tocar na nota do exame ela permanece se for Zero é Zero e se for Um vai permanecer Um. Então tem poucas probabilidades do aluno transitar. No passado adicionava-se as avaliações e dividia-se por três. Agora funciona o sistema de percentagem. No entanto há melhorias no acompanhamento do sistema de avaliação somatória, o aluno tem vantagens mas tem desvantagem no exame. O país criou melhorias no sistema de avaliação e é um processo novo, estamos a fazer uma avaliação positiva no geral mas na pratica estamos a encontrar muita debilidade nas crianças. Ainda na escola primária crianças a fazerem a segunda classe com a dificuldade de escrita, porque se retirou o abecedário não damos agora, e as crianças têm uma transição automática na primeira classe. O aluno que está na primeira classe não deve reprovar transita automaticamente, sabendo ou não está na segunda classe e na segunda, e na segunda não vai ter sons.

Mas aqui é a partir da 7ª Classe?

Não aqui estou a fazer uma referencia ao ensino primário. Então se a criança ja vem com a debilidade até aí, então vai transitando até ao nível em que estamos. E é uma preocupação do Sector de Educação e já refletiu que há mesmo debilidades, inclusive é por isso é que o país está com um programa de dar mais uma formação intensiva aos nossos quadros a todos os níveis. Não basta ser Licenciado, não basta ser médio, mais tem que ter outra agregação pedagógica ou uma agregação na área em que estiver a trabalhar, para superar algumas dificuldades.

Há um Plano Nacional de Formação de Quadros é para ir corrigindo aos poucos algumas lacunas que ocorrem em todos sectores.

Aqui tem turmas de atraso escolar? Não temos.

Uma questão forte que eu ai te perguntando ai era por causa da Segunda Reforma. Ai eu iria saber se essas turmas tinham uma relação com a Segunda Reforma ou não, isso

não é uma regra então? É porque realmente eu não sei. Eu fiquei sabendo quando eu fui fazer a visita me contaram aí que era por causa da reforma, aí fiquei sem entender se tinha uma sala mesmo de atraso ou se dependia da escola por isso eu queria te pergunta?

Agora para outros níveis aquelas pessoas que ficaram sem estudar, por razões de guerra, por razões de saúde ou de imigração porque foram para os países vizinhos, o país criou o sistema acelerado de alfabetização. Essa são salas constituídas para as mães e crianças que não sabem ler e nem escrever, onde o voluntário pode começar a ensinar, quando obter mais de trinta ou 15 alunos, deve apresentar na Direcção de Educação para apoiar essas turmas. São iniciativas privadas mas não pode ser cobrado. **E isso acontece sou na segunda reforma?** Não já teve sempre antes da Segunda Reforma. Ouve um abrandamento desde 1975 que o país apostou na alfabetização. O camarada presidente Dr. António Agostinho Neto, quando proclamou a independência, viu que o país não tinha quadro para assegurar o desenvolvimento que se pretendia. O país estava sair num período colonial em que o nível de escolaridade era apenas até 6º ano que era a 8ª classe. E os poucos que tinham esse nível acabaram de emigrar-se. Então o país tinha que caminhar e não tinha quadros. Recorreu a cooperação cubana que institucionalizou aqui o sector de alfabetização que era o factor fundamental para o desenvolvimento de Angola. Era educar para desenvolver o país. É assim que muitos de nós fomos chamados na escola já no segundo nível fomos sendo alfabetizadores. Era um dever revolucionar de cada cidadão nacional tinha que ensinar aquilo que tem para o outro. E para uma novidade a independência nossa de Angola, o país que reconheceu a nossa independência em primeiro lugar foi o Brasil, e o Brasil esteve do nosso lado até hoje.

Só uma dúvida você falou do passado, da questão de reforma, por acaso saberia me dizer a frequência o número de alunos se era maior no passado em comparação com os dias de hoje e a frequência dos professores em relação ao tempo de aula dos professores se era maior?

O tempo não variou para os professores, variou mais para os alunos. No passado as turmas podiam ser muito extensas, por causa das dificuldades não tinha espaços físicos para as crianças estudarem então havia um ingresso maciço. Tínhamos um regulamento estabelecido no passado que até trinta e cinco alunos podiam formar uma turma. Mas não tínhamos condições. Havia turmas de cinquenta, sessenta, setenta alunos. Hoje com a Reforma Educativa, orientou e estabeleceu critérios, que só pode inscrever as crianças até quarenta e

cinco alunos. É o que estamos a cumprir e isso está na base de melhoria do sistema de ensino, já temos condições para criança vir na escola aprender sem problemas no passado não era isso. Os professores eram um numero considerável mas tinha poucas instalações para administrar as aulas. A escola no passado tínhamos salas por baixo da mangueira, por baixo das árvores e era uma prática comum. Na unidade militar podíamos meter lá uma sala de estudo, e neste momento já não. O Ministério de Educação esta organizado, melhorar a qualidade de ensino quer qualidade então esta a melhorar as condições de aprendizagem das crianças.

Então o que é que mudou depois da reforma?

A reforma trouxe muito progresso em termos de infraestruturas, a grande parte de infraestruturas equipadas, e também o sistema de formação permanente do professor. Na reforma há atualização permanente e há seminário de todo tipo a nível nacional, a nível provincial, a nível comunal e a nível escolar isso é frequente. O sistema de acompanhamento melhorou, o inspetor tem a facilidade de ir até a escola para saber de uma preocupação e ajudar a escola a resolver o problema o que no passado era difícil. Com o desenvolvimento das infraestruturas, com a construção de quase todas infraestruturas no país, a abertura de mais linhas de acesso, facilitou a educação chegar ali onde estava dificultado as crianças estudarem.

O sistema permanente de acompanhamento são os seminários que o senhor se referia?

Sim é isso mesmo.

Só mais uma coisa. Qual que é a sua formação se mal lhe pergunto?

Eu sou Licenciado em economia, pela universidade Agostinho Neto do núcleo de Cabinda. Mas a formação media fiz em pedagogia. Tem uma formação media de formação de professores que me habilita ser responsável dos professores. Como havia dificuldades de ingresso na altura com a abertura da Universidade na província, que foi aberta a mais de 12 anos, não tinha universidade aqui nas províncias só tinha em Luanda e aqui era um núcleo que estava crescendo. Nós fomos os primeiros quadros da província formados pela Universidade Agostinho Neto fora de Luanda. Formei-me em 2008, entramos em 1998 e terminamos em 2008. Foram Dez anos muito tempo porque não havia professores permanentes. Os professores vinham de Luanda como visitas. O tempo de duração seria de cinco anos como os professores as vezes não vinham a dependência era esperar o professore que vinha de Luanda para aplicar uma prova e as dificuldades eram muito grandes. O país estava a preparar-se para a ultima etapa que tivemos que era a parte mais difícil que era o alcance da paz que

conseguimos com muito sacrifício. Havia dificuldades de mobilidades para a província de Cabinda, porque só tem ligação aérea ou marítima. E nós não tínhamos transporte marítimo na altura para Luanda Cabinda. Os professores só podiam vir aqui quando tivessem livres. Eram professores associados nas universidades como na Alemanha, nos Estados Unidos, que não vinham para cá, nós tivemos oportunidades de termos professores titulares que é caso do falecido Nfulupinga Lando Victor, que era presidente do partido de oposição cá. Era professor estagiário na Inglaterra, professor titular nos Estados Unidos e na Alemanha e estava bastante tempo fora. Outro professor de econometria que deu-nos aulas é um professor Angolano dedicado a mais de sessenta anos na Alemanha, só veio aqui uma vez, e só conseguimos terminar a cadeira depois de três anos e fomos fazendo a nível de internet e foi difícil.

Hoje Cabinda tem os problemas quase resolvido. Temos os professores locais, muitos dos colegas nossos que se tornaram professores na universidade, foram fazer a pós graduação no Brasil depois voltaram e estão a dar aulas. E a maior parte dos professores no ISCED Cabinda são formados nas Universidade Federais do Brasil. Por exemplo o Decano da Faculdade de economia, formou-se no Brasil em Minas Gerais. A nível do Governo da província temos Sete colegas formados no Brasil. Brasil esta presente no ISCED. O programa de desenvolvimento que foi aprovado a cinco anos atrás foi concebido por um consultor Brasileiro refiro-me do plano provincial que contou com alguns estudantes recrutados por ele angolanos a partir do Brasil. São técnicos que asseguraram essa expansão da cidade na área nordeste da província no bairro Chibodo. É um brasileiro que fez o reassentamento das infraestruturas .

Obrigado e esperamos contar com vossa presença sempre.

Entrevista com o Professor Dr. Nlando Balenda.

A gente quer saber sobre o seu ponto de vista o que o senhor sabe sobre o recreio?

Do ponto de vista no processo de ensino aprendizagem ou como método só de lazer?

Vamos enquadrar onde? **Vamos ficar com ensino porque é recreio escolar, vai ficar mais prudente.**

É uma questão que esta ligada com a psicologia de desenvolvimento humano, é uma expansão gradual das possibilidades dialéticas que o indivíduo tem, para poder crescer melhor para poder desenvolver-se melhor. Por isso o recreio, sabe quando estamos a ter aulas durante 35 ou 45 minutos, desprendemos muitas calorias, muitos esforços. Escutar o professor, concentrar-se e depois escrever tirar apontamentos do ensino escolar e prestar muita atenção

isso nos leva a desprender muitas calorias, depois numa sala fechada durante esse tempo todo é possível que haja a concentração de dióxido de carbono por causa da transpiração e respiração de cada um de nós está a libertar dióxido de carbono e a sala fica afetada naquele momento. Por isso é que vamos ao recreio para poder desfazer-se do dióxido de carbono e buscar o oxigénio melhor, para depois recarregar a bateria que se chama sistema nervoso central do nosso cérebro. E depois as crianças precisam de brincar, nesse período que vamos no recreio haverá jogos, haverá momentos que vou partilhar e vou desenvolver de novo uma forma de socialização, que na turma não se pode fazer. Vou partilhando um pouco de pasteje, uma gasosa com o colega ou um amigo, vou pedir as vezes uma esferográfica numa turma diferente da minha por exemplo e vou rever um amigo que esta a estudar numa turma diferente da minha, vou conversar com ele vou partilhar com ele o que trouxe de casa, se ele tem dinheiro vamos comprar juntos o lanche, isso se passa no recreio. O recreio é um momento de socialização. O recreio é um momento de revitalização do nosso esforço das nossas forças, o recreio é um momento para que cada um de nós se auto alimenta. Alimentação das capacidades mentais.

O professor acha hoje esse recreio como um momento de socialização, existe aqui nas escolas, qual que a sua experiencia como psicólogo?

O que se coloca aqui, nós até já debatemos essa questão sobre o método de desdobramento onde não tem recreio. No caso das aulas que os alunos entram 8:00 e saem 9:30 ou 10:30, quer dizer que nesse período não há recreio, quer dizer o aluno entrou a partir das 7:30 para sair 10:00, não tem recreio porque vai ter que deixar a sala para outro. Durante essas duas horas uma criança de 6,10, 12 anos sem brincadeira pode não aprender na sala porque não tem tempo para poder se concentrar. Podemos ter isso na disciplina de psicologia de desenvolvimento, ensina-se as idades o que é que se passa em cada facha etária, quanto as brincadeiras as crianças querem aprender brincando. Temos que associar sempre isso o professor deve fazer esforço mesmo que não há recreio, mas dentro da sala tem que criar condições para que a criança brinque. Por exemplo pôr todas as em pé e faze-las cantar uma canção o hino nacional ou fazer marcha na sala durante uns três minutos, é uma forma de desfazer-se da carga das explicações do professor são essas as táticas que muita das vezes o professor não consegue dominar.

Aqui ele reconhece que o fato de não ter recreio é prejudicial. Levanta algumas possibilidades alternativas como brincadeiras em sala de aula organizadas pelo professor para aliviar a tensão das crianças.

Então o recreio escolar seria um momento muito importante para o processo de ensino e aprendizagem

Não é porque seria é mesmo importante. Por isso que existe no plano de estudo o recreio, no programa esta lá escrito o recreio. (Aqui existe uma informação contraditória. Que plano é esse?) E o recreio não pode ser ultrapassado por outras actividades portanto o recreio existe para reativar a mente da criança. Porque quando entra na turma depois de recreio, não é a mesma pessoa, ganha uma predisposição diferente daquela que teve durante duas três horas de tempo sentado na sala de aulas. (Explicação do que é reativar a mente das crianças)

Outra questão que se coloca porque que não há recreio muitas das vezes? As escolas não estão construídas em espaços ideais, em áreas escolares aéreas académicas por exemplo ISCED, o ISCED é uma escola de formação, se hoje o ISCED está formar professores, tinha que ter um espaço para a educação física, tinha que ter um espaço para o recreio, porque são esses professores que vão para o ensino primário, ensino secundário, primeiro ciclo e segundo ciclo, ali tem que se aplicar educação física e ensinar o recreio. É isso que deve levar como mensagem do ponto de vista didático, infelizmente o ISCED está numa escola como essa onde não há espaço para essa questão para aplicação do recreio. Longo é uma das dificuldades de aprendizagem. Quando a Escola é construída no meio de habitações dos populares, não há espaço para a criança brincar, não há um desenvolvimento e um crescimento concreto. Porque a formação deve ser integral, uma formação integral deve tratar da mente ao corpo. E fazer mente e o corpo significa que temos que fazer exercícios. Lembra que quando as crianças vão lá fora começam a correr, jogar futebol, lutar com os outros, fazer esforço para arrancar a metade do pão do outro, isso tudo faz parte do desenvolvimento da personalidade da criança, e isso é necessário.

O professor acha que depois da Reforma houve uma mudança uma diferença em relação ao recreio?

Bem, não é uma questão de Reforma, a Reforma prevê também o recreio. O problema talvez alguns elementos que foram introduzidos no sistema, o desdobramento por exemplo. O desdobramento matou o recreio.

O que isso desdobramento?

Desdobramento sim quer dizer uma mesma turma 2ª classe por exemplo tem crianças numa faixa etária de sete anos, e essas crianças por exemplo entram as 7:00 e terão que deixar a turma as 10:00 quer dizer que só tem três horas de aulas por dia porque tem que deixar a turma para as outras crianças que vão entrar as 10:00 para sair as 13:00. Por falta de espaços,

não temos escolas e salas de aulas suficiente, e adota-se esse sistema. Ao fazer isso reduz o tempo lectivo, ao reduzir o tempo lectivo muitas dessas disciplinas não são ensinadas por exemplo o recreio não é tido como disciplina como muitos pensam, porque o professor não fica a ensinar durante o recreio mas os alunos aprendem por exemplo uns lutam enquanto os outros assistem é uma aprendizagem. Roubar um pouco de banana do outro a força é uma forma de aprendizagem também.

Então professor essa questão das reformas que tem na educação são outros factores que influenciam na existência ou não do recreio?

Sim, a Reforma na sua fase de preparação que foram criadas as condições para o arranque em 2004, quer dizer que as salas foram renovadas aquelas que eram velhas e depois foram construídas outras novas sala. O que aconteceu, talvez a estatística não funcionou, não se sabia quantas crianças precisavam de escola e ficamos quase com as mesmas escolas antigas e, o número de alunos aumentou. Como o número de alunos aumentou e temos um princípio que diz que nenhuma criança pode ficar fora do sistema, então fomos buscar aquilo que vocês me disseram da vossa visita 137 crianças numa sala de aulas da iniciação. Isso significa que há falta de espaço e a falta de espaço cria esses constrangimentos.

Fale-nos do seu passado do seu aprendizado em recreio na época que tinhas os 12 ao 16 anos, havia uma diferença o que normalmente faziam?

Eu nunca faltei o meu recreio porque estudei num ensino primário muito rigoroso. Sabe que as Missões tanto Católicas assim como as Evangélicas, dão uma educação muito forte muita disciplina mesmo. E o programa é programa tudo estava bem confeccionado quando a hora de recreio é recreio mesmo cada um de nós tinha que sair e ir brincar aliás entende psicofisiologia, higiene Escolar o recreio faz isso. Existia sempre recreio em todos tempos de formação que eu tive existia sempre o recreio tanto no ensino primário como no secundário tive sempre recreio e tinha espaços porque as missões não construíram escolas nas cidades. As missões estão sempre na periferia, estão distantes da cidade por exemplo a missão evangélica aqui próximo só agora que está com pessoas a volta dela. Antigamente estava lá quase uma mata.

Vocês tinham um tempo reservado, o que é que era?

Sim esse tempo é didático não é inventado por pessoas, pela Direção da Escola não. O tempo de recreio é didático estava escrito no programa naquela época mesmo agora, só que infelizmente tem sido funado, mas o tempo de recreio está previsto nos programas.

Na época se lembra mais ou menos o tempo que era dado para vocês na prática do recreio.

Eram uns 20 a 25 minutos cinco minutos e íamos jogar a bola, comprar micate (pastel trigo) beber gasosa, lutar, também momentos de educação física, eram de 45 minutos. Se a aula normal de matemática dura 45 minutos, a aula de educação física também era de 45 minutos. Havia um espaço para educação física, havia um ginásio, um campo aberto onde jogávamos futebol basquete e muitos jogos.

Só uma dúvida professor essas missões essas escolas eram públicas, municipais ou privada.

Eram escolas ligadas a Igreja.

É bom que essa sua experiência no passado sobre o recreio na prática mesmo, o professor pode até falar assim quanto que o recreio é tão importante para a formação da criança no processo de ensino e aprendizagem das criança e na assimilação de conteúdos.

Penso que disse ou poderia dizer que em termos de lavagem do sistema nervoso, quando vamos para o recreio é para repor o oxigênio novo. E depois permitir que o individuo não fique stressado. O aluno quando esta na turma fica muito stressado tem o medo que o professor lhe envia ao quadro para não cometer erro lá fica com esse receio de ser chamado para o quadro. Logo na hora de recreio é para reviver o ambiente quase familiar.

Para concluir penso que o recreio é importantíssimo. Penso que mais importante que a aula de matemática, física ou de psicologia. Porque reposiciona as energias do aluno. Pergunta o celso para fazer estudo de uma caloria quanto que dá? no nosso organismo quando a pessoa perde calorias com quê que você perdeu. A energia que temos para desprender quando escutamos alguém a falar, afixar o olhar no quadro, você fica muito disciplinado. Muitos professores mandam alunos a dotarem uma certa postura de se sentarem por exemplo pousar os braços sobre a carteira ele põe as crianças bem concentradas e ninguém se mexe nem a esquerda e nem a direita esse dirigismo esse condutismo te muito haver com o psiquismo isso desprende muita atenção do aluno, e ao prestar muita atenção gasta-se muitas calorias, que devem ser reposicionadas durante o recreio. Por exemplo nas minhas aulas eu tenho autorizado os alunos comerem uma bolacha que tem uma gasosa pode tomar porque senão fica a fome e como as salas não estão bem ventiladas, com aquele calor 45 crianças ou cerca de cem, faixados numa sala de aulas por muito tempo não custa haver desmaios tem que haver recreio para lanchar ganhar energias e nova forma de construção de conhecimento fora da sala de aulas.

Entrevista com o Professor Hamilton.

Professor podia me dizer quais são os tipos de jogos da cultura de Cabinda, que são realizados no ambiente escolar em tempo de recreio?

Quando falamos da cultura escolar propriamente em horas de recreio, nós vamos fazer um deslocamento daquilo que acontece no contexto social para dentro da escola. Porque o recreio é um momento em que o aluno queira viver as suas experiências pessoais trazidas de casa, do seu convívio do dia-a-dia para dentro da escola.

Eu vou lhe dar um exemplo apropriadamente da realidade da Escola em que eu trabalho que é a Escola do Chimindele. Eu trabalho com crianças dos 6 até aos 15 anos, isto é da 1ª a 6ª classe. Então tenho uma experiência mais acurada já estou aí este é o quinto anos, e o que eu vejo nas crianças elas fazem brincadeiras ligadas nos jogos que chamamos de: bica bidon, escondidas, macaco, lentim (um jogo que fazem uns quadrados que devem ser vencidos de um lado a outro, o jogo é formado por duas equipas adversárias) ou então trinta e cinco vitória. Esses jogos já são jogos que eles praticam nas casas, mas no ambiente escolar naqueles 15 minutos que eles têm aproveitam fazer isso.

Mas também podemos dizer que na medida em que a globalização vai atingindo a nossa sociedade, alguns jogos já vão perdendo ritmo, porque as meninas ficam conversando sobre outras coisas que não seja necessariamente os jogos. Já conversam sobre novelas, sobre música, já querem buscar autores renomados, que também já começam fazer parte daquilo que é cultura escolar na hora de recreio. Então esses jogos para as crianças mais pequenas ainda tem um significado. Aliás porque, o próprio jogo em si já mobiliza o desenvolvimento da própria pessoa. Mas aquelas meninas sobretudo meninas de de 13 a 15 anos de idade, já estão ligadas as novelas, as conversas que despertam um pouco mais a sua atenção como mulher.

Os jogos em Cabinda eles têm um significado meramente cultural. Porque desde a minha geração até essa nova geração, porque eu já tenho quase trinta anos e a geração tem vinte e cinco anos e essa é uma geração nova. Então muitas dessas brincadeiras que eles fazem hoje, refletem-se a nossa geração. Pode se dar o caso que a geração antiga, já tiveram outras brincadeiras.

O professor acha que as brincadeiras da nossa geração estão sendo transportadas no ambiente escolar hoje?

As brincadeiras da nossa geração sim algumas estão sendo transportadas no ambiente escolar hoje. Por isso é que eu disse por exemplo o Lentim é um jogo muito antigo até os nossos avôs fizeram. É um jogo que traçam quadrados, fica alguém na linha principal chamando lentim para os outros que estão fora. Formam duas equipas uma fica dentro da quadra que controla as linhas e uma equipa que fica de fora tem que esquivar os adversários que estão dentro para ultrapassar fazer a roda de toda quadra.

São questões culturais que um mesmo jogo pode ter nomes diferentes dependendo de cada região dentro do país. Este jogo na cultura em que cresci chama-se "tocada" porque tens que esquivar-se dos adversários, porque se fores tocado todos perdem o jogo.

Quer dizer a equipa depende sempre de uma individualidade. Uma pessoa consegue dar a volta toda e ganhar o jogo ou um é tocado e todos perdem o jogo. O esforço individual afeta positiva ou negativamente porque se ele for tocado prejudica a equipa toda.

E esses jogos são também educativos porque eles mobilizam a disposição psicomotora do próprio individuo. Porque ele exerce a atividade motora, ai esta ligada a questão da educação física, a mobilidade da própria pessoa e outros factores que vão mesmo contribuir no bem estar psíquico, emocional, e físico do individuo. Porque o facto de ele estar em movimento constante ele vai transpirar, vai lhe proporcionar o bem estar, melhor do que ele esteve antes. Esses jogos tiram a carga da sala de aulas naqueles instantes para proporcionar um outro ambiente depois do intervalo ou recreio.

Podia citar mais jogos escolares ou canções da sua geração.

Jogos mesmo foram aquele que eu citei antes que fazem parte do quotidiano do aluno e da nossa geração que ja está praticamente passada. As canções temos aquelas que marcam a vida do aluno e do professor. Por exemplo a canção que nós cantávamos:

Senhora professora bem vinda, alunos tem saudades, alunos tem saudades!

Adeus, adeus até quando voltar.... É canção antiga mas que hoje ainda repercute. Sobre tudo nós que estamos nas escolas per urbanas as canções são as mais antigas. Embora tem uma outra nova, mas as canções são as mais antigas que vão passando de geração a geração.

Estamos a fazer esta abordagem que parece genérica em relação aos alunos, um dos factores que devíamos levar em consideração é a questão das idades dos alunos. nosso foco é com a criança adolescente do I Ciclo do ensino Secundário de Cabassango II, 7ª

Classe, Turma B3 é composta por alunos com idade compreendida entre 12 ao 17 anos. O que se nota parece que o tempo de recreio escolar para crianças alunos a este nível foi suprimido do horário escolar. Restando apenas o tempo de intervalo de cinco minutos que antecede uma aula a outra. Durante o tempo de pesquisa convivemos no ambiente escolar e com a confirmação dos professores de Língua portuguesa confirmam que esses cinco minutos acabam se convertendo em 10 ou mais dependendo da necessidade de cada aluno. Pelo que nasce nosso questionamento sobre quais as práticas e que sentidos e significados tem para vida do aluno?

Eu tenho que fazer um fio da minha escola para entender a outra escola. O recreio realmente é um espaço de recreação, e é importante para a vida do aluno do que a do professor! E que muitas das vezes não muito entendido e nem acompanhado. Porque os professores têm dificuldade de acompanhar os recreios imaginemos nós temos cerca de 12 professores a acompanhar um universo de quase trezentos alunos e o pátio da minha escola é aberto ao ar livre não e fechado. Então nesses recreios ou intervalos muitas das vezes os alunos quando saem acabam se ausentando do ambiente escolar. Vão ao ambientes mais distantes e você como professor acaba não tendo controlo. Então as actividades do recreio nós não orientamos que você vai ao recreio fazer isso não. O professor propriamente fica um expectante, vai observar de longe o que os alunos estão fazendo de forma a colocar limites. Porque se orientarmos o aluno no recreio que vai fazer isso, nós estaremos a dar continuidade da catividade da sala de aulas.

E eu entendo o recreio como um ambiente propício onde o aluno vai experimentando novas relações, vai mantendo novos contactos com indivíduos que ele não conhece ou conhece mal. Porque não é facto de eu ter um colega de sala que necessariamente seja um amigo. Eu preciso interagir com essa pessoa num ambiente mais recreativo para que possa entender o outro. É por ai que nós entendemos o recreio e deixamos os alunos mais a vontade, mais livres para brincarem interagirem, conversarem dentro dum limite escolar e os professores ficam como espectadores. Se virmos que uma determinada conversa ou brincadeira não está dentro dos padrões escolares o professor vai intervir.

Se haver necessidades de que temos que orientar uma atividade para ocupar o tempo do aluno no período do recreio, ai é outra coisa. Vamos estar numa vertente mais pedagógica. Mas o recreio no sentido de recreio o aluno deve sentir-se a vontade, ele deve exercer o seu recreio como ele entender desde que não seja fora do padrão escolar. Tem um ambiente escolar o

aluno tem limites, sabe o que tem que falar, o que deve fazer e o que não deve. Pode-se perder o controle daqueles que extrapolam o próprio ambiente escolar.

O que tem a me dizer sobre o significado do bairro Cabassango?

Já ouvi falar da história deste nome mas não tenho muita propriedade para falar disso com muita profundidade mas posso lhe dizer que o Cabassango conforme já anunciou o nome, é um bairro que nasceu pela confluência daquele caminhos um que ia para o Futila, Bucumaze Cacongo Belize, Massabi, outros que ligava a região de Zenze de Lucula, um que vai para cidade e outras aldeias. Então CABA em Ibinda significa dividir, NSANGO significa problema ou assunto. Ai era uma divisão de problemas ou de assuntos. Por exemplo um recado que é dado para um grupo de pessoas, um vai para a região norte, um vai para região leste e um vai para região sul que é a cidade de Cabinda. Essas pessoas vão levar a mesma informação para lugares diferentes.